480

Na bespora
da Ascenção
no Mes do Mayo

Fol. 226

O CONDESTABRE
DE PORTUGAL.
D. NUNALURES
PEREIRA.

DE FRANCISCO RODRIGUES LOBO.

OFFERECIDO AO DUQUE DOM THEODOSIO.

Fielmente copiada pela primeira ediçam feita em Lisboa em 1610, e pela segunda tambem de Lisboa em 1627. com todas as outauas que lhe furtaram na terceira ediçam de Lisboa em 1723.

POR

BENTO IOZE DE SOUZA FARINHA,

Professor Regio de Filozofia e Socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

LISBOA

Na Offic. de JOZE DA SILVA NAZARETH.

ANNO M.DCC.LXXXV.

Com licença da Real Meza Censoria.

AO DVQVE DOM THEODOSIO, &c.

NAõ cabe na humildade de minhas forças offerecer ſeruiços a V. Excellencia; mas eſte he por ſy proprio de tanta valia, que o naõ pode fazer menos aceito a incapacidade de quem o offerece. Andauaõ remotos da memoria dos homens os memoraueis, e heroicos feitos do Condeſtabre dom Nuno Alures Pereira, por ter o tempo conſumido a inſigne obra de Franciſco Rodrigues Lobo, que taõ copioſamente os celebraua: ſentiaõ todos, como era juſto, taõ grande perda; porem naõ auia quem ſe deſpuſeſſe a darlhe remedio: até que eu (poſto que dos mais inferiores) obrigado do zelo commum da honra do Reyno, e do que tenho em particular de ſeruir a V. Excellencia tratei de imprimir á minha cuſta eſta obra de nouo, com pouco mais cabedal que de bons deſejos; mas o feruor da reſoluçaõ, e execuçaõ delles preualeceo contra as eſtreitezas do tempo, e contra as que de ordinario me fazem ſentir as moderadas poſſes deſta Officina: e pois Deos foy ſeruido fauorecerme para leuar a impreſſaõ ao cabo, ſeja o tambem V. Excellencia de a emparar como couſa ſua, e aceitalla como ſeruiço de quem fez mais do que podia, e muito menos do que deſejaua. N. Senhor guarde a V. Excellencia por muitos annos. De Lisboa em 20. de Março de 1627.

Iorge Rodrigues.

O CONDESTABRE
De Portvgal
D. NVNO ALVARES PEREIRA.
DE FRANCISCO RODRIGVES LOBO

CANTO I.

ARGVMENTO.

Fingiſſe hum ſonho, do qual obrigado ElRey D. Fernando manda deſcobrir o Excercito com que ElRey D. Henrique de Caſtella deſce ſobre Lisboa. D. Nuno Alvares Pereira dá relaçam a ElRey das companhias do contrario, e he armado Cavaleyro.

CAnto as armas reaes, e o firme peito
Do Varam Portuguez nunca vencido
Que quãto era na paz aos Ceos aceyto
Tanto na guerra foy forte e temido:
Cujo braço a ſeu Rey deyxou ſujeito
O Reyno em varios bandos dividido
E ſujeytara a toda a redondeza
Se lhe naõ dera o Ceo mais alta empreza.

De

De Dom Nunalures canto, o Valeroſo
Claro libertador da patria terra;
Que immortal fez ſeu nome, e glorioſo
Em armas, em juſtiça, em paz, e em guerra
E com triunfo mais alto, e mais famoſo
De todos os que o mundo breve encerra,
Em batalha a ſi proprio ſe venceo,
Conquiſtando depois da terra, o Ceo.

Suſpenda Apollo a Lyra de ouro fino
E com as nove irmãas ouça meu canto
Que invoco outro favor alto e divino
Outro mayor poder ſupremo e ſanto:
Vejam que neſte aſſento criſtalino
Sobre as azas da fama a voz levanto
E com ſonoro canto, e brando verſo
Eſpalho ſeu valor pelo univerſo.

Oo Vos Virgem mais pura que as eſtrellas
Que piſando-as eſtais no claro aſſento
E veſtida do Sol, que he Senhor dellas
Dais honra, gloria, e luz ao firmamento:
A quem das creaturas as mais bellas
Ajudando dos Ceos ao movimento
De anjos e Cherubins diverſos choros
Cantaõ hymnos, e Verſos mais ſonoros.

Vos theſouro do Ceo; certa eſperança
Dos homens, e dos bens que Eua perdeo
Doce reſtauro; Vos juſta balança
Em que ja ſe igualou a terra e Ceo,
Vos ſuſtentai Senhora a confiança
De quem em voſſo nome ſe atreueo;
Fazei que a minha penna o Ceo a coroe
E como de tal Aue, eſcreua, e voe.

Naõ

Naõ procuro o fauor da incerta fonte
A quem Pégaſo deu o nome e traça,
Nem os louros do vaõ Caſtalio monte,
Que honra as frontes poeticas, que enlaça.
Para que do graõ Nuno os feitos conte
A vòs inuoco ſó fonte de graça,
Monte de perfeiçaõ, louro mais nobre,
Que outro diuino ſol defende e cobre.

Eſte he o capitão que ſó triunfaua
Dos armados contrarios que vencia
Quando ante voſſas aras penduraua
Os famoſos trofeos, que adquiria:
Eſte o que os altos templos fabricaua
Todos ao nome ſancto de MARIA,
Do voſſo Nuno canto humilde e forte
A valeroſa vida, e ſancta morte.

Voſſa he alta Senhora, a noua empreza,
Meu eſte bem nacido atreuimento,
Os louuores da gente Portugueza,
Que dos voſſos naõ tira o penſamento;
Onde ha tanto valor, tanta grandeza
Tenha meu verſo algum merecimento,
Que nos voſſos muy firme, e mui ſeguro
Contra os mores perigos, me auenturo.

E vos principe claro, que eſtais vendo
Neſte fiel retrato que offereço
Quem ſeu nome immortal engrandecendo
A voſſo eſtado deu nome e começo;
Vos a que eſtaõ os fados prometendo
De taõ heroicas obras fruito e preço,
Vós, por vos, delle dino, e d'outro eſtado,
(Se inda eſte pode auer) mais inuejado.

Vos

Vos ſegundo Theodoſio a quem ſe deue
O que eu no verſo humilde dar naõ poſſo,
Se merece fauor o que ſe atreue
Só na fé do deſejo de ſer voſſo,
Conſiderando o mais que ſe vos deue,
E quanto he limitado o poder noſſo,
Para que em louuor voſſo, eſcreua, e cante,
Dai-me Principe a mão, que me aleuante.

E ouui beninamente a larga hiſtoria
Daquelle fundador do voſſo eſtado,
Que adquerido o deixou com tanta gloria
Como o tendes com gloria ſuſtentado
Fique no mundo eterna eſta memoria
Porque a naõ perca o tempo deſcuidado,
Honreſe de tal peito, braço, e lança,
E tal principio a caſa de Bragança.

Quando hia Portugal degenerando
Daquelle antigo esforço, e valentia
Com que foy tantas terras conquiſtando,
Das que o barbaro Mouro poſſuia,
Quando a coroa e cetro de Fernando
A fermoſa Lianor tinha e regia
De cujo parecer prezo e vencido,
Elle a tomou caſada, a ſeu marido.

Quando naõ ſe aruoraua o eſtandarte
Pollo primeiro Affonſo aleuantado
Por quem era do mundo em qualquer parte
O nome Portugues quaſi adorado
Quando da jurdiçaõ do inuicto Marte
Poſſe Venus, e Amor tinhaõ tomado
E com o remiſſo principe indecente
Perdia o brio a Luſytana gente.

Aos

Aos ſeus ingrato, inutil, fugitiuo,
Na nobre Santarem viue, e deſcanſa
Nos amoroſos braços, que catiuo
O tem a ſeu querer, e a ſua vſança,
Naõ lhe lembra ſe he Rey, ſe morto, ou viuo
Se perde, ſe auentura, nem ſe alcança,
Ao appetite liure, a redea ſolta,
E a honra vay bradando que dê volta.

Quando o Rey valeroſo Caſtelhano
Dos Portugueſes braços offendido,
A vingança procura de ſeu dano,
De Fernando outro tempo recebido,
Que ou por juſtiça foſſe, ou por engano
De vaſſallos, e amigos induzido,
Dentro nos muros ſeus da propria terra
Lhe fora meter gente, e fazer guerra.

Que por morte do Rey cruel, e impio,
Dos ſeus açoute, e exemplo de dureza,
A quem o irmão deixou palido, e frio,
Oppondo a patria, â ley da natureza
A conquiſta do eſtranho ſenhorio
Moueo Fernando a gente Portugueza,
Por baſtardo Henrique o que ficara,
Por ſucceſſor de Pedro a quem matara.

Deſtas e muitas offenſas aggrauado
Como o poder bellicoſo de Caſtella,
O mar de brancas vellas traz qualhado,
E a terra de eſquadrões de gente bella,
Contra Fernando o braço levantado
Que ſem receo, auiſo, e ſem cautella
Em lugar de acudir á noua affronta
De ſeus amores ſó conhece e conta.

O som ja das trombetas, e tambores
Por entre os altos montes vem soando
Dos guerreiros de Henrique vencedores,
Que do Tejo as areas vão pisando,
O pouo Portugues com mil clamores
Em vão inuoca o nome de Fernando,
Que noutra guerra o tras amor sujeito,
De quem vencido está mais satisfeito.

Huma noite que qual outras passaua
No mimoso descuido, em que viuia,
Que só com Lianor ledo sonhaua,
Contente se acordaua, ou se dormia;
Em hum profundo sonho o sepultaua
A sua mal segura fantasia,
E de mortal suor cuberto, e cheo,
Lhe mostraua isto em sonhos o receo.

Com espantosa furia vio decendo
Huma nuuem dos ares despedida
Que ao estrondo, e rumor que vem fazendo
Faz aballar a terra estremecida;
O Rey com tal visaõ ficou tremendo,
Qual a enzinha dos ventos combatida,
A morte este temor lhe representa,
E a voz dentro no peito lhe arrebenta.

Vio abrirse esta nuuem pollo meo
Rompendo com hum trouão mui furioso;
Que o ar de escuras treuas deixou cheo,
E só no meo hum rayo luminoso;
Timido alli ficara, e com receo
Qualquer coraçaõ forte, e valeroso,
Olhando hum vulto humano que apparece;
Que mais que o rayo offende, e resplandece.

Qual

Qual se costuma achar desacordado
Quem dormindo ficou na casa escura;
Que trazendolhe a luz fica enleado
Com a vista, que mil cousas lhe afigura;
Os olhos abre, e cerra deturbado
Quanto mais olha a luz, menos atura
Tal o Rey quebra a vista só de olhalla,
E o medo, dos cabellos prende a falla.

Com a tremula luz indifferente
Hum caualeyro armado vê diante
Com as armas e escudo transparente
Que parecem finissimo diamante
Aleuantado o elmo reluzente
Com huma coroa d'ouro radiante,
E no escudo as quinas Portuguezas
De eterno lume por milagre acesas.

A espada com que fere o leve vento
De si despede os rayos de Vulcano
Com hum aspeito cruel, hum termo isento,
Olhaua ao Rey medroso de seu dano,
Os olhos fitos nelle o rosto intento,
Soltando a voz do peito mais que humano,
Com grande ira que nelle se accendia,
Esforçando as palauras, lhe dizia.

Rey descuidado, indino da coroa
E nome Portugues, que inda o ceo ama,
Que hoje por ti taõ vil se infama e soa,
Quam claro o eu deixei na voz da fama,
Soccorre aos fortes muros de Lisboa,
Acode Rey ao Reyno que te chama,
E antes que da Fortuna a roda deça
Leuanta o coraçaõ, ergue a cabeça.

Teu

Teu imigo naõ vês que liure, e ledo
Vay pisando do Tejo a rica praya?
E que subido aqui com risco, e medo,
Tu vigiando estás como atalaya?
Naõ vês que ja conhece, e verà cedo
Como o teu poder, e honra desmaya?
Naõ vês que o campo seu vay preguntando
Aonde fica escondido el Rey Fernando?

Olha este armado, e forte cavaleiro,
Com as insignias reaes, de que te esqueces,
Acorda, olhame o rosto verdadeiro,
Que com justa razaõ me desconheces;
Eu sou o grande Affonso, o Rey primeiro,
A que em obras tam pouco te pareces,
Eu sou o que ganhei com braço forte
A terra, a quem tu vas trocando a sorte.

Eu sou o que ao barbaro inimigo
As bandeiras ganhei com tanta gloria,
Eu sou o que deixei com meu perigo
Este diuino escudo por memoria.
Eu sou o que te chamo, o que te obrigo
A sustentar a fé desta victoria;
E a liberdade antigua Lusytana,
Que por teus vaõs descuidos se profana.

Deixa a vontade escraua, que te offende,
Segue o nome que tens com peito altiuo,
Com o poder da razaõ catiua, e prende
O desejo, que assim te traz catiuo:
A affeiçaõ leue, o leue amor suspende,
Vê que o preço da honra he excessiuo,
E obriguete (se a honra naõ te obriga)
Ver que te ha de vencer gente inimiga.

Olha

Olha o bom Rey Dauid por quantas vias
Foy no Reyno, e no cetro caſtigado
Por tomar a mulher ao forte Vrias,
Retrato natural do teu peccado,
Da culpa que ſem fim chorar deuias
De Deos, de ti, da pena deſcuidado
Pollo ſuaue engano deſta vida,
Te naõ lembra cobrar a honra perdida.

Poem os olhos no Ceo ſereno, e claro,
Nelles o coraçaõ, tegora impuro,
De la veràs decer teu certo amparo,
Teu defenſor, caſtello, forte, e muro,
Veràs que o que me a mim cuſtou taõ caro,
Eſtá no aureo ſeculo futuro
Por diuino poder, predeſtinado
A ſer por largos annos ſuſtentado.

E ſe por teu deſcuido negligente
For offendida a patria liberdade,
O Cetro paſſarà da illuſtre gente,
A quem nella renoue a minha idade,
A hum Rey tam valeroſo, e taõ prudente
Que honra ſerá dos Reys da Chriſtandade,
Que te detens Fernando, vê que aguardas?
Que outro ja ſe adianta, e tu ſó tardas?

Eſte que vês comigo o ceo benino
Pera remedio guarda de teu dano,
Eſte com braço, e com fauor diuino
A outro dará o imperio Luſytano,
E tingirà do Tejo cryſtalino
As correntes com o ſangue Caſtelhano,
E com o nouo louuor do Reyno, e terra,
O temor vencerá de incerta guerra.

Iſto

Isto dizendo hum moço lhe mostrou,
Que polla mão direita prezo tinha,
Cujo sereno rosto assegurou
A furia com que o Rey bradando vinha
Armado, o elmo só desenlaçou,
No qual hum rayo estranho se detinha,
E o escudo na cor que afronta as cores,
Huma cruz branca aberta em quatro flores.

Esta visaõ ao Rey desaparece
Que com frio temor em nada acerta
Vay a falarlhe, a voz se lhe emmudece,
Tendo para a pergunta a boca aberta,
Neste suando acorda, e lhe parece
Que de hum grande perigo se liberta
Da voz que ouuio suspenso, e do que vira,
Nem despois de acordado os olhos tira.

Mas ja fóra do sonho e do perigo.
Vê em seu erro a causa, e a razaõ
Accusandose estaua só consigo
Constrangido de medo o coraçaõ,
E ou pollos ameaços do castigo,
Ou porque culpa ja sua affeiçaõ
Mil cousas traça, inuenta, e imagina,
Depois que contra si se determina.

Ia discorre na varia fantasia,
Como ha de restaurar tam grande afronta
Eis que outro nouo esprito lhe nacia,
Que mil ardis, e machinas lhe aponta,
Ia de seu poder só tudo confia,
Ia faz de seus amores menos conta
Com lembranças da honra e da vingança
Dá mil voltas no leito, e naõ descança.

Le-

Leuantase animoso diligente
Para o passo atalhar ao Castelhano
Chama a conselho, e armas toda a gente,
E elle se arma tambem com este engano;
Mas o Prior do Crato o naõ consente,
Sabendo que o presente he menor dano,
Que com gente sem ordem, e em tal modo
Auenturarse o Rei e o Reyno todo.

Ah diz o illustre velho, sabio, e forte,
De quem cedo ouuireis o nome e fama
Ah naõ corraes Senhor tras vossa morte
Num desusado estremo em que vos chama,
Hoje vos naõ fieis da varia sorte
Que o animo vos moue, e vos inflama
De atras conuinha ter tomado o salto
Naõ ja agora dos vossos, e armas falto.

Ordenay vossas gentes valerosas
E entaõ ousai depois de apercebido,
Que estas que vedes vir taõ animosas
Cuidaõ que estais dos vossos esquecido,
As horas que julgais por vagarosas
Asseguraõ melhor vosso partido
De vagar se conquista o Reyno alheo,
E he ardid dos ousados o receo.

Deixay passar o imigo que arrogante
Cuida que tem a empresa differente,
Quem deixa o forte atras; naõ vay diante,
Que se vira a Fortuna facilmente,
Arma mandai tocar no mesmo instante;
Que em breue se apercebe a forte gente
Que o que vay de prudente a voluntario
Vay de ousado senhor a temerario.

Des-

Deſtas razões vencido, o Rey ſe dece
Do temerario feito que intentara,
Mas ante os ſeus armado ſe offerece
A guyallos aſſim como os chamara,
Que ainda que ao Prior niſto obedece,
Nem por iſſo os deſejos atalhara,
Ia manda deſcobrir o campo alheo,
Que marcha ſem eſtoruo, e ſem receo.

Qual por obedecer ao Rey trocado
No ligeiro ginete vay voando,
Qual naõ quis eſperar nenhum recado,
E vem airoſo o campo atraueſſando,
Qual ſalta no cauallo confiado
A força dos eſtribos deſpreſando,
Qual para naõ fazer tanta demora
Calçou ſobre os arçoẽs a aguda eſpora.

Em breue eſpaço a villa deſpouoa
A gente que era á Corte coſtumada,
Como por toda ella ſe apregoa
Qu'atençaõ de ſeu Rey noutra he mudada,
Para onde o ſom das caxas moue e ſoa;
Atraueſſaõ caminhos, monte, eſtrada
Cada hum com nouo ſpirito buſca a guerra
Por naõ ver ſobjugar a patria terra.

Eſpalhados por valles, por outeiros,
Ia diuiſaõ as armas, e os pendões,
Donde voltaõ ſuſpenſos e ligeiros
Com temor dos armados eſquadrões:
Alguns que vaõ detras, voltaõ primeiros,
Batendolhe no peito os corações,
E os que contaõ das gentes do inimigo
Meſturaõ juntamente o ſeu perigo.

In-

Inda o Rey cuidadoſo naõ ſe eſquece
Do que vira no ſonho temeroſo
A tardança o offende, e lhe parece
Cada momento eſpaço vagaroſo
A's torres leuantadas ſobe e dece
De armas, de gente, e guerra cobiçoſo,
Quando no campo á fralda de huns outeiros
Vio em galope vir dous caualeiros. (nha,
Voltando as lanças vem com graça eſtra-
Suſtentando os cavallos ſobre o freo,
Que com hum brio igual, deſtreza, e manha
Mais repreſentaõ goſto, que receo;
Atraueſſando vem campo, e montanha,
Trazem de verde, e ouro hum rico arreo,
Em cujas guarniçoens o ſol ferindo
Se vay em varios lumes diuidindo.
Na torre ſobre hum braço reclinado
Entre huns dos melhores que o ſeruiaõ,
Olhaua o Rey aos moços com cuidado
Preguntando entre aquelles quem ſeriaõ
De ſua arte e poſtura namorado,
Como enuejoſos muitos dos que os viaõ
Dom Aluaro Gonçalues de Pereira,
Que era o Prior, fallou deſta maneira.
Os dous Senhor que vedes vir correndo,
Ambos da cor veſtidos de eſperança,
Que inda o peſado arnes deſconhecendo
Somente armaõ na paz eſpada e lança;
Ambos meus filhos ſaõ, que conhecendo
O que em ſeruir ſeu Rey cada hum alcança,
Foraõ por ver a gente de Caſtella.
Para vos dar noticia, e rezaõ della.

Que pois ja minha idade naõ permite
A eftes membros cançados ligeireza,
Porque ás paffadas forças pôz limite,
Com eftas largas cãs, a natureza:
A elles he rezaõ, que agora incite
A que empreguem, fèruindo a voffa alteza,
A lealdade, e esforço, que defendem,
Que herdaraõ dos auós, de que defcendem.

Naõ me fez recear efta vontade,
Que podiaõ feguir-fe-lhe outros danos
De feu atreuimento, e liberdade,
Quando os viffem de perto os Caftelhanos;
E pofto que o mayor tem pouca idade,
A idade do menor he treze annos,
Ambos de animo nobre, e leuantado,
Mas efte mais valente, e mais oufado.

Attento eftaua o Rey que conhecia
O valor do bom velho, que refponde,
E a veneranda barba lhe decia
A te o peito onde á cruz branca efconde,
Do rofto, corpo, e voz logo fe via,
Que ao valerofo fprito correfponde,
Tambem moftraua o Rey no modo e rofto
Amor, fatisfaçaõ, defejo, e gofto.

Dos valerofos moços mais contente
Por hum recado feu manda chamallos,
Que ouuindo o meffageiro diligente
Saltaõ ligeiramente dos cauallos,
Do pouo corre a vellos muita gente,
Que naõ fabe entre fi mais que louuallos;
Ia com Fernando eftá junta a Raynha,
Que com o que ouuira, iguaes defejos tinha.

Entre

Entra diante o de mais tenra idade,
Que Nunalures Pereira era chamado,
Que em arte, brio, esforço, e grauidade,
Foy logo dos da corte auentajado,
Mouendo o paſſo vay com liberdade,
O roſto muy ſeguro, e confiado,
Em cuja gentileza, graça, e arte
Igual contenda tem Apolo, e Marte.

Nem Narciſo entre as Nimfas taõ famoſo
Com ſettas, arco, e com dourada aljaua,
Nem outro Endimiaõ bello, e fermoſo,
Quando a lua em ſeus olhos ſe eclipſaua:
Nem Ganimedes moço venturoſo,
Que à Iupiter da terra namoraua,
Moſtraraõ gentileza mais louuada,
Que Nuno com a maõ poſta na eſpada.

O roſto varonil era comprido
Da cor das roſas ſobre a neue pura
O cabelo ſutil, louro, e crecido,
Que em aneis ſobre as fontes ſe pendura:
Na viſta muy ligeyro de ſentido
Olhos piquenos, mas de luz ſegura:
O corpo em proporçaõ de gentileza
Promete esforço, brio, e fortaleza.

A eſte olhando o Rey com ledo roſto,
lhe manda que o informe do que vira,
De que ſubido outeiro, de que poſto
As Caſtelhanas gentes deſcubrira;
O moço que conhece o preſupoſto
Delle que entre as palauras ſe ſorrira,
Aſſim reſponde; e todos eſcutauaõ,
Porque do que elle diz pendendo eſtauaõ.

Quiſera alto Senhor que neſta empreza
Foramos com razaõ de vos chamados
Quando paſſar nos vira voſſa alteza
De inimigas cabeças rodeados,
Que entaõ com huma vontade mais aceza,
E naõ ja como agora enuergonhados
Moſtrara cada qual ter ouſadia,
Mais de bom capitaõ, que naõ de eſpia.

Porem nem dos outeiros por ſeguros,
Nem d'entre aruoredos eſcondidos
Fomos buſcar lugares mais eſcuros
Para fugir, ſer viſtos, ou ſentidos;
Nem o amparo buſcamos de altos muros
Para ficarmos delles defendidos,
Mas na campina à viſta do perigo,
Fomos correndo o campo do inimigo.

Vimos do grande exercito, e famoſo,
A ſoberba vanguarda que marchaua
A onde o outro com o ſol mais poderoſo
Sobre mil varias cores ſe eſpalhaua,
O corpo do eſquadraõ tam numeroſo
Que a eſpeſſa multidaõ deſordenaua,
E a gente mais luzida, e mais galharda,
Dando coſtas ao Rey na retaguarda.

Mal com os olhos o numero comprende,
Quem d'outra experiencia naõ ſe enſina,
Mas quanto ao largo a viſta mais ſe eſtende
Cuberta de armas ve toda a campina;
A gente de apinhada a ſi ſe offende,
Que fora a confuſaõ della a ruina,
E com pouca da noſſa, e bem regida
Podera facilmente ſer rompida.

E ſe.

E ſe me dera a idade confiança,
Como o coraçaõ ſey que esforço dera;
Com eſte tenro braço, e leue lança
Ajudado de poucos me atreuera,
Mas naõ me falta ó Rey outra eſperança.
Se o enganado imigo vos eſpera,
De moſtrar o valor da minha eſpada
A' cuſta de ſeu ſangue mais honrada.

Qual a pedra que tem por natureza
O metal atrahir luzente, e fino,
Que no ar o ſuſpende, abate, e peza,
Fazendo com que a ſiga de contino;
Tal o Pereira ouſado que deſpreza
O poder do contrario, como indino,
Ia o Rey ſuſpenſo tem, ja o aleuanta,
Huns deſconfia, huns moue, outros eſpanta.

Qual gaba a confiança de ſegura,
Qual lhe louua a repoſta taõ diſcreta,
Qual a graça dos membros e a poſtura,
E a mudança do roſto tam quieta,
Outro que entre os louuores ja murmura
Com eſcondida inueja, e naõ ſecreta,
Que impoſſivel parece que ſe veja
Alguem cõm tantas partes ſem inueja,

A Rainha Lianor que o termo via
Do valeroſo moço que fallara,
E daquella alta moſtra conhecia
Huma couſa no mundo eſtranha e rara,
Emgraçadas preguntas lhe fazia
Ao que do campo imigo diuiſara,
Inquirindo as bandeiras, e os ſinais
Por lhe dar occaſiaõ de dizer mais.

Se

Se alta Senhora diz me dais licença,
Que ao inimigo campo outra vez ſaya,
E ſem arriſcar mais que a minha offenſa
Atraueſſe do Tejo a branca praya;
Antes que o ſol da noite as treuas vença
Aqui preza trarei huma atalaya,
Que obrigada confeſſe, ou por vontade
O que vós naõ fiais de minha idade.

E a pouco por ſeruiruos me auenturo,
Que naõ auerá braço que mo impida,
Nem eſquadraõ armado, ou forte muro,
Nem ſetta do curuo arco deſpedida;
Com ir em voſſo nome, irei ſeguro,
E ſe na empreza em fim deixar a vida,
Que mor gloria, e que mais felice ſorte,
Que achar em pouca idade honrada morte?

Ella que a cortezia, auiſo, e graça,
Igual tinha tambem á fermoſura
Com huma benina moſtra em nada eſcaça,
Com que eſta confiança lhe aſſegura
Lhe diz, que alem de crer que a obra faça
A vida lhe naõ quer, nas da ventura;
A elRey por ſeu, naquelle inſtante o pede
Que com ſembrante alegre lho concede.

O Prior valeroſo naõ ſe eſquece
Da ceremonia a tais tempos diuida,
Poſtrado com os filhos ſe offerece
A pôr em ſeu ſeruiço ſempre a vida,
Que inda a merce, e fauor, que ſe merece
Deue ſer como as mais agradecida
Que ou compre a preço igual, ou mais barato,
Nunca he capaz do bem hum peito ingrato.

Ar-

Armalo o Rey quer logo caualeiro
Com Diogo Alures Pereira o forte irmaõ
Auizado, valente, e bom guerreiro,
Que a nenhum do ſeu tempo daua a maõ;
Mas ha de ſer Nunalures o primeiro,
Que o fora por eſcolha, e por razaõ
Armas manda buſcarlhe, em vaõ buſcadas,
Que todas lhe eraõ grandes, naõ peſadas.

Naõ hauia armas que em taõ tenra idade
Hum caualeiro armaſſem para á guerra,
Naõ val ter a Rainha eſta vontade,
Nem mouerſe por ella o mar, e a terra:
Mandou prouar de arnezes cantidade,
Que o almazém real continuo encerra,
Mas nenhum ſerue para o moço ouſado,
Que ha de ſer pollo Ceo na terra armado.

Moſtra pezar de ver que o naõ podia
De aço fino veſtir naquelle inſtante,
Poem o deſejo em braços da porfia,
Porque atalha entaõ mais ſe aleuante
O appetite vaõ, que aonde ſe cria
Nada mais que a ſi proprio poem diante,
Nada fica que naõ reuolua e veja,
A fim de conſeguir o que deſeja.

Como o noſſo querer vay niſto errado;
Como a opiniaõ propria nos engana;
Quam longe anda a ventura d'hum cuidado
E quam perto apparece a viſta humana;
Quanto contenta ás vezes o arriſcado;
Quanto remedio ha que a muitos dana;
Quam certo he, na ventura, e na mudança
Deſmentir nos ſucceſſos a eſperança;

Por

Por contentar Perílo o ſeu tyranno,
Que de duro, e cruel ſe naõ contenta,
Fabrica de metal o nouo engano,
Que a voz humana em bruto repreſenta,
Por premio do trabalho teue o dano,
Que nelle ali primeiro ſe exprimenta,
Phalaris que conhece o baixo intento,
Pagoulhe num tormento, outro tormento.

Vai o filho do Sol cortando o Ceo
Sobre o carro do pay ſoberbo e ledo,
E o bem que para honrarſe pretendeo,
Por ſeu querer lhe trouxe o mal taõ cedo
Quando cuidou ſobir, entaõ deceo,
Sem querer crer ao pay eſte ſegredo,
Elle o miniſtro foy de ſeu perigo,
E outrem ficou chorando o ſeu caſtigo.

Lianor cobiçoſa affeiçoada
Sem tempo, e ſem razaõ ſegue o deſejo
Para eſta execuçaõ muito apreſſada,
Que o voluntario amor ſempre he ſobejo,
Mas quando deſte em vaõ deſenganada
Se vir noutros cuidados, noutro enſejo,
Com que eſtremos ſem tempo,e ſem proueito,
Reprendera iroſa os que tem feito.

Que differente em tudo ſe moſtrara?
Que veneno mortifero lhe dera?
Se ſeu futuro mal adiuinhara,
E aly preſente a cauſa conhecera,
Em ſua morte as armas procurara,
Entre as diſcordes ondas o eſcondera,
Ou fizera entaõ delle, o que fazia
O pay Saturno aos filhos que temia.

Mas

Mas da ordem fatal em tudo alhea
Buſca, qual ſoe a ſimplez borboreta,
A luz que a viſta alegre lhe recrea
E ſó nella morrendo ſe aquieta;
Mal o dano encuberto ſe recea
Com cauſa taõ diſtante, e taõ ſecreta
Em todos punha os olhos, e o deſejo
Em ver a Nuno armado neſte enſejo.

Hum caualeiro aly velho e prudente
Para quem ſe voltou niſto a Rainha
Diſſe que Dom Ioaõ claro excellente
Meſtre de Auis as proprias armas tinha
Feitas naquella idade floreſcente
Do nouel caualeiro, que aly vinha,
Lauradas com ſutil engenho, e raro
Deſſe metal que Arabia dà taõ caro.

Era o velho ſagaz de longa idade,
E inda do ſangue antiguo deſcendia,
Do que guardando a patria liberdade,
Deu preſo o Rey dom Sancho a dom Garcia,
Saltando aquelle ſprito de bondade
Do valeroſo corpo, que regia
Nos ferteis campos, que hoje o Tejo banha,
E o ſangue entaõ cobrio da nobre Eſpanha.

Era ſabedor na arte eſcura e fea,
Que Zoroaſtro aos Perſas inſinou,
E na com que a ſagaz, impia, Medea
Iaſaõ do drago em Colchos libertou,
Affiguraua o ar na forma alhea
Transformaua, qual Circe antigua vſou,
Ligaua as ſombras negras, que mouia,
Mudaua a luz ao ſol, a cor ao dia.

Por

Por ſeus encantamentos alcançara
Que inda daquelle ſangue valeroſo,
Que a antigua Luſytania ſempre honrara,
Naceria hum varaõ claro, e famoſo
De esforço, e de virtude illuſtre, e clara,
Do nome, que o dos ſeus farà ditoſo,
Dando alto principio á noua hiſtoria,
E a deſcendentes ſeus eſtado, e gloria.

E ſabendo que o tempo ſe chegaua
Daquella deſejada profecia,
Que nas armas do meſtre começaua,
E em armarſe Nunalures conſiſtia,
A morada deixou em que habitaua,
E na corte eſperando aquelle dia
A ſeus olhos tam doce, e tam contente
Naquella occaſiaõ ſe achou preſente.

Diſſe alli o que ouuiſtes: e Leonora
Vendo que alcança o fim do que pretende
Naõ conſente em deſejos mais demora,
Que com qualquer tardança o tempo offende
Como ſe aquelle o ſeu cuidado fora,
Só nelle ſe deſuella, e nelle entende
Com alegria manda, e aluoroſo
Pedir as armas pera o forte moço.

Prouidencia diuina em nada errada
Como a ſeu fim occulto tudo ordena
A vam opiniaõ noſſa enganada
Quam cegamente ás vezes nos condena,
Mil vezes a Fortuna grangeada
Tudo ao certo effeito deſordena
Se naõ guia o ſaber ſanto e diuino
O noſſo encaminhar he deſatino.

Per-

Permite quem ordena, e pode tudo,
Porque he ſó poderoſo, e verdadeiro,
Que entaõ embraſe Nuno o forte eſcudo
Do que ha de ſer por elle Rey primeiro;
A gente humana em vaõ poem niſto eſtudo
O Ceo ſomente o arma cavaleiro,
E bem moſtrou depois no que venceo
Que as armas que trazia eraõ do Ceo.

Manda a Rainha, o meſtre lhe obedece,
Poſto que ella, ſem cauſa, o deſamaua,
Com as armas a vida lhe offerece,
Que ella menos que as armas deſejaua:
Ia o luzido arnes que reſplandece
Com o ouro que em mil laços o eſmaltaua
Trazia meſſageiro differente,
Que vem tam apreſſado quam contente.

Ia com a confiança mais madura
De aço fino o Pereira eſtá cuberto
Com outro brio ja, outra poſtura
Daua de ſeu esforço hum penhor certo
A Rainha em louuores o aſſegura
Com enueja de muitos que eſtaõ perto,
E toda a flor da corte ali preſente
Ella meſma o armaua alegremente.

Ali a ordem tomou de caualeiro
Com o apparato, e goſto que conuinha
A filho de hum varaõ tam verdadeiro,
E a hum mimoſo em graça da Rainha,
Hum tio ſeu lhe ſerue de eſcudeiro,
O Rey para mor honra lhe padrinha,
E com os olhos cheos de affeiçaõ,
Os preceitos lhe dá da profiſſaõ.

Mas

Mas ferindo-lhe o elmo com a eſpada,
Como em tais ceremonias he coſtume,
Sahio de ardentes rayos abrazada,
Ferindo pollos ares ſutil lume,
A ſala ficou toda alumiada,
E o Rey que algum ſegredo mais preſume,
Entende do donzel que ali ſe armara,
Que era o que o Rey no ſonho lhe moſtrara.

Muitos da eſtranha luz foraõ turbados
Bem como quando a nuuem triſte oppaca
Rompendo-ſe em trouões arrebatados,
Com relampagos fere a viſta fraca,
Porem logo contentes ſocegados
Com a viſta do Rey que a tudo aplaca
Cada hum grandes bens delle pronoſtica,
E ſeruindo a Lianor na corte fica.

Armado o moço altiuo parecia
Qual o capitaõ Grego douto e bello,
Quando a vizeira do elmo deſcobria
De ouro entre neue, e roſas o cabello,
Com armas obrigaua a quem o via
Muito mais a inuejallo que a temello;
Que hum tenro parecer brando e fermoſo
Naõ pode ſer aos olhos temeroſo.

O Prior naõ conſente que ſe aparte
Da corte, o que aſſim nella ſe eſtremara
Quem no animo, graça, auiſo, e arte
Tam dino de ſer viſto ſe moſtrara,
Deu-lhe de ſeus criados tanta parte
Quanta para o honrar lhe contentara,
E hum ayo ſabedor, prudente, e velho
De autoridade, esforço, e de conſelho.

Logo

Logo nos tenros annos começou
A moſtrar o valor com que naceo,
Para ás altas emprezas que acabou,
E aſſinadas batalhas que venceo:
A terra em verdes annos contentou,
Como tambem depois a terra e ceo,
Que ſempre he o principio eſtranho e raro
De ſoberanos fins indicio claro.

CANTO II.

ARGVMENTO.

ElRey dom Henrique poem cerco a Lisboa, o Cardeal de Bolonha legado do Papa Gregorio XI. faz as pazes entre os Reys em Santarem, torna-ſe o de Caſtella. O Prior D. Aluaro trata o caſamento de D. Nuno Alures Pereira.

EM tanto o forte exercito marchando
Pollos deſertos campos Luſytanos,
A cidade de Vlyſſes vay buſcando
Fazendo eſtragos, roubos, mortes, danos,
Que os antigos deſcuidos de Fernando
Dauaõ esforço e valor aos Caſtelhanos,
Tendo por acabada huma conquiſta
Na qual naõ manda o Rey quem lhe reſiſta.

Ia chegaõ junto donde o mar vizinho,
Que as correntes do Tejo ver procura
Contente vem buſcalas ao caminho,
E em ſuas doces aguas ſe miſtura;
Por onde nauegando o leue pinho
Retrata as brancas vellas n'agoa pura,
Que com o vento que ſopra brando, e frio
Ferem em branca eſcuma o fundo rio.

Ia

Ia deſcobrem ao longe a populoſa
Cidade que de Vlyſſes foy fundada,
Ia lhe apparece a força poderoſa
De taõ guerreiras gentes ſuſtentada,
Ia receaõ a guerra perigoſa,
Ia a todos o temor lhes nega entrada,
Tremem ao ar bandeiras, e pendões;
Mas mais tremem no peito os corações.

Que vendo a deſuſada fortaleza
Das leuantadas torres e altos muros,
Donde encerrada a gente Portugueza
Os eſtranhos naõ deixa eſtar ſeguros;
Ia temem os ſucceſſos deſta empreza
Cotejando os paſſados, e os futuros,
O furor que ate li tanto os conuida,
Ia rende as armas ao temor da vida.

Mas vos ó moradores deſcuidados
Que liures de temer aſſalto alheo
Em brandos exercicios occupados
Vos naõ moue da guerra algum receo,
Vinde e vereis os campos ſemeados
De armas, e o largo mar de vellas cheo,
E ſe ainda o duuidais porque naõ vedes,
Leuantai-vos vereis o que naõ credes.

Vſem daquella antigua alta pujança
Voſſos guerreiros braços vencedores
Guarnecei-uos de eſcudo, eſpada, e lança
Cauallos, malhas, ſettas, paſſadores,
Renoue-ſe entre vôs aquella vſança,
De pifaros, trombetas, e atambores,
Que inda que forte o deſapercebido
Qualquer contrario ſeu faz atreuido.

Correi

Correi ao campo pois quem a obrigaçam
Tinha para atalhar ao mal presente
Naõ pode vsar a tempo defensaõ
Mas por sobejo amor que pouca gente,
Outrem lhe tinha preso o coraçaõ
Que accudir como Rey naõ lhe consente
Mas vos como leais fortes, e ousados
Naõ sois a seus descuidos obrigados.

Tam mal crem neste tempo os da cidade
Aquelle estranho e vaõ atreuimento,
Que nem a noua certa os persuade
Para tocar de guerra hum instrumento,
Nem para defender a liberdade
Fazem qualquer vsado mouimento;
Ate que bate ás portas o inimigo
A onde he mayor afronta, que o perigo.

Huma legoa dos muros alojado
Estaua o Rey Henrique, quando a terra
Com o remedio tam tarde aparelhado
Em ordem se dispoem de fazer guerra,
Em bandos anda o pouo aleuantado
Huma porta atras outra ja se cerra
Tambores se ouuem, pede a gente ajuda
Armaõ-se, e nenhum sabe aonde accuda.

Tras isto o reboliço, e confusam
Da gente que entre as portas se mistura
A companhia sae sem Capitaõ
E todos saõ soldados da ventura,
O tropel de ginetes sem pendam
Dentre a gente de pee romper procura
Todos saem com animo á pelleja
Mas naõ ha quem os mande, ou quem os veja.

Hum

Hum diz que he bem q̃ a patria ſe defenda
Com cauas, terraplenos, e trincheiras,
Outro que ſeja em campo tal contenda
Toca tambores, faz mouer bandeiras,
Eſte por ſaluar filhos e fazenda
Na porta ajunta as gentes mais guerreiras
Aonde os dos arrabaldes com recatto
Metem molheres, ouro, prata, e fato.

Ainda á forte cidade entaõ faltaua
O muro que depois Fernando ergueo
Num eſtreito limitte ſe encerraua
Que ſó ao grande Affonſo ſe rendeo
A gente aly ſem ordem ſe ajuntaua
Com alaridos que enchem terra e Ceo
Vendo o campo inimigo que chegando
Como ſe ja vencera vay triumfando

Niſto pollo arrabalde liuremente
Sobindo para o alto ſe adianta
Acaſtellando a mais luzida gente
Na Igreja de Franciſco illuſtre e ſanta
Que como o ſanto humilde, e penitente
Sobre os Serafins claros ſe aleuanta
Aſſim o templo ſeu famoſo e raro
Mais junto eſtá do Ceo por ſer mais claro.

Eſtá num alto monte o mais ſobido
Para a parte do mar ſobre a Cidade
Aonde ja foi a Deos hum templo erguido
Noutra de Portugal primeira idade
Que o Rey que aos cinco Reys tinha vencido,
E poſta Luſytania em liberdade
Tambem neſte lugar fez fortaleza
Aos ſantos zeladores deſta empreza.

Por-

Porque as deuotas gentes perigrinas
A que o Ceo trouxe á praya Luſytana
Por dilatar no mundo as ſantas Quinas
Contra a barbara ſeita Mahometana
Veſtindo de aço armadas eſclauinas
Para á conquiſta altiua, e ſoberana
Deſte lugar mais liures, e ſeguros,
Aſſaltauam do Mouro os fortes muros.

Aly por fundamento mais famoſo
Dos muitos que depois ſe aleuantaraõ
A' Virgem ſanta hum templo ſumptuoſo
Os romeiros de Chriſto fabricaram
Que hoje he mais nobre, antiguo, e venturoſo
Pollos oſſos, que aly ſe ſepultaraõ
De alguns puros varões que a Maura eſpada
Derribou polla Fé ſanta, e ſagrada.

Neſte monte ſe aloja o Caſtelhano
Com toda a gente armada que trazia
Recebendo da noſſa muito dano
Que inda a ſem defenſaõ, lho defendia
Daly trata por força, e por engano
De entrar o fortes muros que temia
Com machinas, valor, e diligencia
Mas he mayor que a força a reſiſtencia.

A furia dos ſoldados disbarata
Da terra a deſcuidada vezinhança
Xaquea, rende, força, aſſola, e matta
Por cobiça, por odio, e por vingança
Quantas ſedas? quanto ouro? quanta prata?
Tirou a vida a alguns, e a eſperança?
Quanto ſangue tengio acs apouſentos?
De cobiçoſos, vãos, e de auarentos?

Em quanto iſto paſſaua ſe detinha
Fernando em fazer gente e recolhela
Mandando de ſocorro a que lhe vinha
Com animo mais facil que cautella
Naõ pode auer licença da Rainha
Nunalures que deſeja ver-ſe entre ella,
Que como era taõ moço, a tenra idade
O fruito lhe tirou, naõ ja a vontade.

Ia a gente ouſada, a que o furor de Marte
Obriga por vingança, e por inueja
Chega a Lisboa, e nella ſe reparte
Cada hum buſcando a guerra que deſeja
Eſcaramuças ha de parte a parte
Todos ſentem o dano da pelleja
Hum morre por cobrar a honra perdida
Outro por ſuſtentalla perde a vida.

Ia trinta vezes vira o Caſtelhano
Banhar o Sol ſeu carro luminoſo
Nas criſtalinas agoas do Oceano
Aonde entra nelle o Tejo vagaroſo
E outras tantas o vira o Luſytano
Apparecer corrido e vergonhoſo
De ver tam afrontada a forte gente
Que hauia de hir honrallo no Oriente.

Quando ao campo de Henrique era chegado
Guido, que em ſeu alcance caminhaua
Cardeal do Pontifice legado,
Para atalhar as guerras em que eſtaua
Delle tiuera o meſmo Rey recado
Ia quando em Portugal ſoberbo entraua;
Mas porque deſte intento o naõ mudaſſe
Eſperar lhe mandara a que voltaſſe.

E elle

E elle com pio zelo desejando
De acquietar ao Rey, seguindo-o vinha,
E quando as prayas vio do Tejo brando
Ia Henrique a Cidade em cerco tinha
Sua embaxada deu ao Rey Fernando
Que armado como ouuistes se detinha
Na nobre Santarem, donde ja fora
Se o naõ tiueraõ laços de Leonora.

E dizendo o que o Papa pretendia
Na desejada paz santa amisade
Para euitar a guerra, que seria
Offensa, e dano, á toda a Christandade
Vendo como Fernando a consentia
Porque a razaõ, e o tempo o persuade,
Para Henrique se parte, e na paz falla,
E a Santarem se torna a confirmalla.

Logo os embaxadores a Lisboa
Manda Fernando, e torna o Cardeal,
Ia se concerta a paz, ja se apregoa
Nos Reynos de Castella, e Portugal,
Em fazer os contrattos em pessoa,
Henrique tinha o gosto principal,
Vem buscar a Fernando em este ensejo
Os dous se visitaraõ sobre o Tejo.

Cada hum em seu batel embandeirado
De armas reaes; de ouro, e seda fina
O rico toldo, ao Tejo celebrado
Vaõ cortando a corrente cristalina,
Cada hum de dous varões acompanhado
Como primeiro a tregoa determina
Aly firmaraõ paz doce, e segura
Que hum de vontade aceita outro procura.

Cessaõ as armas logo, e os instrumentos
Que os animos á guerra prouocauaõ
Fazem-se jogos, festas, casamentos
E em firmeza da paz que celebrauaõ
Mudanse os trajos ja com os pensamentos
Todos no gesto, e cores demostrauaõ
Aluoroço, prazer, gosto, alegria
Por agradar ao Rey, que assim queria.

Vai-se Henrique contente, e tambem fica
Fernando dos concertos satisfeito
Posto que aquellas pazes que publica
Lhe naõ podem caber dentro no peito
A armada Castelhana vai muy rica
E inda com mayor honra que proueito,
Que he assas d'entre gente taõ valida
Quem offendida a tem voltar com vida.

Grande parte dos pouos que acudiraõ
A defender Lisboa em tal jornada
Em breue a seus lugares se partiraõ
Depois que a paz dos Reys foy confirmada
Os Capitães, e os grandes que assistiraõ
Em quanto a doce patria foi cercada
Vendo o Reyno ficar neste remanso
A seus assentos vaõ buscar descanço.

Dom Alvaro se parte o nobre velho
Da liança dos Reys tambem contente
Na qual elle mostrou ser claro espelho
De hum valeroso animo, e prudente
Quanto el Rey bem sentio de seu conselho
Tanto a sua partida a Corte sente
Que hum varaõ de tal nome, e de tal sorte
Em guerra, e em paz he sempre hõra da Corte.

Del

Del Rey o mais amado, e mais valido
Era, e de toda a Corte o mais amado
Entre inimigos ſempre o mais temido
E entre os nobres da Corte o mais honrado
Graue na paz, quieto, e entendido,
Valeroſo na guerra, e esforçado
Benino, liberal, e generoſo
De vaſſallos, e terras poderoſo.

Era ſenhor muy grande em Portugal
Tinha tal condiçaõ, com poſſe tanta
Que qualquer que lhe foſſe em renda igual
Ao ſeu trato comum naõ ſe aleuanta
Em ſangue illuſtre, em caſa principal
Prior do Hoſpital da Caſa ſanta
Priuado de tres Reys muy venerando
Foi de Affonſo, de Pedro, e de Fernando.

Pedem ſeus feitos dinos de memoria
Eterna, a relaçaõ muy differente
Da que aqui tem lugar na noſſa hiſtoria
Que digreſſaõ taõ larga naõ conſente
Sua fama immortal, ſeu nome, e gloria
Sua vida entre todas excellente
Naõ pode em breue eſpaço ſer contada
Sem ſer mais offendida que louuada.

Eſte foi o que Pedro o Caſtelhano
Cruel, ao quarto Affonſo auô pedia,
Pollo valor, e esforço mais que humano
Honra, conſelho, e Fé que nella auia,
Eſte que as pazes fez ao Luſytano
Com Pedro o filho amante que queria
Vingar da bella Ines a morte injuſta
Que inda a fonte d'amor lagrimas cuſta.

O Por-

O Porto defendeo deſte indinado
Principe, que abrazallo entaõ quizera
E dos pendões das naos embandeirado
Nouo muro formou que inda o naõ era
Deſte, e d'outros ſeruiços obrigado
O Rey quando o chamaua a Parca fera
Antes que o charo eſprito deſpediſſe
Tais palauras ſe conta que lhe diſſe.

Valeroſo Prior que eu ſempre tiue
Nos olhos igualmente, e coraçaõ
Eſta hora derradeira de quem viue
Para na morte auer de dar razaõ
Iuſto he que neſte eſtado naõ me priue
De a voſſas obras dar ſatisfaçaõ
Confeſſando ante todos que vos deuo
O que pagar na morte naõ me atreuo.

Voſſos antepaſſados valeroſos
Com meus anteceſſores tam validos
Receberaõ mercês, cargos honroſos
Satisfeitos dos Reys, e os Reys ſeruidos
Mas os voſſos ſeruiços tam famoſos
Tam grandes, tam leais, tam conhecidos;
Naõ nos poſſo pagar porque os conheço
Delles (ſe he juſto a Rey) perdaõ vos peço.

A Rainha que aqui eſtá vos encomendo
E eſte Infante meu filho Dom Fernando
Que de voſſo valor bem claro entendo
Que inda morto auereis que reino, e mando,
E depois que eſte eſprito que viuendo
Sentiſtes para vós tam leue e brando
Do corpo ſe apartar lembrai-uos delle
Pois que vivendo andaſtes ſempre nelle.

Rei-

Reinando atras de Affonſo o riguroſo
Pedro, que do Pay foi n'alma agrauado
Naõ ſe eſquecendo o velho valeroſo
Do que o Rey lhe deixara encomendado;
Fez que á Rainha delle o juſtiçoſo
Mais terras do que o pay lhe tinha dado
E ao Iffante ſeruiço, caſa, e gente
A ſeu nome e valor conueniente.

Ao Conuento de Rhodes neſta idade
Foi de muy nobre gente acompanhado
E por ſeu nome, esforço, e dignidade
Foi na Religiaõ Meſtre eſperado,
Sempre esforço moſtrou, honra, e verdade
No lugar de Senhor, e de priuado
Teue trinta e dous filhos que viueraõ
Dos quais varios Pereiras procederaõ.

Neſſa regiaõ fertil Tranſtagana
Fez da Ameeira a força bellicoſa,
E nouamente á terra Luſytana
Edificou a alegre Frol de Roſa
Aonde á Virgem pura, e ſoberana
Fez do ſeu nome a caſa milagroſa
Da ordem lhe anexou muy groſſa renda
Ordenando de nouo huma Comenda.

Fundou os paſſos ſeus, e aquelle aſſento
De Bomjardim lugar ameno, e ledo
Alegre a qualque rliure penſamento
Freſco de vales, fontes, e aruoredo
De veraõ tinha aly nobre apoſento
Naquella branca idade, que mais cedo
Naõ buſca onde deſcance o peito que ama
Menos os paſſatempos, do que a fama.

Depois

Depois que de Fernando ſe apartou,
E dos filhos que mais que a ſi queria
Neſte lugar as armas pendurou
Como quem dellas já ſe deſpedia
O fruito dos triumfos que alcançou
Com os que gera o Sol, e a terra cria
Gozaua em breues annos; que eſte fruito
Attura pouco, e cuſta ſempre muito.

Deſpedio do caminho hum grande eſpaço
Os dous filhos que á Corte ſe tornaraõ
Tomando o forte Nuno pello braço
Que muitos por ſeu mal depois prouaraõ
Liando a ambos num eſtreito abraço
A que elles humilmente ſe inclinaraõ
A fé, o Rey, e honra lhe encomenda
Que ame cada hum, tema, e deffenda.

Ficaraõ os mancebos valeroſos
Seruindo ao Rey que em muito os eſtimaua
Iá tornaõ aos veſtidos curioſos
Que a guerra em aço e ferro lhe trocaua
E ainda que elles das armas cobiçoſos
O ferro mais que o ouro os contentaua
Naõ ha a quem naõ enleue a pompa vam
De huma ſoberba moſtra corteſam.

Como o ſonoro rio que na enchente
Do carrancudo inuerno ſe miſtura
E paſſando os limittes da corrente
Cobre com turuas agoas a verdura
Depois que o Sol ſe moſtra no Oriente
A cuja ſombra foge a neuoa eſcura
Se recolhe apreſſado, e na campina
Deſcobre a herua, a aruore, a bonina.

Aſſim

Aſſim depois da guerra, e confuſam
Em que o prazer da Corte ſe derrama
Aleuantou a paz branco pendaõ
E cerrou Ianno a porta á vaga fama
Iá paſſeaua o brando corteſam
E ja apparecia á linda dama
Veſtidos de contentes, varias cores
Trocando os feitos d'armas nos de amores.

Dom Nunalures tambem como obrigado
Ao eſtylo da Corte, ſemelhante
Ao ſagaz corteſaõ mais apontado
Nenhum quer que em o ſer ſe lhe adiante
Iá reforma o veſtir, troca o cuidado
Iá ſe preza de ayroſo, e de galante
Vendo que o que a Rainha eſtima e preza
He amor, corteſia, e gentileza.

Iá o coraçaõ liure naõ ſe iſenta
De hum aſſalto qualquer de formoſura
Iá do termo galante ſe contenta
Do paſſeo da volta, e da meſura
Iá dança nos ſeraos, já ſe apreſenta
Com ar, graça deſtreza, e compoſtura
Em tudo de amor moſtra o doce effeito
Porém dos olhos naõ lhe offende o peito.

Os ſeus ſe veſtem jà doutra librea
Ia ſe trata na Corte o mais cuſtoſo
O hiſpano ginete em que paſſea
He o mais cobiçado, e mais fermoſo,
Ia com a caça dos montes ſe recrea
Outra ora com o Falcaõ mais generoſo
As feras deſprezando cá na terra
Moue ás aues do ar contenda e guerra.

Gaſta

Gaſta as noites iſento de cuidados
(Que para eſtes cuidados ſaõ melhores)
Hora em ler as hiſtorias dos paſſados
Hora em ler auenturas por amores
Contentaõ-lhe entre os verſos namorados
Os extremos , as graças , e os primores
Fruito daquella idade tenra e verde
Que faz tal differença em quem a perde.
Mas como o coraçaõ que traz no peito
Que de grande ja nelle naõ cabia
Sempre lhe procuraua o mais perfeito
Eſtado dos intentos que ſeguia;
Mais era afeiçoado que ſujeito
Inda que ſello a muitos parecia ;
Eſcolha certa ſó de amor humano
Que o mais he tudo pena, e tudo engano.
Lia neſte exercicio coſtumado
Huma hiſtoria na lingoa Portugueza
Do caſto Dom Galaz claro esforçado
Honra, e valor da antigua Corte Ingreza
Vitorioſo ſempre e celebrado
Pollas prerogatiuas da pureza
Tanto á virtude mais ſe inclina
Que até á morte ſer caſto determina.
Quanto he deuido aos claros eſcritores
O louuor que eſta idade naõ conſente
Que debaixo de eſcuros, e de cores
As virtudes enſinaõ ſabiamente;
Entre o doce da honra e dos louuores
Que he iſca popular que ceua a gente
A gloria , e fama os animos excitaõ
Diſpoem , ordenaõ, mouem, facilitaõ.

A que

Aque honrado naõ moue huma lembrança,
Dos valerosos feitos dos passados?
Que naõ conceba em si noua esperança,
De os seus serem no mundo celebrados
A quem naõ enuergonha e faz mudança
E inueja honrosa o vellos recontados
Se inda huma historia vãa, mas bem fingida
Moue hum animo illustre á santa vida.

Nisto a passaua Nuno; e tambem tinha
Fernando outra, que aos seus mais satisfaça
Ia ao Reyno ordenaua o que conuinha
Gastando o tempo liure em monte e caça
Tudo com gosto e graça da Rainha
Sem quem nada achaua gosto e graça
Que a vontade que tinha era da sua
Como he do Sol a luz, que mostra a Lua.

Como se vio na paz mais inclinado
Ao que pedia o Reino se mostraua
Fez em Lisboa o muro leuantado
Que para resistencia lhe faltaua,
Deu nouas leis ao pouo aluoraçado
Com qualquer nouidade que intentaua
Fez a terra mais forte, e mais barata
Fez pezos, fez medidas, bateo prata.

Em quanto goza alegre deste estado
A que logo a fortuna teue inueja
Ou por ver nelle o bem mal empregado
Ou porque ninguem quer que firme o veja
Dom Aluaro sigamos que apartado
Destes menores filhos que deseja
Carregado dos annos busca, e goza
A vida mais quieta, e mais gostosa.

Hum dia quando o Sol fermoſo e louro
Nos coroados montes ſe ſubia
Na ceſaõ que fugindo ao brauo touro
Aos dous filhos de Leda apparecia
Por gozar da manhãa que roſas e ouro
Sobre a verdura alegre desfazia
A' caça vay dos ſeus acompanhado
Que eſte he ſeu exercicio, e ſeu cuidado.

Partenſe de galope os caçadores
E os caſcaueis ſoantes ſacudindo
Os falcoens ſe debatem, e os açores,
As aues que medroſas vaõ fugindo
Os celticos podengos corredores
Que vaõ á viſta o mato deſcobrindo
Deſcobrem das perdizes neſcia banda
A's quais o velho huma aue ſoltar manda.

Logo o ligeiro açor nas vnhas leua
A que de tras das outras ſe partira
Empolga, dece à terra, aly ſe ceua
Ate que o caçador das mãos lha tira
Naõ ha huma das outras que ſe atreua
A querer reuoar donde caira
E tais as torna o medo com que decem
Que á cor da meſma terra ſe paracem.

Correm de nouo os buſcas diligentes
Por vales, por campinas, por ladeiras
Deſcobrem logo as aues imprudentes
Da que leuaõ vencida companheiras;
Te que ſoltando as vidas innocentes
Como rale das azas mais ligeiras;
Só huma falta ao Prior do fraco bando
Que ante o furioſo imigo vai voando.

Entre

Entre huns espessos ramos se meteo
A Perdiz temerosa e perseguida,
O açor sobre as nuués corta o Ceo
Que já despreza a preza ja vencida.
Cada hum dos seus por ver onde deceo
Toma caminho e estrada conhecida
Te que o Prior famoso o ve primeiro
Que vai maìs apartado, e mais ligeiro.

Atrauessa correndo hum aruoredo
Do qual hum rio o passo atrauessaua
E encostando-se ás fraldas de hum rochedo
Por entre os brancos seixos murmuraua
Donde vio que no meo de hum penedo
Huma pequena hermida se mostraua
A cuja porta hum velho venerando
Estaua sobre as pedras repousando.

O descorado rosto penitente
Representaua idade assas comprida
Huma calua muy palida, e luzente,
A barba branca espessa e muy crecida,
Sobre hum pardo burel estreitamente
Huma larga correa tem cingida
E no peito huma imagem milagrosa
Da que foi Virgem, may, filha, e esposa.

Fez no claro Prior muy grande aballo
Ver aquelle lugar que nunca achara
Bradou ao Hermitaõ para acordalo
Que antes que elle bradasse ja acordara
Porque ouuindo as pisadas do cauallo
Para o Prior alegre se voltara
E com rogo modesto humilde e pio
Lhe pede que atrauesse o manso rio.

Naõ

Naõ eſtranhes o grande atreuimento
Lhe diz, ó varaõ forte a quem ſe deue
Mais humildade, e mais acatamento,
Que huma ouzadia aſſim ligeira, e leue:
Mas quem leua a tençaõ por fundamento
Na vontade do Ceo melhor ſe atreue,
Vem pois te trouxe agora a ſorte minha
Que a grandes eſperanças te encaminha.

Dom Aluaro ficou como enleado
Das palauras que o velho lhe dizia
Paſſa o rio ſuſpenſo, e com cuidado
Por ſaber de mais perto o que ſeria
Recebeo o Hermitaõ alucraçado
Que a reſpeito obrigaua e corteſia
Que nas brandas razões, e na apparencia
Moſtraua exemplo ſaõ, honra e prudencia.

Apeou-ſe o Prior ſobre a verdura
E o cauallo de hum verde ramo prende
Entraõ na eſtreita hermida cuja altura
Ainda a entrada humilde lhe deffende:
Depois que á Virgem ſanta clara, e pura
Cada hum poſtrado em terra as graças rende
Sentados fora ao pé d' huma aueleira
Lhe falla o hermitaõ deſta maneira.

Tronco daquella eſtirpe generoſa
Que tem guardada a ſumma mageſtade
Para gloria da gente valeroſa
Que ha de eſpalhar na terra a Chriſtandade
Cuja illuſtre progenie venturoſa
Dominará com gloria noutra idade
Os Reinos, e Prouincias, que oje encerra
Europa em quanto o mar rodea a terra.

Cujos

Cujos nunca vencidos deſcendentes
Nouos mares, e terras adquirindo
Dominarám remotas outras gentes
Que habitaõ Nilo, Bathro, Gange, e Indo.
Aqui te guia o Ceo para que aumentes
O que eſtaõ as eſtrellas permittindo
E começando huma obra taõ diuina
Miniſtres o que o fado predeſtina.

Tempo he conueniente, e oportuno
De ſe comprir ſeu deſejado intento
E de dar companheira ao forte Nuno
Que he deſte meu preſagio o fundamento
Será de Marte eſpanto, e de Neptuno
Serà de Portugal vigor, e alento
Que de ſeu braço armado em dura guerra
Tomará forças como Anteo da terra.

E para que ſe cumpra eſte concerto
Por influxo de eſtrellas ordenado
E naõ ſeja, o que eſtá nos fados certo
Por deſcuidos dos homens atalhado
Por mim neſte lugar te he deſcuberto
Que chara eſpoſa des ao filho amado
Cujo valor na terra ſem ſegundo
A ſeus pes deixará vencido o mundo.

Como guia da ſorte te encaminho
Pollo que das eſtrellas claro vejo
E antes que Apolo acabe o ſeu caminho
Verâs comprido o fim deſte deſejo,
Entre as terras que regaõ Douro, e Minho
A que ja agora enuejaõ Tibre, e Tejo,
Triſte eſtarâ, e chorando a bella eſpoſa
Que ha de ſer taõ alegre, e venturoſa.

Deſta

Desta outra noua planta o mundo espera
Que com seus verdes ramos fruito e flores
Fará na Lusytania primauera
Resucitando os braços vencedores,
E diz que como o Sol na sua Esphera
Nuno triumphar das armas, e tambores
Nesta armadura humilde que me veste
N'outra empreza entrará alta, e celeste.

Cessando o sabio monge que fallaua
A voz, ao caualeiro suspendeo
E vendo ser do Ceo quanto trataua
Os olhos leuantou e as mãos ao Ceo,
Com palauras que o gosto lhe ensinaua
As graças humilmente offereceo
Com as lagrimas nos olhos de alegria
A quem tudo gouerna, ordena, e guia.

E logò o venerauel rosto e ledo
No que contaua hum pouco assegurou
Para ouuir se daquelle alto segredo
Ainda algum presagio lhe ficou:
Porém no mais espesso do aruoredo,
Para onde o manso rio atreuessou
Os seus bradar ouuiraõ, que o cauallo
Pollos passos seguindo vem buscallo.

Despedio apressado o hermitaõ
Cortando-lhe as palauras que responde
Satisfaz-se de verlhe o coraçaõ
Que em verdadeiros olhos naõ se esconde,
Tempo ha de vir (lhe diz) claro varaõ
Lugar e occasiaõ mais certa aonde
Se conheça a tençaõ desta obra minha
E agora vay com o Ceo que te encaminha.

Como

Como acorda alterado o que ſonhaua
Achar algum theſouro defendido
Que no que o vão Protheo lhe moſtraua
Traz ſempre o penſamento, e o ſentido
Communicar naõ ouſa o que cuidaua
Por naõ ſer eſtoruado, ou entendido
E no lugar fantaſtico que via
Poem baliſas na varia fanteſia.

Deſta ſorte o Prior com os ſeus ſe parte
Pollo meſmo caminho que o guiara
Leuando o penſamento á aquella parte
Que o fatidico velho lhe moſtrara
As palauras recorda, o modo, a arte
Com que hum taõ grande bem lhe affigurara
Repreſentando o goſto na memoria
Daquella deſejada, e doce hiſtoria.

Porem deixando o ſabio que aly fica
Gozando a doce vida taõ quieta
Para o prudente ſó ſegura e rica
Quanto conceder pode o bom planeta;
Tras dos futuros bens que pronoſtica
Pollo que das eſtrellas interpreta
Vamos buſcar o effeito verdadeiro
Que eſte vio Nuno armarſe caualeiro.

Recolheſe o Prior ledo, e contente
Do penſamento occulto que trazia
Saber logo procura aſtutamente
O que em tal auentura ſe eſcondia:
O coraçaõ leal que nunca mente
Lhe daua alegres nouas cada dia
Em poucos ſoube em fim que o ſabio velho
Em mais fundaua as obras, que em conſelho.

Nas deleitoſas terras que honra e rega
O fundo Douro, e vagaroſo Minho
Que a corrente ao mar contente entrega
Deixando entre altos montes o caminho
Aonde Pomona, e Ceres nunca nega
Seu louro fruito, e Bacco o brando vinho
Aonde Zefiro, e Flora colhem flores
E chora Filomena os ſeus amores.

Ouue huma dama illuſtre e celebrada
Que com Vaſco Gonſalues de Barroſo
Eſtando hum breue eſpaço deſpoſada
A morte lhe roubou ſeu charo eſpoſo,
E naquella ceſaõ taõ magoada
Naquelle eſtado triſte e laſtimoſo
Entre lagrimas vãas ſeu mal publica
Só, fermoſa, diſcreta, honeſta, e rica.

Alem da clara eſtirpe generoſa
Da formoſura, e graça ſobre humana,
Que bem baſta ſer nobre e ſer fermoſa
Para vencer qualquer vontade humana,
Era ſenhora rica, e poderoſa
Que he o que mais contenta, e mais engana
Deulhe a ventura tudo o que mais preza
Para ſe auentajar da Natureza.

Foi o noſſo Prior logo auiſado
Que por ſeus meſageiros pretendia
Saber de algum ſinal, noua, ou recado
No lugar aonde o Monge lhe dizia,
E entendendo que o fim de ſeu cuidado
Naquella dona illuſtre ſe entendia
Sem mais ſe aconſelhar neſta demanda
Hum caualeiro ſeu ao Douro manda.

E

E por apreſſar mais eſta ventura
Outro inuiou ao Rey com o meſmo intento,
Cuja vontade elle ha por bem ſegura
Se a pode aſſegurar merecimento
Cada hum dos meſageiros que procura
Moſtrar na diligencia ſeu talento
Ao Douro hum, á Corte outro ſe aparta
Chegou a el Rey Fernando e deulh'a carta.

De todas eſtas couſas muito alheo
Traz Nuno o penſamento, e o ſentido
Sem deſejo, eſperança, e ſem receo
De ſer entre irmãos tantos o eſcolhido
Mas quando eſte recado á Corte veo,
Ia della a Bomjardim era partido
Que por mandado, e goſto da Raynha
Ao deſejado pay viſitar vinha.

Elle o agaſalhou com feſta, e goſto
Como aquelle a que amaua de verdade
E em ſuas eſperanças ſós tem poſto
O deſcanço, e ſabor daquella idade
E porque tem ſó nelle, a vida, e goſto
Poucas horas lhe eſconde eſta vontade
Paſſeando com elle a larga ſala
Tomando-o polla mão deſta arte falla.

Moſtrame a idade Nuno o fim da vida
Vejo que eſtou da morte muy veſinho
Chegarei cedo á meta prometida
Porque ha ja muitos annos que caminho
Deſejo antes que a morte me deſpida
Pello que de teus feitos adeuinho
Darte huma companheira illuſtre, e bella
Por ver antes que acabe o fruito della.

Trago niſto continuo o penſamento
Cada hora mais ſe apura eſta vontade
Naõ te ouzara fallar em caſamento
Que he natural aos moços liberdade
Mas nas obras que ſaõ de entendimento
Naõ ha porque eſperar madura idade
Conuem que a occaſiaõ ſeja madura
Que em poucos annos ha muita ventura.

O Ceo benino agora me offerece
Lugar para honra tua e gloria minha
Que he huma dona illuſtre que merece
Naõ ſó ſer tua eſpoſa mas Rainha
Eſta que em ſangue e partes ſe ennobrece
Com riqueza e poder qual te conuinha
Deſejo de eſcolher por filha e nora
Mas o teu querer ſó me falta agora.

Tras iſto alegremente o que tratara
Do caſamento o velho lhe dizia
Como o ſeu caualeiro lhe mandara
E como elRey tambem nelle entendia
Que ſiga aquella empreza illuſtre e clara
Com amoroſos rogos lhe pedia
Nuno que outra affeiçaõ no peito eſconde
Com humildade ſabia lhe reſponde.

Vos Senhor me obrigais a hum nouo eſtado
Que nunca me paſſou polla memoria
Ia mais pus o deſejo de ſer caſado
Mas por graça o julgaua, e por hiſtoria;
E como moço, e mal determinado
Que tem noutra conquiſta o goſto e gloria
Reſponder leuemente naõ me atreuo
Sem vos ſatisfazer contra o que deuo.

Quem

Quem em tal caſo em vão ſe determina
Ou acerta por erro , ou erra em tudo
Daime tempo ſenhor , que o que imagina
Erra por eleiçaõ , naõ por deſcudo
Ouuindo o pay repoſta taõ diuina
A replicar-lhe foi , mas ficou mudo
Mandalhe que de eſpaço cuide e veja
O que elle naõ cuidar tanto deſeja.

Satisfeito de ver que em tal idade
Cabia entendimento taõ maduro
Lhe deixara eſta eſcolha na vontade
Se o naõ aluoroçara o bem futuro,
Por mil vias o tenta e perſuade
Temendo hum coraçaõ tam firme e duro
Porem aonde a razaõ domina e manda
Tudo ſe rende em fim , tudo ſe abranda.

CANTO III.

Celebraõſe as vodas de Dom Nunalures Pereira, parteſe com ſua eſpoſa para as terras dentre o Douro, e Minho, chamado do prior vem, eſtà a ſua morte; com a del Rey D. Henrique ſe moue a guerra entre el Rey D. Ioão ſeu filho, e el Rey D. Fernando: D. Nunalures vai por fronteiro a Portalegre, donde manda deſafiar ao filho do meſtre de Santiago de Caſtella.

NAõ ſabia em que modo ſe eſcuſaſſe
Dom Nunalures ao pay do caſamento
Nem porque termo , e modo o deſuiaſſe
Daquelle ſeu deſejo , e penſamento ;
Quando lhe hia a fallar ; ſem que fallaſſe
D'ante mão lhe atalhaua aquelle intento
Nenhum declara aquillo que pretende
Que antes que hum falle , o outro o defende.

Ro-

Roga o Prior, e em breue tempo obriga
A may de Nuno honrada e verdadeira
Que o moua, o aconſelhe a que lhe diga
O que he juſto que buſque, eſtime, e queira
Que alem de o filho a ter por certa amiga
Lhe obedece em tudo o bom Pereira
Mas das razões que daua conuencida
No meſmo que lhe roga ja duuida.

O Tio Ruy Pereyra ouſado, e nobre
D outra parte o combate cada dia
A quem mais claramente elle deſcobre
O differente intento que trazia
Cada hum ja de razões eſtaua pobre
Pollas com que elle a todos defendia
Tomar aquelle eſtado, doce, e graue,
Que he jugo, inda que a muitos he ſuaue.

Em quanto nelle o moço naõ conſente
Com huma vontade a tantas riguroſa
Tornemos a Fernando que contente
Lhe quer dar companheira taõ fermoſa,
Tanto que o meſageiro diligente
Lhe deu do velho a carta cobiçoſa
Com huma cobiça igual, igual vontade
A dona eſcreue, obriga, e perſuade.

Ia neſte tempo o caualeiro aſtuto
Que ao Douro era partido, a carta dera
A dama, que pagando o vão tributo
Em lagrymas; culpaua a parca fera
Por ver cortado em flor o tenro fruto
Que tantas eſperanças prometera
E inda naõ conuencida de ligeiro
Mandou tratar muy bem ao meſageiro.

E

E elle ſe ouue de ſorte na embaxada
(Que era homem de valor, e entendimento)
Que deixa a dona illuſtre affeiçoada
A quem nunca pôs nella o penſamento;
Que he (reſponde) a tençaõ pera ella honrada,
Mas que tratar naõ quer do caſamento
Sem que primeiro a el Rey delle informaſſe
E com vontade ſua ſe acabaſſe.

Contente o caualleiro ſe tornaua
Da reſpoſta da dona, e da cautella,
E com mores razões ſe contentaua
Das perfeições, e eſtremos que vio nella,
Quando a carta del Rey tambem chegaua,
Que com o meſmo deſejo o deſuela,
Pois tais termos a obriga, e de tal ſorte,
Que faz que em breue eſpaço venha á Corte.

El Rey ao ſeu querer procura effeito
Para dar ao Prior ſatisfaçaõ
A dona ja de amor tem cheo o peito
Pollo que lhe reuela o coraçaõ,
Vendo o Rey naõ ſomente ſatisfeito,
Mas parte intereſſada na tençaõ,
Para a jornada apreſta muitas gentes
De criados, vaſſallos, e parentes:

Aly vem os de Aluim proſapia antiga
Dos que ao Conde Henrique acompanharaõ
Contra a ſeita barbarica inimiga,
Que ja de Guimarães o nome honraraõ.
Os Coelhos illuſtres que inda obriga
A memoria dos peitos que moſtraraõ
Os Melos que engrandeçe a clara fama
Todos do ſangue illuſtre deſta fama.

Che-

Chegou muy nobremente acompanhada
A Corte, aonde era aſſas bem conhecida
Foi del Rey com muyta honra feſtejada,
E da Rainha honrada, e recebida,
Das damas mais fermoſas inuejada,
Ou polla fermoſura, ou polla vida
Que vem tomar, e cada qual deſeja;
Vida antes de ſe ter, dina de inueja.

Fernando que em tais obras naõ dilata
O fim que o bom deſejo lhe pedia,
Deſpoſala com Nuno logo trata
Pollas partes, e dões que nella auia,
Ella que mais cortes dama que ingrata
Ao Rey quer parecer naquelle dia,
Obedece a ſeu mando facilmente;
Pouco faz quem deſeja ſe conſente.

Ia para o Bomjardim parte apreſſado,
O meſageiro alegre que leuaua
DelRey para dom Alvaro o recado
E da Rainha a Nuno que o chamaua,
Ah quanto fica o velho magoado
Da vontade que o filho lhe negaua,
Vendo a repóſta, e carta ja da dama,
Que dona Lianor d'Aluim ſe chama.

Entaõ de ſeu deſejo dobra a força
De parentes, e amigos ſe aproueita
Ia naõ buſca razões, obriga, e força,
Entre as brandas que diz lagrymas deita
Nuno que a defenderſe mais ſe esforça
Se vê em prizaõ mais dura, e mais eſtreita,
Ia mais deuagar peza e conſidera,
Mas naõ ja arrependido o que fizera.

Ven-

Vendo que a Rainha à Corte o chama
O pay o roga, o tio o aconſelha,
A may o obriga, que elle eſtima e ama,
Por amiga prudente e ſabia velha,
E que eſtà ja na Corte a nobre dama,
Que para os deſpoſorios aparelha,
Entende que Deos quer tal caſamento
Nelle a vontade poem e o penſamento.

Ah por quam varios, e eſcondidos
Deos infinito, e eterno, e ſoberano,
Deixou noſſos remedios repartidos
Para nos libertar do eterno dano,
Com huma ſombra de males naõ ſofridos
Com hum eſprito do ceo num peito humano
Aos bens nos chama, aos males nos acode,
Condiçaõ de quem ama, e de quem pode.

Manda ao ſanto Abrahaõ que lhe offreça,
A Iſac hum filho ſo que tanto amaua,
Que ponha em ſuas aras a cabeça,
Por trofeo de amor, com que o tentaua;
Faz que o velho chorando lhe obedeça
E o filho que a ſeu golpe humilde eſtaua
Depois que alegres vaõ a obedecello,
Entaõ poem Deos a mão entre o cutello.

Guarda ao moço Iſac porque pretende
De ſua geraçaõ ſublime, e ſanta,
Trazer o ramo excelſo, que deſcende
Ate a mais levantada, e pura planta,
Entaõ da morte a vida lhe defende,
Depois ſobre as eſtrellas o leuanta,
Nem o pay perde a gloria merecida,
Nem o filho innocente perde a vida.

Quer

Quer que o Pereira forte, e valeroſo
Entrando na dourada ſua idade,
Incline o peito altiuo, e generoſo,
A conſeruar perpetua caſtidade,
Faz que deſpreze eſtado poderoſo,
Por lhe dar em offerta eſta vontade,
Ate que elle lhe dá occulto indicio,
Que naõ quer, que eſte ſeja o ſacrificio.

Ia depois de obrigarlhe o coraçaõ,
Que humilde a ſeu querer todo ſe entrega
Depois que ao velho pay nega afeiçaõ,
E á ſua idade tenra o fruto nega:
Da Deos principio á clara geraçaõ,
Que em taõ ſobidos ramos prende e pega
Para occupar no ceo tantas cadeiras,
E abater ante a cruz tantas bandeiras.

Ao venerando pay logo ſe inclina
Com eſpirito nouo, e noua graça,
Diz que ſó elle o manda, e o domina,
Que a elle he juſto ſó que ſatisfaça,
Que ſeguir ſeu mandado determina,
Que ordene, que diſponha, mande, e faça,
Da vida ſua, e penſamentos della,
O que quiſer ſem medo, e ſem cautella.

Ao Ceo o velho humilde as mãos leuanta,
Dando as graças a Deos contente, e ledo,
Que naõ eſperou ja com gloria tanta
Ver começado o bem de ſeu ſegredo,
Como a verde era abraça a tenra planta,
Com que ſe foi criando no aruoredo,
Aſſim abraça ao moço eſtreitamente
Com as lagrimas nos olhos de contente.

As

As benções amorosas multiplica
Sobre taõ desejada obediencia ,
Estado lhe promete , e casa rica ,
Eterna , e generosa descendencia ,
Parte do que oje vemos pronostica ,
Com fé , com esperança , e com prudencia,
Tras isto da partida logo trata ,
Que quem muito deseja naõ dilata.

Ia se parte contente o tenro esposo ,
Que a dama espera ver de dia em dia ,
E mais contente o velho valeroso ,
Que entre os filhos hum Marte parecia ,
Sobre hum cauallo forte e poderoso ,
Que com as mãos entre a cilha se feria ,
Dos caualeiros seus acompanhado ,
Que da cruz branca o peito tem cruzado.

Foy de todos os grandes recebido
Com amor , aluoroço , e com respeito
Por taõ famosas obras merecido ,
E empregadas melhor em tal sujeito ,
O gentil esposado mais corrido
Dos muitos parabens , que satisfeito
Hora a cor muda , hora outra cor concebe,
Mas com vergonha , e graças os recebe.

Lianor , e Fernando o recebeo
Com gosto a tais cuidados oportuno ,
E para as ledas festas de Himeneo ,
Conuida alegremente ao forte Nuno ,
E quando o sol cançado se escondeo
No cristalino reyno de Neptuno ,
Vio a Leanora o nosso caualeiro ,
E ali a bella dama o vio primeiro.

O que ambos ſintiriaõ julgue agora
Quem pôs em tal eſtado o ſeu deſejo,
Porque eu que neſte jogo eſtou de fora,
Mal ſaberei pintar o que naõ vejo,
Ella tomaua a cor da bella Aurora
Com a que lhe fazia hum nobre pejo,
Elle que a viſta â furtos empregaua
Da meſma cauſa a propria cor tomaua.

O Prior valeroſo alegremente
Feſteja a eleiçaõ daquelle emprego
Cada hora mais alegre, e mais contente
Com goſto, e com razaõ naõ tem ſocego,
E quando o claro ſol á negra gente
O orizonte moſtrou eſcuro, e cego,
E a nós trazendo o deſejado dia,
Encheo o mar, e a terra de alegria.

Ordena o caſamento celebrado
Pollo cuidado, e goſto da Rainha,
Sem o apparato vaõ e coſtumado
Porque a ſegundas vodas naõ conuinha,
Com a nora depois, e o deſpoſado
Para o Bomjardim logo encaminha,
Que ainda que ſaudade á Corte daua,
Nenhuma leua entaõ pollo que leuaua.

Venturoſo mil vezes o que vio
Obedecer Fortuna a ſeus intentos,
E que em ſeus proprios annos conſeguio
O duuidoſo fim de penſamentos,
Ditoſo a quem ſeu fado conſentio
Naõ fazer mentiroſos fundamentos,
E mais vezes ditoſo quando alcança,
No fim de huma eſperança, outra eſperança.

Di-

Quem porem libertou tal continencia,
Das intactas eſpoſas reprouada;
Naõ ſer julgada mais por impotencia,
Que por virtude em tantas deſejada,
Caſtiſſima Lianor, que eſta excelencia
Para vos entre as outras foy guardada,
Della vereis ao tarde o doce fruito,
Que o ceo paga com muito, o que ama muito.

Paſſados alguns dias, que gaſtaraõ
Naquella alegre terra os deſpoſados,
Para as do Douro, e Minho ſe apartaraõ
Com vaſſallos, amigos, e criados,
Na ſaudade interna que deixaraõ
Nas lagrimas, e termos coſtumados,
Naõ gaſta tempo agora a minha muſa,
Que hir paſſando adiante naõ ſe eſcuſa.

Achou Nunalures caſa nobre, e rica,
Mulher perfeita, e terras abundantes,
O ceo na terra os bens lhe multiplica,
Com mais fertilidade que nunca antes
Ao trato aldeaõ logo ſe aplica
Com os piquenos benino, e com os poſſantes
Amigo, liberal, e generoſo,
Mais inuejado ali, que cobiçoſo.

Por coſtume ordinario ſe ſeruia
Com quinze, e mais valentes eſcudeiros;
Que pollo nome, e partes conhecia;
Por fieis, esforçados caualeiros,
Com trinta homens de eſporas que trazia
Apeſſoados bons, e verdadeiros,
Caçaua e monteaua, ò bem iucundo
Temia a Deos, eſtaua bem com o mundo.

Tres

Tres annos nesta vida socegada
Com a chara consorte ali viueo,
E nelles ouue a filha desejada,
Que á nossa Lusytania enriqueceo,
Dous filhos cuja vida em flor cortada,
Logo entrando na terra foi do ceo,
Antes que ella nacesse feneceraõ,
Tornando a ser do Ceo donde vieraõ.

E já o velho pay de longa idade,
Sentia perto o fim da despedida,
Chamou-o o alto Deos cuja vontade
Dispoem, ordena, e traça, o fim da vida
Chama os filhos de esforço, e de bondade
Para se aperceber para a partida,
Nuno das terras vem que o Douro banha.
E com mais desasete o acompanha.

Deu o esprito a quem lho tinha dado
Na Amieira, aonde entaõ viuia,
Dali a Flor da rosa foi leuado
Com pompa funeral de Clerizia.
Naquella mesma Igreja sepultado
Que ergueo ao santo nome de Maria
Repousa la no Ceo liure de guerra,
Que obras dinas do Ceo deixou na terra.

Dom Pedralures Pereira forte, ousado
Dos irmãos o mayor, que a cruz trazia
Branca, e que tinha em Rhodes professado
Nessa religiaõ sagrada, e pia
Ao Rey pede do Crato o priorado,
Que por morte do pay vagado auia
E de seus bons seruiços e seu rogo
Fernando commouido, lho deu logo.

De-

Depois liuremente lho concede
Ficou na corte ; delle e juntamente
Dos mais irmãos Nunalures ſe deſpede
E aos ſeus lugares vai ledo e contente ,
A corte a liberdade naõ lhe impede
Nem ſaudade della ou falta ſente
Em hum ſocego igual gaſtando a vida
Serue a razaõ ao goſto de medida.

Aly nos freſcos valles, e campinas,
Que lhe dauaõ contentes ſeu tributo
Piſaua liure as heruas, e as boninas ,
Das ſetas colhia o louro fruto,
Gozaua as doces fontes criſtalinas.
Que de perlas naõ tem o valle enxuto ;
Tinha da liberdade o mor theſouro;
Hora á viſta do Minho , hora do Douro

Eſtando hum dia aſſim neſte deſuio ,
Sem da corte enganoſa ter lembrança
Gozando o ſol fermoſo, o vento frio,
E as aruores veſtidas de eſperança
Ao longo do ſereno, e manſo rio ,
Que em amoroſas ondas ſe abalança
Com a amada mulher em graça, e feſta ,
Entretendo-ſe ali paſſaua a ſeſta.

Hum homem ve para elle vir direito
Com apreſſado paſſo preguntando
Hum alforje pendendo ſobre o peito,
Na maõ huma azagaya vem pezando,
Meſſageiro parece que he de efeito
Huma carta lhe traz do Rey Fernando,
Chegou, deu-lha, leo Nuno logo a carta,
Manda-lhe o Rey que á viſta della parta.

E Que

Que por morte de Henrique o Caſtelhano,
Com quem tiuera pazes, e concerto,
Succedera Ioaõ ao Reyno Hiſpano;
Do qual eſtaua imigo deſcuberto,
Que recebia o Reyno grande dano,
Pollo atreuimento, e deſconcerto,
Do meſtre que era entaõ de Santiago,
Que tem feito na raya grande eſtrago.

Que tinha ja as fronteiras garnecidas
Com valeroſa gente Luſytana,
E entre os grandes as praças diuididas,
Das terras que diuide o Guadiana;
Para que foſſem delles defendidas
Contra a furia da gente Caſtelhana,
Que em Badajoz o meſtre imigo tinha,
Com que aſſalta a comarca ali veſinha.

Que em Portalegre eſtá por capitaõ
O Prior dom Pedralures que entaõ era,
Que com os ſeus ſe vá ao nobre irmaõ,
Que por fronteiro ſeu contente o eſpera,
Salta no peito a Nuno o coraçaõ
Que outra noua melhor ter naõ podera,
Mas a Lianor o ſangue o roſto deixa,
Por hir ao coraçaõ que ja ſe queixa.

Se elle recebe alegremente a noua,
A fermoſa conſorte ſe entriſtece
Elle por dar de ſi mais alta proua,
Ella ja polla auſencia que conhece,
Com mayor ſentimento o fim reproua,
Quanto elle com mor goſto ſe offerece,
Cada hum faz ſeu officio cuſtumado,
Ella de amante fiel, elle de honrado.

Deſ-

Deſpede o meſageiro, e logo ordena
E faz armar aos ſeus para a partida,
Os dias paſſa a doce eſpoſa em pena,
Porque arriſca na ſua a propria vida,
Mal diz ao Rey e a honra a condena,
Por parte de Nunalures, e o conuida,
Bem tomara faltar a quem lhe eſcreue,
Poſto que contra o Rey, contra o que deue.

Mas como aquelle eſpirito mais vfano,
Que aſpiraua a immortal, e eterna fama,
Deſpreza outro qualquer reſpeito humano,
Para ſeguir eſtrella, e Rey que o chama;
Depois que o ſol ſe ergueo do largo Oceano
Repouſando na caſta e branda cama,
Iá da amada mulher ſe deſpedia,
Neſtas, e outras palauras que dizia.

Bem me aconſelha amor que naõ me aparte
Da gloria deſte bem que eſtà preſente,
Que a alma de que vos ſois taõ grande parte
Sò com voſco, e por vos viue contente,
Manda-me que deſpreze as leys de Marte,
Que outro nenhum poder que o ſeu conſente
Mas mandado de amor, cego e menino,
Naõ no ſegue a razaõ, que he deſatino.

Deſatino de amor aos olhos cego,
De quem erra o caminho que hoje atalho,
Naõ he para altos homens o ſoſſego,
Pois he a honra o fruito do trabalho,
Inda que em vos eſtá meu certo emprego
Muito por vos me eſtimo, poſſo, e valho,
Cõ o Rey, cõ Deos, cõ o ceo, cõ a terra, e gente
Moſtre-ſe o valor meu que he differente.

Forçado me he deixar a amada terra,
E a vos que ſois o bem de meu deſejo;
E o mais caro penhor em quem ſe encerra
A luz dos meſmos olhos com que vejo,
Eſta he a mor batalha, que ha na guerra;
Pois que ſó contra mim nella pelejo,
Leuando já daqui certa a vitoria,
Alcançarei nas armas, nome, e gloria.

Dai-me ſenhora os braços, e a licença,
Sede em fauor, e ajuda deſte intento
Para que quando armado, e forte vença,
Seja igualmente voſſo o vencimento,
Conheça em mim a terra a differença,
Com que ante os inimigos me apreſento,
Dai-me ſó por empreza o nome voſſo,
Vereis quanto vos quero, e quanto poſſo.

Naõ vos ſujeite, e vos obrigue a tanto
A affeiçaõ natural que a honra impida,
Olhai que a mores couſas me aleuanto,
Do que ſaõ terras, bens, ſoſſego, e vida;
Deixai que os Fados ſiga agora em quanto
O Ceo para vittorias me conuida,
Vereis quanto ganhais, e eu quanto alcanço
Em me cortar ventura eſte deſcanço.

Que neſtes meſmos braços, em que agora
Como em laços eſtou de affeiçaõ cheos
Em outro tempo eſpero vir ſenhora
A gozar mil vittorias e trofeos;
Voſſo naõ merecera eu ſer, ſe fora
Vencido por amor de vãos receos,
Nem poſſo dar de honrado melhor proua;
Que ver que o que vos quero naõ me eſtorua

Eſtas

Eſtas razões ouuia a clara eſpoſa,
Enlaçando-lhe os braços com que o prende,
Das lagrimas que chora taõ fermoſa,
Como quando o chriſtal com o ſol ſe offende;
Ou como com o orualho a freſca roſa
Que eſtá mais engraçada, e mais tranſcende
Nos ſeus olhos ferindo hum viuo lúme
Entre ſoſpiros ſolta eſte queixume.

Razões buſcadas para conſolarme,
Naõ me podem ſenhor liurar do dano,
Que nem eu ſei com ellas enganarme,
Nem ſe encobre na viſta o deſengano,
Meo naõ ha entre hiruos, e deixar-me,
Contra o mal que ſe ve naõ baſta engano,
Vos já para â partida eſtais diſpoſto,
He morte para mim, mas voſſo goſto.

Ide e ordene o ceo que na tornada
Viua eu para ſentir voſſa preſença,
O coraçaõ leuais para á jornada,
Que os braços com razaõ negaõ licença,
A vida vai da voſſa pendurada
Eſperando de amor qualquer ſentença,
E queira o Ceo que a vida tanto poſſa,
Que quando ſe perder ſuſtente a voſſa.

E ſe vos pede o animo esforçado,
Ser ſempre nos aſſaltos o primeiro,
E no perigo grande, e arriſcado,
Ser o voſſo cauallo o mais ligeiro,
Mudai a condiçaõ de ſer ouſado,
E lembreuos ſenhor por derradeiro,
Que me leuais na voſſa a minha vida,
Que he de mulher, e he menos atreuida.

Mas

Mas ſe quereis guardalla facilmente,
Fugi ao riſco, e trance perigoſo,
Sede por vos qual ſois, fero e valente,
Sede por mim cobarde e vagaroſo:
Sacrificar a vida do innocente,
Naõ he de animo forte, e valeroſo,
Sois obrigado á vida que vos ama,
E naõ ja á cuſta della ganhar fama.

Porém a minha ſeja o voſſo eſcudo
Para o mor riſco, e trance da peleja,
Que na voſſa ſenhor perder-ſe ha tudo,
E naõ monta ſem vos que a minha o ſeja,
Dalma a parte melhor, com o meſmo eſtudo
Hira ſeguindo o bem que ſó deſeja;
Que ſe vós a deixais por honra, e fama,
Ella deixar naõ pode o que mais ama.

Neſtas e outras palauras que dizia,
A deſcontente eſpoſa ſe occupaua,
Quando o ſol já douraua o nouo dia,
E o ſeu amante eſpoſo ſe apreſſaua:
Iá dos ſeus a animoſa companhia
Com armas e valor â porta eſtaua,
Deixa o valente Nuno o brando leito,
E cobre de aço duro o forte peito.

Armaſe o valeroſo ſem detença,
E a fermoſa Lianor ajuda a armallo,
Com lagrimas moſtrando a differença
De querer mais detello, que ajudallo,
E em quanto ella lhe nega, e da licença
Rinchando fere as pedras o cauallo,
Que como que já ve preſente a guerra,
Mordendo o duro freo, rompe a terra.

Ia

Iá com hum eſtreito abraço ſe deſpede,
E Lianor entre os braços lhe deſmaya,
O ſentido chorar a voz lhe impede,
Que os ſoſpiros encontra antes que ſaya
A generoſa filha a bençaõ pede,
Que para ás ſaudades já ſe enſaya,
Elle decendo aos ſeus, na ſella ſalta,
Que o que Amor o detem, ao valor falta.

Ella em lagrimas vãs faz ſeu queixume
E ſobindo ao alto das janellas,
Segue com triſtes olhos ao ſeu lume,
Culpando ao do ſol, e ao das eſtrellas,
Neſta dor que depois ſe fez coſtume,
A conſolaõ as donas, e as donzellas,
Que o pouco exprimentado ſofrimento
Faz dos males mais agro o ſentimento.

Chegou em breue tempo o caualeiro
Ao prior valeroſo que o feſteja,
Que ter a hum tal irmaõ por companheiro,
Mais que tudo o do mundo entaõ deſeja,
Que alem de ſer ouſado, e bom guerreiro
E aduertido no aſſalto, e na peleja,
Fora do pay famoſo o mais querido,
E entre tantos irmaõs ſempre eſcolhido.

Ali ſe achaua em parte ſatisfeito,
Porem contente naõ de ſeu cuidado,
Que naõ ſofria o valeroſo peito
Na guerra em tanta paz andar armado,
Mas bem cedo cuidou que tinha effeito,
Quando á preſſa del Rey chega hum priuado,
Com negoceo de pezo, e de ſegredo,
Gonçalo Vaz ſe chama de Azeuedo.

Man-

Manda por elle o Rey que as frontarias,
Que eſtauaõ entre o Tejo, e Guadiana,
Conuocaſſem guerreiras companhias,
Por dar batalha á gente Caſtelhana,
Com hum furor bellicoſo em poucos dias
Se ajunta toda a terra Tranſtagana,
Ia de Villa viçoſa o campo armado
Parte para á batalha apparelhado.

Os eſpaçoſos campos de arredor
Com caxas e trombetas retumbando,
Vaõ hum eſtranho e bellico furor
Nos Luſitanos peitos informando,
Cada hum ja eſquecido o vil temor,
Os cauallos, e as lanças vaõ provando,
Deuiſas varias veſtem, e armas cobraõ,
As bandeiras aos ares ſe deſdobraõ.

Ah quanto Nuno ouſado ſé contenta
Deſte deſenho, e deſta alegre noua,
Porque o deſejo ali lhe repreſenta
Fazer de ſeu valor primeira proua;
O que o laſtima, mais, mais o atromenta
He alguma razaõ que o feito eſtroua,
Que os capitães eſtaõ em grande enleo
Com o general priuado que lhes veo.

Porem marchando em ordem concertada
Para á forte Eluas partem ſem perigo,
A terra a toda viſta atalaiada,
Liure de pejo e dano do inimigo,
Por hir a gente d'armas apartada,
A bagajem naõ leua entaõ conſigo,
Que os carros vaõ diante da vanguarda,
E os ſoldados de a pé todos em guarda.

De

De madrugada vaõ neſte concerto,
E com a noua manhã que appareceo,
As lanças fere o ſol em deſcuberto,
Que vaõ voltando os ferros para o ceo,
Dom Nunalures que as vio naõ de muy perto
Dos carros, e ſoldados ſe eſqueceo,
Iulga que he geate armada de Caſtella,
Com o deſejo ſem fim, que traz de vella.

Com aluoroço eſtranho, e grande goſto,
Sem ſentido; á vanguarda vem correndo,
Moſtrando alegre a voz, alegre o roſto,
Boa noua á grandes brados vem dizendo,
Os olhos todos nelle ja tem poſto,
A nouidade eſtranha naõ ſabendo,
Os capitães para elle tambem vinhaõ
Vendo os que para ouuillo ſe detinhaõ.

O Meſtre eſtà ſenhores muy vezinho,
Diz, dai graças ao Ceo, que he eſcuſada
A deſpeza, e trabalhos do caminho,
Que aqui tendes batalha apparelhada,
Eu diuiſei as lanças, e adiuinho,
Que eſcondidos eſtaõ como em cilada,
Apreſſemos aos noſſos mais, vos digo,
Naõ cance de eſperarnos o inimigo.

Ah quantos roſtos vio taõ differentes
Nunalures entre a turba que o ouuia,
Huns descorados, varios, deſcontentes,
Outros cheos de esforço, e valentia!
Quantos ali ſe poem de inconuenientes!
Quantos moſtraõ tambem grande ouſadia!
Huns eſcutaõ a noua, outros feſtejaõ
Segundo a paz, ou a guerra, que deſejaõ.

Naõ

Naõ mudou defta ordem o efquadraõ,
Mas com mais vigilancia, e mor cautela;
Para qualquer affalto, ou preuençaõ
Das belligeras gentes de Caftella,
Marcharaõ grande efpaço, e quando naõ
Poderaõ defcubrilla, ou finais della
Conhecem que ou Nunalures fe enganara,
Ou fora ardil de guerra que inuẽtara.

Que era entre todos ja taõ conhecido
Polla tençaõ a alguns naõ muito aceita,
Que foy de quafi todos entendido,
Que entaõ daquella aftucia, fe aproueita,
E do temor de muitos reprendido,
Por onde Nuno os corações lhe efpreita,
Mas na fua tençaõ firme e conftante,
Paffou polla vanguarda e foy diante.

E hindo ja dos pendões muito apartado
Com aquella fantaftica alegria,
Vio hir por hum outeiro aleuantado,
A gente que diante apparecia,
Facilmente entendeo fer enganado
Do coraçaõ, que aquillo lhe pedia,
Ficou de feu fentido quafi alheo
Com o pejo defte engano, e defte enleo.

Como homem que fonhou qualquer ventura
Que ve que o bem diante lhe apparece
Quando quer o defejo lhe affigura,
E tudo a noite efcura lhe offerece;
Acorda; e efte engano, que inda dura
Moftra que aquillo mefmo lhe acontece
Até que ja configo fe enuergonha,
Vendo que eftá defperto. e que inda fonha.

Affim

Aſſim ſe via Nuno o valeroſo
No engano em que o animo o poſera :
Mas a vergonha o torna taõ furioſo ,
Que ſó com hum campo entaõ ſe combatera ,
Do enganado , aluoroço , e cobiçoſo ,
Vingarſe no inimigo em campo eſpera ,
E porque ao ſeu deſejo tudo tarda
Se adianta muy longe da vaõguarda.

Na ſella a groſſa lança atraueſſada.
E huma peſada facha á maõ direita ,
Leua do arçaõ primeiro pendurada ,
Mais de eſporas, que redeas ſe aproueita ,
Com a imaginaçaõ niſto occupada ,
Que traças entre ſi ? que contas deita !
Que penſamentos forma ! que eſperanças !
Que aſſaltos ! que ciladas ! que vinganças !

Naõ tinha grande eſpaço andado quando
Atraueſſou a eſtrada por onde hia ,
Sobre hum rocim cançado caminhando
Hum homem que ao paſſar deſconhecia ,
Bradou-lhe o caualeiro elle voltando
Conheceo que dos noſſos era eſpia ,
As redeas hum ao outro logo ajunta ,
Nuno do meſtre as nouas lhe pregunta.

Eſtá Senhor reſponde muy contente ,
Para vir á batalha apercebido
Taõ poderoſo de armas , e de gente ,
Que tem as noſſas poucas mao partido ,
Traz hum filho taõ deſtro , e taõ valente
Que o vence ja no animo atreuido ,
Com o qual vem graõ poder de gente armada
Voluntaria , eſcolhida , e esforçada.

Eſte

Efte apreffa a batalha defejo,
E o pay efpera ao Lufytano Inftante,
Filho de Ines e Pedro o juftiçofo,
Que dece em feu fauor forte, e arrogante;
La viuereis Senhor pouco ociofo,
E a Deos, que me releua hir adiante,
Elle o defpede, e paffa alegremente,
Que em todos os perigos bem confente.

Mas naõ lhe aueo affim como cuidaua,
Erra a conta, que faz dentro em feu peito,
Que a batalha do meftre que efperaua,
Polla mefma razaõ naõ teue effeito,
Que quando ao noffo exercito chegaua
O que efta noua deu taõ fem proueito,
Contra os que oufadamente fe aparelhaõ,
Os Capitaẽs em Eluas fe aconfelhaõ.

Diuididos ali por varios modos
No parecer da guerra já differem,
Na voz comum batalha querem todos,
Mas os que mandar podem fó naõ querem;
Arma os foldados gritaõ; d'entre todos
Sae huma voz, que diz, que nada efperem,
Mas em vaõ fe defuelaõ nefte intento,
Que o general naõ tem tal penfamento.

Dali para ás fronteiras fazem volta,
Ia efquecido o prazo da peleja,
E nefta confufaõ, nefta agoa emvolta
Algum alcança aquilo que defeja,
O Pereira com muitos na reuolta
Gritaõ ardendo em ira que naõ feja
Taõ poderofa a noua recebida,
Que troquem a honra, e a fama polla vida.

Eraõ

Eraõ muy pouco ouuidos neste ensejo,
Que quem pode mandar, naõ quis batalha,
A muitos valeo pouco o seu desejo,
Em que o desejo ás vezes muito valha,
Nuno ve que o temor de alguns sobejo
Seu valeroso intento ja lhe atalha,
Imagina outro modo de honra sua,
Com que a daquella empreza restitua.

Lembrou-lhe entaõ do espia o que contaua
De dom Ioaõ de Ozores o guerreiro,
Filho do Mestre a que elle tanto amaua,
E tinha em Badajoz por seu fronteiro,
Secretamente, logo imaginaua
Mandar de Portalegre hum mesageiro
Desafiallo, a prazo concertado,
Ou só, ou de alguns seus acompanhado.

Determinado em fim as redeas vira
Com o valeroso irmaõ (que descontente,
Tambem do mao successo se partira,
Porque trazia intento differente)
Logo em chegando a noite se retira
Com o desenho que traz, impaciente
A carta escreue, espera o nouo dia,
Que quem tais ancias tem, vela, e vigia.

CAN-

CANTO IIII.

ElRey dom Fernando ſabendo o deſafio de Nunalures o impede. Vem ſobre Lisboa huma armada de Caſtella el Rey paſſa ás terras d'entre o Tejo, e Guadiana, para offerecer batalha ao inimigo e deixa por defenſor da cidade o Prior dom Pedralues Pereira com ſeus irmãos: Dom Nunalures ordena huma cilada aos da armada Caſtelhana.

IA eſcondido o lume das eſtrellas,
Se ergue d'entre as ondas prateadas
De Dafne o louro amante, e deixa nellas
De ſeus rayos as ſombras debuxadas:
Ia ſe moſtraõ na terra as couſas bellas,
E as aues de mil cores eſmaltadas
Com innocente, alegre, e vario canto
Feſtejaõ a manhã, que eſtimaõ tanto.

Quando o Pereira ouſado ſe aleuanta
Contente de cuidar no fim que eſpera,
E hum dos ſeus que entre os outros ſe adianta,
Que elle na preſunçaõ logo eſcolhera,
Manda á preſſa chamar: mas naõ ſe eſpanta
O criado de ouuir o effeito a que era
Antes com aluoroço toma a carta,
E a ſeu ſenhor anima antes que parta.

Era pouca diſtancia a que partia
Os fronteiros, chegou, deu ſeu recado,
Abrio o moço a carta, que dizia
Com brando termo, humilde, e confiado:
Illuſtre capitaõ cuja ouſadia,
E valor he no mundo, tam louuado,
Que o que vos naõ eſtima, e vos naõ ama
Será de inueja ſó de voſſa fama.

Eu

Eu hum ſoldado honrado, cobiçoſo
De ſer neſta fronteira conhecido
Onde eſtou a meu peſar tam ocioſo,
Como ſou para tregoas mal ſofrido;
De voſſo nome claro, e valeroſo,
Que me tem dante mão quaſi vencido
Obrigado; deſejo de mais perto
Prouar o que tem todos por tam certo.

Em campo, ou ſeja igual, ou differente
Moſtrar quéro o valor de minha eſpada
Com voſco, ou ſô por ſó, como valente,
Ou ſeja dez por dez numa eſtacada,
Se deſte meu deſejo ſois contente,
Pois faltar naõ vos deve gente armada
As armas me aſſinai, o campo, o dia
Que eſſe terei ſómente de alegria.

Deſejoſo de nome o Caſtelhano,
Que era de animo illuſtre, e leuantado,
Reſpondeo ao meſſageiro Luſytano,
Que eſtá para a batalha apparelhado,
Hum fica alegre, o outro volta vfano,
Por trazer ao ſenhor taõ bom recado,
Que de dez contra dez a briga aceita;
Cada hum de ſeus amigos ſe aproueita.

Porem ſe na primeira occaſiaõ
Naõ pode executar eſta vontade
O famoſo Pereira; porque entaõ
Ouue nos capitaẽs contrariedade,
Neſta achou mais peſada a ſujeiçaõ
Que de todo lhe tira a liberdade,
Que o Rey do deſafio teue a noua,
E eſcreuendo ao Prior o campo eſtroua.

Man-

Manda que eſte combate logo impida
Porque elle em algum modo o naõ conſente,
E com o irmão que ás armas ſe conuida,
Para a corte ſe parta em continente;
Bem conhece o Prior quaõ mal ſofrida
Será de Nuno a noua differente,
Mas por ſeruir ao Rey como lhe deue,
Deſpedillo procura em tempo breue.

O irmaõ que ja tem todo o concerto
Que para aquella empreza lhe conuinha,
E que deſeja o prazo ver mais perto
Por moſtrar ſeus intentos mais aſinha,
Tendo a licença, e campo por tam certo,
Como certa a vontade do irmão tinha
Neſta ceſaõ com ſizo, e com reſpeito,
Lhe dá conta de tudo o que tem feito.

E diz-lhe em fim, ſabeis que eſte começo
He ſenhor honra noſſa que ſe acabe,
Naõ me tenhaõ por vil, de pouco preço
Em quem esforço, em quem valor naõ cabe,
Com noue companheiros me offereço
De que eu fio que o imigo ſe naõ gabe
Para que parta, và, peleje, e vença
Falta ſenhor, e irmão voſſa licença.

O Prior lhe reſponde alegremente
Voſſo valor irmão conheço, e vejo,
Mas tem eſta obra o fim mui differente
Porque hoje impede elRey voſſo deſejo;
Elle me eſcreue, e diz que naõ conſente
O que eu mais eſtimaua, e mais deſejo
Que era deſte ſucceſſo aver vitoria,
E dar aos Portugueſes nome & gloria.

Fi-

Ficou o bom Pereira embaraçado,
Tendo a nouà razaõ por desconcerto,
E crê que só do irmão era estoruado,
Por o ver do perigo estar taõ perto:
No fero aspeito, e rosto perturbado,
Este segredo estaua descuberto,
O prior que a sospeita bem lhe entende,
Manifestando a carta se defende.

Vendo entaõ que do Rey era impedido,
E que por carta sua o estoruaua,
E que com outro intento naõ sabido
A elle e seus irmãos chamar mandaua,
E que era entre os fronteiros conhecido,
A forçosa razaõ porque faltaua,
Dissimulando o seu desgosto e pena,
Para a partida, a seu pesar, se ordena.

Esperando do tempo outra mudança,
No que o desejo aidente lhe pedia
Se parte, com leuar falsa esperança
De que o Rey, que o chamaua o mandaria,
Porem naõ acquieta, e naõ descança,
Com sospeitar mil vezes que seria
Entaõ de seus imigos mal julgado,
Que he mui escrupuloso hum peito honrado.

Chegaraõ a Lisboa os caualeiros,
(Só Nunalures d'entre elles descontente)
E o Rey que estimar sabe a tais guerreiros,
Os recebeo com honra alegremente
Com os olhos vagarosos lisongeiros,
Lhe grangea as vontades igualmente,
Beijaõlhe a mão prostrados de giolhos,
E a todos contentaua el Rey com os olhos.

E voltando-os a Nuno lhe pergunta,
Em que eſtado deixara a ſua empreza,
Mas elle ardendo as ſobrancelhas junta
Errizando os cabellos de braueza,
A cor do roſto palida, e defunta,
A dos olhos de ardente fogo aceſa,
O Rey que taõ irado e moço o via
Riſonho eſtas palauras lhe dizia.

Que vos moueo Nunalures a eſte intento
Nacido do feruor de voſſa idade?
Que afronta? que vingança? ou penſamento.
O coraçaõ vos moue, e perſuade?
Fazieis, por ventura, fundamento
De dar a execuçaõ eſſa vontade,
Ou ſabieis o effeito deſta minha,
Que para vos poupar taõ certo o tinha?

O valeroſo moço lhe reſponde
Mais na voz que no peito ſocegado,
Que a paixaõ, e o valor que nelle eſconde
Cada hum faz ſeu effeito coſtumado:
Naõ ſei, alto ſenhor, o como, e donde
Mereci ſer de vos taõ maltratado,
Senaõ he que com ſer grande e ſobejo,
Só por mim deſmerece o meu deſejo.

Nem eu naci de pai tam pouco ouſado
Que buſque por me honrar guerra fingida
Nem dei moſtras tégora de ſoldado
Que faltaſſe à palaura prometida,
Nem deixara o meu prazo concertado
Por pai, nem por irmãos, nem pola vida
Senaõ por vos, em cuja alta preſença
Venho humilde a pedir noua licença.

O

O que me deu esforço e ousadia
Foi vossa pertençaõ, e o meu desejo
Com quem tenho batalha cada dia
Porque ja vos naõ siruo, e naõ pelejo,
Polos impedimentos que la via,
E pola obrigaçaõ que ante vos vejo
Procuraua mostrar esta lembrança
Onde eu fosse o senhor da minha lança.

Lembrauaõ-me as merces que recebeo
De vos meu pai e irmãos com honra, e renda
E que deixando a terra polo ceo
Seruiruos me deixou por encomenda,
Naõ me desconheci, nem me esqueceo
Que honra, nome, poder, casa, e fazenda
Vos ma destes senhor, que tudo he vosso
Que eu nem quero negar, nem menos posso.

Sei bem que por seruiruos visto, e trago
Estas armas pesadas, e ociosas.
Sei que esse mestre vão de Santiago
Offende as vossas quinas poderosas.
Sei que tem feito, e faz continuo estrago
Nas terras de Alemtejo mais fermosas
Quando os vossos naõ via accometelo
Este meo buscaua de offendelo.

Porque sei que deseja, estima, e ama
Hum fillio que ali tem por seu fronteiro.
Que entre nos apregoa a varia fama
Por destro, ousado, e forte caualeiro;
Eu com este desejo que me inflama
De me mostrar vassallo verdadeiro;
No qual mais que nas forças me confio
O mandei conuidar ao desafio.

Com tençaõ que se a sorte mal segura
Me mostrasse vitoria da peleja
Vos vingaua do mestre, que procura
Ver neste filho o bem que mais deseja:
E quando ali morresse por ventura
Poderá a meus irmãos deixar enueja
Mostrando, que o menor com gloria tanta
Em pôr por vos a vida sé adianta.

Este era alto senhor meu pensamento,
Que ser mal recebido naõ merece
Daime, pois he razaõ, consentimento,
Para este bem que a sorte me offerece;
Naõ cuide o inimigo, que o intento
Com que me offereci ja me falece,
Ou que queixoso em vão para vos venho
Buscando os companheiros que ja tenho.

Deixai-me ir a buscar este inimigo,
Que a vosso nome offende cada dia,
Naõ vos ponha receo o meu perigo,
Que mais ao Castelhano se deuia,
Entre os noue dos seus, que traz comsigo:
Oxalá venha o pay na companhia;
(Permitta o claro ceo que isto aconteça)
Que eu vos presentarei delle a cabeça.

O Rey que via o moço que indinado
Mostraua nas razões, no gesto, e rosto,
Aquelle leal animo esforçado
A todo o risco, e trance taõ disposto,
Com voz serena o rosto leuantado
Lhe diz, mostrando nelle graça, e gosto,
Socegai-uos Nunalures que eu conheço
Vossa tençaõ, vossa honra, e vosso preço.

A fé que me moſtraes, e a lealdade,
Eu ſei que he de vontade não fingida,
Eya (ſe hum Rey merece por vontade)
Eu de muy longe a tenho merecida;
Sey que voſſo valor, honra, e bondade,
Faz com que deſprezeis a propria vida,
E me deſejeis dar o riſco della
A deſſe ouſado meſtre de Caſtella.

Couſa dina de vos, e que ſe eſpera
De quem ſahio a hum pay taõ valeroſo,
Cujo conſelho, e braço o melhor era
Para o caſo mais arduo, e duuidoſo:
Menos do valor voſſo nunca crera,
Que dar fim a hum começo taõ honroſo,
Nem eu eſpero menos de hum criado,
Que com tanta affeiçaõ tenho obrigado:

O tempo vos dará ſinal muy claro
De quanto preço tem voſſo deſejo,
E nenhum me fará que ſeja auaro
Da honra, e do lugar que vos deſejo,
De voſſo animo forte, illuſtre, e raro
Muito mayores couſas ſinto, e vejo;
Neſta agora porém em que eſtais poſto,
Eſtá voſſo querer contra meu goſto.

E porque eſpero cedo aleuantaruos
Em cargos de mór pezo, e de mais conta,
Naõ quero facilmente auenturaruos
Em couſa que a meu Reyno pouco monta;
E quando voſſo Rey mandou chamaruos
Faltar ao prazo em nada vos afronta,
Outro tempo auerá, outra occaſiaõ
Em que ante mim moſtreis voſſa tençaõ.

A seu pesar Nunalures conuencido
Mostra que lhe obedece, mas procura
Por todos os caminhos seu partido,
Que nenhuma desculpa o assegura:
Como imagina, e crê que está perdido,
Tenta por varios modos a ventura,
E de quantos inuenta e considera,
Só neste meo achar ventura espera.

Iunto com os fortes muros da Cidade
Està huma grossa armada de Inglaterra,
Que por liança antigua, e irmandade,
Vem à ajudar aos nossos nesta guerra,
Gente traz de valor, honra, e bondade,
Com o conde de Cambri da propria terra
Que por general vem da frota Ingreza.
E occultamente traz mais alta empreza.

Entra num barco Nuno o destemido,
E busca o Conde Aymon muy confiado,
Do qual foy brandamente recebido,
E do bom Condestabre agasalhado,
Era delles amado, e conhecido.
Por animoso, nobre, e bom soldado,
E tinhaõ ja noticia da peleja,
Qu'o Rey lhe impede, e elle em vão deseja.

Fauor lhe pede nesta occasiaõ,
Que com seu Rey lhe valha o estrangeiro,
Naõ ouue mister larga informaçaõ,
Que bem conhece o Conde o caualeiro,
Offerecelhe a sua intercessaõ,
E serlhe em a batalha companheiro,
Ia o batel armada desaferra,
Saluaõ trombetas, saltaõ logo em terra.

Po-

Porém pouco importou toda a valia
Do valeroſo Ingres, que naõ faltaua,
Que o Rey daquelle intento o diuertia,
Dando a razaõ que a Nuno mais honraua;
Dizlhe que auenturallo naõ queria,
Que para mores couſas o guardaua,
Que era menor a honra, que o perigo,
Que podia tirarſe do inimigo.

Ficou cada qual delles ſatisfeito
De conhecer o fim deſta vontade,
E o Rey cobrou de nouo mor conceito
Daquelle esforço ſeu, honra, e verdade
Só Nuno andaua triſte, e no ſeu peito
Soſpira pola amada liberdade,
Que a valeroſos animos ſe deue
E chama venturoſo a quem a teue.

Ah, diz, vil ſugeiçaõ, que tanto obriga
Hum coraçaõ leal forte animoſo,
Rigoroſa priſaõ, baixa inimiga
De qualquer peito illuſtre, e valeroſo;
Sempre dos ſabios foi ſentença antiga,
Que o ouro menos vale ao cobiçoſo
Que ao forte a liberdade, cujo preço
Eu por meu dano agora ja conheço.

Se a Anibal por ſorte acontecera
Obedecer a hum Rey deſconfiado
Seu animo immortal que lhe valera,
E ſer tal capitaõ como ſoldado?
Nem os Alpes com fogo desfizera,
Nem Roma por ſeu mal o vira armado,
Que quem a outro querer viue ſujeito
Qual he ſeu capitaõ tal he ſeu feito.

Mal

Mal Leonidas forte, e valeroſo
Com quatro mil dos ſeus ſe auenturará
A aquelle feito agora taõ famoſo,
Sahindo com a empreza que tomára
Mal de Xerſes o campo numeroſo
Num eſtreito lugar desbaratára,
Se outrem, que o riſco, e trance mais temia
Lhe podera atalhar eſta ouſadia.

Que val eſte deſejo que me incita?
Eſte valor, e esforço que me monta?
Se onde eſperei ganhar honra infinita
Quem me deue animar, eſſe me affronta,
Mas o bom Macedonio me acredita
Que tinha hũ campo armado em menos conta
De Leões, ſendo hum ceruo capitaõ
Do que hum de ceruos ſendo o Rey Leaõ.

Ah braços Portugueſes taõ temidos,
Quem qual a mim vos prende, e vos acanha?
Que de hum receo vil andais vencidos,
Naõ ja deſſes leões da braua Heſpanha,
Ajudaime famoſos, e atreuidos.
Vamos liures entrar na terra eſtranha,
Naõ baſte o Rey que agora nos gouerna,
A que percais no mundo a fama eterna.

Mas em quanto eſta dor no peito encerra,
O Rey noutros deſenhos occupado,
Ajunta a flor da Luſytana terra,
Para nas de Ioaõ moſtrarſe armado,
Ia por todas as partes ſoa a guerra,
Tudo eſtá de tambores occupado,
Ia mouem as luſtroſas companhias,
Por onde o Tejo eſpalha as ondas frias.

Ia marcha a gente Ingreza de Lisboa,
E o conde de Cambri general della,
No pendaõ por diuiſa huma coroa,
Que o irmaõ Duque aſpira a de Caſtella,
Naõ ſe vê deſarmada huma peſſoa,
Polla praya do Tejo rica, e bella,
Em Santarem deſcanſa o Rey Fernando,
E de barcos faz ponte ao Tejo brando.

A cidade ſicou com força, e gente,
Que defendeſe os muros, e os cubellos,
E o claro capitaõ forte, e prudente,
Gonçalo Mendez he de Vaſconcellos.
Que inda que hum termo vſou muy differente
Em que mais naõ tratou, que em defendellos
Seu peito de valor, e esforço cheo
Ia mais ſe ſujeitou ao vaõ receo.

Eis que partindo o Rey neſta vontade
Huma poſſante armada de Caſtella,
Lançando ferro á viſta da cidade,
Trata por mil caminhos de offendella;
E com huma temeraria liberdade,
Queima os burgos d'Almada e de Palmela
Os Paſſos de Enxobregas que el Rey tinha,
Frielas, Villa noua da Rainha.

Bem intenta o pouo Luſytano,
Liurar os arrabaldes deſta offenſa,
Se o capitaõ por falta ou por engano,
Lhe naõ tiuera as armas, e a licença,
Te que ſintindo a terra o grande dano,
Reuolta em confusões, e em differença
Fez ſabedor ao Rey do que paſſaua,
Culpando ao Vaſconcellos qué a guardaua.

Fer-

Fernando de honra, e de ira commouido
O capitaõ tirou como indinado,
Eſcolhendo o Prior forte, e temido,
De ſeus claros irmãos acompanhado,
De quem tem ja por obras conhecido,
Que alem de eſtar ſegura em ſeu cuidado
A cidade de aſſaltos temerarios,
Amanſaria a furia dos contrarios.

Chamar manda o Prior que perto eſtaua,
A quem logo deſcobre eſta vontade,
Como com ſeus irmãos elle o mandaua,
Por defenſor e amparo da cidade;
Em quanto as ferteis terras ſe paſſaua,
Que Sertorio habitou ja noutra idade,
A pôr em armas as gentes que taõ cedo
Fez recuſar as armas o Azeuedo.

E alem de fundar nelle a confiança,
Manda que a ſeus irmãos leue conſigo
Em cujo esforço tem certa eſperança,
Que a Cidade defendaõ do inimigo,
Pois com a muita eſtreita veſinhança,
A punha cada dia em grão perigo,
Tras iſto lhe dá a ordem, e a maneira
Que ha de ter no gouerno o bom Pereira.

O Prior dom Pedralures, que da fama
De ſeus antepaſſados naõ ſe afaſta,
E quer moſtrar ao Rey que o honra, e ama
Seu esforço, e valor a quanto baſta;
Aos Irmãos valeroſos logo chama
Poſto que niſto o menos tempo gaſta,
O mandado do Rey lhes manifeſta
Noua a todos os ſeus de goſto, e feſta.

Bei-

Beijaõ a mão ao Rey no mesmo dia
Armados os Pereiras valerosos,
E partem nesta amada companhia
Igualmente contentes, e animosos:
Duzentas lanças saõ, cuja ousadia
Podem temer exercitos famosos
Escolhidos, guerreiros excellentes
Todos irmãos, vassallos, e parentes.

Seis irmãos, que de Marte o fero jogo
Armados exercitaõ de aço fino,
Pedro, Ioaõ, Rodrigo com Diogo,
Fernando, e Nuno, entre elles o mais dino;
Dous tios seus que a ferro, sangue e fogo
Trazem o reyno Hispano de contino,
Que saõ Rodrigo, e Aluaro Pereira
E outros que do Prior cobre a bandeira.

Ia se apartaõ da villa, e com cuidado
Vaõ caminhando ao lume de Diana,
Quando hum correo ali lhe da recado,
Assas alegre à forte gente vfana,
Que no termo de Cyntra estaua entrado
Hum capitaõ da armada Castelhana,
Que hia roubando os campos liuremente
De mantimentos, gados, e de gente.

O quanto os aluoroça o messageiro,
Que tal noua lhes deu? quanto os conuida!
Aluiçaras lhe dera o bom guerreiro,
Que a noua mais estima, e mais duuida
E tomando o caminho que primeiro
Os guia aquella parte conhecida,
Manda o Prior da gente assas ousada
Lançarlhe no caminho huma cilada.

Po-

Porém os descuidados corredores,
Que com a preza estaõ no campo alheo
Sem ter dos miseraueis lauradores,
Nem piedade alguma, nem receo;
Quando dos Portuguefes vencedores
Sentiraõ o tropel, de esforço cheo,
Por saluarem d'entre elles liure a vida,
Poseraõ o remedio na fugida.

Eraõ muitos porem tam pouco ousados
Que nem rosto tiueraõ ao perigo,
Deixaõ as proprias armas, deixaõ gados
Porque vaõ tendo o passo do inimigo;
Mas quando mais seguros, e apartados
Entaõ acharaõ perto o seu castigo
Que dando na cilada que os espera
Cada hum se arrependeo do que correra.

Só a prisaõ de alguns que estaõ feridos
A rigorosa morte entaõ lhe estroua,
E se alguns escapáraõ vaõ fugidos
Leuar tristes aos seus taõ triste noua,
Os Pereiras tam fortes, tam temidos
Que naõ tem por estranha aquella proua
Entráraõ na Cidade ja triunfando,
E logo a noua foi ao Rey Fernando.

Logo o temor entrou, logo a cautela
Na Castelhana frota, e na Cidade
Mais liure a confiança de offendela,
Podendo accometer com liberdade,
Escaramuças ha da parte della,
Que os imigos ja vem de má vontade
Que a que trazem de guerra os bons Pereiras
Lhes tenge em sangue as lanças, e as bandeiras.

Os

Os noſſos Portugueſes vencedores
Com recontros, e entradas que faziaõ
Dauaõ animo aos ſeus, dauaõlhe cores,
Que ja outros no aſpeito pareciaõ;
Ouuindo o ſom guerreiro dos tambores
Todos aluoroçados acudiaõ
Com armas e vontades á peleja
Mouendo ós corações honroſa inueja.

Nuno Alures porem naõ ſe contenta
Deſta fraca vingança, que tiuera
Mil deſſenhos na idea repreſenta,
Para ver do inimigo o fim que eſpera:
Bem tomára paſſar qualquer tormenta
Com que hum dia ſó lhe amanhecèra
Em que ſentiſſe o brauo Caſtelhano
De ſeu braço, e valor notauel dano.

Tomou de parte hum dia a ſeu cunhado,
Que Pedro Affonſo do Caſal ſe chama,
Caualleiro nas armas muy prouado
Marido de huma irmã, que elle mais ama,
Por fiel o conhece, e por ouſado
Cobiçoſo tambem de nome, e fama,
Deſcobrelhe o deſejo que trazia,
E o que mais lhe inſinaua a fanteſia.

Diz que determinaua occultamente
Lançar ao outro dia huma cilada
Ao amigo que às vinhas liuremente
Vinha o fruito colher de madrugada:
Conta que tem para iſto pouca gente
Mas de armas, e vontades apreſtada,
Que por qual lhe conhece a natureza,
Folgâra de o leuar na meſma empreza.

Reſ-

Responde o do Casal, que muito estimà
Lembrarlhe para hum feito taõ honroso.
Ia se abraça com elle, ja se anima,
Ia se antecipa hum fim muy venturoso,
E porque no exercicio desta esgrima
Elle naõ sofre estar muito ocioso
Ia vai tratar de arnes, couraça, e malha,
Perguntandolhe as horas da batalha.
Porém naõ madrugou como conuinha,
Ou por querer leuar outros comsigo,
Ou porque a sorte entaõ guardado tinha
Para Nunalures só tanto perigo:
Mas de tal modo o ceo tudo encaminha
A quem he de valor, e d'honra amigo
Que tarde a tempo vem tam desejado
Que deu vida, e socorro a seu cunhado.
Elle que armado vela a noite inteira,
E está medindo as horas c'o desejo,
Qualquer piquena estrella que ligeira
Fere as ondas que espalha o mar no Tejo;
Da manhã lhe parece a luz primeira
E chama os seus, que com feruor sobejo
O saboroso sono deixaõ logo
Por ir exercitar de Marte o jogo.
E com quanto inda a noite se adormece
Sobre os braços da terra reclinada,
E qualquer luz de estrella que apparece
Naõ dá sinal da aurora desejada;
Hum com cobiça as horas desconhece
Outro reprende a leue madrugada
Mas todos se armão logo diligentes,
Aluoroçados, firmes, e contentes.

Em

Em quanto ſe arma a gente, e ſe deſuela
O tenro capitaõ ja por coſtume,
Faz deuota oraçaõ a pura eſtrella
De quem naceo o ſol que he noſſo lume,
Só quer leuar conſigo o fauor della
Para entrar na batalha; pois preſume,
Que ſó com ſeu fauor vencer podéra
Quanto rodea o Sol na noſſa esféra.

Depois com vinte e quatro de cauallo,
E trinta homens de pé que armados tinha
A horas que ninguem poſſa encontralo
Para a ponte de Alcantara caminha,
E ſem fazer com os guardas grande abalo
Porque ao ſecreto effeito lhe conuinha
Entre huns barrancos altos embrenhados
Se encobriraõ nas vinhas com os valados.

Ia do ſol os cauallos corredores
Vinhaõ tirando o carro do Oriente
Soprando a noua luz, e dando as cores
A verde terra, e mar reſplandecente;
Quando os noſſos guerreiros vencedores
Que vigiando eſtaõ a incauta gente
Vem a bordo hum batel, e antes que ſaya
Vinte ſoldados ſeus ſaltaõ na praya.

Mais vinhaõ para o furto concertados,
Que para peleijar eſtes guerreiros
De arnezes, e de lanças mal armados,
Só para fugir bem, vem mais ligeiros:
E inda niſto naõ ſaõ pouco auiſados,
Pois contra os vinte e quatro caualleiros
Naõ tem outro remedio mais ſeguro
Que porem contra a morte o mar por muro.

Deſ-

Destes depois que entrárao, ledamente
Do sabroso fruito cobiçosos
Andaua cada hum ledo, e contente,
Colhendo os roxos cachos saborosos:
E o forte Nuno espera que mais gente
Da armada saya áquelles de inuejosos
Com tam poucos naõ quer perder a caça,
Antes na vinha os deixa por negaça.

Porem depois que vio q̃ outros naõ vinhaõ,
E esses poucos das vuas carregados
Para o batel contentes encaminhaõ,
Arremete Nunalures aos soldados:
Os seus tras delle entaõ naõ se detinhaõ
Com impeto, e furor desatinados
Atras dos Castelhanos vaõ seguindo,
E elles vaõ dando vozes, e fugindo.

Naõ entraõ no batel que tem defronte,
Para remedio ás ondas se lançaraõ,
Que temem ver a barca de Acheronte
Se em taõ estreito passo se embarcauaõ:
Saluáraõse na armada, que está ponte
Passaraõ, a seu risco, os que nadauaõ,
Outros debaxo da agoa se esconderaõ
De modo que outras vuas naõ comeraõ

Recolhe Nuno os seus no mesmo posto
Praticando do salto, e da fugida,
Zombando cada hum com riso, e gosto
Do que comprara as vuas pola vida;
Hum diz que foi vinagre aquelle mosto
Sobre o qual agoa tanta tem bebida,
Outros diz que o nadar foi grande acerto
Para quem ja sentia o fogo perto.

Em

Em quanto elles zombando ſe empregáraõ
Em tratar dos guerreiros fugitiuos,
Os que na frota a nado ſe ſaluáraõ
Ia com o perdido alento pouco viuos,
Seu mao ſucceſſo em lagrimas contáraõ
E os capitães da armada vingatiuos
Fazendo muy pezada aquella injuria,
Enchem todos os ſeus de esforço e furia.

Sahiraõ logo em barcos muy ligeiros
Bem armados duzentos e cincoenta,
Fora gente de fundas, e bèſteiros,
Que em eſquifes pequenos arrebenta:
E Nuno quando os vio vir taõ guerreirros,
Que he o que mais o anima, e o contenta
Aos ſeus com alegria vira o roſto,
E diz cheo de amor, deſejo, e goſto.

Companheiros, e amigos valeroſos
Portugueſes leais, fortes ſoldados.
Ia naõ temos razaõ de eſtar queixoſos
Nem de andar eſcondidos, e embrenhados;
Ia vejo os Caſtelhanos animoſos,
Que viraõ ir aos ſeus tam maltratados,
Vir com deſejo à terra por vingança
E acabar de comprir noſſa eſperança.

Dai louuores ao ceo que á viſta temos
E jà no campo a honra que buſcamos
Naõ vos eſqueça o intento que trazemos
E a preza que eſcondidos eſperamos:
Naõ cuidem que de os ver nos eſcondemos
Quando para os buſcar nos concertamos
Em lugar da vingança leuem pago,
Animo ó caualeiros, Santiago.

Vamos a elles, que eu ſerei primeiro
Em tingir eſta lança, e eſta eſpada,
Deixai-me ſer o voſſo auentureiro,
Que eu farei por entre elles larga eſtrada,
Pois me tomaſtes ja por companheiro
Naõ me deixeis na empreza começada,
Seguime ou por amor, ou por inueja,
Que o noſſo nome eſtà neſta peleja.

Que ſe ha na multidaõ deſigualdade,
He para ganhar nome o mor acerto,
Que o numero naõ val contra a bondade
Como aos mais de vós lhe he deſcuberto;
Tempo he que executeis hoje a vontade
Que contra elles moſtraueis de mais perto,
Que do perigo mór, mais certa a gloria,
E de mais inimigos, mór vittoria.

O valeroſo animo e conſtante
Se aleuanta, onde o fraco ſe deſmaya
Pouca ha a gente, e vil que eſtá diante,
Pois naõ occupa a toda a branca praya,
Deſembarque eſſa armada taõ pujante,
Toda contra eſtes poucos ſe arme, e ſaya
Tiraraõ com mais força os ſeus reuezes
Voſſos valentes braços Portugueſes.

E naõ porque dos meus deſconfiança
Tenha para vencer ſua ouſadia,
Deixo já de tingir em ſangue a lança,
E alcançar a vittoria deſte dia;
Mas porque tenho amigos na lembrança
Que viemos aqui de companhia,
Faço de minha gloria menos conta,
Só polla naõ comprar com voſſa afronta.

Atras deſtas palauras concertaua
A lança, ja na ſella ſe aſſegura,
Alegremente a todos conuidaua
A prouarem as armas, e a ventura,
E vendo que nenhum ſe auenturaua,
Antes voltar atras buſca, e procura,
As redeas recolhendo, os rogos proua,
Que com rezoẽs ſem fruto lhes renoua.

Porem como o temor os ſenhorea,
Vendo a multidaõ grande, que ſe offerece
Por mais que com razões todos grangea
Nenhum para tal obra lhe obedece
Cada qual olha o outro que recea,
E ſó a quem o esforça deſconhece,
Elle em ira ardendo brande a lança
Naõ ſabe ſe dos ſeus tome a vingança.

Pede, roga, aconſelha, e ameaça,
E em quanto ſe detem neſta porfia,
Os caſtelhanos vem tomando a praça,
Com grande grita, eſtrondo, e vozaria,
E tendo por ligeira aquella caça,
Correndo a qual primeiro chegaria,
Vem buſcar a Nunalures que em ſeu poſto,
Só ao inimigo tem virado o roſto.

Dos ſeus ſe aparta; e logo determina
Morrer como valente pelejando,
Porque tem por fraqueza, e couſa indina,
Voltar para onde o elles vaõ guiando,
Só quer ter a batalha, ſó ſe inclina
A acometer o eſpeſſo, e fero bando
Aprouando o cuſtume por ſeſudo,
De trazer, ou tornar no meſmo eſcudo.

CANTO V.

Peleja Nunalures com os Castelhanos junto da ponte de Alcantara. El Rey dom Fernando recolhe as gentes das fronteiras d'entre Tejo e Guadiana, e assenta seu real entre Eluas, e Badajoz aonde Nunalures de improuiso apparece por se achar na batalha, a qual estando emprazada recusa o Rey Castelhano. Fazem-se pazes morta a Rainha de Castella se trata o casamento da Princesa dona Brites, em cujas vodas acontece a Nunalures huma auentura: Vai-se pera entre o Douro e Minho, donde com a morte del Rey dom Fernando vem a se achar nas suas obsequias: Mouem-se as alterações, e bandorias sobre a successaõ do Reyno.

AOnde está conhecida a honra, e fama
Posto que a vida esteja perigosa,
Naõ na sabe estimar, quem busca e ama,
Entre os homens memoria gloriosa,
Que no repouso em fim da branda cama,
E na vida do mundo mais sabrosa,
Tanto executa a morte o seu castigo,
Como na mor batalha, e mor perigo.

Diga o fermoso Adonis se temia
Algum perigo humano quando estaua
Entre as flores que a deosa lhe colhia,
Em que os lasciuos membros reclinaua,
Ao sol fazendo inueja, adormecia,
Ao som da clara fonte que passaua,
Quando o porco ferox, e denodado,
Esmaltou com seu sangue o verde prado.

Quan-

Quando com mor ſabor andaua á caça
Acteon deſpreſando a vida vrbana,
E vio no banho a fermoſura, e graça
E a belleza dos membros de Diana,
Tocado da agoa pura, que ameaça
Aquella culpa, que o deſejo engana,
Em ceruo foi da deoſa conuertido,
E dos ſeus proprios cães morto, e comido.

Comodo no banquete pereceo,
E Alexandre depois que o mundo abarca,
Ceſar entre os amigos que eſcolheo,
Depois que delle todo foi Monarcha:
Se nenhum goſto em fim ſe deffendeo
Da dura, inexorauel, fera parca,
Diſculpa tem, quem deſprezando a vida
Nos perigos naõ pôs taxa, ou medida.

O noſſo caualleiro que conhece
Quanto he o premio delles differente
Só com huma lança armado ſe offerece
A aquella multidaõ de armada gente,
E o ceo que ja eſtima, e fauorece
Aquelle ſpirito, e animo excellente
Fez conhecer aos ſeus, e a todo o mundo
Seu esforço ſem medo, e ſem ſegundo.

Forte ſobre os eſtribos arreméte
A receber a gente que entaõ chega,
E em ſentindo as eſporas o ginete
Ao perigo aſſolto ſe naõ nega,
Por entre imigas lanças accométe
Obrigado da furia incauta, e cega
Triſte do que eſperou o encontro forte
E lhe naõ vio na lança a propria morte.

Nem

Vamos a elles, que eu ſerei primeiro
Em tingir eſta lança, e eſta eſpada,
Deixai-me ſer o voſſo auentureiro,
Que eu farei por entre elles larga eſtrada,
Pois me tomaſtes ja por companheiro
Naõ me deixeis na empreza começada,
Seguime ou por amor, ou por inueja,
Que o noſſo nome eſtà neſta peleja.

Que ſe ha na multidaõ deſigualdade,
He para ganhar nome o mor acerto,
Que o numero naõ val contra a bondade
Como aos mais de vós lhe he deſcuberto;
Tempo he que executeis hoje a vontade
Que contra elles moſtraueis de mais perto,
Que do perigo mór, mais certa a gloria,
E de mais inimigos, mór vittoria.

O valeroſo animo e conſtante
Se aleuanta, onde o fraco ſe deſmaya
Pouca ha a gente, e vil que eſtá diante,
Pois naõ occupa a toda a branca praya,
Deſembarque eſſa armada taõ pujante,
Toda contra eſtes poucos ſe arme, e ſaya
Tiraraõ com mais força os ſeus reuezes
Voſſos valentes braços Portugueſes.

E naõ porque dos meus deſconfiança
Tenha para vencer ſua ouſadia,
Deixo já de tingir em ſangue a lança,
E alcançar a vittoria deſte dia;
Mas porque tenho amigos na lembrança
Que viemos aqui de companhia,
Faço de minha gloria menos conta,
Só polla naõ comprar com voſſa afronta.

Atras

Atras deſtas palauras concertaua
A lança, ja na ſella ſe aſſegura,
Alegremente a todos conuidaua
A prouarem as armas, e a ventura,
E vendo que nenhum ſe auenturaua,
Antes voltar atras buſca, e procura,
As redeas recolhendo, os rogos proua,
Que com rezoẽs ſem fruto lhes renoua.

Porem como o temor os ſenhorea,
Vendo a multidaõ grande, que ſe offerece
Por mais que com razões todos grangea
Nenhum para tal obra lhe obedece
Cada qual olha o outro que recea,
E ſó a quem o esforça deſconhece,
Elle em ira ardendo brande a lança
Naõ ſabe ſe dos ſeus tome a vingança.

Pede, roga, aconſelha, e ameaça,
E em quanto ſe detem neſta porfia,
Os caſtelhanos vem tomando a praça,
Com grande grita, eſtrondo, e vozaria,
E tendo por ligeira aquella caça,
Correndo a qual primeiro chegaria,
Vem buſcar a Nunalures que em ſeu poſto,
Só ao inimigo tem virado o roſto.

Dos ſeus ſe aparta; e logo determina
Morrer como valente pelejando,
Porque tem por fraqueza, e couſa indina,
Voltar para onde o elles vaõ guiando,
Só quer ter a batalha, ſó ſe inclina
A acometer o eſpeſſo, e fero bando
Aprouando o cuſtume por ſeſudo,
De trazer, ou tornar no meſmo eſcudo.

Vamos ao ſoccorrer que já me peza
Da vida que ſem gloria me deixou,
Seguime ó gente amiga Portugueſa
Que eu ſigo ao capitaõ que me guiou;
Niſto batendo os dentes de braueza
Entre as imigas armas ſe lançou
Fazendo mil encontros na peleja
Dinos de tanta fama, como inueja.

Chegou rompendo á força do perigo
Aonde ainda Nuno em terra faz batalha
E como bom, fiel, e forte amigo
Com obras, e razões ſeu dano atalha,
Matai ſenhor, dizia, que eu me obrigo
Que nem eſſa priſaõ em que eſtais valha
A multidaõ de imigos que o mar bota
Que pouco he para nos toda eſſa frota.

O Pereira esforçado que já achára
Quem ſeguiſſe em tal paſſo o ſeu intento
Dobra os pezados golpes; moſtra clara
Proua de ſeu valor, e ſufrimento:
Bem moſtra que ſe o pé deſenlaçára
Teuera em pouco tempo o vencimento
Porem ſomente os fortes braços muda
Quando em ſocorro o Ceo lhe manda ajuda.

A' redea ſolta vem tres caualleiros,
Que bem foraõ dos noſſos conhecidos
A quem ſeguem na praia alguns guerreiros
Com ameaças, gritos, e alaridos:
Eſtes rompendo as lanças nos primeiros
Que eſtauaõ de fugir mais eſquecidos
A Nuno Alures ſocorrem neſte enſejo,
Que ſempre o Ceo valeo a hum bom deſejo.

Diogo

Diogo Alures Pereira o valeroſo
Era, e Fernam Pereira o esforçado
Irmãos do moço ouſado, e animoſo,
A quem o eſtribo tinha embaraçado:
Outro era o do Caſal, que cobiçoſo
De vir dos dous irmãos acompanhado
Tardou ao prazo, e termo que poſera
O que ſó contra tantos ſe atreuera.

Com elles toda a gente ſe moueo
A de Nuno, e dos outros que acodiraõ
Pedras, virotes cobrem terra, e ceo,
Que os que ſaem do mar ao longo tiraõ,
Mas cada qual dos ſeus tanto rompeo
Que o valeroſo irmaõ deſempediraõ,
Do perigo da perna magoada
Triſte do que entaõ proua a ſua eſpada.

Eis ſe começa a dura batalha
Porque nenhum dos ſeus moſtra deſcudo
A gente de Nunalures ſe baralha,
Que quer da honra perdida cobrar tudo;
Contra elle nenhum ha que entaõ ſe valha
De malha, de couraças, nem de eſcudo
A pé ſuſtenta a furia do combate,
Todos os golpes dá, nenhum rebate.

Qual o Leaõ de Libia generoſo
Dos barbaros monteiros acoſſado;
Que depois de ferido, e furioſo
Engeita a vida, e quer verſe vingado.
Aqui fere, ali mata, e de brauoſo
Buſca o mais defendido, e mais armado.
Deixa o campo á fugida deſcuberto
Corre aonde vê mais fero, e mór aperto.

Aſſi

Aſſi andaua o fero Luſytano
Buſcando o Heſpanhol que mais lhe inſiſte
Como o rayo veloz que faz mór danno
Ao que com maior força lhe reſiſte,
Nenhum reues dos ſeus fere de engano
Em cada qual a vida perde o triſte,
Que naõ pode voltar o paſſo leue,
Porque a furia dos outros o deteue.

Hum valente ſoldado que entaõ vinha
Com muitos de ſocorro; liurement e
Para o bom do Caſal logo encaminha,
Que rodeado eſtá de armada gente;
E vendo que ante ſi mais corpos tinha
Feridos já por terra amargamente
Com huma lança de armas que trazia
Contra elle ouſadamente arremetia.

Foi tal o forte encontro, que paſſou
Humas laminas de aço, duro, e fino
Por onde o ferro agudo reſualou
Atraueſſando hum jaco jàzerino:
A lança feita em aſpa lhe ficou
Mas como o Portugues naõ perde o tino
Remde-te Caſtelhano ouſado brada
Meneando ſobre elle a forte eſpada.

Mas Nunalures que via o bom cunhado
Sem ſe poder liurar da imiga lança
Imaginando que era atraueſſado
Corre ligeiro aly para á vingança,
E vendo que reſiſte o bom ſoldado
Com hum pezado golpe ſe abalança
A que elle ſó com rogos ſe defende,
E cruzados os braços ſe lhe rende.

Porem

Porem aquelle eſpiritu generoſo
Que naõ conſente afrontas ao rendido
Paſſa adiante alegre, e cuidadoſo
Dando por preſo o que deixou vencido;
Mas o ſoldado ingrato, e orgulhoſo
Como liure ſe vio deſempedido
Outra vez à batalha torna acezo,
E outra vez de Nunalures ficou preſo.

Fernaõ Pereira o brauo caualleiro
A huma parte feria em roda viua
Que de ſeu braço intrepido, e guerreiro
Nenhum quer ja prouar a força eſquiua:
Depois que o bando vil foge ligeiro,
Hum atropela, hum fere, outro catiua
Iá a gente Caſtelhana ſe deſmaia,
E os Portugueſes vaõ tomando a praia.

Diogo Alures Pereira por vir tarde
Procura arrecadar como conuinha,
Nenhum acha conſelho que lhe aguarde
Pelo deſejo, e preſſa com que vinha
Mas da gente que foi menos cobarde
Alguns bem mal feridos preſos tinha
Pedro Affonſſo que a lança já arrancàra
Muito mais cara a dá do que a compràra.

O que primeiro a Nuno ſocorréra
Com tam grande valor, que o ſegue, e ama,
Bem moſtraua entre os quatro que podéra
Entre tais pares ſello em voz da fama:
E porque deſta aqui ſaibais quem era,
Vaſqueanes do Coto o mundo o chama
De ordem ſacerdotal, mas na ouſadia
Dala a bons caualleiros merecia.

Dos

Dos eſtremos que fez neſta contenda
Nuno o premio lhe deu tras do louuor
Que lhe ouue de Lisboa a mór prebenda
E das Habitureiras foi Prior;
Da Igreja, beneficios, clero, e renda
Da antigua Mafra o fez Gouernador
Que Ioane Biſpo illuſtre a fundára
E eſtas tres dignidades lhe ajuntàra.

Iá o campo fica liure aos vencedores,
Iá entaõ nos bateis os que eſcapáraõ
A recolher ſe tocaõ os tambores
Os amigos, e as armas deſemparaõ;
Os que ſe alongaõ mais ſaõ os melhores
Que os fracos por vileza ſe atrazàraõ,
Os ſoldados que vem á ſua empreza
Nos deſpojos dos outros fazem preza.

Qual béſteiro piaõ do braço leua
Catiuo o caualleiro deſarmado,
Qual o elmo, eſpaldar, o peito, a greua
Qual o rico colar deſabrochado,
Qual ha deſte tambem que a lança ceua,
No ſangue já dos outros encetado
Moſtrando o braço vil pouco atreuido,
Quanto corta huma eſpada em hum rendido.

Até ás ondas os noſſos vaõ ſeguindo
Elles cortaõ remando na agoa pura
A vellas deſpregadas vaõ fugindo
E nem o mar profundo os aſſegura;
Os que ficaraõ preſos repetindo
Queixumes vaõ tambem contra a ventura,
Iá o Pereira toma outro cauallo,
E outra vez para os muros faz abalo.

Feita

Feita reſenha aly de toda a gente
Os ſeus eraõ preſentes, e corridos,
Nenhum perdéra a vida, que ſómente
Alguns trazem da praia mal feridos;
Elle entre os bons irmãos vai tam contente
Como elles com razaõ engrandecidos
Com hum ſucceſſo, e fim tam venturoſo
Inda que a todos quatro aſſaz cuſtoſo.

Dos muros da cidade os eſperaua
A multidaõ do pouo que ſe auiua
Em vozes ao paſſar todo bradaua
Viua o forte Nunalures, viua, viua;
Com oprobrios, e afrontas magoaua
A gente que vem vir preſa, e catiua,
Condiçaõ muito certa da vittoria,
Que a deſuentura de hũs, he d'outros gloria.

Mas deixemolo agora recolhido
Na cidade contente, e feſtejado
Dos ſeus com grande gloria recebido,
Do pouo em feſta, e jogos celebrado:
Porque inda eſtá da briga mal ferido,
E do cauallo, e pedras mui pizado,
Vamos ſeguindo ao Rey, que com deſejo,
Hia piſando as terras de Alemtejo.

Em Eluas com ſeu campo ſe alojàra,
E aly das frontarias juntar manda,
Os que em varios lugares eſpalhára
Do Guadiana, de huma, e doutra banda,
Lugares, fortalezas já repara
Por onde o Meſtre ouſado ſe deſmanda,
Chama os ſeus a Conſelho, e nenhum erra
Que ſeja huma batalha o fim da guerra.

Logo

Logo ſe ordena aly para a peleja
De prouimentos, armas, moniçóes
Faz quem ordene, tenha, mande, e reja,
Companhias, lugares, e eſquadrões:
Faz pagas, dá ventagés, certa inueja
De muitos bellicoſos coraçóes.
Ao Rey dos Caſtelhanos deſafia,
E ſaeſe da villa o outro dia.

Entre ella e Badajoz ſeu campo aſſenta
A' viſta do ſoberbo Guadiana,
Que na ſombra das armas repreſenta
Hum temor nouo á gente Caſtelhana
Iá de vella Ioaõ ſe deſcontenta
E a furia já dos ſeus ſe deſengana,
Mas entre os torreados e altos muros
Faz reſenhas, e alardos mais ſeguros.

E antes daquelle dia em que eſperaua
Fernando ver o imigo roſto, a roſto
No ſeu real alegremente andaua
Tomando moſtras ás gentes no ſeu poſto;
Quando a vanguarda ouuio que aſſi gritaua
Com aluoroço eſtranho, e grande goſto
Vinde Pereira ouſado, vinde aſinha
Que os Caſtelhanos temos neſta vinha.

Fernando áquella parte ſe virou
Por ver quem cauſa foi deſta alegria
Hum caualleiro armado diuiſou
Com cinco, ou poucos mais na companhia;
Na poſtura, e nas armas com que entrou
Todo o campo a Nunalures conhecia
Que ſabendo de Alcantara a peleja
Com taõ nouos emboras o feſteja.

Longe

Longe á vista do Rey com os seus se apea
A viseira do elmo aleuantada
A multidaõ da gente que o rodea
Lhe dá os parabẽs daquella entrada:
Tambem Fernando o teue em boa estrea
E em final da vittoria desejada
Dos seus pés o leuanta ledo o rosto
Mostrando-lhe nos olhos graça, e gosto.

E depois de louuar-lhe honradamente
O a que pollo seguir se auenturára,
Quando sem fauor da propria gente
Copia taõ desigual desbaratára
Lhe agradecia acharse ali presente,
E crendo que o Prior nisso o mandára
Pregunta se tras delle algum recado,
E Nuno respondeo quasi infiado.

Naõ trago mais senhor que esta armadura
Com que ante vossa Alteza me apresento
E estes poucos soldados que a ventura
Sogeita a meu querer, e mandamento:
O Prior que de mim naõ se assegura
Para vir me negou consentimento
Sem elle me apartei, e á força venho,
A' pena agora estou, se a culpa tenho.

Como menor irmaõ, como sugeito
Lhe pedi que licença me outorgasse
Para que nesta empreza, em meu direito
Como soldado inutil naõ faltasse;
E visse o forte Ozores, que o defeito
Deste animo naõ foi que me estoruasse
De acabar o combate prometido,
Mas, o de ser por vos nelle impedido.

Negou-me injuſtamente liberdade
Sem que meus juſtos rogos o obrigaſſem
Pós maior guarda ás portas da cidade
Mandou-lhes que ſahir me naõ deixaſſem:
Mas teue maior força eſta vontade,
Que as que podia auer que ma eſtoruaſſem,
E aſſi de noite eu ſó com minha gente
O poſtigo arrombei de Sam Vicente,

Nem dos guardás a força, e reſiſtencia,
Nem o mandado ſeu mais força teue
Que para acrecentarme a dilligencia
E atalhar a alguns meus que aly deteue:
Se eſta culpa merece penitencia,
Ainda que viſta a cauſa he culpa leue
Dai-me agora ſenhor della o caſtigo,
E ſeja na batalha o mór perigo.

Se dos Reys a palaura nunca eſquece,
E inteira a guarda ſempre o juſto Rey,
Agora alto ſenhor ſe me offerece,
Satisfaçaõ da empreza que tomei,
Se neſta agora o Ceo me fauorece
Diante de voſſa alteza moſtrarei
Ao Meſtre, e a ſeu filho, roſto, a roſto,
Que muito a meu pezar fiz voſſo goſto.

Deſta minha vontade cobiçoſa
Mandaſtes que ante vos moſtraſſe o preço
Em batalha importante, e duuidoſa,
Qual he eſta a que agora me offereço;
E pois eſtá minha honra perigoſa,
E a vos como a meu Rey temo, e conheço
Como tal permiti que aqui ſe apure
E alguem de meus principios naõ mormure.

Naõ

Naõ foi mais adiante o bom Pereira
Por vſar ante o Rey termo, e reſpeito,
E Fernando que o vé deſta maneira
Cada hora delle eſtá mais ſatisfeito;
Daquella fé conſtante e verdadeira
Daquelle forte braço, e leal peito
Bem cré que tudo acabe, e tudo vença
Dalhe o louuor, as graças, e a licença.

Nuno lhe beja a maõ neſte concerto
E eſperando a batalha ſe deſuela,
Elle contente eſtá pola ver perto
E muitos deſcontentes que haõ de vela;
Vai nalguns coraçoens mui grande aperto
Deſanima-ſe a gente de Caſtella
Que á viſta da batalha concertada
Entaõ parece a paz bem aſſombrada.

Chegado o prazo já aos contendores
Em arma o campo eſtá dos Portugueſes
Deſpregaõ-ſe as bandeiras de mil cores
Veſtem-ſe malhas, laminas, e arnezes
Os pifaros, trombetas, e tambores
Fazem ecco nas agoas que mil vezes
Se encreſpaõ com o rumor que o duro Marte
Vai eſpalhando de huma, e doutra parte.

Mas Ioaõ que duuida neſta empreza
Sahir a ſua parte auentajada
Porque conhece a gente Portugueſa
Que alem de valeroſa he magoada,
E recea o valor da pouca Ingreſa
Que com a noſſa eſtá confederada
A batalha emprazada ja recuſa
Que nunca a quem faltou, lhe falta eſcuſa.

Nisto os grandes tratauaõ por seus meos
A liança entre os Reys desconcertados,
Ou pola obrigaçaõ de seus receos,
Ou pola de fieis, e acautelados
Por occultos recados, e rodeos
Que em hum real, e em outro eraõ tratados
Suspende-se o combate até que seja
Deliberada a paz que se deseja.

Enfim com condições naõ mui decentes
Ioaõ aceita a paz temendo a guerra
Restituindo os roubos insolentes
Ou polo largo mar, ou pola terra,
E dando ás estrangeiras fortes gentes
Náos em que possaõ ir para Inglaterra
Sem disso terem fretes nem salarios,
Pezada condiçaõ para contrarios.

Tras isto o Castelhano vai tratando
Que casassem Beatriz linda donzella
Filha vnica do Rey, remisso, brando
De Portugal herdeira rica, e bella:
Com seu filho segundo dom Fernando
Que naõ herdaua os reynos de Castella
Porque o Rey Portugues naõ quis primeiro
O que dos dous estados fica herdeiro.

Naõ contentaõ as pazes aos Ingreses
Nas Castelhanas náos se partem logo
Aggrauados do Rey que em tantos meses
Os trouxera enganados como em jogo,
Que com o braço, e valor dos Portugueses
Queriaõ pór Castella a ferro, e fogo
Mas vendo as amisades, e liança
Naõ querem mais com os nossos vesinhança.

Iá

Iá naõ trataõ do bellico apparato
Os aduersarios Reys, antes de assento
Daõ comprimento ás forças do contrato
A que tem dado já consentimento
Ambos cuidaõ que compraõ bem barato
O descanço, com leue fundamento,
Contente cada hum se torna, e ledo
Hum a Rio maior, outro a Toledo.

Mas pouco o Rey Ioaõ se detiuera
Na cidade real que o Tejo banha
Quando a Rainha em Cuelhar fallecêra
Com sentimento, e dor de toda Hespanha
Em breue tempo a perda recupera
O que nella naõ sente a dor tamanha
Que logo ao Portugues legados manda
Noutra para elle assas doce demanda.

Procura confirmar noua amisade
Que seja herdeiro, e genro de Fernando
Em lugar de seu filho a cuja idade
Conuinha estar mais annos esperando
Lianor que já tinha esta vontade,
E o Rey que era mudauel, leue, e brando
Consente nella: o outro já se apresta,
E a corte se desfaz em gosto, e festa.

Os guerreiros tambores que incitauaõ
As lustrosas, e armadas companhias
Iá com som differente se tocauaõ
Para contentes jogos, e folias
As canoras trombetas celebrauaõ
Pazes, contentamentos, e alegrias
As armas, os cauallos, e os arreos
Seruem de canas, justas, e torneos.

Mas cada hũ dos Reys vai contra o q̃ deue
Contra os tratos jurados que eraõ dantes
Que a Princesa innocente viuos teue
Por maridos hum Duque, e tres Iffantes:
Iulga isto o Rey Ioaõ por culpa leue
Que a cobiça as naõ faz muito importantes
E Fernando naõ tem por marauilha
Procurar muitos genros á huma filha.

Iá nos vesinhos reynos se publica
O casamento, já se alegra tudo
A Castelhana gente alegre fica
Mas triste em Portugal qualquer sesudo:
Se hum ao gosto do Rey e amor se aplica
Outro anda em confusões suspenso, e mudo
Temendo a sujeiçaõ do jugo alheo
Que lhe antecipa em sombras o receo.

Cada hum consigo em vaõ tem differença
Mas Ioaõ encurta prazos ao concerto
Que succede a Fernando huma doença
Que o faz estar da vida muito incerto:
Eis que a Rainha incauta sem detença,
Que pós o reyno só em tanto aperto
Para Eluas leua os grandes, e os do pouo,
Que quer jurar o Rey Principe nouo.

Ioane a Badajoz alegremente
Vem aonde logo as pazes saõ juradas
Que como se ordenáraõ facilmente
Leuemente depois foraõ quebradas;
E ainda que enfermo o Rey ficaua ausente
Naõ faltaõ cerimonias custumadas
Nos reaes desposouros que Leonora
Melhor as ordenou, que se o Rey fora

O dia

O dia do maior contentamento
Iunto á mesa del Rey da maõ direita
(Fóra muitas que tinha o aposento)
Outra estaua mais baxa, e mais estreita,
Aonde por foro, e por merecimento
Que sempre em tais lugares se respeita
Tinhaõ muitos assentos assinados
Os de hum, e doutro reyno mais honrados.

Nuno Aluares entre elles lugar tinha,
E o valeroso irmaõ Fernaõ Pereira
Por ordem, mando, e gosto da Raynha
Que os custamaua honrar desta maneira:
Porém como a vontade com que vinha
Naõ era em nenhum delles mui ligeira
Chegaõ taõ tarde aly, que os dos assentos
Nem lugar querem dar aos comprimentos.

Succedeo-lhes de modo que chegáraõ
E nenhum para ouuilos volta o rosto
Antes com os olhos baxos se inclináraõ
Cada hum muito arrogante no seu posto;
Mas a seu pezar logo os leuantaraõ
E acharaõ na comida pouco gosto
Que Nuno do jantar fez pouca conta
Mas pagou-lhe o desprezo com hũa afronta.

Perto da mesa a elles se chegou
Nenhum delles fallou, e a nenhum falla
O seu pé nos da mesa atrauessou,
E deu com ella em pezo sobre a sala;
Ao grande estrondo o Rey se leuantou,
E toda a gente áquella parte abala,
Mas Nuno com o irmaõ de espasso volta
Sem fazer conta alguma da reuolta.

Quem

Quem vio ja neſtes jogos cuſtumados
A que mais ledo o pouo ſe conuida
Cahir entre os riſonhos deſcuidados
A Pedra que de longe vem perdida;
Que todos ſeruem logo leuantados
Olhando o que ſe aqueixa da ferida
Eſpantado cada hum deſta arte vira
Sem ſe ver mais que a meſa que cahira.

O Rey bem deſejou ao deſacato
Dar em publico aly logo caſtigo
Mas por conſelho entaõ teue recato
De naõ pôr a juſtiça em mór perigo;
Aſſentou que era o preço mais barato
Diſſimular a offenſa ſó conſigo,
E informado da cauſa que o mouéra
Menos eſtranha o effeito que fizera.

Quem por ſatisfazer á ſua offenſa
(Diſſe o Rey) pós a vida em tal perigo
E teue em pouco aqui minha preſença
Muito mais teme afronta que caſtigo:
Muito atreuido foi neſta licença,
Mas de honra deue ſer mui grande amigo
E o que por ella a tanto ſe auentura
De grandes eſperanças me aſſegura.

Sem ouuilo os Pereiras partem logo
Para ás terras que regaõ Douro e Minho
Abrazado Nunalures no ſeu fogo
Por ver leuar ao reyno tal caminho;
Iulga aquillo que fez por graça, e jogo
Sendo o Rey Caſtelhano tam veſinho
Que a vontade que tem moſtrar deſeja
Naõ ja na meſa em paz, mas na peleja.

Chega

Chega com o forte irmaõ em companhia
A aquelle desejado, e doce assento
Enchendo o rosto, e olhos de alegria
Que na partida encheo de sentimento;
Lagrimas Lianor lhe offerecia
Daquelle desigual contentamento
Que como eraõ com gosto derramadas
Dauaõ mais graça âs faces delicadas.

Aly suspende as armas, e descança
Nos braços da gentil bella Lionora
Que em tam compridos tempos de esperança
Sua ausencia, e perigos sente, e chora
Aly de seus cuidados faz mudança
Aonde tudo se rende, e se namora
Com a fermosa filha a quem quer muito
De tam ditosas plantas bello fruito.

Em tanto, he ja jurado o Castelhano
(Que vai de industria as cousas apressando)
Por successor do reyno Lusytano
Como faltasse a vida ao Rey Fernando;
Mas porque Portugal ja sente o dano
Que vai destes contratos grangeando
Com varias condições se persuade
A fim de viuer sempre em liberdade.

E eraõ que se ao Rey tras deste intento
Primeiro a Parca a vida lhe cortasse
A Rainha Lianor no mesmo assento
O Portugues imperio gouernasse;
Até que o Rey Ioaõ do casamento
Ouuesse filho herdeiro que ficasse
Rey natural ao pouo Lusytano
Sem que admitisse o cetro Castelhano.

Firmes eſtes contratos, e cautella
O Rey para ſeus reynos encaminha
Beatriz vai Raynha de Caſtella
E contente ſe parte a mãy Rainha;
Mas como a venturoſa ſua eſtrella
Com tanta gloria o curſo feito tinha.
Pouco tempo deſcança e goza, quando
Tambem parte da vida o Rey Fernando.

Quantos enleos, trocas, e mudanças
Faz huma meſma idade em poucos annos
Que cobre de floridas eſperanças
Que deſcobre de enleos, e de enganos?
Ah fortuna cruel que naõ deſcanças
De encontrar o ſocego dos humanos
Que eſtreita conta tomas do que entregas?
Quanto dâs? Quanto tiras? Quanto negas?

Fauoreceſte aquella fermoſura
De Lianor que humana era e celeſte
Com amor, e com hum Rey lhe dás ventura
E outro Rey dás á filha que lhe deſte:
Como eſte bem tam pouco eſpaſſo dura
Se para elle, mudauel, a eſcolheſte?
Ia lhe tiraſte o mais que lhe tens dado
Cedo lhe tiraràs honra, e eſtado.

Mas ella que naõ ſabe o teu cuſtume
Menos lhe peſára do ſuccedido,
Que já podéra ſer que aſſi preſume
Ser Rainha a ſeu goſto ſem marido,
Quem te vé de mais alto perde o lume
Da razaõ quando attenta a ſeu partido
Mas naõ tyranna, e má quem te conhece
No que eſperou, perdeo, teue, e padece.

O

O castelhano Rey quando imagina
Que lhe adquires hum Reyno prometido
Lhe mostrarás no seu perda, e ruyna
Com tanto sangue illustre desparzido:
O que em ti assegurar-se determina
Se verá facilmente destruido
Quem pode esperar falsa que lhe acudas?
Se quando fauoreces já te mudas.

Em fim tambem o teue o triste pranto
Ou fosse a dor fingida, ou verdadeira
Veste o reyno de escuro, e negro manto,
Quebra-se o escudo, arrasta-se a bandeira:
Em Santarem no templo nobre, e santo
Do que por humildade verdadeira
Das chagas de Iesus mostra a figura
Lhe deu o reyno illustre sepultura.

Para ás reaes exequias saõ chamados
A Lisboa por cartas da Raynha
Os Condes, ricos homẽs, e os Prelados,
E os vassallos que o reyno em conta tinha
Ia do Douro deixaua os verdes prados
Nuno Aluares Pereira, e tambem vinha
Obrigado da carta, e do que deue
Ao Rey que em tanto a seus principios teue.

Triste polo Senhor que entaõ perdia
E confuso de ver o que esperaua
Ia da amada mulher se despedia
Que a volta com mil rogos lhe apressaua;
Trinta bons escudeiros que trazia
Todos consigo armados os leuaua
Muita gente de pé, com armas toda
Tal nas exequias vai, qual foi na voda.

A

A' cidade chegou da mesma sorte
Beija a maõ à Raynha naquella hora
Espanta-se de vello toda a Corte
Que nenhum a tal auto armado fora;
Mas ella que do Rey na vida e morte
Tam cautelosa foi como Senhora,
O recebe com nobre acolhimento,
Sem mostrar que lhe entende o pensamento.

Foi no melhor da Corte aposentado
Como era a seu valor conueniente
Mas hum corregedor pouco auisado
De quanto he mal sofrida a forte gente,
Por dar a hum coresaõ bom gasalhado
Foi mais do que conuinha diligente
Que huns escudeiros bons mudar queria
Dos que Nuno vem na companhia.

E estes que tinhaõ menos de sofridos
Do que de valerosos, e esforçados
Antes quiseraõ ser mal recebidos
Que estar na Corte mal aposentados;
Arremetem reuoltos, e atreuidos
Com elle, e com os ministros, e criados
E até ao paço aos golpes o trouxeraõ
Aonde fugindo ás casas se valêraõ.

Sem folego chegou junto á Raynha
O que tam mal os seus agasalhaua,
Ella que ouuio gritar, e o vio qual vinha
Do reboliço a causa preguntaua:
Elle que ainda nem cor, nem sangue tinha
O que lhe acontecéra aly contaua,
E entre os queixumes vaõs que repetia
Estas, e outras palauras lhe dizia.

Escu-

Efcudeiros fenhora de tal raça
E em defender a cafa tam ligeiros
Naõ veftiraõ ja mais ferro, e couraça
De quantos arma Hefpanha caualleiros;
E bem me affirmo eu que em larga praça
Quinhentos de tam fortes efcudeiros
Sós podem pelejar contra Caftella
E dar a voffa Alteza conta della.

Fora eftou ja do dano, e do perigo
Que voffa alta prefença me affegura
Mas quem os vira enuoltos vir comigo
Iulgàra que efcapar foi graõ ventura:
Tratai fenhora agora do caftigo
Porque eu fó quero a vida ter fegura.
Ella que occafiaõ, e o tempo entende
Abranda, e naõ caftiga, nem reprende.

Nuno que difto eftaua defcuidado
Moftra logo á Raynha quanto o fente,
Mas noutra pretençaõ anda enleuado
Que mais confufo o tras, mais defcontente:
Vê o pouo a mil partes inclinado,
O juizo entre os grandes differente,
Rebeldes diuifoens, fecretas juntas,
Varios os pareceres, e as preguntas.

Hum diz que tudo he vaõ quanto imagina
Quem naõ fe inclina á parte. Caftelhana,
Outro fe defefpera, e defatina
Porque a patria fe offende, e fe profana:
E fuftentar té á morte determina
A liberdade antiga Lufytana
Qual mouido de amor, qual da cobiça
Confundem os refpeitos, e juftiça.

Efte

Efte diz que fe guarde o juramento,
E o contrato dos Reys firme, e feguro
Eftoutro, que era injufto, e fraudulento,
Porque o ir contra a patria he fer perjuro:
Cada hum bufca a feu erro o fundamento
E pinta em fombra as coufas de futuro
O reboliço em todos he fobejo,
Mas nenhum manifefta o feu defejo.

Qual pola primauera doce, e branda
No valle de mil flores femeado
O vagarofo Enxame fe defmanda
Com hum murmurio inquieto, e empeçado:
Tecem as aues de huma, e doutra banda
Encontraõ-fe no ar com feu cuidado
Affi andaua o pouo differente,
Solicito, inquieto, e defcontente.

Mal fofre o que viueo com liberdade
Ver que ha de fuftentar o jugo alheo
Mas o que nam grangea efta vontade
Disbarata em mil outras o receo:
A muitos a efperança perfuade
De que tem Leonora o reyno cheo
Que o intereffe encobre a qualquer erro
E com arte, e poder fe doura o ferro.

CAN-

CANTO VI

Nuno Alures Pereira vendo os Portuguefes diuididos, fegue a parte de dom Ioaõ Meftre de Auis, que determina defender a liberdade da patria: O Meftre lhe communica feus deffenhos: Trataõ ambos a morte do Conde de Ourem, que por outro confelho fe differe: O Prior do Crato fe vai para Santarem, e Nuno Alures tras elle: Aly lhe conta huma donzella a defeftrada morte do Conde. Hum Alfajeme lhe proncftica auer de ter o mefmo Condado: O Prior declara feu intento, que he feguir a parcialidade da Raynha: O irmaõ o defengana; e fe vem pera o Meftre a Lisboa.

DEpois dos funeraes, triftes cantares
Da Effa altiua, e pompa lagrymofa,
Quando para os caftellos, e lugares
Se recolhia a gente poderofa;
Depois de alguns juizos fingulares
Em que eftá toda a terra duuidofa
Vindo á publica praça a differença
Cada qual forma a caufa, e dá fentença.

Parte-fe o pouo em bandos differentes
Huns ao Meftre de Auiz feguir procuraõ,
Outros da bella Ines os defcendentes,
Que inda no Reyno alheo fe affeguraõ;
Mas como he melhor caufa a dos prefentes,
Com o Meftre a todo o rifco fe auenturaõ
Que era benino, oufado, e valerofo
Filho de Pedro o forte, e jufticofo.

Aſſi ſem reſpeitar modo ou cautella
Com a vontade por ley, a gente ouſada
Só quer a liberdade, e defendela
Pollo ferro da lança, e polla eſpada;
Outra ſeguindo a parte de Caſtella
A que a força mayor eſtá inclinada
Da Rainha Lianor fazem cabeça
Para que o reyno enuolto lhe obedeça.

Qual no Romano imperio diuidido
Polla morte de Iulia que pudera
Ter de huma parte o pay, doutra o marido
Com que Roma em ſeus annos florecêra;
Com armas, e rezões, fero atreuido
Cada hum defende a cauſa que eſcolhèra,
Aſſi andaua o Luſytano pouo,
Elegendo por armas ao Rey nouo.

No meo deſta furia naõ ſabia
Determinar-ſe o forte Nuno, quando
Da parte Caſtelhana os grandes via,
E o pouo repartido doutro bando,
Em huma ſala ſó andaua hum dia
Com eſtes penſamentos paſſeando
Deſcontente, confuſo, e enleado
De ver a patria em tam confuſo eſtado.

Depois de ter mil couſas diſcurrido
A Deos reméte o fim que naõ lhe achaua,
De amor do patrio reyno commouido
Pollo ſucceſſo mao que lhe eſperaua:
Quando de noua luz do ceo ferido
O ſentido perdeo de donde eſtava,
E de inclinado aſſi lhe parecia
Que huma voz a ſeus ditos reſpondia.

De

De que te canſas Nuno? Que te alteras
Que ordenas? Que imaginas; que te engana?
Se aquillo em que tam triſte conſideras
Naõ no gouerna o ceo por traça humana:
Se ſó nelle confias, nelle eſperas,
Tem deſtinado a ordem ſoberana
Que ſejas tu por quem ſe reſtitua
O antigo louuor da patria tua.

A defenſaõ terá do reyno amado
Aquelle cujas armas venturoſas
Te viraõ por ſeu bem primeiro armado;
Em ſinal de vitcrias glorioſas,
Eſte o eſcudo do ceo a Affonſo dado
Com as cinco quinas ſantas tam famoſas,
Que nunca a cor do ceo, e o ſeu ſer perde
Depois leuantará ſobre a cruz verde.

Rey do nome preſago que primeiro
O mudo Zacharias eſcreueo,
Quando o Precurſor ſanto do cordeiro
De Elizabeth eſteril lhe naceo;
Que tambem por myſterio verdadeiro
E milagre que ordena o juſto ceo
O nome deſte, a que elle mais ſe inclina
Cedo dirá do berço huma menina

Morrerá á ferro o Conde miſerando
Que a ſeu fauor dobrado o cetro tinha
Cauſador dos deſcuidos de Fernando
E hoje dos vaõs cuidados da Raynha;
E tu irás teu ſangue eternizando
Dando aos futuros Reys ditoſa linha,
Depois que eſte na terra aleuantares
Com braço ouſado, e feitos ſingulares.

A tais palauras Nuno eſtremecendo
Tornou em ſi com leda fanteſia,
Com os olhos foi aos ares reuoluendo
Por ver quem lhe falaua, e quem o ouuia:
Naõ vio mais que o lugar que eſtaua vendo,
E huma luz que entre as nuués ſe eſcondia
Ficou confuſo entaõ; porem mais ledo
Vai deſcobrindo o fim deſte ſegredo.

Lembrando-lhe as ricas armas que veſtira
Do valeroſo Meſtre dom Ioaõ
Filho de Pedro o duro, que ante vira
Neſte o cetro real cahindo entaõ:
E inda que da herança o reyno o tira
Por filho natural, ao morto irmaõ
Tanto excede em valor, e em fortaleza
Que eſtá por elle a meſma natureza.

Ia deſte penſamento ſatisfeito
Deixa Nuno os irmáos, e buſca o tio,
Porque he do Meſtre amigo mais eſtreito
Que lhe deſeja mando, e ſenhorio:
Deſcobre-lhe o que tem dentro em ſeu peito
A quem nunca o temor fez lento, e frio
O' quanto Ruy Pereira iſto feſteja
Que he o mór goſto, e gloria que deſejá.

Ficou o velho illuſtre tam contente
Do que lhe o bom ſobrinho communica,
Que ao Meſtre vai buſcar mui diligente
Tudo lhe manifeſta, e lhe publica;
Elle que ha muitos dias que conſente
Neſta meſma eſperança, alegre fica
Nuno alures chamar manda ſem detença
Que naõ eſperou mais que eſta licença.

E

E depois que entre os braços recebeo
Aquelles ſeus, que acháraõ tudo eſtreito,
Nuno neſtas rezões lhe offereceo
O coraçaõ leal, e o forte peito;
Em quanto alto ſenhor ſuſtenta o ceo
Voſſo deſejo, e vos noſſo direito
O nome, a honra, e vida que ſuſtento
Eſtaraõ ſempre a voſſa mandamento.

Sou Portugues, e o nome ſó me obriga
A naõ conſentir nelle o jugo alheo,
E polla patria, e liberdade antiga
Perder com honra a vida, e ſem receo,
Naõ mo deueis a mim quando eu vos ſiga
De meu ſangue, e razaõ, do ceo me veo
Eſte cuidado, e a vos fico deuendo
Serdes o defenſor do que eu defendo.

Que quando outra razaõ lugar primeiro
Tiueſſe de obrigar-me, que eſta minha
Ingrato fora, e pouco verdadeiro
Se naõ ſeguiſſe as partes da Rainha;
Ella me armou na terra caualleiro
Caſou-me, deu-me a honra, e bens que tinha
Seu fui, que eſta razaõ negar naõ poſſo
Mas o ſer Portugues me fez ſer voſſo.

Segui claro ſenhor tam juſto intento
Hide a diante aſſi naõ temais nada
Metei no mór perigo o penſamento,
Que eu lhe abrirei caminho com a eſpada
Com ſer eſte ſomente me contento
Do Reyno, nem de vos naõ quero nada
Quiſera daruos mais do com que venho
Mas douos quanto poſſo, e quanto tenho.

A isto contente o Mestre respondia
Prendendo-o pollas mãos amigamente
Valeroso Nuno Alures, quem creria
Menos de hum caualleiro tam valente;
A vos só desejaua, e só temia,
Iá de vos, e de mim fico contente
Que o coraçaõ na vista me mostraua
Que naõ sem causa ha muito vos amaua.

Como em vos natural esse desejo
Assi o foi em mim, e essa vontade
Naõ pretendo ser Rey, nem o desejo
Mas defender do reyno a liberdade;
Nem me esquecerá nunca a que em vos vejo
Chea de tanto esforço, e lealdade
No gouerno, no mando, e no perigo
Me auei por companheiro, e por amigo.

Tras isto lhe foi dando larga conta
Dos meos que tomaua nesta empresa
De quam pouco o poder, e esforço monta
Seu; se o contrasta a gente Portuguesa
Tanto sente Nunalures esta afronta
Quanto mostraua o Mestre que lhe peza
Com razões hum ao outro se animauaõ
Para o feliz successo que esperauaõ.

Consideraõ tambem que he necessario,
Para a quietaçaõ que o Reyno nega
Dar morte occulta ao Conde ingrato, e vario
A quem Lianor incauta, a causa entrega:
Que tem por certo o pouo temerario
Que era por seu querer perdida, e cega,
Com infamia do enfermo Rey passado
Por seu remisso engano mal julgado.

E

E porque já Nunalures publicára
Ao tio, o que entaõ traz mais na vontade,
E o Mestre tinha proua viua, e clara,
De seu esforço, animo, e verdade;
Depois que tudo conta, e lhe declara,
Com mui poucas razões o persuade,
Que busque gente amiga, e que o socorra
Para que ás mãos de Nuno o Conde morra.

Assentado ficou que no outro dia
Com a mais gente armada que pudesse
O cauteloso Conde mataria,
Sem que a Rainha a tempo lhe valesse:
Nesta tençaõ Nunalures se partia
Porque o Mestre no feito o conhecesse
Escolhe dentre os seus sem nenhum medo
Os homens de mais feito, e mór segredo.

Porem depois de estar apercebido
Para acudir ao prazo concertado,
Por recado do Mestre foi detido
Que he já doutros conselhos atalhado;
Elle destas mudanças mal sofrido
Sem dar outra reposta a tal recado
Atras do irmaõ Prior as redeas vira
Que da Corte sem vello se partira.

Nas exequias do Rey tambem se achara
A quem deuia amor, e sentimento,
E com o valente irmaõ se visitára
E outro que aly se achou ao saimento,
E sem se ver com Nuno se apartára,
Porque tinhão diuerso o pensamento
Mas em Fonteual logo de ligeiro
O alcança o nosso ousado caualleiro.

De nouo alegremente ſe abraçârão
E foi encontro a todos opportuno
Com amoroſo intento ſe ajuntarão
Pedro o Prior, Diogo o forte, e Nuno;
Porem muy pouco eſpaſſo deſcanſarão
Com hum recado, que aos dous era importuno
Que do Rey dom Ioaõ mandado vinha
Com o meſageiro, e cartas da Raynha.

Trazia a embaixada hum capitaõ
Que entaõ ſeguia as partes de Caſtella,
Que o Prior recebeo com huma affeiçaõ
Que moſtraua a que tinha ás couſas della:
E deſcobrindo logo o coraçaõ
Sem vſar de reſpeito ou de cautella,
Todos os caualleiros que aly eraõ
Com ira, e ſentimento ſe moueraõ.

Dentre elles ſó Nunalures ſe atreueo,
E fallou ao Prior deſta maneira
Sempre ſenhor, e irmaõ me pareceo
Que eſta lança por vos foſſe a primeira,
Mas ſe eſſe rogo injuſto vos moueo,
E eſſas promeſſas vãs, o ceo naõ queira
Que eu veja em voſſo ſangue tal fraqueza
Contra a razaõ, e a ley da Natureza.

Se o Meſtre dom Ioaõ guarda, e defende
Ao reyno a liberdade, e ſeu direito
De cujo valor, e obras bem ſe entende,
Que ſegue o modo em tudo mais perfeito
Naõ deueis de admitir quem ſó pretende
Portugal a Caſtella andar ſugeito,
Libertemos a terra que habitamos,
Ou viuamos iſentos, ou morramos.

Cheo

Cheo de ira o Prior lhe volta o rosto,
E diz que razaõ tem ? que entendimento ?
Quem por obederer ao proprio gosto
Desencaminha assi seu pensamento ?
Que engano he esse irmaõ, em que estais posto.
Que força o mestre tem ? que fundamento ?
Que fauor, que justiça, e que bom meo
Para tyrannizar a hum reyno alheo ?

Temos Rey poderoso, e verdadeiro
Que os mais de vos por Principe jurastes
Ioaõ que he de Fernando claro herdeiro
Casado com Beatriz que sempre honrastes ;
Se vos mudais agora de ligeiro,
Porq̃ em vaõ com o de Auis vos conformastes
Cedo vereis com elle o desengauo
Se armado dece a nós o Castelhano.

Naõ respondeo Nunalurès ; de improuiso
Manda vir o cauallo, ardendo, parte
O prior vai tras elle sem juyzo,
Por poder inclinalo da outra parte ;
A Santarem chegàraõ ; que diuiso
Tambem em bandos varios se reparte
Cada hum de razões nouas se aproueita,
Hum offerece estados, outro engeita.

Ao outro irmaõ que tinha commouido
Nuno em Santarem cada hora ensaia,
E sem nunca apartar disto o sentido
Passeando ambos vaõ junto da praia,
E porque o nobre animo atreuido
Nas arduas esperanças naõ desmaia,
Diogo nas de Nuno bem consente
Naõ sómente inclinado, mas contente.

Com-

Communicando andauaõ o ſeu deſejo
(Que animos juuenis, orna, e recrea)
Por onde alcantilado o doce Tejo
Vai fazendo huns ilheos de branca area:
E aonde com ſocego, e com deſpejo
As ſalgadas enchentes naõ recea,
Viraõ vir em galope hum eſcudeiro
No cauallo canſado, e naõ ligeiro.

A's ancas tras o moço huma donzella
Com mui ricos veſtidos, mal ornada,
Que a elle, e aos arções dá eſtreita ſella,
Vem na furia dos ſaltos abraçada:
E alem do parecer gentil que ha nella
Vem de córadas rozas afrontada
Deſcompoſto o cabello creſpo, e louro
Entre hum toucado ſeu de menor ouro.

Ou que a fermoſa viſta os obrigaſſe
Ou que os moueſſe entaõ coriofidade
Ao eſcudeiro mandaõ que eſperaſſe
Que ao bom cauallo faz niſto a vontade:
Preguntaõ-lhe quem era e que contaſſe
Se traz aquella dama em liberdade,
Porque ſe aggrauo, ou força padecia
Ante elles com a vida o pagaria.

Elle que a dom Nunalures reconhece
Enleado ficou, e duuidoſo
Do que ha de reſponder entaõ ſe eſquece
Que quanto dizer pode he perigoſo:
Mas primeiro a donzella ſe offerece
Segura no ſeu roſto fermoſo,
Que de lagrimas cheo, e de brandura
Culpaua dante maõ logo a ventura.

E

E como o que inda a cauſa lhe dohia
Da lagrimoſa hiſtoria que contaua,
Primeiro mil ſoſpiros deſpendia,
Entre as cuſtoſas perlas que choraua:
Famoſos cauallleiros, lhe dezia,
De quem ſempre a ventura ſeja eſcraua
Eſta que aqui me tras, como naõ deue
Iá em meu fauor ſeu vario curſo teue.

Mas como o ſeu poder foi ſempre eſcaço,
Para ſuſtentar bens em grande altura,
E ſempre a inueja eſtende mais o braço
Aonde vê chegar mais huma ventura:
Dos mimos, e delicias que ha no paço
Me traz aonde naõ ſei ſe vou ſegura
Em poder deſte irmaõ, que a vida amada
Pola minha ſaluar leua arriſcada.

Do principio de minha tenra idade
A' Raynha Lianor fui ſempre aceita
Por graça em parecer, e em liberdade
Que em vida corteſam nunca ſe engeita;
A vida tiue ſempre da vontade
Que eſta a nenhuma outra era ſugeita,
E a fermoſa ſenhora a quem ſeruia
Como a ſeu proprio goſto me queria.

De mim fiaua acenos, e recados,
Ou foſſe amor de ſiſo, ou foſſe graça
Eu era a ſecretaria dos cuidados
Que hoje o vulgo indomauel trouxe á praça:
O toque dos galantes, e auiſados
Era eu, que a ſorte agora me ameaça,
Que á viſta do perigo, e dano alheo
Crece em muitos culpados o receo.

Amaua

Amaua (como agora he conhecido)
A Raynha Lianor a hum eſtrangeiro
Galego a eſtes reynos acolhido
Cõmmumente chamado, o Conde Andeiro:
Corteſaõ, gentilhomem, bem nacido
Mais aſtuto, que ouſado caualleiro,
Tam mimoſo del Rey, tam ſeu priuado
Que o Condado de Ourem lhe tinha dado.
Ou foſſe que Fernando aſſi pagaſſe
O peccado que tinha commetido,
E por hum eſtrangeiro a hum Rey deixaſſe
A que elle deixar fez ao ſeu marido:
Ou que amor por cuſtume lhe tiraſſe
A honra, e do lugar todo o ſentido,
Tam publico iſto a todos parecia,
Que ſem temor, e eſpanto ſe dizia.
Morreo elle, e quiçais imaginaua
Que viueſſe Lianor mais liuremente,
Se o ſeu Reyno, e vaſſallos gouernaua
Polo Conde de Ourem liure, e contente:
Mas como ha muito ja que lhe eſperaua
A que durauel bem nunca conſente
Cahio aos pés da roda da fortuna
Nos bẽs varia, nos males importuna.
Eſta noite paſſada (ah triſte ſorte)
Que bem foi para mim cruel, e eſcura
Teue o eu Conde ante ella amarga morte
E inda naõ terá agora a ſepultura:
Ontem fez termo a Portugueſa Corte
E faltou nella toda a fermoſura,
E eu perdi ſer amada, e ſer querida,
E bem ſerá ſe inda poupaſſe a vida.

Eſſe

Esse mestre de Auis, que ha tantos annos
Que nella conheceo odio immigo
Para que seu intento, ou seus enganos
Teuessem melhor fim, que ella castigo;
Com alguns que o seguiaõ, pouco humanos
Cobiçosos de sangue, e de perigo
Com muita gente, occultamente armada
Entrou no paço a hora desusada.

Entraõ de noite os feros homicidas
Os porteiros encontraõ, e os desuiaõ,
Polas portas se vaõ naõ defendidas
Mouendo as armaduras que encobriaõ;
E com o lume das tochas offendidas
As laminas, e as malhas reluziaõ
Por entre as vestiduras dos soldados,
Enchendo de temor aos descuidados.

A Rainha a tal tempo sem receo
Enleada ficou vendo o cunhado
Que com a cortesia, e termo alheo
De imigo, encobre intento tam danado:
Ella pouco segura neste enleo,
Que mal socega o animo culpado,
Com o grande sobresalto o peito frio
Perdeo do rosto a cor, a fala, o brio.

Nisto os do Mestre entráraõ sem mais tento
Porque os guardas das portas naõ valeraõ
Na camara real, que era aposento
Aonde entrada igual nunca teueraõ:
Lianor humilhando o sofrimento
Com mortaes sobresaltos que a mouéraõ
A cor do rosto palida, e defunta
Da nouidade a causa lhe pregunta.

Elle

Elle com razões friuolas se escusa
Hora a tempos se cala, hora responde
Entre ambos era a pratica confusa,
E junto a ella estaua o triste Conde;
A' parte o Mestre o chama, e naõ recusa,
(Que quem fugir naõ pode mal se esconde)
Inda que o coraçaõ presago e certo
Lhe està mostrando a morte de tam perto.

Noutra camara entráraõ juntamente
Quàl conuinha a materias de segredo,
E o Conde que seu mal conhece, e sente
As palauras erraua já com medo;
Mas em vendo o lugar conueniente
O deshumano Mestre ousado, e ledo
Com o punhal sem piedade, e sem respeito
Com o nome de traidor lhe passa o peito.

Cada hum dos conjurados logo occorre
Ao lugar que lhe fora encomendado
Ninguem ao Conde misero soccorre
Que cae em roxo sangue atrauessado:
Com o nome de Lianor fallando morre
E o retrato no peito traspassado,
O' hora triste, ó noite negra, escura
De treições e de enganos sepultura.

Aquelle reboliço tam medonho
Temerosa a Raynha áleuantou
Como quem de profundo, e triste sonho
Entre os braços da morte despertou;
Em gritos rompe a voz com som tristonho
Soccorro pede e vendo que faltou
Ao já defunto Conde a voz, e a vida
Tambem julgaua a sua por perdida.

E

E em fim como mulher que a natureza
Fez de animo ſugeito, e abatido
Da dor vencida, e miſera fraqueza
Para eſcapar procura algum partido;
Fugir he vaõ, que eſtá cercada, e preſa
Entre o pouo cruel, e indurecido
De que a ninguem perdoa, a cega furia
Sem perder vida, ou receber injuria.

Manda pedir ſoccorro ao inimigo
Pondo-lhe a honra, e a vida na vontade
E com as que entaõ tinha aly conſigo
Iá lhe naõ pede mais que a liberdade;
Elle a aſſegura em vaõ de ſeu perigo
Mas tam mal com temor ſe perſuade
Que hum rumor vaõ que fere a leue porta
Caie, deſmaia, e fica fria, e morta.

Neſte tempo huma voz bradando ſoa
Sobre hum cauallo corre eſte pregaõ
Polas praças, e as ruas de Lisbòa
Mataõ no paço o Meſtre dom Ioaõ;
Tambores ſe ouuem, guerra ſe apregoa
Com grande eſtrondo, e grande confuſaõ
Cercaõ de gente armada o paço logo
Nas portas prouaõ ferro, e chegaõ fogo.

Aly a furia eſtranha ſe acrecenta
Das gentes pelo Meſtre amoutinadas
Cada hum rompendo as portas arrebenta
Que os da conjuraçaõ tinhaõ fechadas;
Como os vencidos d'agoa, e da tormenta
Bradaõ decendo as vellas deſpregadas
Aſſi ſe ouuem debaixo os alaridos
Do paço os ais, ſoſpiros, e os gemidos.

Nem

Nem na noite fatal em que as eſtrellas
Por naõ ver arder Troya ſe eſcondéraõ
Quando de Priamo as donas, e as donzellas
Entre as chamas de Grecia perecéraõ:
Se ouuiraõ mais ſoſpiros, mais querellas
Das que no paço aquella noite deraõ
Vendo já arder as portas, e entre a chama
Morraõ, morraõ, ſómente o pouo clama.

Dai-nos o Meſtre, huns dizem blasfemando
Da miſerauel dona que o naõ tinha;
Morra Caſtella, os outros vem bradando
Morra o Conde de Ourem, morra a Raynha;
Vingança polo incauto Rey Fernando
Gritando doutra parte hum tropel vinha,
Morraõ traidores, morraõ, grita o pouo
Viua o Meſtre de Auis noſſo Rey nouo.

Naõ ha contra eſta voz razaõ que valha,
Que jà do paço algumas lhes diziaõ
Porque com mór eſtrondo, e mór baralha
Os brados reuoltoſos tudo enchiaõ;
Té que chegando o Meſtre, a tudo atalha
As vozes ſocegando dos que o viaõ
Com ſua falla a todos aquieta
Branda, amoroſa, afabil, e diſcreta.

A huma janella armado appareceo,
E alguns dos ſeus tras elle ſe aſſomáraõ
As graças brandamente offereceo
Aos que polo ſaluar ſe amoutináraõ;
E como apparecendo o ſol no ceo
Ao ar as negras ſombras deſempáraõ
Aſſi deixando a porta o feroz bando
Dece o nome do Meſtre appelidando.

Daly

Daly com fauor barbaro indomado
Polas ruas o ar tremendo atroa;
Morre de huma alta torre derribado
O miſerauel Biſpo de Lisboa,
E hum homem de que eſtaua acompanhado
Sem offenſa do Meſtre, ou da coroa
Que para perecer em tanto dano
Baſtou-lhe auer nacido Caſtelhano.

Eſte eſtranho temor, eſte alarido
Mouia os fracos peitos das donzellas
Temendo daquelle impetu atreuido
Que naõ paraſſe aly ſem dano dellas:
Qual procura o lugar mais eſcondido,
Qual acode a fugir polas janelas,
Qual com o ſangue do roſto a cor perdida
Cae dos brados vãos eſmorecida.

Eu que com razões móres me temia
Do perigo que em mim mais certo eſtaua
Camaras, e retretes reuoluia
Por ver ſe em algum delles vida achaua;
Deſte irmaõ finalmente me valia
Que a meus ſuſpiros triſtes perto eſtaua,
E tomando por capa a noite eſcura
Puſemos logo as vidas na ventura.

Eſta he a preſſa, e cauſa com que venho
Dos riſcos que paſſei tam offendida
Que aqui ſe hum breue eſpaſſo me detenho
Neſſe imaginarei que perco a vida;
Se he de tais caualleiros o deſſenho
Dar fauor a huma dama perſeguida
Naõ me detenhais mais, dai-me licença
Pois tenho o mòr perigo na detença.

Iſto

Iſto contaua a dama deſcontente
Que entre as razões mil lagrimas derrama
Porem conſolaa branda, e corteſmente
O que por fero ſó nomea a fama;
E ainda que aluoroço, e goſto ſente
No que com tanta dor ſentia a dama
Daua ſinal de magoa naõ pequena
Do que elle ouuio contar com tanta pena.

Peſa-me, diz, ſenhora, que naõ poſſo
No mal que já paſſou dar algum meo
Porém baſtará agora o poder noſſo
A liurar-uos de imigos, e receo:
Se eſte nobre mancebo, e irmaõ voſſo
Que para voſſa guarda atéqui veo
Naõ for baſtante a ter liure, e ſegura,
Voſſa ſoſpeita, e voſſa fermoſura.

Aqui tendes preſentes neſte eſtado
Dous de quem podeis ſer bem defendida
Que ambos temos por ordem profeſſado
Offerecer a damas, braço, e vida
Cada hum de voſſas partes obrigado
Alem de obrigaçaõ tam conhecida
Em voſſa guarda iremos juntamente
Té onde de ficar fordes contente.

Naõ vos offenda a morte fea, e crua
Deſſe Conde a ſeu Rey prejuro, ingrato,
Que nem ſois parte vos na culpa ſua
Nem em ſeu enganoſo, e falſo trato:
Deixai que ao ceo, e á terra reſtitua
Que ainda he a morte hum preço muy barato
E vos enxugai lagrimas ſem fruito
Que em brandos corações produzem muito.

Só da vontade a dama se aproueita
Com razões a agradece, e se despede,
E ajuntando-se a sella mais estreita
Ao moço os braços liures lhe concede:
Elle que ainda que irmaõ naõ nos engeita
Aos dous fortes irmãos licença pede,
E com o Tejo por guia, e por vesinho
Vaõ seguindo de nouo o seu caminho.

Alegre ficou disto o caualleiro
Diogo mais confuso, e porém ledo
Que a morte escura já do Conde andeiro
Lhe contará o irmaõ muito em segredo:
Cada hum vai ao Prior por mesageiro
Cuidando de o dobrar muito mais cedo
Mas tudo perde o preço, e tudo cessa
Aonde a cobiça aceita huma promessa.

Nuno que em armas sempre anda cuidando
E com ellas sómente se occupaua
Andára o dia de antes passeando
Donde entaõ a donzella se apartaua,
E vio a hum Alfajeme pendurando
Huma lustrosa espada que acabaua
Com tal primor polida, e perfeiçaõ
Que lhe fez ter cobiça a guarniçaõ.

Entaõ lhe preguntou se se atreuia
A lhe guarnecer outra como aquella;
E respondeo-lhe alegre que faria
Inda mais atilada, inda mais bella;
Mandou-lhe Nuno aquella que trazia,
E indo-se (como ouuistes) a donzella
Como o desejado irmaõ voltando vinha
Sem lhe lembrar a espada que aly tinha.

Como

Como os olhos voltou á aquella parte
A vio na porta eſtar bem guarnecida
E tomando-a com brio, graça, e arte
Ameaçou rompendo huma ferida;
Temeo na ſua eſphera o feroz Marte,
O Sol moſtrou na ſua a cor perdida,
Parou hum pouco o Tejo de aſſombrado
Naõ vendo contra qual eſtaua armado.

Da eſpada, e do cuidado ſatisfeito
Mandou Nuno pagar liberalmente
Ao Alfajeme entaõ; que outro reſpeito
Lhe faz que eſpere a paga differente;
Satisfaçaõ ſenhor nenhuma aceito
Diz, nem de vos a quero facilmente
De Ourem tornareis Conde em tempo breue
Pagarmeeis o cuidado que outrem teue.

Sorrindo o caualleiro lhe tornou
Que aceitaſſe o ſeu premio, mas em vaõ
Porque com taes razões ſe lhe eſcuſou,
Que ſe partio ſem mais ſatisfaçaõ;
A noua ſó que a dama lhe contou
Lhe deſuela, e occupa o coraçaõ
Que de lealdade, esforço, e de honra cheo
Nunca admitio cobiça, nem receo.

Ao Prior deu a noua, que a donzella
Trouxera magoada, e deſcontente
Que admirado ficou ſem poder crélla
Por quam mal niſto o goſto lhe conſente;
E depois que em diſcurſos ſe deſuella
Temendo algum ſucceſſo differente
Do pouo ſem reſpeito, e ſem recato
Da nobre Santarem ſe vai ao Crato,

Ten-

Tentáraõ-no os irmãos, mas naõ puderaõ
Naquelle intento ſeu fazer mudança,
E em partindo elle o tempo naõ perdéraõ,
Porque achauaõ perigo na tardança;
Ao Meſtre vaõ buſcar que nelle eſperaõ
Aſſegurar melhor ſua eſperança.
Porem muy pouco eſpaço caminháraõ
Quando com mór enleo ſe apartáraõ.

Que vendo Diogalures que offendia
Ao valeroſo irmaõ que atras deixaua
Em cuja proteiçaõ, e amor viuia
Cuja militar ordem profeſſaua:
A Nuno eſta vontade deſcobria,
E com nouas promeſſas ſe obrigaua
De inclinar ao Prior que eſtaua duro
Com a eſperança incerta do futuro.

Mui cuidadoſo e triſte ſe deſpede,
E volta logo as redeas ao cauallo
Que volte a elle o forte irmaõ lhe pede
Porem nada baſtou para obrigalo;
E aquelle alto valor que nunca impede
Caſo, temor, reſpeito, ou interuallo
Que no ſeu peito viue, e reſplandece
Iá de perigos, já de irmãos ſe eſquece.

Porém deixando a cauſa que moueo
Ao que contra ſeu goſto ſe partia,
E como o Prior logo o recebeo
Com aluoroço eſtranho, e alegria,
Vamos ſeguindo a Nuno que venceo
A que vencéra os dous naquelle dia
Que com os poucos que tinha ſe tornaua
Para a cidade aonde o Meſtre eſtaua.

Contra a fortuna vai determinado,
Que á parte do inimigo volta o rosto.
Iá se vê entre os muitos arriscado
E no caminho á guerras já disposto;
Com tudo lhe contenta o seu cuidado
Que nos perigos tem, a vida, e gosto
Iunto de Aluerca passa a noite fria,
E confirmando os seus espera o dia.

Naõ estaua porém certa a pousada
Antes chea de engano: e perigos
Que o que serue a razaõ que he desprezada
Logo acha cautelosos inimigos;
Mas vamos a Lisboa amoutinada
Reuolta entre contrarios, e entre amigos
E as lagrimas ouçamos de Leonora,
Que o seu Conde de Ourem defunto chora.

CANTO VII.

Conta-se o sentimento da Raynha polla morte do Conde de Ourem: Sae-se da cidade, e faz se forte com os seus em Alemquer. Dom Nunalures vem a Lisboa: O Mestre o recebeo com muito aluorcço, e o fazdo do seu conselho. Vem a ter com elle sua mãy com cartas da Raynha para o reduzir ao seruiço del Rey de Castella, e conuencida de suas razões muda o intento: Toma-se o castello de Lisboa. Nunalures he perseguido da inueja dos companheiros. Entra o Mestre em Alemquer, e leuantando o cerco ao castello vem a Lisboa. El Rey de Castella dece a conquistar o reyno por armas: Assenta seu arreal em Santarem: Desafia Nunalures ao Conde de Mayorga: O Mestre atalha o combate, e o manda a Syntra donde traz mantimentos para a cidade, e vai ao Lumiar a buscar os capitães de Castella, que lhos queriaõ impedir.

DAmas, que com o poder da gentileza
Sugeitais ao mais liure entendimento
Que titulo, naõ ha, honra, e grandeza
Que de vossos poderes seja izento:
Porque pagais tam mal á natureza
Hum dote tam fermoso, entre cento
Naõ ha huma, que a quem se vence della,
Naõ seja tam ingrata como bella.

Se o engano de vossa fermosura
Faz a essa condiçaõ ser tam tyranna
E desprezais a amor, temei ventura
Que c'o exemplo de tantas desengana:
Se por ser soberanas na figura
Naõ quereis condiçaõ que seja humana
Olhai quantas figuras se trocaraõ
De fermosas, e ingratas que passaraõ.

Naõ

Naõ he conſelho o meu de intereſſado
O rigor mais eſtranho vſa comigo,
Se para hum mal tam doce, e deſejado
Quem naõ mereceo gloria tem caſtigo,
Mas naõ veja de amor mal empregado
Em vos algum tormento, algum perigo,
Que mal ficará delle ſatisfeito
Quem ſabe ſer amante, e ſer ſugeito.

Que razaõ pode dar que leue eſcuſa?
A fermoſa Lianor, que preſo tinha
Hum Rey que o pouo ſeu continuo accuſa,
Porque elle a ſeu peſar a fez Raynha:
Nega as Leyes, e a razaõ ſó buſca, e vſa
A ley que para amala lhe conuinha;
Se ella a tam grande amor tam mal reſponde
Que eſquece hum claro Rey, e eſtima hũ cõde.

Ah damas, que naõ ſei ſe vos reprenda
De tyrannas, crueis, de enganadoras?
Mas como pode ſer, que vos offenda
Quem vos confeſſa, e ama por ſenhoras;
Antes que a juſta Nemeſis entenda
Neſſas partes de tudo vencedoras
Tomai de tais caſtigos nouo exemplo
Naõ ſiruais de trofeos ao ſeu templo.

Qual a era que viueo ſempre enlaçada
Na verde enſinha, ou vlmo na montanha
Que ſendo a caſo a aruore cortada
Que com ſeus ramos orna, e acompanha:
Fica na terra humilde, e deſprezada
Que qualquer vento vaõ, e ſol a acanha
Tal a Raynha eſtaua ſem conforto
Com o matador preſente, o Conde morto.

Mil

Mil ſucceſſos contrarios imagina,
Neſte primeiro aſſalto de ſeu dano
Com dor, amor, e odio deſatina
Ferindo o peito bello quanto humano;
E com razões que o meſmo mal lhe enſina
Vendo o roſto cruel ao deſengano,
A noite em que temia o mór caſtigo
(Como ouuiſtes) falaua aſſi conſigo.

O fortuna cruel, cega, enganoſa
De quem ſempre fiei quantos bens tinha,
Quem me vio nos teus braços tam mimoſa
Quaõ mal crerâ neſta hora a ſorte minha:
De que ſeruia eſtrella tam ditoſa?
O nome, a honra, o trono de Raynha?
Se cae em tal eſtado a minha eſtrella
Que fora mór ventura a de naõ tella.

Que me fica já mais que a vida triſte
Sugeita a mil afrontas, e contrarios,
Iá fora do lugar em que a ſubiſte
Offerecida a perigos neceſſarios;
Com os bens a pouco e pouco me fugiſte,
Deixaſ-me em tantos males, e tam varios
Leua cruel agora o que me deixas,
Tirar-me-as a razaõ de móres queixas.

Ah grande ſem razaõ da natureza
Só em noſſos reſpeitos encolhida,
Que dê a huma molher tanta fraqueza
Com tais razões para tirar-ſe a vida
Quem vejo? quem me atalha? que me peza,
Mas naõ ha quem atalhe, nem me impida
Senaõ o proprio mal que ſempre ordena
Que dure a vida; para que dure a pena.

Aonde

Aonde me apartarei defte perigo ?
Quem me aconfelhará, fe he morto o conde?
Porei a honra, e reyno no inimigo,
Que a tençaõ de tyranno nada efconde ?
Efperarei dos fados o caftigo ?
Que fempre igual aos goftos correfponde?
Que cautella ha, que termo, ou que bõ meo,
Para vencer a vida, e o receo ?
Se em mãos da cruel Parca a vida vira
Antes que nefte trance em que me vejo
A magoa de a perder menos fentira
Que o duuidofo mal com que pellejo :
Como meu fonho vaõ ficou mentira !
Como fe tornou em pena o meu defejo
Que farei trifte agora fem caminho ?
Que quanto temo entendo que adeuinho ?
Quem viueo já nos males por cuftume
Nenhum affalto delles nouo eftranha,
Que nem efpera os bens, menos prefume,
E já conhece aquelles que acompanha;
Ao que viue fem luz offende o lume,
Ao que foi fempre pobre o ouro acanha;
Ay de quem viueo fempre em tal bonança
Que nunca temeo males, nem mudança.
O enganofa vida a de hum contente,
Que com nenhum cuidado fe defuella
Como todos os bens crê facilmente !
Quaõ pouco dos fucceffos fe acautella ?
Como fe moftra a forte differente
A quem mais liuremente fe crê della ?
Quaõ tarde a conheci ? trifte, quaõ tarde ?
Pois naõ poffo fugir, e eftou cobarde.

Sahi

Sahi lagrimas minhas pouco vſadas
A chorar o rigor de hum ſentimento
Que ſe vos tinha a ſorte repreſadas
Podeis correr agora, cento, a cento:
Ay horas de reynar tam cobiçadas,
Que tiueſtes tam doce o fundamento
Como vos pago agora á mór valia,
Quando eu já naõ cuidei que vos deuia.

Atras deſtas palauras, eſmorece,
E cae ſem ſentir adórmecida
Até que o dia alegre lhe offerece,
Remedio, defenſaõ, ſoccorro, e vida;
Que quando o Sol aos montes amanhece
He de muitos, dos grandes ſoccorrida
Deixa o conde ſem alma, e ſepultura,
Vai buſcar caſa, e ſorte mais ſegura.

Para Alemquer ſe parte acompanhada
Dos parentes, que armados vaõ com ella;
Naõ he do Meſtre entaõ niſto eſtoruada,
Que naõ tem penſamentos de offendella,
Aly procura eſtar fortificada
Té vir ſoccorro, e gente de Caſtella,
Ao Rey Ioaõ eſcreue o ſuccedido,
E diz que ponha em armas ſeu partido.

Na vila ſe fez forte, e huma eſpia
Huma noite de Aluerca a auiſaua
Que Nuno Alures Pereira aly dormia
Que ao Meſtre (como ouuiſtes) ſe tornaua:
Ella, que delle o meſmo preſumia
Prendello pelos ſeus logo mandaua,
Que de ſeus penſamentos naõ ſe eſquece
Nem do cuidado em vaõ, que lhe merece.

Mas

Mas elle que naõ viue descuidado,
Todos seus vãos intentos disbarata,
A Aluerca chega, e passa a noite armado
Como quem sabe a causa de que trata:
Com os que leua está determinado
De naõ vender a vida muy barata
Se alguma gente imiga se ajuntasse
Que o gosto da jornada lhe atalhasse.
E quando a bella aurora já decia
Sobre as nuués, que a noite escurecéra;
E os passaros com canto, e melodia
Cada qual mais contente o Sol espera:
Se parte a valerosa companhia,
De quem o proprio Marte se temera,
E em pouco espasso pella terra chega.
Que o Laercio fundou da gente Grega.
Do Mestre alegremente recebido
Foi o Pereira ousado, e animoso
Que do seu grande animo atreuido
Todo o successo espera venturoso;
Os que o tem já por obras conhecido
Festejaõ companheiro tam famoso,
Que a muitos adeuinha o coraçaõ
Que tem só no seu braço a defensaõ.
Valeroso Nunalures sem receo
(Lhe diz o Mestre) a quem em nada auaro
O ceo fez de valor, e esforço cheo
Como de antigo sangue, illustre, e claro;
O muito que eu em vos tenho, e grangeo
Nesse espirito tam nobre, altiuo, e raro,
Bem manifesta o meu contentamento,
Se o eu noutros sinais naõ represento,
Sem-

Sempre tiue ſegura a confiança
Em voſſo grande animo, e verdade,
Como a quem nunca fez fazer mudança
O reſpeito de irmãos, e de amiſade;
Se no que eu vos mandei tomar vingança
Mudei o parecer, naõ já a vontade
Que por á voſſa ter grande inueja,
Eu quis tomar a empreſa da peleja.

E quando doutro amigo confiára
Matar ao falſo Conde, incauto forá,
Que nem a outro Nunalures logo achára,
Nem eſperara acharuos como agora:
Se niſto o meu deſejo ſe declara
E voſſo injuſto aggrauo ſe melhora
Noutra ſatisfaçaõ; aqui me offereço
Se errei em pouco, em muito vos mereço.

Parece a Nuno eſte louuor ſobejo
Quaſi delle afrontado muda as cores
Muito ha, lhe diz, ſenhor, que o meu deſejo
Satisfaçaõ merece, e naõ louuores;
Deſuiou-mo a ventura, agora vejo
Que me guarda occaſiões muito melhores
Pois era ſem proueito offerecida
Para a paz hum ſoldado, e huma vida.

Em guerra eſtais, e a tempo me offereço,
Que moſtrará a vontade ſe vos erra
Que as vidas dos criados tem mais preço
Nos perigos, e trances que ha guerra;
O que procuro em vós, muy bem conheço
Que he o mayor valor que em mi ſe enſerra
Quantos vós me eſtais, e quanto eu poſſo
Como naceo de vós de todo he voſſo.

Amor

Amor, poder, e irmãos nada me atalha
Que a mim deuo ſer ſempre o mór amigo
Naõ quero outro reſpeito que me valha
Mais que eſte intento ſó que vem comigo:
Em fortalezas, campos, e em batalha,
No mais eſtreito paſſo, e mór perigo
Só me mandai ſenhor, ſeja o primeiro
Com eſte esforço ſó por companheiro.

Pode vencer-me a força Caſtelhana
Mas naõ me vencerá della o receo
Do mais nada me aggraua, nem me dana
Foi goſto voſſo, ou parecer alheo;
Nem cobiça de gloria vã me engana
Nem nouas honras, bẽs, terra, grangeo,
A vida, a honra, a fama, o nome, o goſto
Só em voſſo ſeruiço o tenho poſto.

A eſtas leaes razões, que o caualleiro
Dizia ſem receos, e embaraços;
Que a hum coraçaõ nobre, e verdádeiro
Prendem, obrigaõ, ataõ como laços,
Naõ lhe reſponde o Meſtre, que primeiro
Lhe lança ao peſcoço os fortes braços,
Naõ fiando da lingoa, quanto o peito.
De tal vaſſallo eſtaua ſatisfeito.

E ou foſſe hum natural conhecimento
Que lhe daua a preſaga fanteſia
De aquelle ſer collumna, e fundamento
De quanto imaginaua, e pretendia;
Ou que o accidental contentamento
Lhe encheſſe o roſto, e olhos de alegria
Nas palauras, no modo, termo, e geſto
O ſeu deſejo eſtaua manifeſto.

Do

Do ſeu conſelho o faz, e ſendo eleito
Cada hum dos delle alegre o recebeo
Entre os quaes logo em animo, e reſpeito
Como o cedro entre os Platanos ſe ergueo
Depois por ſecretario do ſeu peito
Em todo o tempo o Meſtre o eſcolheo
Que nada imaginaua de tam perto,
Que já naõ foſſe a Nuno deſcuberto.

O reyno enuolto em armas, e em contenda
Gente inclinada, e gente receoſa
Huns polla liberdade, outros por renda,
E enganos da cobiça mentiroſa;
Nuno Alures porque a patria ſe defenda
Aſſegurando a parte duuidoſa,
A' ſua vida, o termo vſado nega,
Naõ repouſa, naõ dorme, naõ ſocega.

Em quanto iſto paſſaua na cidade
Iá no Crato o Prior ſe apercebia
A moſtrar ſeu valor, honra, e verdade
Ao Caſtelhano Rey que elle eſcolhia;
E porque o quer ſeruir com mageſtade
De vaſſallos, irmaõ, força, e valia,
Vendo que ſó Nuno Alures lhe falece,
De nouo a conquiſtalo ſe offerece.

De promeſſas do Rey que elle recuſa
De cartas da Raynha que o honrára,
Dos amoroſos rogos de irmaõ vſa
E de muitos amigos que tratára;
Naõ deixando lugar á noua eſcuſa
De quantas dante maõ lhe imaginára
Roga, grangea, pede, eſcreue, e manda,
Mas quem o vencerá neſta demanda?

Faz

Faz vir de Nuno a mãy logo a Lisboa
Dos ſeus muy nobremente acompanhada
Sabendo que nenhuma outra peſſoa
He delle mais querida, e reſpeitada:
Primeiro a ſeus intentos a affeiçoa,
Iuſtificando a cauſa praticada,
E depois com promeſſas a aſſegura
Que alem de ſer razaõ, que era ventura.

A venerauel dona que pretende
Ver ao ſilho em eſtado poderoſo,
As nouas eſperanças já ſe rende
Com animo contente, e cobiçoſo;
Naõ conhece porém que niſto offende
Aquelle peito altiuo, e valeroſo
Chegou, logo ao filho deſejado
Communicou ſeu goſto, e ſeu recado.

Offerecer-lhe manda o Caſtelhano
Titulo, renda, e honras deſejadas,
Se do famoſo Meſtre Luſitano
Deixaſſe as eſperanças enganadas;
Chama a ſeu bom deſejo, cego engano,
E a ſeus illuſtres feitos, vãs paſſadas
A Raynha igualmente o combatia
Com razões, com promeſſas, com valia.

Mas qual a rocha em alto leuantada
Dos diſconformes ventos combatida
Que entaõ fica mais firme, e mais fundada
Quando de aſſaltos ſeus mais preſeguida;
Tal de Nuno a firmeza contraſtada,
Foi de intereſſes vãos, mas naõ vencida
Antes ficou mais firme, e mais conſtante
Do que o pezo dos Ceos ſobre Athalante.

E

E em lugar da repoſta que eſperou
Das cartas, e promeſſas com que vinha
As rezões delle a dona ſe inclinou
Crendo que ſó ſeguia o que conuinha;
E finalmente o filho lhe affirmou,
Que com a vida, o esforço, e quanto tinha,
Ou ao Meſtre veria o que deſeja
Ou deixaria a vida na peleja.

Ah naõ permita o Ceo que ſeja ingrato
(Dizia) á minha Patria, e que algum meo
Dos leais penſamentos com que trato
Me tire por cobiça, ou por receo;
Quem tem por preço leue, e mais barato
Catiuar Portugal a hum reyno alheo,
Siga ſeus vãos intentos, mas entenda
Que ha braço Portugues que lho defenda.

Que quando a vam cobiça poſſa, e monte
Tanto nos peitos vis que ella profana,
Veraõ ſempre eſte peito eſtar defronte
Reſiſtindo a eſſa furia Caſtelhana;
Antes da minha morte entaõ ſe conte
Por defenſaõ da terra Luſytana,
Que afrontar-ſe viuendo hum peito honrrado
De ſer ſó com promeſſas conquiſtado.

Ella que o filho ouuio deſta maneira
O cónfirma no intento que lhe via,
E o ſeu mais moço irmaõ Fernaõ Pereira
Lhe promete mandar por companhia;
Iſto na deſpedida derradeira
Lhe encomenda, lhe lembra, e lhe confia,
Lança-lhe os braços, dalhe a bençaõ, parte
Iá inclinado o goſto noutra parte.

Quaõ

Quaõ facilmente hum coraçaõ catiuo
Se vence do intereſſe, e da cobiça?
Como á Ley natural ſe moſtra eſquiuo?
E faz do ſeu querer honra, e juſtiça?
Nuncá pode o deſejo ſer altiuo
Se eſta vil ambiçaõ ſeu fogo atiça
Só pode ſer illuſtre, e excellente
O coraçaõ magnanimo, e prudente.

Que ſe he tam poderoſa artelharia
Eſta que vence agora a tantos peitos
Menos nace de ter força, e valia
Que de bater em muros imperfeitos:
Que em lhe dando a primeira bataria
Caem por terra altiſſimos reſpeitos
Que dantes naõ fundára a natureza
Em verdade, razaõ, e em fortaleza.

Nuno os irmaõs famoſos deſampara
O maternal amor em pouco eſtima
Porque a cobiça vil, injuſta, auara
Seus altos penſamentos nunca opprime:
Polo amor natural da patria chara
Os eſtados, e a vida deſeſtima
Tanto a ſeu cargo toma o defendella
Que mais que o Meſtre em tudo ſe deſuella.

E porque de ambos era o mór cuidado
De Lisboa o caſtello que inda tinha
Martim Affonſo valente acompanhado
De Affonſo Anes das Leis pola Rainha:
O Pereira valente, acautelado
Huma ſecreta carta lhe encaminha
Para o caſtello armado ſó ſe abala
E com o capitaõ delle á parte falla.

E

E com tantas razões lhe reprefenta
A tençaõ com que o reyno fe defende
Que o Valente inclinado fe contenta
De vir com elle âquillo que pretende;
Mas fó pola omenagem que fuftenta
Efcufa fem afronta achar entende
Por tanto pede o prazo que conuinha
Para efperar recado da Rainha.

Quarenta horas foi termo limitado
Que o noffo caualleiro lhe confente
Em refés fica o Leis depofitado
E Pedreanes Lobato hum feu parente;
Nuno o caftello á noite tem cercado
Com machinas, efcadas, força, e gente
Para que outra de nouo naõ lhe acuda
Se alguem fe offereceffe a dar-lhe ajuda.

Paffado o prazo, e o requerimento,
Que liuraua de culpa o capitaõ:
Mandado de Lianor confentimento
Pois querer acudir-lhe fora em vaõ:
Iá confeguido o fim daquelle intento
Que a muitos era dantes confufaõ
Entregue ao Meftre logo a fortaleza
Iá fe aluoroça a gente Portuguefa.

O defenfor da patria que já via
Quando o forte Nunalures lhe importaua
Affi no esforço com que accometia
Como no modo com que aconfelhaua
Em qualquer occafiaõ que fe offerecia
Sempre a feus pareceres fe inclinaua
Defcobrindo já nelle hnm claro efpelho
De esforço, de oufadia, e de confelho.

Po-

Porém a inueja vil, que naõ consente
Preço e valor âs obras de alta estima,
E roendo as entranhas sutilmente
Corta como a secreta, e surda lima:
De alguns trazia o peito descontente
Aos quaes o valor doutrem desanima
Porque como acanhados do receo
Aborrecem qualquer esforço alheo.

Estes eraõ dos grandes que assistiaõ
No conselho do Mestre máis ousado
Que mouidos de inueja porque viaõ
Que era a Nunalures já mais inclinado:
Entre si conjurados pretendiaõ
Que fosse em tudo delles reprouado
E que quanto da guerra aconselhasse
Por cada hum, e por todos se encontrasse.

Foi logo isto a Nunalures descuberto
Por quem d'entre elles veo dar-lhe auiso
E por ver este engano de mais perto
Entre si o escondeo com modo, e sizo
Mas cedo veo o dia do concerto
Que das tenções daquelles fez juyzo
Rendendo a cada hum pejo, e vergonha
Que a condiçaõ da inueja he da peçonha.

No outro dia o Mestre disputando
No conselho hum negocio que conuinha
Foi a tento o Pereira as razões dando
Que com o seu parecer conformes tinha:
Quando os aremessados do outro bando
A quem logo a tençaõ desencaminha,
Todos a huma voz condenaõ, que era
Errado tudo quanto aly dissera.

De

De confuſas razões ſem apparencia
Faz cada hum de encontrallo fundamento
Elle rindo-ſe eſtá da competencia
De todos deſcubrindo o penſamento:
Exercitando aquella paciencia
Que eſperaua mais alto vencimento
Mas o Meſtre enleado de tal junta
Do nouo riſo a cauſa lhe pergunta.

Tras de importunos rogos deſcobria
O contrato que entre elles ordenáraõ
E com quanta razaõ delles ſe ria
Vendo que o ſeu ſegredo mal guardáraõ?
A cada hum dos outros que iſto ouuia
De noua cor os roſtos ſe afrontáraõ,
Porém o defenſor cauto, e prudente
Os reprende, e diſculpa juntamente.

Qual ſoe o laurador, que pouco aſtuto
Cahio no cepo occulto que elle armara,
De que o lobo faminto, mais que bruto
Deſuiando as piſadas eſcapára;
Que a vergonha que aly colheo por fruto
Mais a ſente, que o mal que eſprimentára;
Aſſi cada hum no roſto moſtra hum pejo,
Que caſtigaua entaõ ſeu mao deſejo.

Ceſſou a tençaõ nelles enganada
Com a propria vergonha reprendida
Ordena o Meſtre de ir com gente armada
Sobre a freſca Alemquer, que tem perdida;
Eſtaua a villa forte, e bem murada,
Donde já a Raynha era partida.
E o caſtello com gente, e monições
Suſtenta Vaſco Pires de Camões.

Partio, e entrada a villa graciosa
Tras de huma escaramuça mui trauada,
Huns defendendo a casa saborosa,
E outros que nella vaõ buscar pousada:
Aposentada a gente belicosa,
Que a pezar dos de dentro teue entrada,
Nuno Alures posto á mira do castello,
Ao outro dia espera combatello.

Nisto o contrario Rey determinado
De conquistar por armas sua herança
Pois do Portugues cetro, e nouo estado
Naõ pode ter na paz outra esperança:
De valerosa gente acompanhado
Entra no Reyno armado, e naõ descança,
O Mestre que de longe se apercebe
Eis que a ligeira noua aly recebe.

Iá alta noite o campo socegado
Com escutas, com guardas, cintinelas
De Santarem lhe vem certo recado,
Quefo Rey com o poder todo de Castella,
Ia áiamosa villa era chegado,
Para r sobre Lisboa, e combatella,
A gente perturbada, que isto ouuira
Deixa ao seu defensor, e as redeas vira.

Disto auisado Nuno de repente,
Que mais junto ao castello se apousenta.
Como já ao Mestre deixa a facil gente
Porque o temor da noua os amedrenta:
Com elle volta o rosto diligente
Sem leuar lanças mais que até sesenta
Mas tam firme na sua, que inda espera
Accometer ao Rey se aly viera.

Eis

Eis o conſelho em partes diuidido
Em eſpanto e temor enuolta a terra
Que naõ querem que o Meſtre apercebido
Aguarde o primeiro impetu da guerra:
Antes com os mais que ſeguem ſeu partido
Se embarque por entaõ para Inglaterra
Donde com gente, e com poder alheo
Conquiſte o reyno imigo ſem receo.

Outros de opiniaõ muy differente
Defenſores da patria liberdade
Querem qne o Meſtre em armas ſe ſuſtente
O qual tambem ſuſtenta eſta vontade;
O valeroſo Nuno ouſadamente
A todos roga, esforça, e perſuade
Fortalece, aſſegura, e ſe conuida
A pór ao mór perigo ſempre a vida.

Cada hora o inimigo armado eſpera
A que o pouo veſinho ſe ajuntaua
Do qual mais teme as forças què lhe dera,
Que as q̃ a guerreira Eſpanha antes lhe daua
Contra ſi ſeus irmãos, e o que mais era
Aquelles contra ſi que elle ajudaua,
Com tudo o que mais buſca, e mais deſeja
He ver chegado o dia da peleja.

Mas o contrario Rey, que indan aõ tinha
Com eſtes bem ſegura a confiança
Em Santarem de eſpaſſo ſe detinha
Donde por todo o Reyno os olhos lança:
Cartas, dinheiro, e rogos encaminha
Huns obriga, outros moue, outros alcança
Guarnecendo de gentes Portugueſas
Alguns lugares, villas, fortalezas.

Vendo Nuno que a guerra ſe dilata
E o deſejo de alguns já perde o brio,
Com o Meſtre communica, moue, e trata;
Ter com o campo inimigo hum deſafio:
Que elle trinta por trinta ſe combata
Iunto á praia que corta o doce rio,
Com o Conde de Mayorgas, cuja fama
Por todo o mundo em armas ſe derrama.

Era eſte conde em guerras arriſcado
Em obras, e em peſſoa temeroſo,
Do Caſtelhano Rey muito eſtimado
De ſangue claro, illuſtre, e generoſo:
Famoſo capitaõ, deſtro ſoldado
Deſcendente do forte, e valeroſo
Dom Ioaõ Nunes de Lara, a cuja hiſtoria
Deue inda Portugal Feliz memoria.

Que ao Rey (que preſo o tinha) Caſtelhano
Recuſa condições muito importantes,
Se do Rey valeroſo Luſytano
Naõ ficaſſe vaſſallo como dantes;
Da priſaõ lhe deu logo o deſengano
Que eſtando os dous imperios deſcrepantes
Entendia de entrar-lhe a propria terra,
E nella fazer dano, e mouer guerra.

Naõ pareceo ao Meſtre deſatino
Eſte accometimento do Pereira
Antes o tem por lanço illuſtre, e dino
De huma fé tam conſtante, e verdadeira:
Nelle conſente, e vendo-o tam benino
O que tinha a vontade tam ligeira
Ao de Lara eſcreue, e deſafia,
E manda o meſageiro no outro dia.

Em

Em breue tempo a guerra ſe concerta
Dom Nuno Alures cõmete, o Conde aceita
O campo eſcolhem, o dia ſe liberta
Cada qual dos amigos ſe aproueita:
O Meſtre vè depois quaõ pouco acerta
Quando com os ſeus fez conta mais eſtreita
O prazo impede, o deſafio eſtroua,
Tendo por eſcuſada aquella proua.

O vaſſallo indinado deſeſpera
Vendo como o ſeu impetu ſe atalha,
Tudo imagina, e tudo conſidera
Para ſe ver com o Conde na batalha;
Buſcalo a Santarem logo ir quiſera
Por nelle naõ ſe achar tam grande falha
Té que o Meſtre lhe diz que he auiſado
De lhe eſtar certo engano concertado.

E que de Santarem ſecretamente
Lhe mandauaõ recados que naõ deſſe
Lugar, que o Caſtelhano diligente
Aos cobiçoſos peitos corrompeſſe:
Que com a verdadeira, e pouca gente
Que tinha, os fortes muros combateſſe,
Paſſando em barcas logo o doce Tejo,
Aonde acharia os mais por ſeu deſejo.

Eſte conſelho a todos preferia
Reſoluto Nuno Alures ſem mais tento,
Té que a razaõ de todos o deſuia,
Que era o perigo mór, que o fundamento:
Nem da fé dos recados ſe confia,
Nem para gentes, armas, mantimento
O numero das barcas baſta, e chega
Que até Porto de Mujem ſó nauega.

Neſte

Neste tempo á cidade já faltaua
A abastança commum que sempre ha nella,
Porque o commercio, e trato se estoruaua
Dos lugares, que estauaõ por Castella,
A Nunalures o Mestre encarregaua
O necessario encargo de prouella;
A' deleitosa Syntra logo o manda
Na guerra altiua, e forte, e na paz branda.

Leua trezentas lanças, corre a terra
Que o Conde de Sea em armas tinha
Com muita gente, e preuenções de guerra
Em nome de Castella, e da Raynha:
Porém nos muros seus a gente enserra
Em quanto aly Nuno Alures se detinha,
Fazendo liure o salto, e bem lhe pesa
Naõ vir o Conde a demandar-lhe a preza.

Com os seus já alta noite apousentado
Com graõ copia de gados que traziaõ,
De Alemquer huma espia tras recado,
Que tras elle á mór pressa se partiaõ:
De Santiago o Mestre nomeado,
Com as guerreiras gentes que o seguiaõ,
E outros dous capitães em companhia
De que o contrario Rey mais se confia.

Era o Mestre que agora a lança empunha
Polo Rey natural na terra alliea,
O successor do Ozores, testimunha
Que foi já, de que Nuno os naõ recea;
O Cabeça de vaca tem de alcunha
Que dom Pedro Fernandes, se nomea;
E outro do mesmo nome o acompanha
Dos de Velasco antiga luz de Hespanha.

Outro

Outro Pero Rodrigues de Sarmento
Tambem da geraçaõ antiga, e clara
Do Conde que com perda, e ſentimento
Do Caſtelhano, o de Aragaõ matára;
E eſtando os Reys depois ao caſamento
De hum filho; diſſe aquelle a quem faltára
Se a cepa me cortaſtes de dom Gomes
Sarmentos tenho, aſſi os tem por nomes,

Eſtes tres Pedros vem determinados
De caſtigar de Nuno a liberdade,
E que com os mantimentos deſejados
Naõ ſoccorreſſe as faltas da cidade;
Numero trazem grande de ſoldados,
Que de encontrar aos noſſos tem vontade
Mas a de Nuno a quem nenhuma eſpanta
Mais que todas as outras ſe adianta.

Naõ ſe moſtra cuidoſo, ou deſcontente
Da noua occaſiaõ, que ſe lhe ordena;
Porém cada hum dos ſeus ſecretamente
O temerario intento lhe condena:
Fogem muitos, que a noite lho conſente
Liurando-os da vergonha, e mais da pena
Achou-ſe dom Nuno Alures no outro dia
Com menos de ſeſenta em companhia.

Eſtes poucos pedindo que ſe parta
Antes de ſer mais perto do inimigo
E que dos fugitiuos naõ reparta
Por entre aquelles poucos o caſtigo
Mas elle nem ſe moue, nem ſe aparta
Da vontade que tinha, e do perigo
Com razões os detem té vir a tarde
Que o Sol já ſobre o mar ſe inclina, e arde.

Entaõ

Entaõ vio vir ſeu tio Ruy Pereira
Com muita gente armada: que o mandára
O Meſtre á ſoccorrello, que a maneira
Soube com que o ſeu campo ſe eſpalhára:
Reconheceo Nunalures a bandeira,
Com que á primeira viſta ſe enganára
Elle com os poucos ſeus ledo o feſteja,
E ordenados eſtaõ para a peleja.

Iá reprende ao dia de apreſſado
Porque falta com elle a confiança
De vir o Meſtre, imigo deſejado
Do qual quiſera ter certa eſperança;
Atè faltar de todo o Sol dourado
E eſcurecer-ſe a noite, naõ deſcança
Qualquer brado, ou rumor que ſe offerece
Tropel de Caſtelhanos lhe parece.

Cerrou-ſe a noite eſcura, e naõ vieraõ
Quando o tio a partirſe o perſuade
Azemelas, e carros, que trouxeraõ
Iá carregados vaõ para á cidade:
Se nella alegremente o receberaõ
Deixemos a geral neceſſidade,
Que inimigo naõ ha que tanto dome
Como a vil, importuna, e triſte fome.

Mas os tres capitães, que eraõ partidos,
Por encontrar ao noſſo caualleiro;
De quem poderaõ ſer bem recebidos
Se trouxeraõ galope mais ligeiro:
Iá depois que os Pereiras recolhidos
Teueraõ na cidade hum dia inteiro,
Chegaõ de Syntra aos freſcos arredores,
A ouuir as queixas vãs dos moradores.

E

E com a gente ouſada, que arrogante
Nas coſtas do inimigo a furia acende
Vaõ dous ao Lumiar que eſtá diante
Porque niſſo a cidade mais ſe offende:
Mas o Meſtre de Auis, que hum breue inſtante
Naõ falta á liberdade que defende
Naõ lhes dá tempo a que elles dano façaõ
Às deleitoſas terras que ameaçaõ.

Logo que da chegada teue auiſo,
E que eſtoualla á preſſa lhe conuinha
Por naõ fazerem dano, e prejuizo,
A' gente da cidade tam vezinha;
A dom Nunalures manda de improuiſo
Porque elle de chegar mór preſſa tinha
Com os trezentos que ſeguem ſeu pendaõ
Polas portas ſahio de ſanto Antaõ.

Naõ caminha tam leue, e tam contente
O que vem deſcançar de graõ jornada,
Nem mais ſe alegra a marinheira gente
Que vê de longe a terra deſejada:
Do que o capitaõ forte e diligente
E a leda companhia aluoraçada
Se contenta de ver tam perto a terra,
Aonde tem certo o imigo, e certa a guerra.

Ficou em pouco eſpaſſo delles perto,
Porque o deſejo a todos apreſſaua
Poem os ſeus em batalha, e em concerto
Guia para onde o imigo ſe alojaua;
Que já como auiſado, e como experto
Em ordem de peleja poſto eſtaua
Toçaõ trombetas de hum, e doutro bando
Seguindo a Nuno, os noſſos vaõ chegando.

CAN-

CANTO VIII.

Offerece dom Nuno Álures batalha a dom Pedro Fernandes de Velaſcó e a Pero Rodrigues Sarmento: Elles ſe retiraõ ſem pelejar. O Meſtre dom Ioaõ o faz recolher á cidade, donde vai com elle a Almada: Aly tem palauras no conſelho com o Conde de Arrayolos, e com ſeu Confirma depois os filho moradores da villa em ſeruiço do Meſtre. Entraõ no Crato muitos capitães Caſtelhanos com fauor do Prior dom Pedralures Pereira, para deſtruirem as terras de Alem Tejo; Manda o Meſtre a dom Nunalures a defendelas: Vai a pelejar com o Prior ſeu irmaõ, com o Meſtre de Calatraua, e outros capitães Caſtelhanos: O irmaõ lhe manda ao caminho hum meſageiro para o deſuadir deſte intento; e elle ſeguindoo lhes dá batalha entre Fronteira, e Eſtremos.

DIante do eſquadraõ armado, e forte
Vai o famoſo heroa Luſytano,
Que a pé tenta prouar a varia ſorte,
E dar de ſeu esforço o deſengano:
Ameaçando dano, perda, e morte
Deſtroço, e fim ao campo Caſtelhano,
Por baſtaõ huma lança, e tam piquena,
Que a reſpeito das outras era entena.

Em os contrarios entra o vil receo
Vendo aquella ouſadia temeraria,
Cada hum vê pouca a gente com que veo,
E lhe parece muita a que he contraria,
Nos capitães ſe vê o meſmo enleo
Faltaõ da guerra a ordem neceſſaria
Cada qual já ſe anima, e já ſe eſpanta,
Mas nenhum para os noſſos ſe adianta.

E

E aſſi como na náo a que a ventura
Leuou com o brando vento mais fermoſa
Que vendo vir no ceo a nuue eſcura
Que ameaça a tormenta riguroſa:
Teme o Piloto: a turba ſe miſtura
Amaina, grita a gente receoſa;
Aſſi aos inimigos lhes parece
Que he o Pereira algum trouaõ que dece.

O Sarmento que vinha na vanguarda
A pé, e a pelejar determinado
Vendo o temor dos outros ſe acobarda,
E torna atras do intento começado:
Salta a cauallo, e cuida que inda tarda
Segundo o capitaõ vinha apreſſado
E o illuſtre Velaſco que atras vinha
Com toda a gente armada ſe detinha.

Mas logo teue auiſo do Sarmento
Que voltar he conſelho mais maduro
Do porque, que elle ſabe o fundamento
Mas tambem para nós he pouco eſcuro;
Retirados ao ſeu alojamento
Se vaõ daly que he termo mais ſeguro:
O Pereira brandando os enxoualha
Vendo-os fugir armados da batalha.

Ah, diz, capitães fortes eſperai
Naõ ſe conte de vós eſſa indecencia,
Prouemos a ventura, pelejai,
Que me fará graõ dano voſſa auſencia:
Eſtes poucos que tenho catiuai
Que faraõ pouco eſpaſſo reſiſtencia
Se inda hoje ereis liões feros, e ouſados
Como agora ſois ceruos, e eſpantados?

Se

Se para me bufcar foftes armaruos
Fazendo em vaõ jornada tam fobeja
Aqui venho á mór preffa por bufcar-uos,
Que cada hum bufca aquillo que defeja:
Que razões achareis de defculparuos
Se agora me fugis defta peleja?
Como naõ vos correis gente atreuida
De antes de pelejar, ficar vencida?
Em vaõ neftas razões fe defpendia
O capitaõ famofo, que o Sarmento
Os feus com medo, e arte recolhia,
Por naõ dar com mais cufto o vencimento;
Do que lhe diz Nunalures nada ouuia
Que perdendo de todo o fofrimento
Soltou muitas palauras defcompoftas
A que o bom capitaõ viraua as coftas.
Ficou por elle o campo liuremente
E a vitoria alcançada fem peleja,
E elle defte fucceffo defcontente,
Porque nem bufca a paz, nem na defeja;
E animando de noua a forte gente,
Para qualquer perigo mór que veja
Ir feguindo procura o Caftelhano
Que naõ quer vencimento fem feu dano.
Sabendo logo o Meftre efta vontade,
Que fempre do perigo fez a efcolha
Sae com gente á preffa da cidade,
E faz que o caualleiro fe recolha:
Com ifto a feu pezar fe perfuade,
E a cada paffo em vaõ para tras olha,
Como que lá lhe fica a melhor caça,
Mas já para outro dia os ameaça.

Defte

Deſte inimigo a terra ſocegada,
Porque doutros vezinhos ſe temia
O Meſtre defenſor vai para Almada
Com o noſſo Pereira em companhia:
A villa a ſeu intento rebelada
Ficou da ſua parte aquelle dia,
Com promeſſas, fauores, e amiſades,
Que he a priſaõ mais facil das vontades.

Aly o vem buſcar, e ſe lhe offrece
O Conde de Arrayolos, que antes era
Do Caſtelhano Rey, porque conhece
Quaõ bem em tudo o Meſtre procedera:
Polo que dos principios lhe parece,
E a ſeu filho dom Pedro, que trouxera
Ficaõ pera que o Meſtre os reja, e mande,
Que entaõ de ſi lhes deu parte mui grande.

Ouue aly ſeu conſelho acuſtumado,
Aonde o de Caſtro honrado lugar teue:
Conta-lhe todo o feito começado
Quanto faz de preſente, e fazer deue,
Seu intento tam firme, e tam fundado
Os verdadeiros ſeus, em que ſe atreues
Mas o Conde lhe oppoem razões mui varias,
Nenhuma em ſeu fauor, todas contrarias.

Conta o poder, e as forças de Caſtella,
E os grandes que de cà por elle eſtauaõ
Os muitos que ha miſter para offendela,
E os poucos que por elle pelejauaõ;
Diz, que demanda vam parece aquella,
Em que tam mal as forças ſe igualauaõ,
Que he juſto, e bem fundado aquelle intento
Mas nos ſeus mal ſeguro o fundamento.

Nuno

Nuno a quem já a ira ouſada nega
Lugar á magoa que no peito eſconde
De colera a rezaõ catiua, e cega
Infiado tornou ao claro Conde;
Quẽ vem buſcar ao Meſtre, e ſe lhe entrega
Mal com o deſejo ás obras correſponde;
Quem lhe impunha o intento que defende
Naõ no venha ſeruir contra o que entende.

Nem Portugues ſe chame verdadeiro
Nem ſeruidor do Meſtre, e bom vaſſallo
Nem forte, e valeroſo caualleiro
Quem com razões procura eſtoruallo:
Naõ lhe faltaõ vaſſallos, e dinheiro
Gentes de Iffantaria, e de cauallo;
Naõ a ſe defender de gente eſtranha
Mas para conquiſtar a toda Heſpanha.

E quem para ſeruillo ſe offerece
Naõ lhe deue encontrar tençaõ tam pura,
Que tudo o que ha na terra o fauorece,
E o ceo com grandes moſtras o ſegura;
Na peleja, e nos trances ſe conhece
Quem ſeguilo deſeja, ama, e procura,
Que conſelhos contrarios ſaõ ſem fruito
E ainda que valem pouco offendem muito.

A iſto afrontado o Conde reſpondia,
E apunhando dom Pedro lhe reſponde:
Accuſando de Nuno a demaſia
Em offender ſem cauſa ao nobre Conde:
Mas como os elle entaõ pouco temia,
Nem lhes nega repoſta, nem ſe eſconde,
Mas o Meſtre que vê que as razões crecem;
Calar os manda, e todos lhe obedecem.

A cada hum ardia em fogo o peito,
Que com furor nos olhos se descobre
O Mestre com brandura, e com respeito
Conforma o capitaõ, e o Conde nobre:
Volta para á cidade satisfeito
Da villa que a tençaõ fingida encobre,
E assi vendo que della era partido
Iá andaua o pouo em partes diuidido.

Que como a terra fora da Raynha,
E os nobres della seus, logo atalhauaõ
A vontade leal que a gente tinha,
E mil motins entre ella leuantauaõ,
Destes ao defensor cada hora vinha
Noua, que os seus leais disto auisauaõ,
Manda de nouo a ella o forte Nuno
Que alegre passa as agoas de Neptuno.

Com só quarenta lanças que leuou
Sem dar noua ou sinal que aly chegasse
Da fortaleza as portas lhes tomou
Porque nenhum da villa nella entrasse:
A noua de huns aos outros alcançou,
E por saber de perto a que voltasse
Se ajuntaõ aonde está forte o Pereira
Que a falar começou desta maneira.

Moradores leais cuja verdade
O Mestre meu senhor ama, e deseja
Obrigar mais por termos de amisade
Que por força de gente, e de peleja:
Depois de ter mostrado esta vontade
Que bem deueis saber quaõ pura seja
Soube que andaua a vossa na balança,
E mandou-me informar desta mudança.

Se

Se como Portuguefes verdadeiros
Quereis guardar o voſſo foro antigo
Amigos nos tereis, e companheiros
Como a elle por ſenhor, e por amigo
Mas ſe como rebeldes, e ligeiros
Quereis ſeguir a parte do inimigo,
Ou vereis voſſa morte, ou voſſo dano,
Se vence o Meſtre, ou vence o Caſtelhano.

Como vos eſqueceis que prometeſtes
Ao voſſo defenſor fidelidade?
Naõ ſois vós Portugueſes? naõ ſois eſtes?
Quem vos fez Caſtelhana eſſa vontade:
De que promeſſa, ou rogo vos venceſtes?
Para dar tam barata a liberdade,
E ſem ver o rigor da injuſta guerra
Catiuais eſperanças, vida, e terra.

Naõ vos moua a Raynha, que já agora
Naõ pode ter lugar na terra alhea,
Que naõ quer já de Almada ſer ſenhora
Só para o genro eſtranho vos grangea;
Se inda ha raizes ſuas, lançai fora
Aquellas de que o pouo ſe recea,
Ou ficai Portugueſes confirmados,
Ou ſereis como imigos conquiſtados.

Eſtas, e outras palauras que dizia
Foraõ de tanta força, que moueo
Os do contrario bando que aly auia
E toda a gente á huma reſpondeo:
Que por ſenhor ao Meſtre conhecia
Pois para defenſor lho dera o ceo
Leuanta-ſe huma voz que a voz lhe priua
Viua o defenſor noſſo, o Meſtre viua.

Para

Para que eſtas vontades confirmaſſe,
O ſabio capitaõ, com mais certeza
E porque logo a villa lhe entregaſſe
As armas, moniçoes, e a fortaleza;
Manda pedir ao Meſtre que paſſaſſe
Aquella tarde o mar, com ligeireza
Paſſa á Almada, o caſtello ſe lhe entrega
Faz a volta a Lisboa, á noite chega.

Ao outro dia aly lhe vem recado
Das villas que entre o Tejo, e Guadiana
Os pouos tem por elle leuantado
Contra o poder da gente Caſtelhana:
Mas que capitães grandes deſſe eſtado
Correm de nouo a terra Tranſtagana
Cujo campo no Crato ſe alojára
Que o Prior por Caſtella aleuantára.

O Portugues com os ſeus ſe delibera
Por atalhar ao dano tam ſobejo
Com ſó duzentas lanças que eſcolhera
Que ſoccora Nunalures a Alem Tejo;
Elle que da jornada cedo eſpera
Abrir caminho a todo ſeu deſejo
Em breue ſe diſpoem para á partida
E com tal capitaõ nenhum duuída.

Com elles paſſa a Almada, aquella tarde
E o mar outra conquiſta lhe offerece
Que a terra em reboliço, e armas arde
Por huma noua armada que aparece:
Eſta faz que na villa, hum dia aguarde
Até ver o ſuceſſo que acontece
Oito náos de Caſtella ſaõ de armada
Que tem toda a cidade aluoraçada.

Mas o Meſtre de Auis em breue ordena
Nauios, gente armada, e bellicoſa
Que tem aquella empreſa por pequena
Para a vontade altiua, e cobiçoſa;
Dom Nuno Alures tambem que viue em pena
Parecendo-lhe a guerra vagaroſa
Naõ quer perder monçaõ com que ſe veja
No perigo, na afronta, e na peleja.

Daly paſſa entre as ondas que bramiaõ
Naõ ſofrendo tam grande atreuimento
Com elle ſeis no barco naõ cabiaõ
E os mares vem tras elles cento a cento,
Com brados os da terra o reprendiaõ
Mas elle vai ſeguindo o meſmo intento
Té que huma barca encontra de mór vella
Ioaõ Vaz de Almada o toma dentro nella.

Foi tomada, e vencida a frota imiga
Nuno ſe vem cançado, mas contente
De Almada parte, e com o ſucceſſo obriga
A que mais ſe aluoroce a forte gente:
Naõ ha quem com os deſejos o naõ ſiga
Se com os olhos naõ pode eſtar preſente
Chega aonde Couna ás varas ſe nauega,
E aly no meſmo tempo o Meſtre chega.

Com elle jantou Nuno aquelle dia
Honra que a ſeu valor, e amor ſe deue
Foi em todos geral, grande alegria
Saboroſo o comer, e o tempo breue;
Caualga a valeroſa companhia
De que o pendaõ já moue o vento leue
Té o recio o Meſtre os acompanha
Com natural amor, com graça eſtranha.

Aly

Aly em publico a Nuno os encomenda
Que com amor os trate, e com brandura
E a elles que cada hum tema, e defenda,
E ame a ſeu capitaõ com fé ſegura:
A que os manda lhe diz, a que contenda
Que eſpera, que deſeja, e que procura
Humas mercês promete, outras concede,
E dando a mão, e os braços ſe deſpede.

A parta-ſe o famoſo caualleiro
Na patria defenſaõ poſto o cuidado
Como vaſſallo nobre, e verdadeiro
De qualquer moſtra, e fé mais obrigado
No caminho gaſtado o dia inteiro
A Setuual chegou, e a ſeu recado
Os da terra naõ querem dar ouuidos
Que eſtaõ tambem no intento repartidos.

Nem ſabem ſe he da parte Portugueſa
Nem ſe querem fiar de gente armada
Aſſaz ao bom Nunalures diſto peza
Por logo achar tam perto má pouſada:
Mas o ſeu ſofrimento, e fortaleza
Que nunca foi aos males obrigada
O ſuſtenta muy ledo, e num momento
Nos arrabaldes forma alojamento.

Poem eſcutas, e guardas diligente
No caminho que vai contra Palmela
Porque os naõ tome incautos de repente
Algum tropel das gentes de Caſtella:
Dormindo pola noite a mais da gente
Para onde o capitaõ armado vella
Se ouue logo huma voz, arma, arma amigos
Que eſtaõ á noſſa viſta os inimigos.

Armaõ-ſe, e parte entre elles o Pereira
Para onde a eſcuta, e guardas apontaraõ
Cada hum tomar procura a dianteira
Que cõ hum galope igual todos marcharaõ
Até que ſoube a eſcuta mais ligeira
Que com huns alheos fogos ſe enganáraõ,
Porque o que o medo ás vezes faz ſobejo
Affigura em mil partes o deſejo.

Naõ foi ſem fruito aquella madrugada
Que lhe facilitou mais o caminho,
E ainda eſtaua a noite deſcuidada
Quando vem Montemór que eſtá veſinho:
Os da villa lhe daõ com goſto entrada
Alojamento, carnes, fruta, e vinho
Detem-ſe hum dia aly, e a noite eſcura
Em que huns inclina; os outros aſſegura.

A Euora chegou ao outro dia
Té onde para o fim deſta vontade
Leuaua já da corte em companhia
O que tinha o gouerno da cidade:
Fernaõ Gonçalues Darca ſe dizia
Homem fiel, e de esforço, e de verdade
Repouſa a noite aly liure, e quieta
Tê que tras outro dia o graõ Planeta.

Manda logo recado em continente
Pola comarca, e pouos de arredor
Pedindo armas, cauallos, carros, gente
Em ſeruiço do Meſtre defenſor:
Mas como eſtaua alguma differente
Ou por reſpeito injuſto, ou por temor
Só lhe vem trinta lanças, mil béſteiros
Mas eſtes bons, leais, e verdadeiros.

Com

Com eſtes, e com os ſeus faz a partida
Para Eſtremôs, e no arrabalde aſſenta
Aonde lhe chega a noua tam temida
Que mais lhe dobra as forças, e acrecenta:
Que a gente que de Heſpanha era ſaida
Que de Alem Tejo as terras amedrenta
No Crato eſtaua, ſoube o conto della
Os capitães, e os grandes de Caſtella.

Como teue eſta noua do inimigo
Intrincheira-ſe forte, e ſem receo
Porque com os poucos ſó que tem conſigo
Poſſa atalhar qualquer engano alheo:
Bem quiſera ir buſcar logo o perigo
Mas a gente chamada que naõ veo
Lhe tira pôr em obra o que deſeja
De nouo eſcreue a Eluas, manda a Beja.

De cartas, e promeſſas obrigados
Alguns vieraõ, mais que offerecidos
Foraõ bem recebidos, bem tratados
Com termos liberaes, e agradecidos:
Confirmando-lhe os animos turbados
Duuidoſos alguns, alguns vencidos.
E junta toda a armada companhia
Com voz, e com geſto amigo lhes dizia.

Companheiros leaes em quem conſiſte
A liberdade, e honra Portugueſa
Defenſores da patria, que tam triſte
Se vê de eſtranhas gentes feitas preza;
Se voſſo valor grande naõ reſiſte,
E acanha dos contrarios a braueza
Acabe Portugal, perca-ſe a fama
Que de ſeu grande esforço ſe derrama.

De

De Auis o Meſtre ouſado dom Ioaõ
Defenſor voſſo, e pay mais verdadeiro
Me mandou para voſſa defenſaõ
Menos por capitaõ, que companheiro:
De cujo amor, esforço e condiçaõ
Os que eſtais informados por inteiro
Conheceis com qual animo, e vontade
Defende o reyno, e voſſa liberdade.

E porque agora temos de tam perto
O arrogante contrario Caſtelhano
Que com odio mortal, e deſcuberto
Procura ſeu partido, e voſſo dano
Para que em dano ſeu façamos certo
O noſſo antigo nome, e o ſeu engano
Armas, armas famoſos Portugueſes
A vencer cuſtumados tantas vezes.

No Crato eſtaõ com força naõ ſegura,
Que em Deos he ſó fundada a fortaleza
Com o meu rebelde irmaõ, que na ventura
Pôs tudo o que deuia a natureza;
O que quer cada hum, buſca, e procura
He deſtruir a gloria Portugueſa
E com peitas, ardis, engano, e guerra
Tirar-vos juntamente a honra, e terra.

Polo que agora eſtou determinado
Se algum parecer voſſo naõ me eſtroua
De tam valentes braços ajudado
Com elle na batalha vir á proua;
Antes de ter ſeu feito começado
Com que a vontade, e forças ſe renoua
Madruguemos melhor, vamos mais cedo
Moſtremos-lhe as eſpadas, naõ já o medo.

As

As vltimas palauras que acabou
O famoſo Pereira, em continente
Inquieto rumor ſe aleuantou
Entre a mal ordenada, e varia gente:
Cada hum ſeu parecer diſſimulou,
E poſto qne o naõ diz, moſtra o que ſente
Mas de todos ſó huma voz ſe ouuia
Que querem reſponder-lhe no outro dia.

Elle deſta razaõ mal ſatisfeito
Dilatar tanto o prazo naõ quiſera
Porque claro conhece o vil reſpeito
Com que liurarſe o pouo conſidera.
E encobrindo entaõ dentro no peito
O que daquellas moſtras conhecera
As vidas lhes lembrando, a honra, e fama
Naõ nace inda outro dia quando os chama.

Com mil razões guiadas do receo
Aly o pouo incerto ſe defende
Contando-lhe o poder do campo alheo
Que o medo mais dilata, e maiseſtende:
A pouca gente, e armas com que veo,
E o muito a que ſe arriſca lhe reprende
Sobre ſer couſa indina que ſe veja
Contra os proprios irmãos numa peleja.

Quanto ſente aquelle animo esforçado
A fraqueza dos poucos que aly tinha?
Quantas razões em vaõ lhes tinha dado
Tantas por varios modos lhe encaminha;
Como ſe moſtra antelles confiado
Contra o valente irmaõ, que tambem vinha?
Como faz pouco caſo do inimigo?
Como aly facilita o mór perigo?

E vendo que naõ val eſta ouſadia
Contra o temor que os animos ſugeita;
Hum pouco eſpaſſo delles ſe deſuia,
E de hum ardil eſtranho ſe aproueita:
Hum ribeiro paſſou que aly corria
E como quem já tinha a conta feita,
Voltando o roſto a elles menos ledo
Com taes palauras quer tirar-lhe o medo.

Gente esforçada agora duuidoſa
Portugueſes amigos, porém varios
Eſquecidos da fama tam cuſtoſa
Que hoje voltais á parte dos contrarios;
Que he da voſſa vontade bellicoſa?
Que he deſſes corações tam temerarios?
Que he dos braços valentes, e atreuidos?
Que antes de pelejar moſtraes vencidos?

Temeis a multidaõ da gente eſtranha
Naõ já perda mayor da liberdade,
Naõ he menos vencer a toda Heſpanha
Que viuer como eſcrauos por vontade?
Algum fez feito honrado? ou fez façanha?
Se nas forças buſcou ſempre igualdade?
Se poucos, e animoſos naõ vencerdes;
Sempre muitos fareis aos que temerdes.

Poucos venceſtes já de varias gentes
Numero deſigual da que hoje temos
Naõ defendendo os filhos innocentes
As mulheres, e as terras em que viuemos;
Mas conquiſtando em outras differentes
A honra, e preſunçaõ com que viuemos;
Como agora ha temor que entre vós poſſa
Entregar ſem batalha a patria voſſa?

E

E ſe vos repreſenta o mór perigo
Ver que contra irmãos meus empunho a lança
Nelles vereis primeiro o mór caſtigo,
E o mais famoſo exemplo de vingança,
Cada hum tenho por intimo inimigo
Depois que contra a patria ſe abalança
Paguem primeiro á morte o ſeu tributo
Que inda que he ſangue meu ſahio corruto.

E he juſto que ſe negue a natureza
A quem negou a fé da patria chara,
E que falte valor, e fortaleza
A quem tam juſto intento deſampara;
Pouco me parecera neſta empreza
Se contra pay, e irmãos aſſi me armara
Que pois já pola patria outrem fez mais
Injuſtamente agora me accuſais.

Por aplacar aos Deuſes que a famoſa
Roma ameaçaõ, com tam grande abalo
Se offerece Curcio á coua temeroſa
Da terra que ſe abrio para eſpantalo;
Em ſacrificio ſeu (couſa eſpantoſa)
Armado ſe lançou ſobre o cauallo,
Té o centro paſſou, e o golpe duro
As almas fez tremer no reyno eſcuro.

Porque o leue oraculo dizia,
Que o campo cujo Rey na meſma guerra
Morreſſe, eſſe a vitoria alcançaria
Codro a coroa e cetro poem por terra;
Disfarçado ſe vai ſem companhia
Morre por libertar a patria terra:
Os Decios tam famoſos, tam louuados
Em ſacrificio á patria foraõ dados.

Mais

Mais he hir contra a vida deſejada
Precipitarſe ouſado no profundo,
Por ver a doce patria libertada
Como fez o primeiro, e o ſegundo;
Que ir contra huma vil gente rebelada
Que nem a guarda o ceo, nem ſofre o mundo
Se naõ ha quem contra ella as armas tome
Eu ſó quero ir morrer por voſſo nome.

Todos podem partirſe em liberdade,
Que eu naõ buſco ſenaõ quem ſe conuida:
E quem em ſeu fauor nega a vontade
Naõ teme a ſugeiçaõ de infame vida:
Se algum deſta razaõ ſe perſuade,
E naõ quer ver a patria deſtruida
Em ſeruiço e fauor de Luſo, e Marte
Paſſe comigo aqui deſtroutra parte.

Ou foſſe que a vergonha os obrigou
Ou de Nuno as razões, confuſamente
A gente a grandes brados lhe gritou
Que era já de o ſeruir leda, e contente
O quanto da repoſta ſe alegrou
O' Pereira, que a crê difficilmente,
Que palauras de esforço lhe dizia?
Que promeſſas? que amor? que cortezia?

Aquella tarde a varia gente ordena
Para daly partir de madrugada
Repouſa alegre a noite, em que condena
Por preguiçoſa a Aurora, e deſcuidada:
Mas inda quando a parte mais piquena
Do quieto repouſo era paſſada
Na ſúa tenda entra aluoraçado
O forte, e fiel Aluaro Coutado.

Iá naõ durmia o brauo capitaõ,
Que ao rumor do criado ſe leuanta:
Ah, diz, ſenhor que as gentes ſe vos vaõ,
E naõ fogem do medo que as eſpanta:
Fogem como inimigas que eſtas ſaõ,
A brandura naõ ſeja agora tanta
Leuantai-uos, prendei-as pois ſe atreuem
A fugir contra vós, contra o que deuem.

A eſta voz o Pereira as armas tinha,
E ſó com o Coutado o paſſo eſtende:
E chega a Gil Fernandes, que caminha
E a outro que ſeguilo já pretende;
Eſta he a confiança com que eu vinha
Em vós? (lhe diz Nunalures) bem ſe entende
Que nenhum medo, ou ſombra vos engana
Mas que he a voſſa vontade Caſtelhana.

Fez que ambos num momento ſe apeaſſem
Deteue a gente, e cargas que leuauaõ
Mandou dar ás trombetas que marchaſſem
E as eſtrellas á noite alumiauaõ
Deſpede alguns ginetes, que marchaſſem
A deſcobrir o imigo que buſcauaõ
Para Fronteira armados encaminhaõ
A eſperar os do Crato que já vinhaõ.

O Prior que tambem era auiſado
Do que o irmaõ famoſo determina
Como o tem por valente, e por ouſado
De ſeu grande valor tudo imagina.
E ou foſſe de ſagaz acautelado,
Ou que o amor de irmaõ a tudo inclina
Hum eſcudeiro manda que o ſeruia
Por meſageiro a Nuno, e por eſpia.

Eſte

Eſte a todo o poder do bom cauallo
Trotando em breue eſpaſſo lhe apparece,
Nuno ſe adiantou para encontrallo,
E logo de mais perto o reconhecello:
Depois de alegremente feſtejallo
Como o criado antigo lhe merece
Pregunta polo irmaõ, duro inimigo,
E polas gentes mais que traz conſigo.

Pede-lhe que o informe ſem engano
Da preſunçaõ, deſprezo, ou do receo,
Que delle, e dos ſeus tinha o Caſtelhano,
Quem aly o mandou, e o a que veo:
Se tem por certo o vencimento vfano
Aquelle campo imigo de armas cheo
Com que gente marchaua, quanta, e donde,
E a tudo o meſageiro lhe reſponde.

Valeroſo ſenhor cuja bondade
He por tam claras obras conhecida,
Que engano deuo vſar? que falſidade?
Ao filho de hum ſenhor que mé deu vida:
Quando importára a vida eſſa verdade
Era em voſſo ſeruiço bem perdida,
Mas aſſaz pouco he ſer mais declarado
O que naõ he ſegredo, antes rècado.

Voſſo irmaõ teue a noua verdadeira
Da empreza que tomais tam perigoſa
A pouca gente voſſa, e a maneira
Com que a trazeis forçada e duuidoſa;
E porque em voſſo dano (o ceo naõ queira)
Se naõ conuerta huma obra tam cuſtoſa
Por atalhar ao mal que eſtá veſinho,
Me mandou encontaruos ao caminho.

Pede-

Pede-vos que deixeis a noua empreza
Em armas desigual, em força, e gente,
Rebelde, e pouco certa a Portuguesa,
A de Castella muita, e mui valente:
Que como irmaõ fiel tambem lhe peza
Naõ vos valer no trance, que presente
Está nesta batalha, e que deseja
Mais vossa honra, que o fruto da peleja.

Que sigais de Castella o Rey benino,
Que he conselho mais justo, e mais seguro
Que vos fará as mercês de que sois dino
Neste tempo de agora, e no futuro;
Que o al he tudo engano, e desatino
Que naõ cabe em juizo tam maduro
Que volteis o cauallo, e a tençaõ
Pois que naõ val sem gente o capitaõ.

E eu valente senhor que agora vejo
A pouca que trazeis em companhia,
Mais obrigado estou por meu desejo,
Que por este recado que trazia:
O numero dos nossos he sobejo,
E faz sobeja, e vam vossa ousadia
Voltai daqui, voltai, que o mór acerto
He fogir do perigo que está certo.

Os capitães, e os grandes que acompanhaõ
O Prior vosso irmaõ, lhe preguntáraõ
De vosso intento vaõ, que tanto estranhaõ
E delle em vossas cousas se informáraõ;
Ellas saõ taes, que ao mór esforço acanhaõ
Esta em particular todos culparaõ
Peza-lhes por saber que o vosso intento
Tem certo o dano, e falso o fundamento.

Foraõ

Foraõ de parecer que me mandaſſe
A dar de ſua parte eſta embaixada,
Que com o recado a elles me voltaſſe
A' fronteira, que deue eſtar cercada;
E como amor antigo me obrigaſſe
Fiz com maior fauor eſta jornada
Eſte he o intento ſeu, e o meu recado
Se mal aceito for, he bem fundado.
A iſto que relataua o eſcudeiro
Com palauras diſcretas, e auiſadas;
Lhe reſponde mui ledo, e prazenteiro
Que lhe agradece o animo, e paſſadas:
Mas que naõ quer o irmaõ por conſelheiro,
Nem ſeguir as que tem tam mal contadas,
Que aceita da vontade a tençaõ boa,
Porèm que á pretençaõ naõ ſe affeiçoa.
Que iſto ao Prior, e a todos reſpondeſſe,
E que para a batalha ſe apreſtaſſem
Aonde eſperaua em Deos ſe arrependeſſe
E os outros ſeu poder deſenganaſſem;
Pede ao meſageiro que ſe apreſſe
E lhes foſſe dizer que o eſperaſſem
Que chegar tam depreſſa naõ podia
Que elle naõ foſſe já na companhia.
O eſcudeiro as redeas recolhendo
Dà mui rijo de eſporas ao cauallo
Aos ſeus o bom Nunalures vai dizendo
Que temem já os imigos de eſperallo;
Alguns ſe vaõ de nouo esforço enchendo
E a outros foge o ſangue de cuidallo,
Cada hum no roſto moſtra que creceo
Mais cores toma, e formas que Protheo.
Em

Em quanto o capitaõ ſe deſuelaua
Os poucos duuidoſos ordenando
E poſta a gente em ordem caminhaua
Os alegres pendões ao vento dando;
O meſſageiro aſtuto ſe apreſſaua
A leuar a repoſta; que eſperando
Eſtauaõ junto aos muros de Fronteira
Os irmãos, e inimigos do Pereira.

Tinhaõ cercada a villa, e pretendiaõ
Que naquella hora o muro foſſe entrado
Quando ao traſpor de hum monte deſcobriaõ
Que vinha o meſageiro com o recado
Em continente o cerco ſuſpendiaõ
Ouuindo como vem Nuno apreſſado
Cada hum dos capitães mais diligente
Poem em concerto, e armas toda agente.

Da villa os arrabaldes já deixauaõ
Pondo logo em campanha os ſeus guerreiros,
Quando os noſſos tambores já ſoauaõ,
E ſonoras trombetas nos outeiros;
As bandeiras ao vento deſpregauaõ
De alegres, varias cores, e ligeiros
Os ginetes o campo deſcobriaõ,
E as armas contra o Sol reſplandeciaõ.

O exercito diſpoem dos que conſigo
Tras, num lugar á guerra accomodado,
Mea legoa da villa; que o imigo
Antes com ſeu poder tinha cercado
Que era com humilde nome aſſas antigo
Do vulgo os atoleiros nomeado;
E eſta agora dos noſſos, e eſtrangeiros
A batalha ſe diz dos atoleiros.

O aluoroço em huns, noutros o eſpanto
Fazia effeitos, e roſtos differentes;
Elle inuoca primeiro o fauor ſanto
Depois com elle esforça as poucas gentes.
Naõ no vence do imigo poder tanto
Nem teme os braços, fortes, e valentes
Só ſente ir contra hum peito Luſitano,
Que encerra hum coraçaõ tam Caſtelhano.

Os ſeus faz apear, porque imagina,
Ou vencer, ou morrer como esforçado
E porque o prometera, determina
Diante accometer o bando armado;
E em quanto ao pé de hum monte, e na cãpina
Eſtaua o ſeu exercito eſpalhado,
Correndo a todas partes o animaua,
A Deos, a terra, a vida lhes lembraua.

Depois armados a pé na dianteira
A' furia dos contrarios ſe offerece
Por cumprir a promeſſa verdadeira
Que á viſta do perigo naõ lhe eſquece;
Lança que ſempre he ſô, ſeja a primeira
Que contra á força imiga preualece
E aquelle, braço, e peito mais que humano
Arme, e ſuſtente hum campo Luſitano.

Ah exemplo de esforço, e de bondade
Honra, e gloria da gente Portugueſa
Peito onde o esforço, a fé, honra, e verdade
Fizeraõ contra o tempo fortaleza;
Nem cargo, nem razaõ vos perſuade
Nem cautella que aſſombre huma fraqueza
Bem he que indo diante aſſombreis tudo
E que cubrais aos poucos com o eſcudo.

CAN-

CANTO IX

Conta-ſe a batalha dos Atoleiros, da qual fica dom Nuno Alures com a vitoria: Cerca a Monforte: Arronches; Entregaſe-lhe Alegrete: Torna-ſe a Euora. Chega a Caſcaes huma groſſa armada de Caſtella para ſe juntar com o campo del Rey que vem ſobre Lisboa: O Meſtre manda armar outra no Porto para ſe combater com ella. Dom Nunalures por ſe achar neſte encontro, deixa as fronteiras: Conta-ſe o que lhe ſuccedeo até tornar a ellas: Toma o caſtello de Monſarás: Diſbarata a Ioaõ Rodrigues de Caſtanheda junto aos muros de Badajoz. De nouo ſe ajunta no Crato a força das gentes Caſtelhanas para deſtruirem Alem Tejo, e darem batalha a Nunalures: Elle ſae de Euora aos receber, e chegando de perto recuſaõ a peleja.

TAnto que os animoſos combatentes
Os offendidos muros deſamparaõ,
E vendo Nuno as ordenadas gentes
Que na chã dentre os valles ſe aſſentáraõ:
Os capitães ſolicitos: e ardentes
Com os ſeus em breue eſpaſſo ſe apeáraõ,
E á viſta do contrario caminhando
Tambores, e trombetas vaõ tocando.

E ainda que vinhaõ todos cobiçoſos
Da vitoria que já por certa auiaõ,
E a pé como valentes, e animoſos
Combaterſe com os noſſos pretendiaõ,
De hum vil receo os animos medroſos
Nos conſelhos e traças deſuariaõ,
Que entre elles nenhum ha que naõ ſe eſpante
Vendo a Nuno Alures já que eſtá diante.

N Mudaõ

Mudaõ intento, e mui ligeiramente
Caualgaõ, preſumindo que he bom meo
Para a bem ordenada, e forte gente
Se mouer á fraqueza, ou arreceo;
Porém ſahio o effeito differente
Deſta preſunçaõ ſua aſſaz alheo
Que as armas de ventagem que tomáraõ
Contra ſeus proprios donos ſe tornáraõ.

Com hum tropel arremete, e graõ quadrilha
A que incita a trombeta ſonoroſa
O bom Pero Gonçales de Seuilha,
Cuja lança entaõ foi pouco ocioſa;
Eſcapar-lhe ſerá graõ marauilha
Que leua muita gente, e furioſa
Dando alaridos vãos, que o campo atroaõ
Dardos, ſettas, virotes, lanças voaõ.

Qual ſoe polo inuerno temeroſo
A corrente do Tejo mais izenta
Romper o campo fertil, e espaçoſo
E as aruores leuar com a tormenta:
Té que encontrando o monte pedregoſo
Que ſeguro a ſeus golpes ſe ſuſtenta
Tornando atras as ondas atreuidas
Quebraõ já de canſadas, e vencidas.

Com tal braveza a gente Chaſtelhana
Com temeroſo ſom, e eſtranho aballo
Rompendo entraua a gente Luſytana
Que eſpera a furia toda de cauallo;
Té que encontrando a rocha mais vfana
De quantas fere o mar Hiſpano, e Galo
Vencida torna atras, e o ſeu receo
Do numero mayor faz mór enleo.

Qua

Qual encontrando a lança mais ſegura
Com o ferido cauallo proua a terra,
Qual entre os ſeus fogindo ſe meſtura
E aos proprios companheiros faz a guerra,
Qual dos arções trazeiros ſe pendura,
Qual ſolta a redea, e do peſcoço afferra,
Qual do golpe feroz deſacordado
Vai Preſo dos eſtribos pendurado.

Hum cae aqui, e nelle outro tropeça.
Outro correndo vem, que a queda eſpanta
Confuſamente a briga ſe começa,
Com o pó que em negras nuues ſe aleuanta:
Naõ ha quem determine ou quem conheça
Se fere o braço, o peito, ou a garganta
Para onde hum volta, volta o ſeu veſinho,
E o cauallo ſem redeas faz caminho.

No meo deſte aſſalto perigoſo
Suſtenta Nuno o campo com a eſpada
Golpes eſtranhos dá, fero, animoſo,
E com a voz aos ſeus anima, e brada;
Do perigo maior mais cobiçoſo,
Hora aqui, hora aly fazendo entrada
Os da vanguarda a tempos ſoccorrendo.
Iá polo campo imigo vaõ rompendo.

Dobra-ſe a furia, entaõ crece a pujança,
Dos poucos Portugueſes vencedores
Cada hum emprega o golpe, enſopa a lança
Deſpede dardos, ſettas, paſſadores;
Nuno gritando eſtá (mas naõ deſcança)
Pelejai valeroſos defenſores,
Que agora he tempo, e neſte naõ ſe eſquece
De hum cauallciro armado que aparece.

Pero Gonçalues era efte guerreiro
Que vendo os feus que voltaõ fem concerto
Como animofo, e brauo caualleiro
Acode da batalha ao mór aperto:
E vendo aquelle Marte verdadeiro
Que o chaõ de fangue, e armas tem cuberto
No peito forte eftriba a lança dura
Pondo a vitoria fó nefta ventura.

Encontra o fero Nuno, e foi de forte
Que a lança em varias partes diuidida
Rompe a foslaio a malha dura, e forte
Té lhe fazer no peito huma ferida
Mas em preço deixou nas mãos da morte
Com honra grande a defejada vida
Que com hum pezado golpe Nuno o alcança
E corta juntamente o braço, e lança.

Vira o cauallo já á redea folta,
E o fenhor arraftrando tras fi leua:
Vendo o feu capitaõ por terra, volta
A gente que naõ quer outro fe atreua;
Na confufaõ furiofa, e na reuolta
Onde o odio mortal fe acende, e ceua
Soccorre o Meftre entaõ de Calatraua,
Que aly tambem a morte o efperaua.

Vinha fazendo o Meftre grande eftrago
Na ala, que entre os feus punha a bandeira,
Dizendo a grandes vozes Santiago,
E fere oufadamente o graõ Pereira;
Elle que a recebelo, e dar-lhe pago
Eftaua pofto a pé na dianteira
O recebe com furia tam fobeja,
Que deixa o Meftre a fella, e a peleja.

Entre

Entre os braços de Nuno perde a vida
Como Antheo a perdeo nos de Thebano
Que resuelando a lança desmentida
Da sella o tira o forte Lusytano:
E a furia dos soldados desmedida
Lhe deu de seu esforço o desengano,
Que a pesar do senhor tomaõ vingança
Dos que tinha offendido a forte lança.

Volta a vanguarda já sem resistencia,
E o Prior na reguarda como escudo
Os seus anima á noua experiencia
Iunto com Martim Annes de Barbuda;
Mas esforço naõ val, arte, ou prudencia,
Que o receo cobarde vence a tudo,
Cada hum da propria vida trata èxperto,
Que naõ quer ver a Nunalures de tam perto.

Aos seus diz o Prior (que nesta enuolta
Em vergonhosa ira o peito acende)
A elles caualleiros, volta, volta,
Que agora acabará quem vos offende:
Este de quem fugis á redea solta
Que a seu sangue afrontar por si pretende
Saberá com razaõ, que he delle indino,
E pagará seu fero desatino.

E sopesando a lança grossa, e dura
Para buscar o irmaõ se apercebia,
Quando a vencida gente se mestura,
E emnouellada o passo lhe impedia,
Em vaõ busca o Prior, que a nuue escura
Do leuantado pó tudo encobria
Dando vozes sem tempo, e sem proueito
Fere os seus sem gouerno, e sem respeito.

Volta

Volta o bom capitaõ tras dos ſoldados
A que os noſſos no alcance vaõ ferindo,
Que alguns caualgaõ deſtros, e apreſſados
E com o capitaõ Nuno os vaõ ſeguindo:
Muitos deixaõ feridos, derramados
Que para varias partes vaõ fogindo
Té que o ceo lhe reprende a vam perfia,
Que já para voltar lhes falta o dia.

Legoa e mea do campo as redeas viraõ,
Para voltar aos ſeus, que alegremente
Da batalha os deſpojos diuidiraõ
Nuno Alures da vitoria ſó contente:
Fronteira ſe vaõ, aonde dormiraõ
Ferida muita, e morta a menos gente
Porém tam animoſa a que ficára,
Que nenhum nouo aſſalto receara.

Mas vós, ó capitães, que antiguamente
Conquiſtaſtes a fama vencedora
Cuja memoria vem de gente em gente
A nos ſeruir de exemplo para agora,
Qual de vos mais ouſado, ou mais prudente
Que por esforço, ou arte ſe melhora
Com aſtucias, ardis, e enganos varios
Venceo primeiro os ſeus, do que os cõtrarios?

Anibal, Scipiaõ, Ceſar e Antonio,
Brutos, Fabios da fama tam louados,
Pompeo Magno, o Magno Macedonio,
Exemplo de valor, temor dos fados;
O Grego aſtuto, o bom Lacedemonio,
E outros que aqui poderaõ ſer contados
Percaõ do nome antigo a fama, e gloria
Que eſta he das mais vitorias, a vitoria.

Vencer

Vencer ao imigo em campo aberto
Disbaratalo em forças, e em muralha
Com poucos he esforço; e grande acerto
Vencer com muita, e barbara canalha;
Mas com razões vencer a hum pouo incerto
E com elle esforçado huma batalha
Tam desigual em armas, força, e gente,
De temor do passado, e do presente.

E tras isto vencendo á natureza
Desprezando honras, bẽs, socego, e terra,
Só pola liberdade Portuguesa
Fazer contra os irmãos, e o mundo guerra
Só de Nunalures foi famosa empresa
Só tal peito tam grande esforço encerra
Só delle canta a fama, porque a tanto
Nem alcança o louuor, nem sobe o canto.

Descança a noite aly deste trabalho
(Se nos seus he de crer, que isto se entenda)
Aonde a buscallo vem Vasco Porcalho
Que entaõ tinha de Auis a môr Comenda;
E entre muitas razões, que agora atalho
Se queixa de que a sorte lhe defenda
Achar-se aquelle dia na peleja
De cujo meo, e fim tem grande inueja.

Mal dizendo á ventura se queixaua
De naõ verse com elle em tal perigo,
Mas o forte Nunalures o animaua
Para outros que estaõ certos no inimigo;
Com elle a noite passa, cura, e laua
A ferida a que deu tam bom castigo,
Mas como della espera outra vingança
ouco repousa aly; pouco descansa.

No

No cume, e polo vaõ dos altos montes
Os cauallos do Sol appareciaõ,
E dourando-ſe os roxos oriſontes
As riquezas da terra deſcobriaõ;
Nos alegres ribeiros, e nas fontes
Mil rayos entre as agoas ſe eſcondiaõ;
Quando acordando o capitaõ valente
Faz logo tocar caxa á forte gente.

A Monforte ſe vai aonde ſabia
Que eſtaua Martin Anes recolhido
Com o reſtante da gente, e pretendia
Recolher todo o campo diuidido:
Cercando-o Nuno vio que naõ podia
Entrar o lugar forte, e defendido
Com tudo o dia inteiro o cerco teue
Por ver ſe alguem lhe ſae, mas naõ ſe atreue.

Iá vinha o ſanto dia amanhecendo
Em que o lume faltou ao Sol, e á Lua
Vendo o ſeu criador na cruz morrendo,
Por quem nella lhe ordena a morte crua:
Quando o capitaõ pio recolhendo
Para outro nouo intento a gente ſua,
Deixa o furor das armas cuſtumado
E com outras a Deos buſcaua armado

Deſcalço, lagrimoſo, e penitente
A pé triſte ſe parte em romaria,
E em prociſſaõ deuota a forte gente
Que para achar a Deos leua tal guia;
Com animo humilde, e penitente
Chegaõ ao ſanto templo de Maria
Que ao Açumar cahio ditoſo em ſorte
Huma legoa dos muros de Monforte.

Onde

Onde atras muitos actos de humildade
Moſtrou aos ſeus exemplo proueitoſo
Que quanto mais o ſobe a dinidade
A Deos ſe humilha mais hum generoſo;
O' eſtranho valor, alta bondade
Capitaõ tam humilde, quaõ famoſo
Quem vos naõ ſeguirá no mór perigo
Se indo conuoſco, a Deos leua conſigo.

Depois paſſado o tempo tam diuido
A penitencias, e aſperos ſilicios
A Deos o campo todo reduzido
Por confiſſões, jejũs, e ſacrificios:
De aço Nuno outra vez eſtá veſtido
Para os guerreiros, duros exercicios,
E vai cercar á Arronches que eſtaõ nella
Companhias da gente de Caſtella.

Entrada a villa á força Portugueſa
Pedem ſó liberdade, e pedem vida
Por partido os que eſtaõ na fortaleza
E eſta lhe he do Pereira concedida:
Dado fim facilmente a eſta empreſa
Outra noua melhor tem recebida
De Alegrete hum recado á preſſa chega
Ao chamar que a villa ſe lhe entrega.

Manda logo em ſeu nome hum caualleiro
Que o lugar polo Meſtre aceite, e tenha
Que he delle natural, bom, verdadeiro
Martim Affonſo o chamaõ de Aramenha:
Baſtecer os lugares vai primeiro
Para qualquer cuidado que lhes venha
Que a Euora torna o capitaõ famoſo
Aonde a ventura o tem pouco ocioſo.

Nella

Nella o deixemos: que arde a graõ Lisboa
Vai graõ tumulto, e graõ reuolta nella
Com guerra que ameaça, e apregoa
Huma mui groſſa armada de Caſtella;
Cujo eſtandarte os ares corta, e voa
Pola praia do Tejo rica e bella
Que de Caſcaes no largo mar ſe eſtende
Cujo deſenho a terra toda entende.

Pára o temor do bando vil plebeo
A confuſaõ da gente mal ſegura
A mudança dos animos, o enleo
Dos que tem ſempre os olhos na ventura:
O Meſtre de valor, e esforço cheo
Entre tantos contrarios de miſtura
Acode a toda a parte, e para a guerra
Repara os muros, fortalece a terra.

Na cidade do Porto em continente
Manda armar outra frota poderoſa
De náos, e de gales de varia gente
Voluntaria, eſcolhida, bellicoſa:
Que no mar a batalha lhe apreſente
Deſaſombrando a terra receoſa,
O Conde dom Gonçalo que vai nella
E o brauo Rui Pereira já daõ vella.

Eis deſta nouidade ſuccedida
O noſſo capitaõ logo auiſado
Iá aos guerreiros ſeus moue, e conuida
Para ſe achar num feito tam louuado;
Que como a gente eſtá tam diuidida
E o tempo do ſoccorro he tam chegado
Teme que á frota falte alguma parte
Para o deſenho altiuo com que parte.

Alguns

Alguns ſe offerecem que primeiro
Lhe deſuiauaõ diſto o penſamento,
Mas com tal capitaõ tam verdadeiro
Iá ſe lhe antecipaua o vencimento;
Deſpacha logo a preſſa hum meſſageiro,
Num cauallo que iguala o leue vento
Aos capitáes da frota com huma carta
Diz como vai: pedindo que naõ parta.

Daly com os ſeus paſſando logo o Tejo
A Thomar chega aonde agaſalhado
Foi do Meſtre de Chriſto, e ſeu deſejo
Delle, e doutras razões era aprouado:
E o a quem o deſcanſo era ſobejo
Para o deſejo ſeu ſempre apreſſado
Parte; chega a Coimbra, e daõ-lhe a noua,
Que a ſeu peſar o mais caminho eſtroua.

Soube como jà a frota era partida,
E dos della queixoſo ſe tornaua
Quando huma treiçaõ grande, e eſcondida
A Condeſſa de Sea lhe ordenaua:
Que inda que illuſtre aſſas, como offendida
Prender a dom Nunalures deſejaua
Em vingança da afronta que o marido
Tinha já delle em Syntra recebido.

Ajunta logo amigos, e criados
Porém naõ pode ſer tam cautamente
Que naõ foſſem os noſſos auiſados
Que com remedio acodem facilmente;
No paço onde ella os ſeus jà tinha armados
Deraõ com tanta furia de repente;
Que a Nuno Alures naõ ſer diſſo aduertido
Mal tiuera a Condeſſa o ſeu partido.

Com

Com hum deſcuidado riſo o valeroſo
A treiçaõ tendo em pouco, os aquieta
Doutro maior contrario cobiçoſo
Que de huma mulher nobre, e indiſcreta:
Mas por na terra eſtar pouco ocioſo
Outra ſegunda noua o inquieta,
Que em Buarcos a noſſa frota anchóra
Aonde hum correo enuia na meſma hora.

Mas alguns capitães a que a inueja
Naõ conſente leuar tal companhia
Por ter mais certa a gloria da peleja
Que cada hum da jornada pretendia;
A fim de elle a naõ ter no que deſeja
Deſprezando o recado que trazia
Daõ ás vellas ao vento mais ligeiro,
E torna com tal noua o meſageiro.

Ardendo em ira o capitaõ valente
Trocendo as mãos recebe eſte recado,
E as palauras detinha eſcaſſamente
No peito em viua colera abrazado:
As fronteiras ſe vai; mas porque á gente
Falta o ſoccorro, e ſoldo acuſtumado
Falla com os da cidade, que lhe acodem
Senaõ com o que ha miſter, com quãto podem.

Deſcontente ſe torna imaginando
No tempo da jornada que perdera
E indo a paſſar o Tejo doce, e brando
Outra noua lhe daõ, que elle eſcolhera;
Que do Crato huns ſoldados vem paſſando
A Santarem: ouuindo a gente que era
Por lhes ficar da eſtrada tam veſinho
Procuraõ darlhe aſſalto no caminho.

Num

Num valle que cortaua aquella eſtrada
Se aloja aquella tarde a companhia
Iunto de huma ribeira deſcuidada,
Que entre huns amenos freixos ſe eſcondia;
E aly comendo á hora acuſtumada
Huma eſcuta lhe tras noua iguaria
Que Nuno mais deſeja, eſtima, e preza
Que as que tinha Eliogabalo na meſa.

Armas dizia o ledo meſſageiro
Senhor, que os Caſtelhanos vem chegando
De cima os deſcubri daquelle outeiro,
Que vem de eſpaſſo o valle atraueſſando;
Leuanta-ſe depreſſa o caualleiro
Os ſeus tras delle alegres vaõ ſellando
Os elmos (que aly tem) à preſſa enlaçaõ
Lanças tomaõ, adargas logo embraçaõ.

Ante elles o Pereira forte, e ledo;
Que de o ſentir o imigo ſe arrecea
Marchemos, diz, amigos com ſegredo
Naõ ſe faça de nós a preſa alhea:
A meſa fique aqui neſte aruoredo
Teremos mór deſejo para á cea,
Que o exercicio bom ſempre conuida
Para ſe achar mais goſto na comida.

Daly ſobindo o valle deſcobriaõ
Os que caminhaõ liures deſcuidados,
Que como deſte aſſalto naõ temiaõ
Vinhaõ, mal aduertidos, mas armados:
Os noſſos rijamente arremetiaõ
Em confuſo tropel aluoraçados
Das trombetas o ſom, e os alaridos
Enchem do valle os eccos, e os ouvidos.

Pauõ-

Pauorofos os outros nefte enleo
Pararaõ conhecendo o que feria,
Mas logo cada húm de esforço cheo
Mui deftro a deffenderfe arremetia;
Poucos faõ de cauallo; e fem receo
De lanças cento entre elles aueria
Andaluzes mui deftros, e guerreiros
Armados, e animofos caualleiros.

Durou-lhe breue efpaffo a deffenfaõ
Em que animofamente fe moftraraõ,
Naõ lhe val contra as forças coraçaõ,
E affi mui breuemente lhes faltaraõ:
Rendem-fe ao vencedor, vendo que em vaõ
Procuraõ deffender-fe, aly fe acharaõ
Oitenta prefos mortos, e feridos
Os mais com a noite, e matos efcondidos.

Qual com pouca agoa o fogo mais fe acende
Tal com efta filada o feu defejo
O dia efpera, e nelle já pretende
De tornar a paffar o brando Tejo;
Mas cada hum logo á vozes lhe reprende
Aquelle animo em tudo tam fobejo
Culpaõ os feus tam nouo atreuimento,
Que ainda lho naõ confente o penfamento.

Que aquella imiga, e poderofa armada
Que paffou por Cafcais a ancora ferra
A' vifta de Lisboa amotinada
Mais do temor vencida, que da guerra,
Graõ copia, e graõ poder de gente oufada
Logo em chegando aly lançára em terra
Com a qual o Rey feu campo juntar vem,
Que tinha na famofa Santarem.

Pôs

Pôs a cidade em cerco trabalhoſo,
Porque os lugares tem veſinhos della
Toma a entrada ao rio vagaroſo,
E os caminhos com guarda, e com cautella:
Sabe eſte aperto o capitaõ famoſo,
Que em ſó ſeruir á Patria ſe deſuella
Determina de noite, e com recado
Dar que entender ao campo deſcuidado.

Tomar de ſobreſalto o Caſtelhano
Deſte caminho ſeu mal aduertido,
E com os poucos que tinha fazer dano
A naõ ſer deſſes poucos reprendido:
Naõ ſofre aquelle peito mais que humano
Deſcanſo dos humanos tam querido
Paſſada aquella noite, e vindo o dia
Para Euora cuidadoſo ſe partia.

De Monſarás tem noua, que o caſtello
Polo Rey Caſtelhano era tomado,
E que ha muy poucos meos para auello
Por defendido, e bem fortificado:
Muito importaua ao Luſytano tello
Polo lugar aonde he edificado,
Mas com o alcaide naõ val nenhuma couſa,
Que Gonçalo Rodrigues he de Souſa.

Hum ardil eſtremado lhe occorreo
Entre outras preuençoens que imagin
Dez, ou doze dos ſeus logo eſcolheo
A que em ſegredo o feito encomendou;
E foi que antes que o Sol douraſſe o ceo
Encubertos dos muros os lançou,
E algumas poucas vaquas para hum monte,
Que á viſta do caſtello eſtá defronte.

Por-

Porque de algumas prefas, que faziaõ
Naquella parte as gentes de Caftella,
Era de prefumir que ficariaõ
Encubertas da noite, e guardas della:
E para recolhelas que abririaõ
Da fortaleza as portas fem cautella
Que por eftar fundada em tal affento
As vezes lhe faltaua o mantimento

E com efta occafiaõ ligeiramente
Podiaõ ter os noffos nella entrada,
Tendo ao longe copia de mais gente
Para o foccorro defta aparelhada,
A obra fe ordenou tam facilmente
Que era já feita em fendo começada
O caftello fe toma, e Nuno chega,
Repara a força, a villa fe lhe entrega.

Neceffidade vil, baxa, importuna
Que portas naõ abrifte, e naõ rompefte?
Em vendo a teu fabor coufa opportuna,
Que perigo fem fim? que fim temefte?
Tu fó es fempre efcraua da fortuna
Os poderes que tem tu fó lhos defte,
Que pende o bom fucceffo de huma emprefa
Da tua força, e naõ doutra fraqueza.

Em fim deixou o caftello já vencido,
A mulher do alcaide, e filhos delle fora
Nuno outra vez a Euora acolhido
Aonde defcanfara bem pouco agora;
Que em Badajoz eftaua apercebido
Com muita gente armada, com que fora
Por Guadiana entrar, foberba, e leda
Ioaõ Rodrigues tambem de Caftanheda.

Iá

Iá pera Eluas parte o Luſytano,
Que deſeja tratallo de mais perto,
Aonde o viſitar manda o Caſtelhano,
Que hum ſucceſſo taõ bom naõ tem por certo:
O meſſageiro vem contente, e vfano
Mas mais o eſtá Nuno Alures do concerto
Que diz que o Caſtanheda no outro dia
Com elle junto a Eluas ſe veria.

Com' aluoroço alegre lhe reſponde,
Que o trabalho eſcuſaſſe da jornada
Que elle hia a Badajoz buſcallo, aonde
Lhe faria mercê ter-lhe a pouſada,
E em quanto o Sol nas agoas naõ ſe eſconde
Por dar lugar á noite enuergonhada,
Manda tocar trombetas, e o correo
Ligeiro leua a noua a donde veo.

Com os ſeus o Caſtanheda em armas poſto,
Se ſae hum grande eſpaço da cidade,
Animando-os com ledo e brando roſto,
Que a ventura paſſada o perſuade;
Mas o Pereira ouſado, que o mor goſto
Vê de quantos lhe pede eſta vontade,
Em breue tempo a elle o deſengana,
E faz caminho á gente Caſtelhana.

Naõ foi a eſcaramuça muy comprida,
Bem pelejada ſim de parte á parte,
Leua o Pereira os outros de vencida,
Fere, corta, deſtroça, abala, e parte,
Quem pode com fugir ſaluar a vida,
Bem cuida que eſcapou das mãos de Marte:
A' cidade ſe acolhem com cuidado,
Em volta o capitaõ tras do ſoldado.

O Com

Com gritos das mulheres, e alaridos,
As portas vem cerrar por onde entraraõ
Muitos dos Castelhanos mal feridos,
A que de Nuno os golpes alcançaraõ:
Os nossos leuaõ presos e offendidos
Vinte bons caualeiros, que ficaraõ,
E de junto aos muros dauaõ grita,
Aos que taõ mal se ouueraõ na visita.

Para Eluas faz a volta, aonde primeiro
O lugar com receo o esperaua,
Pouco nelle repousa o caualeiro,
Que entre tantos perigos caminhaua:
Mas como o seu repouso verdadeiro
Consiste no fim a que aspiraua,
Quanto môr o trabalho se lhe offrece,
Mór a gloria de tello lhe parece.

Em Euora dez dias descansara,
Quando teue outra noua de repente,
Que com o prior do Crato se ajuntara
Outra vez graõ poder de armada gente,
E que outra companhia se apartara
Do arrayal del Rey, que em continente
Se haõ de juntar na mesma villa, e logo
Pôr as terras do Mestre, a ferro, e fogo.

Com os seus naõ pode o forte caualeiro
Portugueses, que encontrallos pretendia,
Atalhar-lhe o caminho taõ ligeiro
Como elles o passaraõ, porque hum dia
Iá antes que chegasse ali primeiro
Era passada aquella companhia
Polla ponte de Soro, aonde em chegando,
Soube quantos passaraõ, como, e quando.

Para

Para Euora tornou mui pezaroſo
De naõ prouar com elles a ventura,
Mas logo ſe moſtrou pouco ocioſo,
Que pôr em defenſaõ aos ſeus procura,
O Meſtre que lhe teme o perigoſo
Riſco, com pouca gente, e naõ ſegura
Da gente que partio do campo eſcreue
Dinheiro, armas lhe manda em tempo breue.

O capitaõ famoſo que naõ tarda
As gentes da comarca logo ordena,
Que nunca a força alhea acordaua,
E ſò tardânça propria lhe dá pena,
Parece-lhe que teme, pois que aguarda
Iuntamente ſe anima, e ſe condena
Em ordem para o Crato já caminha,
Donde o imigo a procurrallo vinha.

Trinta e quinhetas lanças ajuntara
Con cinco mil infantes com preſteza,
Com que elle commettera, e confiara
Dar liberdade á terra Portugueza;
E inda muy pouco eſpaço caminhara
Com aquella ouſadia ſempre acceza;
Quando hum ſoldado dos do contrario bando
Por elle vem aos noſſos preguntando.

Huma carta lhe ofreſce do Sarmento
Pouco cortes, ſoberba, e confiada,
Que Nuno leo com pouco ſofrimento,
E guardou-lhe a repoſta com a eſpada,
Sem ſangue o meſſageiro, e ſem alento,
Que a vida tinha aly como empreſtada,
As redeas vira, e vai ſem mais repoſta,
Nouas leua ao ſenhor de que naõ goſta.

Logo de corredores, e de eſpias
Soube a vinda das gentes Caſtelhanas,
Que ſaõ muitas, e armadas companhias,
Que aſſollar vem as terras Tranſtaganas;
Do Crato caminhauaõ já dous dias
Do vencimento incerto mais vfanas
Do que os noſſos alegres eſperauaõ
A multidaõ das lanças que contauaõ.

Vinha de Niebla o conde valeroſo,
O Sarmento arrogante, e deſmandado
E de Alcantara o Meſtre valeroſo,
E o Caſtanheda hum pouco magoado,
O de Barbuda alegre, e cobiçoſo
De hum titulo que tras anticipado,
E o Prior dom Pedralures, caſo eſtranho
Que ſofra a natureza hum mal tamanho.

Duas mil e quinhentas lanças vinhaõ,
Com ſeiſcentos ginetes eſcolhidos,
Beſteiros, e peões conto naõ tinhaõ,
Em deſiguaes eſquadras repartidos,
E tam aluoraçados já caminhaõ,
Que ſendo deſte os noſſos diuididos,
Occupaõ Arrayolos, e Euora monte,
E o Vimieiro alegre tem defronte.

De Euora partia Nuno quando á meſa
Para jantar de eſpaço ſe aſſentaua
Mas tudo em pouco tem, tudo deſpreſa
Pello goſto, e ſabor que niſto achaua;
E os verdadeiros ſeus a que eſta empreſa
Mais que os outros manjares conuidaua,
Mal jentados ſe vaõ tras da bandeira,
E alojaõ-ſe na quinta da Oliueira.

Muy

Muy bem nesta cessaõ dizer pudera
Com confiança igual aos que trazia,
O que Alexandre Magno já dissera
Iunto do rio Granico outro dia
Que aquelle que de espaço naõ comera,
Alcançada a vitoria jantaria,
Pois tinha os mantimentos necessarios
Na prouisaõ sobeja dos contrarios.

Aly passou a noite sempre armado,
Valendo-se da cea de hum besteiro,
Hum paõ pouco mimoso, encetado,
E hũ rabaõ, se he de crer, que estaua inteiro;
E inda o sol naõ mostraua o ceo dourado,
Quando já da trombeta o som guerreiro
Chama, aluoroça, e arma os seus soldados
Com igual fome, e sono sepultados.

Para os contrarios marcha alegremente
E á descuberta vista o campo assenta,
Porque com tam faminta, e pouca gente,
Para tam grande copia se contenta,
Presumindo tambem que em continente
Batalha o inimigo lhe apresenta,
Que a multidaõ da gente que trazia,
Naõ daua a sospeitar que inda temia.

Eis que numa egoa baya assas ligeira,
Para elle vem airoso hum calleiro,
Dom Gracia Gonçalues de Ferreira,
Marichal de Castella, e bom guerreiro
A lança entre os arções, alta a viseira,
Tras elle de galope hum escudeiro,
A Nuno Alures chegou, que já espera,
Que logo aly dos seus soube quem era.

Capitaõ

Capitaõ valeroſo cuja fama
(Dizia o Caſtelhano) tanto alcança
Que o maior inimigo mais vos ama,
E em voſſo esforço tem mais confiança;
Segui ao fado amigo que vos chama,
Deixai a incerta e fragil eſperança,
Poſto que ſeja de animo inuenciuel,
Tomar por ſua empreza o impoſſiuel.

Os fortes capitães que a ſorte imiga
Tem tam perto de vós, que eſta vontade
Mais moue, mais contente e mais obriga,
Do que a vitoria certa os perſuade:
Conſiderando aqui como periga
Entre eſta gente em vaõ voſſa bondade,
Todos pedir vos mandaõ, e eu vos peço
Que atalhemos ao fim de hum mao começo.

Bem vedes vós ſenhor a differença
Do poder voſſo, e que he mais temeraria,
Que valente ouſadia; e quando vença
Ou polo valor voſſo, ou ſorte varia,
Que inda naõ he final eſta ſentença,
Nem tem numero a gente que he contraria
Para abater ao voſſo fundamento,
Que para hum Portugues ha mais de cento.

Tornai ſenhor ao Rey que vos deſeja,
E offerecer-uos manda a graça ſua
Ao meſtre a quem ſeruis fareis inueja,
Quando ſeu poder todo ſe deſtrua,
Naõ queirais ver o fim deſta peleja,
Para vós deſigual, aduerſa, e crua,
Tornai aos inimigos ſeruidores,
E aos famoſos irmãos voſſos mayores.

A

A isto lhe responde o Lusitano
Com huma alta segurança bem fundada,
Esse animo senhor, e termo humano,
De conseruar-me a vida desejada;
Bem sei que em vós he honra, e naõ engano,
Mas a vossa tençaõ vay nisso errada,
Que naõ he bem que estime, busque, e siga,
Mais que a rezaõ da Patria que me obriga.

Em vaõ se me offerece outro concerto,
Se naõ for a batalha que procuro,
Que o perigo da paz esse he mais certo,
E o partido da guerra o mais seguro,
E assim gozeis algum ditoso acerto
E este risco a que agora me auenturo,
Que apresseis esta vinda, que já agora
Me pareceraõ annos qualquer hora.

A tardança dos seus com isto accusa
Pois tam seguro o campo Castelhano
Vir com elle á batalha inda recusa
E o manda aconselhar sobre seu dano;
Que nem que fora o vulto de Medusa
Que em pedra trãsformaua hum peito humano
Mudará de seu peito, e pensamento
A fé de Portuguez, e o sofrimento.

Que sobre esta certeza nåõ dilatem
A honra da vitoria tam sabida
Que accometaõ, que vençaõ, disbaratem
Aquella pouca gente, e mal regida;
Que se sò com razões nisto combatem
Segura a sua está de ser vencida
Com isto ao nobre Marichal despede,
E o que huma vez pedio mil vezes pede.

Mas

Mas vendo aquellle peito tam alheo
De temor, tam ſeguro, e confiado
Entrou nos capitães tanto o receo
Que ſuſpendem o intento começado:
De ira o Pereira entaõ, de esforço cheo
Cometelos quiſera de indinado
Porém hum paſſo eſtreito os diuidia
Que aos ſeus eſtrago, e dano prometia

CANTO X.

Diuididos em companhias ſe retiraõ os capitães do campo Caſtelhano e vaõ muitos parar ao real del Rey que eſtá ſobre Lisboa: Com occaſiaõ da peſte que nella ſe aleuantou ſe deſcreue a caſa dos caſtigos do mundo: Dom Nuno Alures ſe vem pera Aldea Galega: Toma Palmela; Poem a ſaco Almada, com muito dano dos inimigos que a tinhaõ por Caſtella: Continua a peſte no campo del Rey: Leuanta o cerco, e vai-ſe pera ſeu reyno. Dom Nuno Alures paſſa a Lisboa por entre a armada Caſtelhana, viſita ao Meſtre: Torna-ſe a Euora: Toma Portel: Acquieta os bandos que em Eluas ſe leuantauaõ contra o ſeruiço do Meſtre.

PAſſou o dia, e vinha a noite cega
Iá aſſombrando os montes leuantados,
Porque o dourado Sol contente entrega
A Thetis ſeu queixume, e ſeus cuidados:
Nuno vendo que a guerra ſe lhe nega,
E que os ſeus ſem comer disbaratados
Repouſo pedem: logo as redeas vira
A' cidade outra vez donde partira.

Pollo

Pollo efcuro da noite temerofa
Muitos das companhias fe alongaraõ,
Huns como em branda cama e faborofa
Ao amparo das aruores ficaraõ,
Outros que a fome obriga trabalhofa
A fua terra, e cafas fe tornaraõ,
Nuno fe poem em armas no outro dia,
Que tornar á batalha pretendia.

E pofto que dos feus falta a mor parte,
Prrtir com aquelles poucos determina:
O mantimento e foldo lhes reparte
Para attalhar ao mal que os amotina;
Mas chega-lhe recado doutra parte
Que tudo torna em vaõ quanto imagina,
Que he leuantado o campo do inimigo,
Leuando alguns peões prezos comfigo.

Para Viana marchaõ com fegredo,
Que a noite os encobrio de enuergonhados,
Ou foffe bom confelho, ou grande medo,
Duas legoas vaõ de Euora alongados;
E por hirem marchando affim taõ cedo,
Prendem, e mataõ alguns dos que deitados
Entre as vinhas ficauaõ polla terra,
Que morreraõ da fome, e naõ de guerra.

De ira, e paixaõ Nuno Alures defefpera,
E com trezentas lanças fó que tinha
A Viana bufcalos hir quifera
Se outra noua tras defta naõ lhe vinha;
Que Arrayolos dos noffos fe lhes dera
Por imigos do Meftre, a quem conuinha,
Que aly o campo, e gentes fe apartaraõ,
Das quais muitas ao Crato fe tornaraõ.

Caf-

Caſtanheda, e Sarmento o bellicoſo
Sem repoſta da carta que mandara
Com ſetecentas lanças pouco airoſo
Para o campo del Rey dali voltara;
Nuno de reſponder-lhe cobiçoſo,
Com eſta noua os ſeus depreſſa armara
Tras elle alegre vay, que ouue receo
De lhe mandar primeiro outro correo.

Com o vagaroſo ſono deſcuidados
Os capitães eſtauaõ, quando a noua
De Nuno lhe chegou com mil recados
Que o repouſo, e caminho já lhe eſtroua,
Leuantaõ-ſe ſem cor deſatinados,
Que naõ querem chegar a fazer proua
De ſeu famoſo braço, e forte lança,
Iá obrigado de ira, e de vingança.

E qual do rouco tiro da eſpingarda
Que entre os paſſaros deu, com deſconcerto
O bando ſe derrama, e ſe acobarda,
Voando cada hum ao campo aberto,
Por morto tem os outros ao que tarda,
Crendo que o caçador lhe fica perto,
Nem nas aruores altas ſe aſſeguraõ,
Que com o voo chegar ao ceo procuraõ.

Tal entre gente timida, e turbada,
Foy a noua de Nuno taõ temido,
Que cada hum deixa a ordem cuſtumada,
Do capitaõ que o tinha ali trazido,
Qual por atalhos vay, qual polla eſtrada;
Qual caminha entre os matos eſcondido,
E o Sarmento que entaõ ſe arrependera,
Da mal notada carta que eſcreuera.

Que

Que as palauras de hum animo insolente,
Sem discurso, sem tempo, e sem medida,
Nunca as soltou a lingua facilmente,
Sem ser de hum mao successo reprendida:
Por isto a Natureza diligente
A tem com tantos muros defendida,
Que he perigosa a sua liberdade,
Posta nas mãos da ira, ou da vontade.

Afronio por fugir deste perigo
Na montanha entre as feras habitaua,
Três annos fallou Agatho consigo
Que com hum seixo na boca sempre andaua;
Epimenides diz ao charo amigo,
Que a fallar no banquete o conuidaua,
Que a callar só, seis annos aprendera,
Dez no mar a sofrer, e os mais perdera.

Diga Tantalo o fruito que colheo
De fallar liuremente, e sem cautella,
Lara da lingua ousada que perdeo,
E Ecco que inda na voz se aqueixa della,
Batto que em dura pedra conuerteo,
Mercurio pollos furtos que reuella,
E Anaxarco pisado a morrer veo,
Por fallar liuremente, e sem receo.

Quanto com mór razaõ será culpado
Quem naõ só com palauras solto e leue,
Offender ousa hum peito forte e honrado,
Antes de espaço as cuda, e lhas escreue,
Arrependido agora, e castigado,
Paga ao Pereira a honra que lhe deue,
O que tanto sem conta as contas deita,
Que da lingua nas armas se aproueita.

Em

Em Almada parou ſem companhia
Dos ſeus, e inda nas coſtas o receo
Quanto Nunalures de Euora naõ partia
Polla apreſſada noua que lhe veo,
Que couſas no caminho cuidaria?
De vergonha, e de medo o roſto cheo:
Que diriaõ os ſeus que eſtauaõ perto,
Quando eſcreueo tam liure hum deſconcerto?

Huns ao campo del Rey chegaõ fogindo,
Outros paraõ nos montes deſtroçados,
Outros cuidaõ que Nuno os vai ſeguindo
E embrenhaõ-ſe entre os matos leuantados,
Elle que iſto entendeo logo em partindo
Os ſeus tem na cidade ſoſſegados;
Que ſeguir a quem foge he vãa porfia,
Que o medo tem mais azas que a valia.

Paſſaua neſte tempo grande aperto
A cidade que o Rey tinha cercada,
Tomados os lugares de mais perto;
E pollo mar com naues atalhada,
O remedio de todos era incerto;
Que crecendo o poder da gente armada
E no Rey peruenções, e diligencia,
Hia faltando aos poucos reſiſtencia.

Só a terra abundante Tranſtagana
O valeroſo Nuno ſuſtentaua,
Que repremindo a furia Caſtelhana
Com vitorias aos poucos animaua:
Mas naõ baſtaua aquella mais que humana
Fortaleza, que os animos armaua
A accudir aos portos, que o receo
Tinha tomado a todos neſte enleo.

Que

Que já quasi rendidos ao perigo
Viaõ enfraquecer sua esperança,
Quando a benigna sorte, e fado amigo
Transtornou tudo em subita mudança:
E antes de ver deixar ao forte imigo
Aquella estreita, e dura vesinhança
Renouemos ó Musa na memoria
Hum grande espasso atras da nossa historia.

Aquelle sabedor astuto, e velho,
Que a Nuno conheceo quando se armaua
E na pequena hermida deu conselho
Ao Prior valeroso que caçaua;
Que nas estrellas como em claro espelho
Os futuros successos contemplaua,
Do reyno Portugues, que em tanto aperto
Tinha entre fogo, e agoa o fim tam perto.

Deixando a coua escura, aonde tinha
A morada encuberta em tantos annos
Com o zelo da gloria que conuinha
Ao fim dos claros feitos Lusytanos:
Cuidadoso de ver como encaminha
O cerco, a patria terra, immensos danos
Nouo termo imagina, e modo estranho
De a Portugal tirar jugo tamanho.

Hum espritu tirou do lago escuro,
Que obedecer custuma a seu mandado,
E sobre elle inuisiuel, e seguro
Os ares passa em nuuem transformado;
Da zona fria, e congelado Arcturo
Os negros orisontes tem passado,
E voando atrauessa o mar profundo
Té descobrir no centro hum nouo mundo.

Che-

Chegou á coua eſtranha do caſtigo
Chea de vaõ queixume, e triſte pranto
Ilha do reyno eſcuro do inimigo,
Aonde Minos gouerna, e Radamanto:
Qual Ethna vomitando o fogo antigo
Entre nuuẽs de fumo, e luz de eſpanto
O ar de eſpeſſas treuas ſe cobria
Como que nunca aly chegára o dia.

Parou o negro eſprito aly diante,
E achou patente a temeroſa entrada;
Entra na coua o cauto nigromante
Como quem ſabe os paſſos da morada:
Sobre hum globo de fogo triunfante
Vio a ira no meo eſtar ſentada,
Com hum aſpeito feroz, medonho, horrendo
Ante o qual toda a terra eſtá tremendo.

Negro o cabelo, e creſpo que teciaõ
Venenoſas ſerpentes aſſanhadas,
Que mil lingoás de fogo azul lambiaõ
Daquelle globo ardente leuantadas:
Raios de enxofre os olhos deſpediaõ
Nuuẽs de fumo, as ventas indinadas,
Das mãos deitaua ferro, ſangue, e fogo
Com os pès piſaua amor, brandura, e rogo.

Logo em outtros aſſentos que ficauaõ
Cercando o tribunal deſta inclemente
Os caſtigos do mundo ſe moſtrauaõ,
Cada hũm com roſto, e forma differente:
He ſangue, e fogo a terra que habitauaõ,
O ar ſanguineo fumo, eſpaſſo ardente,
E ante todos em pé, ſem força ou brio
Se moſtraua o temor palido e frio.

Sem

Sem cor o rosto, os olhos insiados,
A boca aberta, os braços descaidos,
Os pés menos seguros, que pezados;
No ar sempre os cabelos, e os ouuidos:
Atropelando bẽs, honras, estados,
Glorias, bonanças, gestos, e apellidos,
E o mais que sem temor na terra alcança,
Quem naõ se acanha á vil desconfiança.

Sobre hum tropheo de armas destroçadas.
Pernas, braços, cabeças sobre a terra,
Vertendo sangue em veas desusadas
Se via estar sentada a dura guerra:
Carniceiros os olhos, e indinadas
As juntas sobrancelhas para á terra,
Os dentes apertados, e huma espada
Na maõ, de sangue, e fogo desbotada.

Logo a misera fome differente
Com os descubertos ossos diuididos,
E os olhos cintilando tristemente
Nas profundas cauernas escondidos:
Com o frio alento está continuamente
Dibilitando os corpos e os sentidos
Raros cabellos, grossos, e empeçados
A boca branca, os dentes descarnados.

Tras ella aquelle mal triste, e funesto
Té no nome odioso á gente humana,
Que á maior força, e animo mais presto
Abate, accanha, vence, e desengana:
Com turbado, medonho, e frio gesto
Sobre a tumba intratauel, e profana
Respirando da boca o frio alento
Corrompe a vista, a terra, o ar, e o vento.

Ante

Ante ella pardas nuuẽs ſe enrolauaõ
De hum veneno mortifero, e de ſorte
Que os eſpiritos ſem fim que aly morauaõ
Em viua pena, eſtaõ temendo a morte:
As outras furias della ſe apartauaõ
Como que o ſeu poder era o mais forte
De esbulhadas cáueiras tudo cheo,
Que inda á terra aonde eſtaõ fazem receo.

Aly o velho aſtuto com cuidado
Do ſeo tira hum vidro mui pequeno
Por magicos encantos fabricado
Aonde o Sol nunca doura o ceo ſereno:
E daquelle ar cruel inficionado
Enchendo-o de mortal triſte veneno
O eſconde no peito; e já ſe vinha
Se huma viſaõ eſtranha o naõ detinha.

Porque voltando já pola outra parte
Quatro furias achou com que ſe enlea
Que caſtigaõ do mundo tanta parte,
Quanta o mar cerca; e quanta o ſol rodea:
Por quem honra, valor, juizo, e arte
Se eſcurece, ſe perde, e ſe recea,
Por quem anda a virtude em grande aperto
O mundo em confuſaõ, e em deſconcerto.

Vio a inueja infame, e tragadora
Que os oſſos pola pelle deſcobria
A cor palida, e verde, e por defora
Bichos que a roem, e cobras que comia:
Do veneno mortal que nella mora
A lingoa azul, e verde parecia
Com os olhos eſquinados de ira cheos
Vigiando de continuo os bẽs alheos.

Logo

Logo eſtaua a cobiça, que auarenta
Até da terra informe, que aly auia
Com a boca aberta eſtá ao ar que venta,
E com a cede hydropica o bebia:
O peito era outro Euripo na tormenta,
O ventre hum monte eſtranho parecia,
A viſta tam aguda, e tam ligeira
Que o lince naõ na tem de tal maneira.

No terceiro lugar mais eſpaçoſo
Porém naõ deſtes dous muito apartadas
Sobre hum trofeo mui alto, e ſumptuoſo
Ignorancia, e malicia, achou ſentadas:
O roſto mui riſonho, e gracioſo
Em ſeus geſtos ayroſos confiadas,
Ambas num cetro ás vezes ſe pegauaõ,
Mas nunca as mãos, e os roſtos apartauaõ.

O' caſtigos do mundo naõ temidos
Tratados entre nós continuamente,
Peſte, e guerra ciuil d'entre os nacidos
Ambicioſa fome, e deſcontente:
Se como perigoſos conhecidos
Foſſeis da miſerauel cega gente
Mais fugira de vós, mais vos temera,
Que Teſiphon, que Alecto, e que Megera.

Que deſejo? que intento? que eſperança?
Que virtude, ſaber, ou fortaleza?
Que goſto? que intereſſe? que bonança?
Que titulo? que cargo? ou que nobreza?
Se deſeja, ſe eſpera, nem ſe alcança,
Que naõ atalhe logo com preſteza
Qualquer deſtes imigos vencedores?
Que nem nos ha, nem podem ſer maiores.

Arrependido o velho bem quiſera
Leuar deſta peçonha por mais fina,
Que a da peſte odioſa que eſcolhera
Para o caſtigo, e fim que determina;
Mas de eſpaſſo imagina, e conſidera
Que eſta ſerá do reyno a mór ruyna,
E que o fim naõ daria a tanta guerra
Quem foi principio della cá na terra.

Torna a voltar, e os ares vem cortándo
Naquella nuuem negra que o rodea
Se em diametro o Sol o fica olhando
Naquella regiaõ nada alomea:
Mas em quanto tam liure vai voando
Que do mar, nem da terra ſe arrecea
Tornemos a Nunalures, que ha já muito
Para o cuſtume ſeu que naõ faz fruito.

Iá com trezentas lanças que eſcolhera
Deixa Euóra, cidade nobre antiga;
Porque huma carta o Meſtre lhe eſcreuera
Por onde o chama, e com razões o obriga
O vaſſallo leal que nada eſpera
E crê que na tardança amor periga
Parte a Lisboa, e chega á viſta della
Encuberto dos muros de Palmella.

Tomou da villa a nobre fortaleza,
Que por Caſtella eſtaua aleuantada,
E entrando nella a gente Portugueſa
Cobria a noite a terra deſcuidada;
Naõ ſe eſquece Nunalures com deſtreza
De dar ſinal ao Meſtre da chegada
Por cubellos, e ameas logo manda
Fazer fogos que viſſem da outra banda.

O

O Castelhano Rey que naõ sabia
Os dessenhos do nosso Lusitano
Com os seus do campo olhaua, e presumia
Que fosse dos da villa algum engano;
Que tudo ao parecer de longe ardia,
E alguns grandes do campo Castelhano
Soccorrer ao castelhano bem quiseraõ
Se vindo a Aurora as nouas naõ tiueraõ.

Tambem de Almada estranha aquelle fogo
Sarmento, e Castanheda descuidado,
E o valeroso Mestre entendeo logo
Que era o seu capitaõ já aly chegado;
E inda que o aluoroça aquelle jogo
Pola agoa, e pola terra está cercado
Que ir juntar-se com elle bem quisera
Como na sua carta lhe escreuera.

Que viesse apressado lhe dizia
Té Aldea galega occultamente,
Donde com elle fosse em companhia
As transtaganas terras fazer gente:
Porque a tam larga guerra pretendia
Dar fim numa batalha breuemente,
E aprouando o Pereira aquelle intento
Mais depressa partio que o pensamento.

Passa no castello hum, passa outro dia,
E as vagarosas noites sempre armado
Do mar as surdas praias descorria
Ao hospede esperando o conuidado,
Qualquer fraco batel que o mar mouia
Lhe parece que he elle, ou seu recado
Naõ ha dos seus com frio quem lhe aguarde.
Elle o naõ sente, e cada vez mais arde.

Era isto na sezaõ que o Sol passaua
Do matador de Orionte o cabo estreito
Quando com brancas neues prateaua
O ceo as caluas serras sem proueito:
Mas nunca o caualleiro desarmaua
As greuas, espaldar, celada, e peito
Todas as noites vinha a ver a praia,
Esperando que o Mestre á borda saya.

Vinda a manhã, tornaua-se a Palmella
Queixoso da tardança, e da ventura
Via do campo imigo a gente bella,
E a armada pollo mar liure, e segura:
Ah com quantos cuidados se desuella!
Que contas faz? que pinta! que affigura!
Anima-o quanto vê; só o acobarda
Em tantas cousas ver que o Mestre tarda.

Hum dia por cansar este cuidado
Sahio com os seus á monte, que era vsança
Aonde hum porco feroz, e denodado
Prouou do braço iroso a forte lança:
E por ser grande em modo desusado
E ter tam perto aquella visinhança,
O mandou ao Sarmento de presente,
Que o mostra receber muy cortesmente.

O escudeiro astuto, e animoso
Que de Nuno o recado lhe offerece
Lhe diz que seu senhor quasi inuejoso
Do que ouue de seus feitos, e conhece:
Está de o visitar mui cobiçoso,
E que antes de tres dias lhe parece
Que chegaria a Almada para vello,
Se fóra o esperasse do castello.

A isto

A isto lhe naõ responde o capitaõ:
O presente mostrou quanto estimara,
E com hum recado alegre, e cortesaõ
Esquecido já doutro que mandara;
Responde: e manda logo ao Rey Ioaõ
O animal de estranha vista, e rara
Que foi de espanto a todos na outra banda,
E de pouco sabor a quem o manda.

Nuno sem mais licença determina
Fazer esta visita de mais perto,
E para o nouo assalto que imagina
Iá poem os seus em armas, e em concerto
Hum dia antes da Aurora matutina
A noite despedir, della encuberto
De Palmela se parte, e chega, quando
O Sol vai já aos montes matisando.

Ante os seus grande espasso se adianta
Por ver que se apressaua o nouo dia
Com tanto feruor vai, com furia tanta
Que se esquece da armada companhia:
Eis quando a villa em armas se leuanta,
E a gente enuolta em bandos accudia
Por defender a entrada se ajuntaraõ,
Porque de Nuno as gentes diuisaraõ.

Do cauallo saltou destro animoso
Com hũa lança nas mãos grossa, e pesada
Commete hũa barreira o valeroso
Aonde mais copia vio de gente armada;
Quando com hum brauo impetu furioso
Sobre elle vem com grita embaraçada
As pernas igualmente, e os braços mouem
Pedras, dardos, virotes, lanças chouem.

Elle

Elle qual brauo touro denodado
Que as garrochas naõ teme, e vai bramindo
Por onde o pouo vil, fraco, e turbado
A cada passo empeça, e vai fogindo;
Furioso fere de hum, e de outro lado
Dardos, settas, e lanças despedindo
De tal sorte das forças se aproueita,
Que naõ acha entre tantos rua estreita.

Iá tem consigo o forte caualleiro
Que o perigo maior mais busca, e ama.
Tres, cujo braço, forte, e verdadeiro
Naõ he justo que esqueça á clara fama;
Gil Vaz Sarilho he hum brauo guerreiro,
Vasco Pires Chacim outro se chama,
E o primeiro que as pernas pôs mais rijas
Gil Rodrigues se diz de Santasijas.

Com estes vai seguindo o bom Pereira
Os que temem seu nome de tal sorte
Que nenhum ha ousado que já queira
A furia exprimentar do braço forte,
Trombetas se ouuem já, chega a bandeira
E indireitando todos para o forte
Toma outra rua, aly se acende a guerra
Iá se reuolue o ar, já treme a terra.

Iá chega Nuno ás fraldas do castello
Aonde os contrarios tomaõ nouo alento,
Ou fosse o pensamento de prendello,
Ou lhes desse a vergonha atreuimento:
Remetem rijamente á combatello
Quando com ira estranha, e mouimento
Sem cautela, sem medo, e sem receo
Hum homem d'entre os seus saltou no meo.

Leua logo em chegando hum Caſtelhano
Numa eſcuma que tras groſſa e peſada,
Dá áos que lhe tem roſto o deſengano,
E faz nos que lhe fogem larga eſtrada;
Paredes, muros tinge em ſangue Hiſpano
Com huma fereza eſtranha arrebatada
Golpes tira ſem medo, e ſem compaſſo
Que a nenhum dos que alcança fica eſcaſſo.

Moço de eſporas era do Pereira
Eſte forte, e Lopalures ſe chamaúa,
Que vendo a ſeu ſenhor de tal maneira
Moſtrar-lhe deſejou quanto o amaua:
Naõ ſae do arco a ſeta tam ligeira
Qual elle entre os imigos ſe lançaua
Eis que já a multidaõ que aly parara
As coſtas vira, a rua deſempara.

Entre eſtes, que á mór furia vaõ fugindo
Se vê o Caſtanheda em paſſo eſtreito
Naõ acerta hum jubaõ que vai veſtindo
Porque o tomou a noua inda no leito:
A vitoria Nunalures vai ſeguindo
Naõ contente do eſtrago que tem feito
Quando pela outra parte o pendaõ chega;
E a gente foge já toruada, e cega.

Ao caſtello ſe acolhem neſtá enuolta
As portas cerraõ logo com mór preſſa,
Nenhum a defender-ſe o roſto volta
Porque o imigo as ruas lhe atraueſſa:
Hum por fugir mais leue a lança ſolta,
Outro ao muro de ſalto ſe arremeſſa
Preſos ſe acharaõ muitos na partida
Muitos feridos mal, muitos ſem vida.

Ce-

Ceuaõ-se nos despojos os soldados
Metem a saco a villa liuremente
Quaes vaõ de leues roupas carregados
Quaes de armaduras de aço rezulente:
Quaes leuaõ os ginetes cobiçados,
E os desejos dos donos juntamente,
Que o que a vida escapou de tal perigo
Assaz fez quando a si leuou consigo.

Recolhe Nuno os seus sem grande dano
Sómente alguns feridos da peleja,
Poem-se á vista do campo Castelhano
Porque o contrario Rey armado o veja;
Aruorar lanças manda o Lusytano
Faz que a bandeira ao vento solta esteja,
O Rey que o caso estranho naõ conhece
O Sarmento chamou que aly se offerece.

Ou fosse imaginar, que em tal sezaõ
Nuno Alures vir buscallo naõ podia
Ou lhe esquecesse o termo cortesaõ
De esperar a visita aquelle dia:
Perdeo a desejada occasiaõ
Que outrem mais desejaua, e pretendia,
E porque logo as gentes conhecera
Preguntando-lhe o Rey, disse quem era.

Depois vendo-o ficar como assombrado
Dando-lhe a elle a culpa de tal feito
Naõ sejais, diz, senhor disso espantado
Que a capitães, nem Reys guardou respeito:
E cada hora do dia aquelle ousado,
Menor que o coraçaõ que traz no peito
Viera a vossas tendas sem receo,
Se naõ ficara o mar posto no meo.

Cre-

Crecem niſto as razões, crece a perfia
De que o forte Pereira goza a gloria,
Que a Couna vem jantar aquelle dia,
E aos ſeus larga os deſpojos da vitoria:
Mas tornemos ao velho, que trazia
Para aquella obra a nós tam meritoria
O venefico vidro tam guardado,
Que ao arraial com elle era chegado.

No ſilencio da noite eſcura, e cega
As tendas mais humildes viſitando
Do eſtigio licor que a vida nega
Vai por occultas partes derramando:
De modo o ar corrompe aonde chega
Que erua, ou planta que toque eſtá ſecando,
E a terra aonde reſpira eſte ar corruto
Nega ás plantas a flor, nega-lhe o fruto.

Parte-ſe em dando fim a aquelle intento
Para o lugar occulto aonde moraua;
Naſce o dia, começa o ſentimento
Da miſerauel gente a que tocaua:
Aqui ſae hum ferido, e macilento
De cujo alento aly outro eſpiraua,
Acolà outro cae, outro o ſoccorre:
Que ſem poder valer-lhe a ſeus pés morre.

Paſſa hum, paſſa outro dia, e vaõ paſſando
Muitos em que eſte fogo mais ſe atea
As tres irmãs naõ ceſſaõ de ir cortando
Cloto, e Lacheſis dura, Atropos fea:
O Rey que neſte eſtado miſerando
Vê que aventura mais do que grangea,
Leuanta o arrayal com preſſa eſtranha
Crendo que o que aly ſalua, iſſo ſó ganha.

Aly

Aly deixa o Sarmento ſepultado
Naõ menos valeroſo que arrogante
Do reyno de Galiza Adiantado
Na guerra, e para a paz muito importante:
O Velaſco tam nobre como ouſado
Camareiro maior do Rey poſſante,
De Santiago o Meſtre ſem reſpeito,
E outro que depois delle fora eleito.

Aly dom Fernaõ dalures de Toledo
Marichal de Caſtella, que primeiro
Eſte titulo teue, e deixou cedo,
De Touar Fernaõ Sanches bom guerreiro:
Guarda maior del Rey, que hum tempo ledo
Gozaua da vitoria, que primeiro
Teue daquella armada, que ao graõ Nuno
Fugira ſobre as agoas de Neptuno.

E outros que aqui contar fora infinito
De ſangue illuſtre, e peito valeroſo,
Que aquelle ar das cauernas de Cocito
Tam triſtemente trouxe a fim forçoſo:
E como ſe tiuera algum preſcrito,
E certo termo hum mal tam venenoſo,
Nenhum Portugues preſo, nem vencido,
Nem veſinho do campo foi ferido.

Manda pôr fogo o Rey naquelle aſſento,
E terra contra a morte mal ſegura
Ardem quintãs, e caſas de Sam Bento
Na mór força, e temor da noite eſcura:
O ſom vaõ das trombetas fere o vento,
Tangem roucos tambores de miſtura,
Quãto a noite he mais triſte, e mais cobarde
Mais ſe ouue tudo, e tudo moſtra que arde.

Num

Num quieto repouſo entaõ durmia
Nuno em huma alta torre de Palmela,
Quando o acorda gritando o que vigia,
Que eſtá fazendo a quartos cintinela:
Dizendo que a cidade em fogo ardia
Que hia graõ chama, e grande eſtrődo nella
O capitaõ confuſo do que ouuira
Toma armas, chama os ſeus, ardendo em ira.

Vio o incendio grande, e leuantado
Cuidou que era treiçaõ ao Meſtre feita,
Paſſar o mar intenta embaraçado,
Se o perigo das horas naõ reſpeita:
Toda a noite paſſea ſempre armado
Que imagina? que diz? que contas deita?
Té que a fermoſa aurora alegra os montes
E Apolo vem dourando os Orizontes.

Com o dia appareceo ſeu claro engano,
Sem offenſa Lisboa, e ſem receo
Aleuantado o campo Caſtelhano,
Mas de velas o mar ornado, e cheo:
E inda o Sol ſobre as agoas de Oceano
Doura o cabello ás filhas dé Nereo
Quando hum correo ſeu ao Meſtre chega
Que com faltar o imigo naõ ſocega.

Manda pedir licença, e já lhe peza
Naõ ir tomar-lhe o paſſo diligente,
Por dar vingança á terra Portugueſa
E deſengano á aquella armada gente;
Mas quer acharſe o Meſtre neſta empreſa,
Se o naõ atalha intento differente,
Manda, ſem ſeu recado que naõ parta.
O' quanto peza a Nuno deſta carta?

Tar-

Tardou o Meltre, o Rey foi caminhando,
O capitaõ eſpera, e deſconfia,
Paſſos, horas, momentos vai cortando,
Aonde o Meſtre vira, e o Rey ſeria;
E ſem nunca ir em ſi deſenganando
Aquelle ouſado intento que trazia
Polo eſtoruo, e cauſas que imagina
Ir buſcallo á cidade determina.

Com os ſeus a todo o riſco cuſtumados
Parte huma madrugada alegre, e branda
Toma bateis ligeiros, e eſquipados
Para paſſar do Tejo á outra banda:
E dentre aquelles ſeus fortes, ouſados
Que no batel conſigo meter manda
Hum eſcudeiro aſſaz prudente, e forte
Antes de entrar, lhe falla deſta ſorte.

Valeroſo ſenhor, cuja ouſadia
Ia mais foro pagou ao vil receo,
A cuja ſombra, a cuja companhia,
A cujas obras mais que á ſorte creo:
Que a armada Caſtelhana vos prendia
Sonhei de noite hum ſonho eſcuro, e feo,
Vejo que eis de paſſar por junto a ella,
Quiçais que he iſto alguem que mo reuella.

Suſpendei ſenhor hoje eſta partida,
Se eu confiado aſſi pediruos poſſo,
Que o perigo menor de voſſa vida
Será o fim de todo o esforço noſſo:
Lembrar iſto o temor naõ me conuida,
Nem reſpeito menor, mais que o ſer voſſo,
Naõ ſaõ deſejos vis, baixos, cobardes,
Que eu quero paſſar ſó ſe vós ficardes.

Seguro

Seguro o capitaõ lhe reſpondeo
Riſonho o roſto, alegre, e ſem mudança,
Naõ creo inſpiraçaõ ſe naõ do ceo
Nelle eſtâ minha vida, e confiança:
Pois a vós ſó tal ſonho commoueo
Ficai, que a vós fazia eſta lembrança,
Mas eu por voſſa parte me enuergonho
Que quẽ naõ teme os homẽs, tema hũ ſonho.

No batel ſalta, e manda liuremente
Ficar em terra a eſte que o ſeguia
Por mais que o roga enfim naõ no conſente,
E elle a ſeguilo a nado arremetia:
Na praia fica triſte, e deſcontente
Vendo partir alegre a companhia
Era o mar leite, os ventos naõ ſopravaõ
Ao ſom do remo as ondas ſe calauaõ.

Paſſa por entre a armada de Caſtella
E por naõ parecer que hia eſcondido
Depois de a ſeu ſabor paſſala, e vella
Manda tocar trombetas o atreuido:
Eis que já ſe reuolue a gente della
Subito ſe ouue o nautico alarido,
Polas cubertas ſae gente infinita,
E os remeiros dos barcos lhe daõ grita.

Deixo o aluoroço grande, e alegria
Do ſenhor que ante ſi vê tal vaſſallo,
E a que o Pereira illuſtre aly teria
De o ver, de lhe fallar, e de abraçallo:
As palauras de amor, e corteſia.
Os termos cuſtumados, que aqui callo
Nuno já a ſeus intentos lugar pede
O Meſtre lhe dilata, e lhe concede.

Mas

Mas hia já marchando o Castelhano
Para fora do reyno, e do perigo,
Que he conselho sem falha, e sem engano
Fazer pontes de prata ao inimigo:
Que inda que recebesse perda, e danno
Podia ser aos nossos graõ castigo
Assi deixou Nunalures sem seu gosto
Aquelle firme ousado prosuposto.

Torna com os seus guerreiros esforçados
A sustentar a sua antigua empresa,
Despedem-se saudosos, e abraçados
Os columnas da patria Portuguesa:
Nos ligeiros bateis aparelhados
Entra o famoso exemplo de firmèza,
E quando o Sol as ondas douro esmalta.
De Montijòs na praia em terra salta.

Por Palmela passou aonde já tinha
O castello com guarda, e com recado
Passa a noite em Setuual, e caminha
Para Euora seu posto custumado:
A recebello o pouo todo vinha
Com alegria estranha aluoraçado
Nos rostos, lingoas, e animos se entende
Viua o bom capitaõ, que nos defende.

Aly esteue alegre, e satisfeito
De ver nos naturaes tanta amisade
Seu desejo ao pouo todo aceito,
E armado a defender a liberdade:
Mas como naõ descansa o brauo peito
Sem obrar de contino esta vontade,
Iá vai contra Portel villa arrogante
Para a Fronteira entaõ muito importante.

O esforçado Sousa a defendia
Fernaõ Gonçalues proprio senhor della,
Com muita gente illustre, e de valia
Dos mais nobres guerreiros de Castella:
Outro Mestre dom Pedro, e dom Garcia
Que em offender aos nossos se desuella,
Tanto Nuno se cansa, e imagina
Que entrar hum dia a villa determina.

Por dous apaixonados moradores
Hũa porta dos muros lhe foi dada
Entraõ subitamente os vencedores
Huma manham quieta, e descuidada
Despidos vaõ fogindo os defensores
Que a Villa deixaõ já desamparada
Aceolhem-se com gritos ao castello,
Mas o Pereira ordena combatello.

Por concerto lho entrega o forte Sousa,
Iurando os bons de Nuno juntamente,
De naõ leuar daly nenhuma cousa
Deixando os ir com-tudo liuremente:
Nuno que em tais materias naõ repousa
De tudo o restitue em continente
Poem-nos em saluo, e toma a fortaleza
E entrega-a logo á gente Portuguesa.

Teue nouas que em Eluas leuantauaõ
Bandos seguindo a parte de Castella,
A ella chega, e sabe os que culpauaõ,
E mandando-os ao Mestre, os tirou della:
Vio dos seus entre as armas que leuauaõ
Ou fosse com descuido, ou com cautella
Huma espada, e huma cota de valia
Que o bom Fernaõ Pereira aly trazia.

Vol-

Voltou-lhe iroſo o roſto, porque entende
Que a trouxe de Portel delle eſcondida,
E com palauras aſperas reprende
Quebrantar-lhe a palaura prometida:
O irmaõ com o ſilencio ſe defende
Do bello roſto a cor quaſi perdida;
O' eſtranha nobreza, ó claro effeito
De hum forte capitaõ, de hum nobre peito.

Tanto ſente eſta afronta o caualeiro
Que naõ muda já mais della o ſentido
De hum irmaõ tam leal, tam verdadeiro
Tello por cobiçoſo, e fementido:
Tambem peza a Nunalures de ligeiro,
Pola meſma razaõ, tello offendido
Muda as razoens, e ás queixas muda o poſto
Por ver ao charo irmaõ mudado o roſto.

Ah intereſſe vil baxo inimigo,
Que em vaõ contra a virtude te engrandeces
Quaõ certo he na vergonha o teu caſtigo!
Quando o roſto deſcobres, e appareces;
A vida, a honra, o ſer poẽs em perigo,
Nem dás vida, nem ſer, por mais que creces,
E ſe ſuſtentas, fartas, e das vidas
Digaõ de teus louuores Craſſo, e Midas.

CAN-

CANTO XI.

Vai dom Nuno Alures ſobre Villa-viçoſa, mouido de alguns recados que dos moradores teue: Na entrada da porta morre o valeróſo Fernaõ Pereira: Conta-ſe o eſtranho ſentimento de ſeu irmaõ: Finge-ſe hum ſonho que teue na villa de Borba, em o qual ſe lhe moſtra ſua alta deſcendencia: Enterra o corpo morto em Eſtremos: Manda liurar a Aluaro Coutado, que leuaõ preſo ao campo del Rey de Caſtella: Vai viſitar ao Meſtre.

COM o felice ſucceſſo, que a ventura
Nas obras de Nunalures prometia
Iá a Portugueſa gente ſe aſſegura
Piſando a ſugeicaõ, que antes temia;
Qualquer caſtello, ou villa, já procura
Valerſe de ſeu braço, e ouſadia
Iá de Villa viçoſa antigua, e nobre,
Eſte deſejo a terra lhe deſcobre.

Mandaõ-lhe auiſo alguns ſecretamente
Que ſe com os ſeus a ella foſſe armado
Lhe dariaõ a entrada facilmente
Para a villa, e caſtello ſer tomado,
Aonde eſtá de Caſtella a melhor gente,
Com o Alcaide ao Meſtre rebelado,
Nuno logo á conquiſta ſe offerece,
Que a menores offertas obedece.

De Eluas ſae com os ſeus na dianteira
Para o que a ſeus deſejos tanto importa;
Mas quebra incauto a aſte da bandeira
O Alferez atraueſſando a porta:
Vendo hum agouro aly deſta maneira,
Deſconfiada a gente, e quaſi morta
Voltai ſenhor, lhe diz, que he ſer prudente,
Pois vos auiſa o ceo tam claramente.

Mas elle que os agouros tinha em nada
(Qual Claudio que o das aues naõ curou
Que em lhe contradizendo outra jornada
Entre as agoas do Tibre as ſepultou,
Alcançando a vittoria deſejada
Que contra os ſeus preſagios procurou)
A bandeira noutra aſte pregar manda,
E aos ſeus esforça, e diz neſta demanda.

Como? aſſi receais ſem fundamento
Companheiros leais eſta partida?
Quereis que nos eſtorue o vencimento
Huma couſa incapaz de ſer temida?
No que foi ſó do Alferez deſatento
Conſiſte por ventura a noſſa vida?
Sabei (ſe inda ignorais eſte ſegredo)
Que he autor dos agouros ſempre o medo.

Pois como pode ſer que em vos ſe veja
(Se vencido naõ for) eſte inimigo,
E quem naõ teme os riſcos da peleja
De ſombras vãs, naõ teme o vaõ perigo:
Todos conſentem já no que deſeja,
Mais dos com que partio leua conſigo,
No Arrehal deſcanſa a noite fria,
E parte antes que o Sol lhes moſtre o dia.

Naõ

Naõ ha rumor que entre elles ſe aleuante,
Que o ſilencio lhes era encomendado;
Mas a ligeira fama que diante
Com eſta noua á villa tem chegado:
Faz que com preuençaõ muito importante
Eſteja o inimigo acautellado,
A porta aberta, a terra poſta a ponto;
E os ſoldados que ha nella ſaõ ſem conto.

Fernaõ Pereira a todos ſe adianta
Com Aluaro Coutado o bom guerreiro
Que como aos dous nenhum perigo eſpanta
Cada hum naquelle entende ſer primeiro:
O rayo naõ deceo com furia tanta
Como o mancebo ouſado vai ligeiro
A prouar com os contrarios a ventura
E buſcar entre as lanças ſepultura.

Tem huma porta a villa nobre, e bella
Com hum eſtreito vaõ antes da entrada
De abobeda mui forte, e feita nella
Huma aberta enganoſa, atreiçoada,
Aonde a guerreira gente de Caſtella
Tem para a defender, ſempre encerrada
Pedra, e mais moniçoes com que a ſoccorre
E o nome inda hoje tem porta da torre.

Aly aonde era a parte prometida
Os noſſos chegaõ já com grande preſſa,
E vendo a porta aberta, e defendida
Fernaõ Pereira a ella ſe arremeſſa
A nenhum dos que encontra deixa vida
O reboliço, e grita já naõ ceſſa
Setas, dardos, e pedras, e alaridos
Vaõ atroando as almas, e os ouuidos.

E a trauessando o vaõ daquella entrada
A custa do que armado lha defende,
Dando tam feros golpes com a espada
Que o que fugir naõ sabe, se arrepende:
De sobre a falsa porta huma pesada
Pedra, com grande furia os ares fende
Dâ no mancebo, o elmo de aço parte
Cae sem vida aquelle ousado Marte.

Com sangue os roxos beiços se cerrauaõ
Inda inuocando o filho de Maria
Com os espritos vitaes que se apartauaõ
Na terra os fortes braços estendia:
Aos imigos soldados, que o olhauaõ
A dor, receo, e espanto commouia;
Metem na villa o corpo sanguinoso,
Que outro naõ tinha Espanha taõ fermoso.

Bem junto a elle espira hum escudeiro
Seu, que seguindo-o foi forte atreuido
Mas Aluaro Coutado que ligeiro
Fogio da pedra entraua assaz ferido;
E faltando-lhe o forte companheiro
Que pelejando assas ficou rendido
Iá chega Nuno; a gente a porta cerra
Que de ira acende o ar, e come a terra.

Sabe do charo irmaõ tam triste noua,
Só se arremessa ás portas de indinado,
Mas a gente magnanima lho estroua,
Que o tem dos fortes braços subjugado:
Naõ ha razaõ que o vença, nem que o moua;
Que o têm a ira, e dor desatinado,
Porém he já forçada a paciencia,
Que naõ val contra as portas resistencia,

Dellas

Dellas se aparta iroso, e descontente
Com o rosto baxo, os olhos inclinados
Os seus chorando todos tristemente,
E o pendaõ arrastrando os verdes prados:
Nenhum se ouue fallar, nada se sente
Senaõ sospiros tristes magoados
Em Borba aquella noite se apousenta,
E aly nouo cuidado o atormenta.

Naõ perde hum só momento do sentido
O peccado do irmaõ, que commetêra
Quando contra o contrato prometido
De dom Garcia as armas escondêra:
Crendo que por perjuro, e fementido
Tam aspero castigo o ceo lhe dera
Cansou-lhe tanto a dor a fantasia
Que sobre o leito armado se durmia.

Iá alta noite á hora mais serena
Dormindo ouue hũa voz doce, e suaue
O forte Heroe (diz) suspende a pena
Desse cuidado vaõ, pesado, e graue;
Que quem do ceo na terra tudo ordena,
E só de seus segredos guarda a chaue
Quanto o juizo humano naõ comprende
Té guarda, te engrandece, e te defende.

Nisto huma claridade mais fermosa
Que a do Sol, polos olhos lhe passaua;
E huma terra contente, e graciosa
Via na casa estreita aonde pousaua:
Chea de fontes, de aruores viçosa
Em cujo meo hum alto templo estaua:
De marmore luzente, e jaspe duro
Guarnecido e laurado de ouro puro.

Sobre

Sobre columnas mil ao ceo ſubia
De eſtranha obra, de eſtranha architectura,
O cume entre as eſtrellas ſe eſcondia,
Que a viſta naõ chegaua a tanta altura;
O aſſento na terra ſe eſtendia
Onde obra naõ fizeraõ tam ſegura
Meleagenes, Sugilas, Hermodoro
Cteſifon, Zenodoto, Apolodoro.

Hum eſprito luzente, e criſtalino
Dando-lhe a maõ, do leito o aleuanta,
E para o alto templo peregrino
Guiando hum pouco eſpaſſo ſe adianta:
Abre hũa porta eſtranha de aço fino,
Que outra naõ fez Epeo de arte tanta
A hũa ſalla o leua illuſtre, e bella,
Que nunca Nero a teue como aquella.

Encima do portal tinha entalhada
A Fama, juſto premio das grandezas
Sobre hum eſcudo de armas leuantada
Com hũa cruz entre as quinas Portugueſas:
A ſala alegremente alumiada
Com eſtrellas do Sol continuo aceſas,
As paredes em quadros de pinturas
Com diuerſos retratos, e figuras.

Aly tomando a Nuno a maõ direita
O varaõ mais que humano, lhe dizia,
De quem tanto hoje a terra ſe aproueita
Quanto para outra idade o ceo confia;
Eſta triſteza vam agora engeita
Que eſperando te eſtá noua alegria
Que a teu nome famoſo o ceo propicio
Hoje a pedra lançou neſte edificio.

Naõ

Naõ foi a com que a gente Caſtelhana
Deu ao famoſo irmaõ mortal ferida,
Cuja inuejada morte deſengana
A quem ſem gloria eſtima muito a vida:
Foi o ſangue da eſtirpe mais que humana;
De Deos para altas obras eſcolhida
Derramada nos muros que aleuanta
A teu immortal nome, a fama ſanta.

Aqui ſerá eterno o claro aſſento
De teus tam poderoſos deſcendentes,
Cujo aliceſſe, e cujo fundamento
Neſte irmaõ começou que agora ſentes:
Alegra-te, e deſterra o ſentimento
Abre os olhos, tégora deſcontentes
Verás varões, e heroas ſoberanos,
Que haõ de ver os futuros Luſytanos.

Nuno com goſto igual, e ligeireza
No que fallaua, a viſta aſſegurou
Que com aquella luz contino aceza
Marauilhas naõ viſtas lhe moſtrou:
Todas com tanta graça, e tal viueza,
Que a natureza da arte ſe eſpantou,
E no painel primeiro que apparece
A filha Beatriz naõ deſconhece.

O bello roſto aly mais venerando,
No qual huma luz grande ſe acendia
Voltaua ao charo eſpoſo, doce, e brando,
Que alegremente a maõ lhe offerecia:
Hum trofeo immortal eſtaõ piſando
Que os leuantaua a ambos; e os ſubia;
E o eſprito que a Nuno aly guiára
Deſta ſorte as pinturas lhe declara.

Eſta

Eſta que ves ó forte Luſytano
He aquelle alto ramo que eſcolheo
De tua ſtirpe o braço ſoberano,
Donde colheſſe flores todo o ceo:
Eſte eſpoſo que tem altiuo, e vſano,
No que em teu nome, e obras mereceo,
Filho he do Rey, que agora te affeiçoa,
A quem cedo darás cetro, e coroa.

Eſte terá de ti famoſa herança
Que com o real ſangue ennobrecida
Vencerá tempos, fados, e mudança
E a teu nome dará perpetua vida:
Será Duque primeiro de Bargança
Terra a teus deſcendentes eſcolhida,
Será forte, magnanimo, e ditoſo
Verdadeiro, catholico, e famoſo.

Della, e deſte varaõ ditoſo, e claro
Ha de nacer a gente mais que humana;
Que o alto ceo promete para amparo
Da antigua, e nobre terra Luſytana:
Logo o ves com esforço grande, e raro
Pelejar contra a gente Mauritana
De quem o pai com juſta, e ſanta guerra
De Iuliaõ entregue, cobra a terra.

Tambem neſte painel que eſtá diante
O ves em ciuis guerras occupado
Contra o incauto irmaõ, miſero Infante
Dos ſeus indoutamente aconſelhado:
Que ao Rey ſobrinho, e genro tam poſſante
Nega o reſpeito, e foro cuſtumado.
O morte triſte, ó caſo duro, e feo
O memoria de Ceſar, e Pompeio.

Iá

Iá neste tempo tem por companheira
Constança de Noronha illustre, e bella
Do Conde de Gijon filha primeira
Neta do Rey Henrique de Castella:
E do Rey Portugues, que a derradeira
Por herdeira deixou do reyno, e della
A quem por meo occulto a sorte priua
Naõ lhe sendo no alheo reyno esquiua.

Deste primeiro Duque Affonso, aonde
Teu sangue irá sobindo sem detença,
O valeroso filho naõ se esconde,
Que ao pai naõ fez no nome differença:
Este sendo por ti famoso Conde
Affonso o Rey Marques faz de Valença
Titulo que em grandeza acrecentára
Se a parca antes de herdar naõ no atalhára.

Atenta aqui verás que em terra estranha
Dá de seu graõ valor proua estremada
Leuando a Federico de Alemanha
A ditosa consorte, e desejada:
Com deuota affeiçaõ que o acompanha
Peregrinando a terra mais sagrada
Corre outras regiões, climas, e assentos,
Até tornar aos patrios aposentos.

Funda o castello illustre, e leuantado
Que do de Magdalena naõ se esquece,
Fortifica os lugares com cuidado,
Que já por seus na patria reconhece:
Faz de Ourem alta o templo celebrado
Que com despojos santos enriquece
Té que com os seus, da vida transitoria
A todos deixará queixa, e memoria.

Que

Que antes que o Duque perca a luz do dia,
Iá gozara do filho a ſepultura,
Que bem viuer na terra merecia
Quanto o mundo durar, e a fama dura:
De huma illuſtre dona, e de valia
(Que hum mao ſucceſſo faz de ſorte eſcura)
Outro Affonſo auerá muy generoſo,
Que o nome a Portugal faz mais fermoſo.

Ves delle a clara eſtirpe ſe derrama
Que aqui vai neſte quadro retratada;
Do Vimioſo a caſa, cuja fama
He graõ tempo dos fados inuejada,
A quem Minerua, e Marte tanto ama,
Que ella o eſcudo lhe dá, elle a eſpada,
Mas no que o mundo tem, buſca, e reſpeita
Naõ lhe dará a ventura a maõ direita.

Olha verás Fernando, que a herança
Terá do pai, e irmaõ, que nelle goza
Duque ſegundo a caſa de Bragança,
E primeiro Marques Villa viçòſa;
Cuja alta geraçaõ, cuja lembrança
Inda a pezar da inueja viguroſa,
Entre varias nações, e varias gentes,
Eternos fará ſer ſeus deſcendentes.

Ves que na tenra idade florecente
De Arrayolos por ti tendo o Condado,
Cae no valo, a braços juntamente,
Com o valero Mouro ſubjugado:
Eſtando defenſor na Lia ardente,
E fronteiro de Ceita celebrado
Aonde ſua memoria em largos annos
Guardáraõ ſempre os muros Tingitanos.

Eſta he a eſpoſa illuſtre, quanto bella
Dos Caſtros honra, e luz, dona Ioanna,
Que rayos deitará de clara eſtrella,
Com que engrandece a terra Luſitana:
Mas hum Fernando altiuo nace della
Que ao mais ſeguro eſtado deſengana,
Com mudanças do tempo, e da ventura,
Nos quaes naõ pode auer couſa ſegura.

Eſte Duque terceiro dom Fernando
Mais magnanimo, e forte, que ditoſo:
Por quem triſte a conſorte eſtá chorando,
E o Rey, ou enganado, ou ſoſpeitoſo:
Virá a pôr neſte eſtado miſerando
O Reyno em varias partes duuidoſo,
Que quando ſopra o vento duro imigo
O mais alto lugar he môr perigo.

Fere primeiro o rayo furioſo
Os leuantados montes, que a planura,
E quando o mar cruel tempeſtuoſo
Menos o maior peixe ſe aſſegura:
Perde o Duque tam claro, e generoſo
Em hum momento a vida, e a ventura
Porque o mao proceder, e peito alheo
Traz ao Rey em perigos, e em receo.

Eſta a que volta o roſto tantas vezes
Sendo de Guimarães Duque eſtimado
Dona Lianor illuſtre he de Meneſes,
Filha de Pedro o Conde celebrado:
E eſtoutra que chorando largos meſes
Tem na corrente o Lena acrecentado
He Iſabel do proprio Rey cunhada
Que viuua a deixou deſemparada.

Eſte

Eſte he o valeroſo, e forte irmaõ
Marques de Monte mór, que o peito altiuo
Moſtrara com valor, e opiniaõ
Se lhe naõ fora o fado, e tempo eſquiuo:
E ſem deixar na terra geraçaõ,
Mas o ſeu nome ſó inteiro e viuo
O eſprito ſoltará na terra alhea,
Porque da patria propria ſe arrecea.

Ves dom Affonſo illuſtre, que primeiro
Conde ſerá de Farao conhecido
Deſte Fernando irmaõ, mui verdadeiro
Magnanimo, excellente, e mais valido:
Eſta que o faz do Conde Sancho herdeiro
Eſcolhendo-o na terra por marido,
He Maria Condeſſa, illuſtre, e bella
Dos Noronhas reais famoſa eſtrella.

De Odemira, com o ſeu cobra o Condado
Dando a tal nome aſſi môr eſperança;
E enche de flores todo o reyno amado
Eſte ramo da caſa de Bragança:
Por hum ſexo e por outro derramado
Quanto a viſta cõprende, e quanto alcança,
Que vaõ com nome, e gloria ſuſtentando
Dous Sanchos, hũ Franciſco, e hũ Fernando.

Dona Guiomar de Caſtro eſta ſe chama,
Que na terra aonde eſtá fica eſtrangeira,
Que por belleza illuſtre, ſangue, e fama
Foi do Infante Fortuna companheira;
Dona Mecia eſtoutra, illuſtre dama
Naõ menos glorioſa que a primeira,
Medina Celi alcança por Duqueza,
Exemplo de valor, ſangue, e nobreza.

Eſtes

Estes varões que ves claros lustrosos,
Que cada hũ tem seu nome em outro escrito,
Saõ Condes, Bispos, e homẽs valerosos
De virtude, saber, braço, e de esprito,
Cujos feitos tam claros, tam famosos
Quererte aqui contar sora infinito;
Mas outro irmaõ verás destoutra parte,
Honra de Astrea, e gloria do Deos Marte.

Ves aqui està com a vara gouernando
Com coraçaõ igual, com rosto inteiro
Que he do primeiro Duque dom Fernando
Dom Aluaro tambem filho terceiro:
No qual está Tentugal esperando
Para alta géraçaõ Conde primeiro,
Cuja illustre progenia altiua, e bella
Portugal goza, e honrará a Castella.

Este he o filho amado dom Rodrigo
De Ferreira Marques claro, e famoso,
Dom Iorge o charo irmaõ leua consigo,
Que de Gelues será Conde animoso:
Mas olha as irmãs claras, que eu me obrigo
Que teu sangue auerás por venturoso
Dona Isabel de Castro naõ te esqueça,
Que he de Benalcaçar a Condessa.

Ves della a toda Hespanhã enrriquecendo
Com o fruito deste ramo florecente
Como os Duques de Bejar vem nacendo,
Tambem os Duques de Alua, e outra gente:
Toda esta terra estranha que estás vendo
O fruto occupará desta semente.
Dona Beatriz estoutra he de Vilhana
Honra da patria terra Lusytana.

Ves

Ves de Coimbra Duque o claro eſpoſo
Filho do Rey ſegundo dom Ioaõ,
De Santiago, e Auis Meſtre famoſo,
Que a forte eſpáda tem na deſtra maõ:
De cujo ſangue illuſtre, e generoſo
Terá principio a illuſtre geraçaõ
Daquelle exemplo raro, e verdadeiro
De honra, ſangue, e valor Duque d'Aueiro.

Ves que de Aluaro nace outra Maria,
Condeſſa á Portalegre deſejada,
Que tem da illuſtre gente clara, e pia
Dos Syluas Luſytania ſameada;
Com Ioaõ Conde illuſtre, e de valia
Eſta dama que ves ſerá caſada,
E delles naceraõ com mil louuores
Venturoſos, e illuſtres ſucceſſores.

Ves Beatris tam clara e tam fermoſa
Do primeiro Fernando filha amada,
Que com o Marques primeiro da famoſa
Nobre villa Real ſerá caſada;
Cuja progenie illuſtre, e venturoſa
Será por largos annos dilatada,
Enchendo a terra alhea, e largos mares
De varões entre os homens ſingulares.

Eſtes que armados vaõ deſtoutra parte
Gloria da noſſa antigua Luſitana,
Honra de Apolo, inueja do deos Marte,
E flagelos da infinita Mauritania;
Que haõ de extinguir no mundo tanta parte
Da Mahometica, immunda, e vil cizania,
Saõ tais, que ſua fama eu afrontára
Se tam depreſſa aqui delles contára.

Olha

Olha as irmãs de trajo differente
Dona Guiomar ſe chama eſta primeira
Condeſſa de Loulé clara excellente
De Henrique deſejada companheira:
Dama, eſpoſa, viuua em continente
He Catherina eſtoutra derradeira
A quem a morte aborrecida, e calua
O ſeu Conde tirou de Marialua.

Verás outro painel que eſtâ moſtrando
De armas negras veſtido hum caualleiro,
Que he do terceiro Duque dom Fernando;
E de Iſabel, dom Gemes claro herdeiro;
Com o tio Rey á parte eſtá fallando
Que lhe entrega os eſtados por inteiro
De que o priua outro Rey que injuſtamente
Executaua a ira no innocente.

Cá aonde o ves com os Mouros na peleja
Com magnanimo esforço, e braço ouſado
Aruora eſte pendaõ da ſanta Igreja
No Barbarico muro naõ domado:
Toma a forte Azamor, que aſſi deſeja
O Portugues imperio dilatado,
Que fique o Rey, e Ceo mais ſatisfeito
De ſeu famoſo braço, e de ſeu peito.

Eſta a quem dá a maõ, e tira a vida
Por huma temeraria vam ſoſpeita,
(Que em tam altos ſugeitos concebida
De razaõ, nem de modo ſe aproueita)
He Lianor, que a ſorte fementida
Poem neſta condiçaõ miſera eſtreita,
Filha do Duque illuſtre, e verdadeiro
Que a Medina Sidonia he terceiro.

A

A ſegunda que ves logo he Ioanna
Do tronco dos Mendoças ramo nobre,
Que enche de fruto a terra Luſitana
Como todo eſte quadro te deſcobre:
Mas acabando eſtoutro donde mana
A geraçaõ que aqui naõ ſe te encobre
Olha outro filho illuſtre de Fernando
Que vai teu ſangue, e nome acrecentando.

O claro dom Dinis de Lemos Conde
A quem o ſobrinho, a filha faz Duqueza
Cuja bella progenia naõ ſe eſconde
Da Caſtelhana terra, e Portugueſa:
O filho dom Fernando he eſte aonde
Condes de Andrada apuraõ a nobreza,
Dom Affonſo he eſtoutro, que tens viſto
Comendador maior da cruz de Chriſto.

Deſte ves a conſorte deſejada
Neta de Pedro o bom Marques primeiro,
Do claro dom Diogo filha amada
De quem o meſmo Affonſo fica herdeiro:
Tecendo a geraçaõ tam venerada
Que abonará ſeu nome verdadeiro
Com os varões que o ceo já lhe aparelha,
A que aſſinala a cruz branca, e vermelha.

Ves de Dinis a filha generoſa,
Que a Saboya eſpantou, dona Mecia
Condeſſa de Salon, bella, e fermoſa;
Que ver a patria cá naõ merecia:
Olha Lianor naõ menos venturoſa,
Nem menos grande em partes, e em valia
Condeſſa deſejada, illuſtre, e bella,
Que a naõ tem Ribadauia tal como ella.

Ves

Ves a Antonia tambem diſcreta, e bella
Filha que de Dinis te eſtou moſtrando,
A quem ſorte fatal, benina eſtrella
Deu ao Coutinho illuſtre dom Fernando:
Marichal venturoſo, que com ella
Irá ſeu nome, e eſtado aleuantando,
E com os deſcendentes deſta dama
Crecerá ſeu louuor na voz da fama.

Mas volta os olhos cá com a eſperança
Deſte vindouro ſeculo, e ditoſo
Verás Duque a Barcellos, e a Bargança
Theodoſio tam claro, e tam famoſo
Cujo nome immortal, cuja lembrança
Naõ poderá vencer tempo inuejoſo
Honra do reyno amado, que o deſeja,
E dos eſtranhos Principes inueja.

Eſte herdeiro de Gemes tam valido
Com tantas excellencias eſtremado
No reyno em ſanta paz enriquecido,
Mais acrecentara ſeu grande eſtado:
Faz-ſe por todo o mundo conhecido,
E ao ceo mais aceito, e mais amado
Na caſa, e na capella, illuſtra, e rica
Reforma, illuſtra, funda, e edifica.

Eſta dama primeira a que offerece
A generoſa maõ como eſtá vendo,
He Iſabella illuſtre, que merece
Mais do que lhe eſtá a ſorte prometendo;
Filha de dom Dinis ſe naõ te eſquece
O que delle te fui moſtrando e lendo
Eſtoutra he Beatris clara, e altiua
A quem do Duque amado a morte priua.

Cá verás Iſabel ditoſa Iffante,
Que do ceo tem na terra tanta parte,
Com o alto eſpoſo ſeu que tem diante
O valeroſo Iffante dom Duarte;
Taõ amado do Reyno, como amante,
Que tudo juſtamente o Ceo reparte,
Cuja morte cuſtoſa aos Luſytanos
A patria chorará muy largos annos.

Verás Gemes, Fulgencio, Conſtantino
Filhos tambem de Gemes Duque ouſado,
Cada hum por varias obras perigrino,
E o terceiro tam alto, e celebrado,
Paſſa no humido reyno Neptunino
E no que tem aos noſſos ſubjugado
Tanto com ſanto zelo ſe engrandece
Que idolos piſa, e ouro deſconhece.

Eſte he Theotonio aquelle eſpelho claro
De virtude, nobreza, e de prudencia,
Cuja religiaõ, e exemplo raro
Fez da alta dinidade penitencia,
Das nacões eſtrangeiras doce amparo,
Da noſſa natural noua excellencia
De Euora Arcebiſpo, e dino juntamente
Da Cadeira de Pedro penitente.

Attenta eſte painel, e olha á Ioana
Que ves do eſpoſo ſeu contente, e leda,
Será Marqueza de Elche ſoberana,
E nace della o Duque de Maqueda,
E Eugenia que na terra Luſytana
Terá da ſorte a roda firme, e queda
Do famoſo Franciſco companheira
Conde, e Marques famoſo de Ferreira.

Eis

Eis de outro trajo aqui ves a Maria
E tambem a Vicencia clara, e pura,
Que com a deuaçaõ humilde, e pia
Daõ luz, e refplandor defta claufura;
Mas deixando o que aqui dizer podia
Para chegar ao fim defta pintura,
A Theodofio vamos aonde efpera
Lufitania ditofa primauera.

Efte he Theodofio vnico herdeiro
O Duque claro, e pio dom Ioaõ,
Principe fiel, firme, e verdadeiro,
Defprezador de inueja, e de ambiçaõ,
Em verdade, e juftiça fempre inteiro,
Obfervante, catholico, e Chriftaõ,
Prudente, liberal, jufto, esforçado
Só de imprudentes peitos pouco amado.

Efta que ves de tanta gloria dina,
Que a maõ dando-lhe eftá com graça, é arte,
He a alta, e generofa Catherina
Filha do claro Iffante dom Duarte:
A cuja géraçaõ quafi diuina
Inuejáraõ o Sol, Diana, e Marte,
Cujo juizo, e fer mais peregrino
Louuor ferá do fexo femenino.

Ves defte Theodofio valerofo
Nacer e de Beatris clara Duqueza,
Izabel nouo exemplo generofo
De virtude, brandura, e de nobreza;
Aqui ves o Marques feu doce efpofo
Da antiga, e alta ftirpe Portugueza,
Mas volta a ver a excelfa geraçaõ
Da filha de Duarte e de Ioaõ.

Delles por bem mayor daquella idade
Nace outro Theodoſio deſejado,
Que hum nouo ſol ſerá de lealdade
Na confuſaõ do Reyno perturbado
Em esforço, valor, honra, e verdade
Fará crecer ſeu nome, fama, eſtado
Com eterno louuor ſobre as eſtrellas
Ajudado da graça, e fauor dellas.

Ves que na tenra idade de dez annos
Vai cõ hum bello eſquadraõ de gẽte armada
Com o animoſo Rey dos Luſytanos
Que o real cetro deixa polla eſpada;
Aruorando nos campos Africanos
A bandeira dos fados venerada,
Que por ſegredo, e ordem naõ ſabida
Depois de vencedora foi vencida.

Ves que com o tenro braço as armas guia
Aqui, ſeguindo ao Rey no fero aſſalto,
Que de ſeu braço ſó tudo confia,
Do numero dos ſeus ſendo taõ falto;
Mas Deos que occultamente moue e guia,
Os ſucceſſos humanos de mais alto
Lhe dará neſta hora o deſengano,
E que chorar ao Reyno Luſytano.

Iá em ſangue e furor enuolta a guerra,
Contra Luſo a vitoria ſe publica
De mortos, e feridos, ſe enche a terra
Do ſangue, e dos deſpojos farta e rica,
O Rey entre as batalhas moue e cerra,
No real coche o tenro Duque fica,
Mas depois noutro o muda o vario fado
Iá dos vaſſallos ſeus deſemparado.

Ves de Alarabes cá guerreiro bando,
Que o Duque em humas andas tem ferido
Os imigos alfanjes apartando
Que cada qual procura o ſeu partido:
Sobre a preſa os ingratos pelejando,
Tem o Duque magnanimo atreuido
De quem os fados daõ certa eſperança,
Que viuo ha de ficar para á vingança.

Ceſſa o rigor do barbáro inſolente,
Aqui em ſendo a preza conhecida,
Poſtrada ſe lhe ofreſce a Moura gente,
De terlhe feito offenſa arrependida:
Banhado em ſangue o principe excelente,
Aos ſeus procura em vaõ ſaluar a vida,
Que huns ficaõ já catiuos, e apartados:
E outros no turuo Luco ſepultados.

O graõ Rey perde a vida, e a ventura,
E o nome Portugues, que honrar pretende,
Ficando aos ſeus a ſua morte eſcura,
Que parece que a Parca ſe arrepende:
Todo o mundo terá por ſepultura,
Que Mauritania ſó naõ no comprehende,
E aſſim na opiniaõ do vulgo errado,
Andara viuo depois de enterrado.

Verás como na patria deſejada
No ſoberano eſtado já ſuccede,
E á confuſa gente, e perturbada
As armas, e as vãs lagrimas lhe impede,
Ves Luſitania triſte, e magoada
De males, que hum tras outro lhe ſuccede,
Feita em preza das gentes de Inglaterra
Oprimida com roubos, fomes, guerra.

Ves

Ves já contra ella o mar que ſenhorea
De inimigos nauios pouoado,
E a cidade de Vliſſes que recea
O contrario poſſante, e deſmandado;
Ves o principe Alberto que na alhea
Terra o gouerno tem, mando, e cuidado,
Poem todo o reyno em armas, e em defenſa,
Mas naõ ha tal poder que o temor vença.

Poem cerco á graõ Lisboa o atreuido
Ingres, com gente illuſtre, e valeroſa,
Deſmayar ves ao povo tam temido,
Em huma occaſiaõ tam duuidoſa,
Tudo já julga o vulgo por perdido,
Que huma gente rendida, outra queixoſa,
Como ſenhoreada da ventura,
Em nenhuma eſperança ſe aſſegura.

Mas neſta confuſaõ que ao longe vejo,
Verás decer ao Duque generoſo,
Suas gentes conſiguo e ſeu deſejo,
Que he mais que as meſmas gentes poderoſo,
Com cinco mil dos ſeus paſſando o Tejo,
Deſperta, e arma o pouo receoſo,
Que vendo o bello Principe a quem amá,
Cobra nouo valor com que ſe inflama.

Naõ vay chamado o principe eſcolhido,
Ou mandado do tio Rey prudente,
Mas de animo leal offerecido,
Suſtenta á propria cuſta a forte gente:
O cerco taõ fundado, e taõ temido,
Ves que o Ingres leuanta em continente
Porque á defenſaõ do reyno acode,
Quem tanto nelle manda, e tanto pode.

Iá

Iá ſe embarca, já dá ao vento as vellas,
E a Theodoſio ves que tambem parte:
Que l· ˀtara a tomallas, e a rendellas,
Se a mais deraõ lugar Neptuno e Marte:
Mas o ſagaz contrario que em cautellas
Eſtratagemas, fogo, engano, e arte,
Funda mais ſeu poder que em braço e lança,
De nouo inda concebe, outra eſperança.

Poucos annos deſpois, ves que ſe atreue
A proſeguir a empreza começada:
Ves que o traz a ventura, e vento leue
Sobre Cadiz com poderoſa armada;
Ameaça a Lisboa que em mais breue
Se reforma da gente á guerra vſada,
Outra vez vem o Duque a ſoccorrella
Com hũ guerreiro eſquadraõ de gente bella.

Ves que Felippe o irmaõ moço animoſo
Lhe faz na tenra idade companhia,
Chega o Duque guerreiro poderoſo,
Deixa o Ingres o intento que trazia;
Torna a voltarſe o Principe ditoſo,
Que aqui ves entre jogos e alegria,
Eſperando já ver a chara eſpoſa,
Que na terra ha de ſer taõ venturoſa.

Aqui a ves deixar a patria chara,
E amanhecer a Luſo como eſtrella,
Dona Anna de Velaſco illuſtre, e rara.
Filha do Condeſtabre de Caſtella:
Da antigua géraçaõ illuſtre e clara,
Do valeroſo Infante, que dom Vela
Teue por nome, e delle deriuados
Seraõ os de Velaſco celebrados.

Eſta

Esta fará ditosa a santa liga
Dos estandartes hoje tam contrarios,
E será fim da competencia antiga
Dos fortes Condestabres aduersarios;
Grandes bẽs lhe promete a sorte amiga,
Em successos estranhos, casos varios:
Mas em pouco lhe roùba a Parca dura,
Tudo a que podem dar tempo, e ventura.

Ves aqui fica o Principe animoso
De sentimento e dor desanimado,
Que como amante triste, e saudoso,
Chora o seu mayor bem taõ mal logrado;
E ainda este successo riguroso
Ante os olhos terá representado,
Quando com noua dor, tristeza, e pranto,
Os irmáos sentirá a que ama tanto.

Mas o benino Ceo nunca auarento,
A quem lhe sabe dar justos louuòres:
Vencerá esta magoa, e sentimento,
No desejado bem destes penhores;
Que do tronco real, que te apresento,
Brotaraõ neste ramo como flores,
Que haõ de illustrar a terra Lusytana,
E ser honra, e valor da Castelhana.

De Anna fica hum principe excelente,
Com que já Lusytania se engrandece
Ioaõ que a patria, o nome, a terra, e gente
Alegra, anima, honra, e enriquece;
E Duarte tambem que aqui presente
Com Alexandre agora te aparece,
E Caterina, que em muy tenra idade
Será da patria terra claridade.

Olha

Olha a Duarte, a quem a natureza
Formou para vencer a ventura,
De Fſechilla Marques, que á Oropeſa
Deixa o famoſo herdeiro, que procura;
Vendo cortado em flor com graõ triſteza
Eſte eſtremo fatal de fermoſura,
Beatris, da caſa illuſtre, e celebrada,
Que foy dos Paleologos deriuada.

Deſta dama, taõ clara, quanto bella,
Lhe nace o doce herdeiro dom Fernando,
A quem promette a venturoſa eſtrella
Senhorio mayor, ventura, e mando;
Honra ſerá no Reyno de Caſtella,
E o nome Portugues aleuantando,
Fará com mór valor ſeu grande eſtado.
Ser a pezar da ſorte acrecentado.

Tambem nace Ioaõ, que de tres annos
Vay a gozar da gloria prometida,
E Franciſco á que os fados deshumanos
Tiraõ de ſete injuſtamente a vida;
Em graça, auiſo, e dões mais ſoberanos
A natureza deixará vencida,
Vendo na ſua idade tenra e verde,
O que nas mãos da Parca em fim ſe perde.

Deſta parte o verás acompanhado
Doutra bella conſorte, que em grandeza
Naõ he inferior ſeu nobre eſtado,
E em tudo o mais contenta á natureza:
Dona Guiomar que o nome celebrado
Fará de Malagon felix Marqueza,
Da géraçaõ illuſtre, e do appelido
Que he mais em toda Heſpanha engrãdecido.

Olha

Olha Alexandre hum Principe excellente,
Que o ceo á Lusitania tem guardado,
Que a purpura deuida liuremente;
O Tibre lhe detem como enleado;
Os olhos nelle tem de Luso a gente;
Que como hum nouo Athlante sustentado
O ceo aos ombros tem, e a terra antiga
Que Giraldo liurou da gente imiga.

Mas na força maior desta esperança
Em que a patria estará toda influida
Da terra para o ceo fará mudança,
Dando por gloria eterna a mortal vida;
Ah quanto custará delle a lembrança
A terra de seus bēs desconhecida,
E á aquelle soberano, excelso templo
A quem será na vida estranho exemplo.

Aqui verás Felippe moço ousado,
Que como o sol, que rompe do Oriente
Doura com sua vista o monte, e prado
E de esperanças enche a patria gente,
Mas seu preço, e valor tam desejado
O seu braço magnanimo e valente,
Cortará com rigor a Parca injusta
Na mais florente idade, e mais robusta.

Esta que ves de branco estar vestida
Coroada de Palmas, Cedro, e Louro,
He Maria que a morte rouba á vida,
Por nos roubar da vida o mor thesouro:
A sua estrella em nuuēs escondida
Irá tocando o sol com rayos douro,
Quando se eclypsar com perda estranha
Magoa de Portugal, e toda Hespanha.

Olha

Olha a bella Duqueza Serafina
De Escolona e Marqueza de Vilhana,
No ser, no nome, e parecer diuina
Na condiçaõ real sómente humana,
Que sendo a Lusitania della indina
Faz venturosa a terra Castelhana
Dando a Ioaõ, que o Ceo estima em muito
Estas flores que ves com tanto fruito.

Este da geraçaõ antiga, e clara
Do conquistador forte, e cauallciro
Que a dom Henrique o Conde acõpanhára
Pay do Rey Portugues que foi primeiro:
Será Duque de fama illustre, e rara
Prudente, e generoso, verdadeiro
Que de Pacheco o celebre appellido
Fará no mundo ser mais conhecido,

A ella nos roubara de pura inueja
Roma deixando a Hespanha magoada,
Clemente he este o bom pastor da Igreja
De quem com santo amor he venerada:
Mas o ceo que a mais ama, e mais deseja
De espiritos luzentes rodeada
A leua a pòr os pés sobre as estrellas
Pois na vida, e na luz soube vencellas.

Ves cá sobre esta nuuem cristalina
Quatro flores seguir a huma donzella,
Angelica, Isabela, e Chyrubina,
Cada huma mais angelica, e mais bella;
E outra Maria a quem a terra indina
Deu em nacendo ao ceo por noua estrella
E estes longes que ficaõ da outra parte
Poder naõ tenho agora de mostrarte.

Neste

Neſte quadro a pintura fenecia,
E no alto outra hiſtoria começaua
Aonde huma bella dama apparecia,
Que com hum Leaõ contente ſe abraçaua:
Mas o eſpirito que a Nuno aly trazia
Lhe ſoltou leue a maõ com que o guiaua;
Ao perguiçoſo ſono o corpo entrega,
Que tanta luz lhe moſtra a noite cega.

Mas já a Aurora vinha deſatando
A ſombra eſcura que atalhaua o dia,
E d'entre as pardas nuuens cintilando
O Sol as claras agoas acendia;
Ao ſinal da trombeta deſpertando
Daquelle ſonho alegre a fantaſia
Do morto irmaõ, o corpo auer procura,
Para lhe dar honroſa ſepultura.

O Alcaide da villa naõ lho impede,
Mas manda-o dar aos ſeus honradamente,
Aſſim por ſe temer de quem lho pede,
Como por ſer honrado, e ſer valente;
Com a pompa que na guerra ſe concede,
E lagrimas da amiga, e forte gente
No templo a S. Franciſco dedicado,
Moſteiro de Eſtremos, foi ſepultado.

Torna Nuno a cercar Villa viçoſa,
Com mor poder de gente apercebida
Por ver que aquella terra gracioſa,
Era a ſeus deſcendentes prometida,
Durou o cerco, e guerra trabalhoſa,
Foy com graõ força a villa combatida,
Mas tem de moniçóes tanta abaſtança,
Que tirou a Nunalures a eſperança.

Deixa

Deixa a empreza, e já lhe daõ recado
Que a Oliuença leuaõ neſte enſejo
Preſo o ſeu valente Aluaro Coutado,
De que o contrario Rey tem graõ deſejo,
E por poder valer ao bom criado,
A quem ſempre tiuera amor ſobejo,
Manda dos ſeus alguns ſecretamente
Tomar a eſtrada áquella armada gente.

Aſſim pollo valor que ali moſtrara
Quando a porta paſſou fero atreuido,
Aonde animoſamente pelejara,
Sem ver á liberdade algum partido,
Como por ver que a Nuno era taõ chara,
A vida de hum ſoldado taõ valido
O Caſtelhano Rey vello quiſera,
Se o bom Pereira a noua naõ tiuera.

No vaõ que entre huns montes ſe fazia,
Aonde duas eſtradas ſe cruzauaõ,
No mais alto da noite eſcura e fria,
Os ſeus com graõ ſegredo ſe embrenhauaõ
Quando paſſando os deſta companhia,
Que a deshoras com medo caminhavaõ
Os noſſos daõ ſobre elles num momento,
Que fogem taõ ligeiros como o vento.

Ali deixaraõ preſo o caualeiro,
Que os noſſos trazem já com graõ ruido,
Recebe-o alegremente o bom guerreiro,
Que era delle contente, e bem ſeruido:
Que alem de leal ſempre, e verdadeiro,
Era forte nas armas, e atreuido,
Cuja memoria he bem que naõ ſe eſqueça,
Antes com nome eterno ſe engrandeça.

Deſte

Deſte inda os deſcendentes que naceraõ
Seruindo a grande caſa de Bragança
Como fieis e honrados ſuccederaõ ,
Suſtentando a virtude deſta herança ;
Coutados em Machados conuerteraõ ,
Naõ fazendo nas obras a mudança ,
Goze lembrança , e nome taõ honrado ,
Nuno e ſeu ſucceſſor , Luis Machado.

Deixado aquelle çerco , que a vontade
Taõ ſolicitamente lhe obrigaua ,
Poſto o criado em doce liberdade ,
Que elle por ſeu valor tanto eſtimaua ;
Em Euora aſſentar ſe perſuade ,
Porem cuidando ali que deſcanſaua ,
Para hir buſcar ao Meſtre ſe aparelha ,
Que mal ſem ſeu esforço ſe aconſelha.

CANTO XII.

Trataõ os pouos de aleuantar por Rey ao Mestre D. Ioaõ. Elle se aparta da cidade, e vai por cerco a Torres vedras aonde D. Nuno Alures Pereira o vem ter com elle, e o leua a Coimbra. He dos pouos eleito por Rey, e D. Nunalures feito Condestabre. Aparece huma grossa armada Castelhana sobre Lisboa, vai o Condestabre á cidade do Porto armar contra ella, acha sua mulher e filha, intenta hir em romaria a Santiago, toma o Castello de Neiua, e Viana: entregaõ-se-lhe Caminha, Villanoua, e Monçaõ, neste tempo chega o Rey ao Porto poem cerco a Guimaraens, e o Condestabre deixando sua romaria toma a cidade de Braga, e Ponte de Lima, e tornando com elRey ao cerco, lhe daõ nouas que elRey de Castella dece com todo o seu poder sobre Portugal.

EM quanto isto passaua alem do Tejo
O pouo de Lisboa aluoroçado,
Com natural amor, mostra desejo
De ver por Rey ao Mestre aleuantado:
E alguns que tem por leue, e por sobejo
Ter-lhe o nome real antecipado,
Entre o enleo vão de razões varias,
Iulgauaõ as leaes por temerarias.

Hum murmuro continuo discorria
Por praças, e lugares da cidade,
Mas quanto hum contradiz, outro aprofia,
Taõ igual he no vulgo esta vontade:
O mestre valeroso, que entendia
O que a huns, e a outros persuade
Por tirar occasiaõ áo dano alheo,
Os muros da cidade poem no meo.

Vay

Vay cercar Torres vedras villa altiua,
Que eſtaua entregue á parte de Caſtella,
Que quanto mais rebelde, e mais eſquiua
Mor o deſejo tem de combatella;
Entra nos arrabaldes, e catiua
A deſcuidada gente, e ſem cautella
Donde combate os muros cada dia,
Com deſtreza, com força, e com porfia.

Mas em vaõ foraõ delle combatidos,
Neſte primeiro aſſalto, porque eſtauaõ
De guerreiros mui deſtros defendidos,
Que com valor, e esforço pelejauaõ:
Os capitaens, e alcaides diuididos,
Que por Caſtella em Ribatejo eſtauaõ,
Correm a armar de noite huma cilada,
Contra o Meſtre, que a villa tem cercada.

Bem como os lauradores na montanha,
Perſeguidos da fera roubadora,
Contra a qual lhe naõ val deſtreza, e manha,
Que lhe deſtrue os gados cada hora,
Quando a vem ſem colheita, e na campanha,
Das brenhas naturaes lançar-ſe fora,
Iuntos com multidaõ confuſa, e leue,
Cada hum na fé dos muitos ſe lhe atreue.

Aſſim eſtes fronteiros enganados
A que a occaſiaõ tanto conuida,
Com ſecretos correos, e recados,
Concertaõ huns com os outros a partida,
Com grande eſtrondo vem aluoroçados
Como á contenda, e couſa ja vencida,
Porem ſem receber o Meſtre injuria,
Antes de accometerem falta a furia.

Seu

Seu campo ordena o principe famoſo,
Que foi logo auiſado deſte intento,
Poem roſto á aquelle aſſalto perigoſo,
E fortifica o ſeu alojamento :
No campo largo, e monte pedregoſo
Para hũa parte, e outra com bom tento
Atalaias, e eſcutas auiſadas
Tem tomado os deſuios, e as eſtradas.

Mas o que neſte aſſalto teme, e ſente,
O temor he dos ſeus, que o perſuade,
Que tem fraco poder, e pouca gente,
Para a que vem com tanta liberdade,
Que aſſaz he com os que tem ſeguramente
Defender-ſe entre os muros da cidade,
E eſtando de conſelho quaſi alheo,
Vede o ſocorro eſtranho que lhe veo.

Ao deſcobrir de hum cerro appareceo
Como hum tropel de gente de a cauallo,
Que a todo o noſſo campo commoueo,
E no Meſtre naõ fez pequeno aballo,
Mas logo a Dom Nunalures conheceo,
E ſae-ſe dos ſeus para eſperallo;
E entre abraços de amor, e de alegria;
Nos ſeus já dos perigos ſe eſquecia.

Nuno que ouuindo em Euora que queriaõ,
Que foſſe aleuantado por Rey nouo
O Meſtre alguns, e que outros o impediaõ,
Encontrando o querer de todo o pouo,
As duuidas, e as couſas que mouiaõ,
Menos da razaõ ſolida, que eſtrouo,
Para ſe achar preſente neſte enſejo
Deixara as frontarias de Alemtejo.

Com ſetenta de mulas vinha, armados
De cotas, e braçaes ſómente, á corte
De Lisboa chegou, acha os recados,
Donde o Meſtre ficaua, e de que ſorte:
Arneſes buſca aos ſeus ali empreſtados,
Armou-ſe em breue eſpaço a gente forte;
Parte-ſe, chega a Torres como ouuiſtes,
Aonde o Meſtre, e os ſeus eraõ taõ triſtes.

Logo o campo moſtrou grande alegria,
Vendo em ſoccorro ſeu tal companheiro,
E muito mor o Meſtre a recebia,
Que em reſpeitos e amor era o primeiro,
De nouo a villa armada combatia,
Que o naõ dilata o noſſo caualeiro,
Eſcaramuças ha continuamente,
Leuando ſempre a palma a forte gente.

Os capitães, que eſtauaõ de concerto
De Obidos, de Alemquer, de Santarem,
De Syntra, e dos lugares mais ao perto,
Que com mil lanças contra o Meſtre vem;
Tanto que no caminho ſabem certo,
Que conſigo o Pereira ouſado tem,
Da ſua gente, e forças deſconfiaõ,
Tornaõ atras do intentento que traziaõ.

Neſte tempo os da villa a quem naõ falta
Diligencia ſutil que tudo eſpreita,
Deſcobrem hũa mina eſcura, e alta,
Que ao caſtello os noſſos tinhaõ feita:
Nuno que já no cerco ſente a falta
De preuenções, do tempo ſe aproueita
Sobre elegerem Rey ſe ha de tal arte,
Que eis já para Coimbra o Meſtre parte.

A fazer

A fazer cortes vay determinado
Sobre o nome de Rey taõ merecido,
De algũs por ſeus intentos encontrado,
Do Reyno lealmente offerecido,
De dom Nunalures ſó taõ deſejado,
Como depois guardado, e defendido:
Iá ſe leuanta o cerco, o tambor ſoa,
A gente os arrabaldes deſpouoa.

Dos muros ſe apartou a gente armada,
E elle na retaguarda aſtutamente,
Quando atras ouue hum cego que lhe brada:
Ah leuai-me ſenhor dentre eſta gente,
Que eu ſó naõ vou tras vos neſta jōrnada
Por naõ ſeguir aos outros leuemente
Naõ quero vida aqui para mais danos,
Pois deixais liuremente os Caſtelhanos.

O capitaõ piadoſo quanto ouſado
As redeas volta á mula muy ligeiro,
A's ancas toma o cego deſprezado,
Que nenhum quis leuar por companheiro;
Da villa quatro legoas apartado,
O deixa liure o forte caualeiro,
E recolhendo as gentes derramadas,
Num corpo leua os ſeus pollas eſtradas.

Paſſa Obidos alegre, e bem murada,
Alcobaça fructifera, e viçoſa,
Leiria doce, alegre, e deſejada,
E Montemor antigua e bellicoſa:
E hum a clara manham bella e dourada,
Deſcobre a terra altiua e gracioſa,
Coroada de palmas, era, e louro,
Que he de Minerua e Phebo o mor teſouro.

Eis atrauessa o campo tam famoso,
Que de Hercules o nome inda sustenta,
E as altas torres vê, que o vagaroso
Mondego em seu remanso representa;
O quaõ alegre o Mestre valeroso
Da deleitosa vista se contenta,
Aonde as agoas, os montes, e a verdura,
Menos parecem montes, que pintura.

A corrente serena, e graciosa,
Os alegres outeiros leuantados,
Os limites da praya tam fermosa,
Com salgueiraes espessos assombrados,
A cidade tam nobre, e populosa,
Descobrindo do alto o rio, os prados,
Aos olhos parecia estar diante,
Qual no esmaltado anel claro diamante.

Com aluoroço as gentes, e alegria
A vagarosa ponte atrauessauaõ,
A ver aquella illustre companhia,
Em cuja mostra os peitos se alegrauaõ,
Em bandos os mininos, e em porfia
Ante o cauallo ao Mestre se ajuntauaõ,
Entoando contentes por seus modos,
Viua o nosso bom Rey cantando todos.

Elle suspenso, os seus aluoroçados,
Manda chamar do Reyno os seus mayores
Condes, Bispos, Abbades, e letrados,
E dos pouos comũs procuradores;
E inda que em parecer muito apartados,
Rostos, e corações de varias cores,
Intentos, e tenções de muitas sortes
Sobre elegerem Rey fizeraõ cortes.

Com

Com grandes alegrias recebido,
Como depois em grande eſtremo amado,
Por eleiçaõ dos pouos eſcolhido,
Pollos grandes do Reyno leuantado,
De Meſtre em Rey Ioaõ foy conuertido,
Pollos homẽs perdido, e por Deos dado
Cujo nome immortal, cuja memoria
Naõ pode eſcurecer nenhuma hiſtoria.

Iá do cargo real mais cuidadoſo,
Porque ſeu Reyno, e nome ſe ſuſtente,
Faz Condeſtabre o forte, e valeroſo
Dom Nuno Alures Pereira em continente;
Menos ſe altera o capitaõ famoſo.
Do que ſe alegra a Luſitana gente,
De ver o peſo, e ſer de toda a guerra
Naquelle zelador da patria terra.

Aly com grande aplauſo lhe foi dada
Aquella antigua, e nobre dignidade:
A gente Portngueza aluoraçada,
Com Rey, com defenſor, com liberdade,
Tem nouas de Lisboa amedrentada,
Que tem no rio á viſta da cidade
Hũa armada muy grande de Caſtella,
Que hum dia amanhecera á viſta della.

Chega ali com o recado hum meſageiro
Ao Rey que deſte nome naõ ſe eſquece,
Chama a conſelho os ſeus dos quais primeiro
O Condeſtabre as armas ſe offerece;
Que aquelle leal peito ſempre inteiro,
Que em nenhum riſco, ou trance desfallece,
Pollo mar duuidoſo, e polla terra
Quer ſuſtentar a furia deſta guerra.

Ao

Ao Porto vay com os ſeus, e leua intento
Com mais gentes, e a pouca que leuaua
Dar á ſorte do mar vellas ao vento,
Para onde a inimiga frota eſtaua,
Com eſte ouſado, e firme pençamento
Dos campos do Mondego ſe apartaua,
Com ſòs ſeiscentas lanças, que ali tinha
Ia do Rey ſe deſpede, e já caminha.

Dos de a cauallo leua em companhia
Trez vezes ſincoenta, que a mais gente
Armada marcha a pé, que naõ podia
Encaualgarſe ali taõ facilmente,
A tardança, e jornada que fazia,
Mais vagaroſas niſto, o quanto ſente
E indo as ſentira mais ſe conhecera
Naquella occaſiaõ o bem que eſpera.

Quiçaes me auereis ja por deſcuidado,
Ou que eſtareis tambem diſto eſquecido,
Que depois que Nunalures foy chamado,
E d'entre o Douro, e Minho deſpedido,
A obrigaçaõ da guerra, o ſeu cuidado
Em tantas couſas grandes repartido,
Lhe apartaua as lembranças cada hora,
Da bella Beatris, e de Leonora.

Deixara-as como ouuiſtes deſcontentes
Nas deleitoſas terras, que habitaua,
Entre leaes criados, e parentes
Que elle em preſença tinha, e conſeruaua:
Mas os tempos, e intentos differentes,
As diuiſões que o pouo aleuantaua,
Tambem naquelle aſſento tam ſecreto
Lhes naõ poderaõ dar lugar quieto.

Em

Em Guimaraes eſtauaõ, quando hum dia
Foy leuantada a villa por Caſtella,
E polla parte aduerſa que ſeguia
Nuno, as teue com guarda a gente della,
Que inda que era a priſaõ de corteſia,
Era com vigilancia, e com cautella
Em Euora Nunalures teue a noua,
Quando a lhes ſocorrer o tempo eſtroua.

Em outra occaſiaõ tinha eſperança
De cobrar liuremente taes penhores,
E a todo o ſeu poder tomar vingança
Dos mal conſiderados moradores;
Porém fez a ventura outra mudança
Que a ſeu grande valor deu valedores,
E quando mais remoto, e mais alheo
Do bem que deſejaua entaõ lhe veo.

Aluiçaras lhe pede hum meſſageiro,
Antes de entrar naquella terra altiua,
Que o nome do lugar tomou primeiro,
Donde o do patrio reyno ſe deriua,
E diz com roſto alegre, e prazenteiro,
Que a conſorte leal que era catiua;
E a fermoſa Beatris, em liberdade
O eſperaõ com gloria na cidade.

Porque hum parente ſeu de animo ouſado
De Guimarães alcaide occultamente
Com alguns ſeus fieis de noite armado,
A ſeu ſaluo o tirou liure, e contente:
Gonçalo Pires Coelho era chamado,
Taõ nobre, e valeroſo, e quaõ prudente
A quem depois Nunalures nunca ingrato,
As graças ſoube dar deſte bom trato.

Rece-

Recebeo esta noua o caualeiro
Com o coraçaõ saltando de alegria,
Sinal daquelle amor taõ verdadeiro,
Que no seu casto peito se escondia:
Promessas grandes fez ao messageiro,
E ja menos da empreza que trazia,
Que deuer tais penhores cobiçoso,
Lhe parece o cauallo vagaroso.

Chegou: e aquelles braços valerosos,
(Entaõ cheos de amor, e de brandura)
Em apertados laços, e amorosos,
Com os da bella consorte ali mistura,
Cujos olhos serenos graciosos
Queixosos tantos tempos da ventura,
De lagrimas contentes estaõ cheos,
Ia com mais aluoroços que arreceos.

A bella filha entre elles abraçada,
Que era dos corações doce liança,
Qual vide entre dous olmos enredada,
Que orna o mesmo lugar aonde descança:
Tambem falaua alegre, e agrauada,
Misturando entre os gostos, a lembrança
De antiguas saudades, e queixumes
De esquiuanças, descuidos, e ciumes.

O curto dia, a noite vagarosa,
As horas, e os momentos recontauaõ,
Lianor huma ausencia tam penosa,
Em que tantas razões atormentauaõ,
Elle da guerra dura, e trabalhosa
Dos cuidados que a esta acrecentauaõ,
As lembranças do bem que tinha ausente,
Que este he o que entre os males mais se sente.

Aly

Aly hum dia, e outro ſe deteue,
Que eſtes Marte de Amor ficou vencido,
Eſtando neſte tempo doce, e breue,
Das ſuas armas ja como eſquecido,
E depois que a ventura vio que eſteue
Mal pago de hum deſterro tam comprido,
Faz que o deſcanço deixe, e polla terra
Caixas manda tocar, e ordenar guerra.

Ah goſtos ſempre á vida fugitiuos
Eſcaſſos ſe chegais de pouca dura,
Buſcados por trabalhos exceſsiuos,
Achados por deſcuido, ou por ventura;
A quem vos ama mais ſois mais eſquiuos,
Catiuos de quem menos vos procura,
Moſtrando claramente aos humanos,
Que naõ ſois para bens, mas para enganos.

Quam mal imaginaua que vos tinha
Aquelle caſto peito, firme, ouſado,
Que aos perigos do mar armado vinha
Só de voſſas lembranças deſarmado!
Vede quam pouco eſpaſſo ſe detinha
Eſſe ligeiro bem no meſmo eſtado,
Que a obrigaçaõ da honra o tempo apreſſa
Quando amor entre as armas ſe atraueſſa.

Logo ajunta os melhores da cidade,
E os pilotos alegre, e diligente,
De ſeu Rey os deſſenhos, e a vontade
Lhes communica a todos igualmente;
Pede depois da terra a quantidade
Que ha miſter de nauios, armas, gente,
Marinheiros verſados, mantimento
Para em mais breue dar vellas ao vento.

Dila-

Dilataõ a repofta os Portalefes,
Que vem difficuldade na apparencia,
Mas como bons, e amigos Portuguefes,
Fazem refenha logo, e diligencia:
A terra, e mar reuoluem muitas vezes
A onde eftaua da guerra a prouidencia,
Naõ ha embarcações para efta emprefa
Ah quanto difto a dom Nunalures pefa?

Ao Rey efcreue, e dá fatisfaçaõ
Do porque entaõ ceffaua efta jornada
Para outra inclina logo o coraçaõ
Com toda a fua gente aluoroçada:
Ia mouido de amor, de deuaçaõ,
Delle nunca entre as armas defprefada,
Com toda aquella armada e companhia
A Santiago parte em Romaria.

Leua configo a gente valerofa,
Que para a guerra tinha exercitada
Que a pé polo terra afpera, e fragofa
Ia de Coimbra vinha affaz canfada:
Que daquella prouincia populofa
Determina trazela encaualgada,
Mas em fahindo hum pouco da cidade
Que naõ fe parta, toda o perfuade.

Que huma azemela grande que leuaua
Do Condeftabre a cama, de repente
Cahio morta entre as portas, que paffaua
Com grande admiraçaõ de toda a gente;
Logo hum murmuro aly fe aleuantaua
Que era auifo do ceo que expreffamente
O mandaua ficar, mas elle entende
Que nunca á hum bom intento o ceo reprende.

Sem

Sem respeitar agouros caminhou ,
E no mesmo lugar, ao mesmo dia
Hum espirito infernal, no corpo entrou
De hum miserauel homem que seguia :
Que elle fora o ministro declarou
Daquelle falso auiso , que queria
Tirar ao pio , e forte capitaõ
O fruito de tam santa deuaçaõ.

Em Leça aquella noite se aposenta
Polo seu rio a nós já conhecida ,
E quando o Sol as nuuens afugenta
Descobre huma quadrilha assaz luzida ;
De armas, e bons cauallos saõ quarenta
Gente forte, lustrosa , e bem nacida
Pedirlhe vem que os tenha em seu seruiço
Que alegremente armados vem para isso.

Elle com rosto , e olhos lisongeiros
Com palauras de amor , e cortesia
Agasalha contente os caualleiros ,
E a alguns de pé que vem na companhia :
Muitos eraõ Galegos estrangeiros ,
A quem só sua fama aly trazia ,
Que a gente menos moue , obriga , e chama
Dos capitães o soldo , do que a fama.

Dos lugares lhe vinhaõ liuremente
Cauallos para os seus offerecidos ,
De que elle se mostraua tam contente
Quando os donos ficauaõ bem seruidos :
A cauallo ficou toda a mais gente
Quatro centos saõ fortes , e escolhidos
Com que á vista de Neiua chega hum dia
Que estaua contra o Rey que elle seguia.

Alojoſe defronte do caſtello
(O mais forte que entaõ Portugal tinha)
Penſamento naõ traz de combatello,
Porque era outra a tençaõ com que caminha:
Alguns dos ſeus que ao perto querem vello
Chegandoſelhe mais do que conuinha
Trauáraõ com os de dentro de tal ſorte
Que ſae enuolta em ira a gente forte.

O alcaide tambem da fortaleza
Ferindo vem com furia deſmedida,
E animo ouſado a gente Portugueſa,
Que leua o do caſtello ja vencida;
Mas, do meo da furia mais aceza
Huma ſeta cruel lhe tira a vida,
Que paſſando a viſeira mal ſegura,
No cerebro lhe eſconde a farpa dura.

Vendo o ſeu capitaõ cahido em terra,
Voltaõ as coſtas logo os da peleja
Daõ breuemente fim á inutil guerra,
E ao Condeſtabre a preſa que deſeja;
A volta entra com os ſeus, e as portas cerra
Rende o caſtello altiuo, aonde ſobeja
Arnezes bem laurados, ſeda, e prata
Que entaõ aos noſſos cuſta aſſas barata.

Sobindo á falla, vio entre os ſoldados
Huma dona que em gritos ſe queixaua
Douro os cabellos ſoltos, e empeçados,
Que com mãos criſtalinas arrancaua;
Os olhos fontes de agoa transformados,
Com que hum campo de flores ſe regaua,
Que ainda q̃ as murcha a dor, pena, e deſgoſto
Se orualhaõ de perlas no ſeu roſto.

Em

Em o vendo ſe inclina de giolhos,
E eſmorecida cae da outra banda
Dando mais força ás lagrimas dos olhos,
Que o triſte coraçaõ do peito manda:
Roſas tornará os aſperos abrolhos,
E os corações de pedra em cera branda,
Quando d'entre os ſoſpiros arrancadas
Soltaua eſtas palauras magoadas.

Se em hum peito tam forte, e tam valido
Com a ventura, cabe á volta della
Compaixaõ de huma dona ſem marido,
A quem ou tu tomaſte, ou minha eſtrella:
Se pode ſer piadoſo em ſeu partido
Quem ja foi tam cruel para offendela,
Matame ó capitaõ, que ſe medeixas
Teu nome infamarás com minhas queixas.

Meu charo eſpoſo, ay triſte, me tiraſte,
E mataſteme a mi, que nelle vinha
Matame, acaba o mal que começaſte,
Pois no ſeu peito a miſera alma tinha:
Sua era a vida ſó que me deixaſte,
Que a que a elle tiraſte, eſſa era minha,
E he vaõ deſpojo huma mulher catiua
Morta, e ſepulchro vaõ de huma alma viua,

Tomaſte por teu Rey, caſtelo, e terra;
Naõ quero deſta mais que a ſepultura,
Para o que tu mataſte em dura guerrà,
E para mi que viuo em guerra dura:
Pois quanto na ventura vil ſe encerra
Me tiras num momento ſem ventura,
Naõ me offendas nos bens da natureza
Tirame a vida, e guardame a pureza.

Aſſi

Aſſi o ceo teus feitos engrandeça
(Como contra mi triſte engrandeceo)
Aſſi à ſorte auara naõ ſe eſqueça
De vêr como entre tantos te eſcolheo:
Aſſi no mór perigo que te offreça
Na terra contra ti, te ajude o ceo
Me dá meu charo eſpoſo, ſem conforto
E eſta alma tornarei aò corpo morto.

As palauras da dama magoadas,
Ao ſeu roſto tam triſte, e tam fermoſo,
As tranças douro fino mal tratadas,
Pola morte do mal logrado eſpoſo:
Com palauras piadoſas, e auiſadas
Reſponde o Condeſtabre valeroſo
Mouido á compaixaõ, e a ſentimento
Das perllas que cahiaõ cento a cento.

Pois aſſi permitio a varia ſorte
(Lhe diz) bella ſenhora, aqui naõ vejo
Remedio que ſe aplique a mal tam forte,
Que todos intentara o meu deſejo:
Se atras naõ torna a riguroſa morte,
E tem poder tam liure, e tam ſobejo,
Neſſa de voſſo amor tam mal ſofrida,
Porque elle viua em vós, detende a vida.

Que ſe no meu peſar, e na dor voſſa
O remedio do dano conſiſtira;
Nem reprendera em vôs magoa tam groſſa,
Nem tam vãmente o mal della ſentira:
Mas que humano auerá que aplacar poſſa
Da parca riguroſa a cruel ira?
Ou antever primeiro hum mao ſucceſſo
Para aſſi a talhar que ſeja aueſſo.

Nem

Nem foi em vossa offensa a minha lança,
Nem foi o meu querer, mas a ventura
Nem desta que alcancei tinha esperança,
Nem na tenho por tal, nem por segura:
Se em mi quereis tomar della vingança
Empregando em rigor vossa brardura
Essas lagrymas bastaõ, que ja agora
Mais mataõ quem vos vê, que a quem as chora.

Emxugai esses olhos amorosos,
E esse ouro, que das tranças diuidistes,
Naõ eclypseis os rayos tam fermosos
Desse escondido Sol, com nuuens tristes:
Bastem tantos suspiros, tam queixosos
Quantos tras vosso amante despedistes,
E pois ja o mal passado naõ tem meo
Naõ temais doutro algum nouo receo.

Que se para offender vossa pureza
Temeis que algum dos meus se mostre ousado
Mouido mais do amor dessa belleza,
Que do temor que deue a meu mandado:
Eu quero assegurar vossa fraqueza,
E esse peito tam bello, como honrado,
Pondouos em lugar liure, e seguro,
O que por terra, e ceo prometo, e juro.

Encomendaime a mi nesta partida
De vosso amante o corpo sem ventura,
Que pois naõ posso darlhe alento, e vida
Darlhe-ei em vosso nome a sepultura:
A isto a bella dama esmorecida
Com lagrimas regando a terra dura
Se debruça a seus pés com hum accidente
Sinal de quem se obriga, e de quem sente.

Elle

Elle a conſola, e brandamente anima,
E dos ſeus com cuidado ſe informou;
E ao pai que tinha entaõ Ponte de lima
Com caualleiros ſeus logo a mandou:
E por moſtrar que o corpo morto eſtima
Com grande honra na villa ſe enterrou;
Que o vencedor que a ſorte fauorece
No tratar aos vencidos ſe conhece.

Deixa o caſtello, e nelle accomodado
Com valeroſa gente Luſytana
Do Caſal Pedr'Affonſo ſeu cunhado,
E em breue eſpaſſo ja chega a Viana,
Que de alguns moradores ajudado
Combate ouſadamente a villa vfana
Que o alcaide lhe entrega por concerto
Vendo o perigo, e a morte eſtar tam perto.

Aly repouſa, parte, e no caminha
Se lhe manda entregar logo a primeira
Caminha, donde eſtaua aſſaz veſinho,
E depois Villanoua de Cerueira:
E chegando huma tarde a par do Minho,
Que com os campos iguala a graõ ribeira
De Monçaõ huma carta a Nuno chega
Que tambem ſem batalha ſe lhe entrega.

Mas neſte tempo as ſerras leuantadas
Encubertas de pura, e branca neue
Dos mais ardentes rayos obrigadas
Soltauaõ o criſtal, que ao mar ſe deue:
Deszafiaõſe as ſerras prateadas,
Que o ſol da primauera aſſi deteue
Com que crecendo o rio criſtalino
Detinha ao caualleiro peregrino.

Tam

Tam fundo corre o Minho, tam furioſo
Com o nouo fauor da força alhea,
O vao he tam cuberto, e perigoſo,
Que a parte ſó deſcobre cega area;
O Condeſtabre em traças cuidadoſo
Eſperando ſe aloja em huma aldea,
E em quanto elle ficaua neſte eſtado
Chega ao Rey a Lisboa o ſeu recado.

O qual mudando logo o penſamento
A' cidade do Porto ſe partia,
Com eſperança certa, e fundamento
De fazer firme a gente que o ſeguia;
E indo de hum aſſento, a outro aſſento
Do Condeſtabre a fama ſe eſtendia
Que Conquiſtaua as terras ſem peleja
O quanto o Rey tais nouas ter feſteja.

Ao Porto chega, e foi bem recebido
De ſeus fieis vaſſallos, e Leonora
Saudoſa da auſencia do marido,
Que aſua auſencia, e ſeus cuidados chora;
Foi ver ao Rei, que della aborrecido
Pola meſma razaõ graõ tempo fora,
Que nem elle algum tempo a tinha viſto
Nem ella a elle o virà, dantes diſto.

Paſſo as honras da dona recebidas,
Que eraõ mui deſiguaes das cuſtumadas,
Do Condeſtabre a el Rey tam merecidas,
Como de hum tam bom Principe eſperadas:
Com doações mui firmes, mui compridas
Por elle logo aly lhe foraõ dadas
Barroſo fertil, Bouças terra amena,
Penafiel, Barcellos, Baſto, e Pena.

Della, e do Porto em pouco ſe deſpede
Vai cercar Guimarães para cobrala,
Mas a ſeu goſto a couſa naõ ſuccede
Por quam bem ſabe o capitaõ guardala:
Traças, e intentos ſeus de ſorte impede
Que lhe falta eſperança de alcançala
Com prevenções, vigias, com cuidado
De deſtro capitaõ, de bom ſoldado.

De Braga o Rey no cerco carta teue
Em que hum leal vaſſallo o perſuade,
Que ſe gente lhe manda em tempo breue
Lhe daria huma porta da cidade:
Ao Condeſtabre o meſmo logo eſcreue,
Com graõ ſegredo, e grande breuidade
Pouco gaſta o correo no caminho,
Que ainda na aldea eſtaua apar do Minho.

Naõ ficou do recado deſcontente
Que ja ſe auia aly por deſcuidado
Sem que paſſar podeſſe aquella gente
Por ſer cada hora o vào mais arriſcado:
A Braga chega, e entra occultamente
Daquelle cidadaõ ſempre ajudado,
Toma a cidade antiga, e o caſtello
Começa no outro dia a combatello.

Eſtaua nelle o meſmo capitaõ
Que a partido deixára o de Viana
A quem por amiſade, e por razaõ
O Condeſtabre auiſa, e deſengana;
Mas elle dando fé ao coraçaõ,
Que em accometimentos ſempre engana
Todo o partido, e toda a razaõ nega
Até que ja por força a força entrega.

Com

Com trabucos, e engenhos que se acharám
Na cidade, de sorte a combatia,
Que hum dia, e duas noites naõ cessáraõ
De bater fortemente, e no outro dia;
Tantos mortos, feridos dentro acháraõ
Da ruina, e da pedra que cahia,
Que a Nuno as vidas pedem, e a fazenda.
Dando o castello liure, e sem contenda.

Elle adquirido, os seus aposentados
Por el Rey a cidade antigua, e nobre,
Tam principal nos tempos ja passados
De Portugal quando elle entaõ mais pobre
Vai com poucos dos seus fortes, e armados
Ao nouo Rey pedir que a terra cobre
Depois de em Guimarães falarlhe, e vello
Ao alcaide falou junto ao castello.

Com palauras de amor se lhe offerece
Polo primor que vsára, e cortesia
Com a amada mulher que naõ lhe esquece
Nem do sangue, e razaõ que entre elle auia;
Pedelhe que a seu Rey, pois o conhece
Queira seguir na sua companhia,
A tudo lhe respondeo o bom Coelho
Mas por entaõ naõ segue o seu conselho.

Daly fez volta a Braga, e naõ descansa
Quando do Rey lhe chega outro recado
A fim de o ter melhor huma esperança,
Que de Ponte de Lima lhe tem dado;
Que hum frade de valor, e confiança
E hum morador da villa o tem chamado
Para darlhe huma porta, e facilmente
A entrou de madrugada a forte gente.

O Rey, e o Condeſtabre vaõ ſobre ella
A porta aberta, a gente deſcuidada,
Sem receo de engano, e ſem cautella
Em breue eſpaſſo a villa foi tomada:
Depois de poſta em cobro a gente della;
E a duuidoſa, alegre, e ſocegada
Torna com o Rey por Braga, e neſſe dia
Foi hoſpede de Nuno a noite fria.

Dály continuando o começado
Prouia com valor, e diligencia
As villas que o Pereira tem tomado,
E outras que ſe lhe daõ ſem competencia:
Mas ja chega outra noua, outro recado,
Que mais força demanda, e mór potencia,
Que com graõ poder dece o Caſtelhano
A' conquiſta do reyno Luſitano.

Ioaõ a quem o nome excelſo chama
A' noua empreza, á perigoſa guerra,
E vê no pouo ſeu que eſtima, e ama
Hum temor que nos peitos ſe lhe encerra:
Que em todo o reyno a noua ſe derrama
Que ſe diuide em votos toda a terra
Triſte, confuſo, ouſado, quam prudente
Se queixa, contradiz, anima, e ſente.

Ah titulo de Rey tam leuantado
Com tanto ſangue ás vezes adquirido
Por tam duros caminhos procurado
Com tam varios cuidados poſſuido:
Quanto he dos homens ſabios inuejado
Podéra antes de todos ſer temido,
Que tanto peſa mais, do que contenta
Que o ceo aos ombros tem quem o ſuſtenta.

Damo-

Damocles que enleado neste engano
Dizia a Dionysio de continuo
Que era só venturoso, e soberano,
E ca na terrà quasi homem diuino:
Na dilicia, no trato brando, vsano
No seruiço tam grande, e peregrino
Senhor da liberdade dos vassallos
Para seruillos, e so para mandallos.

Como chegasse hum dia a verse posto
Naquelle bem que tanto engrandecia,
Traspassado de medo o peito, e rosto
Que inda mal acertaua o que dizia:
Perdendo do comer o vsado gosto
Pondo os olhos na espada que pendia
Que de hum cabello fino só se enlaça,
E á rigurosa morte o ameaça.

Ah Damocles, ao ceo benigno ingrato
(Dizia o sabio Rey) se tu só tinhas
Num liure, moderado, e facil trato,
Com que fazer inueja ás glorias minhas,
Se te daua a ventura tam barato
O bem, que nescio, e vaõ louuar me vinhas,
Porque temes ser Rey? Se essa coroa
Que ves tam perigosa, era tam boa?

Leuanta o cerco ó Rey confuso, e parte
Com o rosto no perigo delle em meo,
Animando os ministros vai de Marte
Para deitar de si o jugo alheo:
Gentes ajunta d'huma, e d'outra parte
Das quaes lhe esconde muitas o receo,
Que até aos muito ousados persuade
Ser a vida melhor, que a liberdade.

CAN-

CANTO XIII.

El Rey de Portugal chega aos campos de Santarem, que estaõ contra elle: Aly Vasco Martinz de Mello, e seu irmaõ Martim Affonso tem hũa perigosa escaramuça com a gente Castelhana. Vay o Condestabre a fazer gente entre Tejo, e Guadiana: Vem com ella á Abrantes, onde se ajunta com el Rey. Ha entre os do Conselho varios pareceres sobre offerecer batalha ao contrario D. Nunalures se aparta com os seus para lhe sahir ao encontro; O Rey o segue, formaõ campo contra Leiria: Dase a batalha.

EM quanto marcha o campo numeroso,
Que ao reyno Portugues he ja vesinho;
E a frota pollo mar brando, e fermoso
Corta na branca escuma o verde pinho:
Os seus ajunta o claro Rey famoso
Que deseja apressar este caminho,
E com a gente em forma de batalha
Nas areas do Tejo o campo espalha.

De Santarem á vista chega vfano
Com sua valerosa companhia,
Aonde a mór força tinha o Castelhano
Da Portuguesa gente que o seguia;
Vem na vãguarda o forte Lusytano,
E atras o segue o Rey que elle seguia,
Descobrem Mugem logo, e perto della
Hum tropel de ginetes de Castella.

Estes que o campo, e pastos defendiaõ,
E outros em cuja guarda aly ficauaõ
Que à noite em Santarem se recolhiaõ
Com as eruas, e o trigo que leuauaõ;
Os nossos corredores descobriaõ,
Que com mais risco seu galopeauaõ
A estes vaõ com furia, e com desejo
De naõ ficar entre elles fundo o Tejo.

Vasco Martins de Mello hum valeroso
Mancebo tam illustre, quanto ousado,
Da preza dos imigos cobiçoso
O vào passa ante todos quasi a nado;
Como o Liaõ de Libia generoso,
Só no seu braço, e coraçaõ fiado,
Entre os contrarios com valor se lança,
E ao primeiro encontro rompe á lança.

Depois ferindo a huma, e outra parte
A espada tinta em sangue, e tinto o braço
Elmos, peitos, braçaes amolga, e parte,
Que nenhum golpe dá que seja escaço
Inueja lhe tiuera o proprio Marte,
Que Vulcano prendeo no ferreo laço
Do esforço, destreza, e valentia,
Com que entre tantas lanças só se auia.

De huma seta o cauallo mal ferido,
E elle tirando hum golpe á terra vaõ
Mas eis chega gritando embrauecido
Martim Affonso o valeroso irmaõ:
Com elle a pé se poem, que está ferido
Na gente imiga estranhos golpes daõ,
Até que a multidaõ tanto os aperta
Que se o soccorro tarda, a morte he certa.

Mas

Mas qual apparecendo no Oriente
O filho de Latona a ſombra eſcura,
Que cobre a terra, a deixa ver contente
Cheia de varia cor, e fermoſura:
Cada hum dos irmãos, que honroſamente
Ia naõ compraua mais que a ſepultura
De nouo o frio alento tem cobrado
Vendo a Nunalures ja poſto a ſeu lado.

Quem vio ja muita gente embaraçada
C'o raſteiro foguete que lhe deu,
Foge huma por entre outra ſem ver nada
Cad'hum c'o corpo alheo eſconde o ſeu:
O fogo aqui, e aly fazendo entrada
Alcança o que mais longe ſe acolheo;
Tal andaua eſta gente c'o deſmaio
De ver que entre elles dera aquelle rayo.

Vaſco Martins dobrando os golpes duros
Deſpacha a multidaõ que tem diante
Martim Affonſo os tira tam ſeguros,
Que o naõ ſofreraõ peitos de diamate,
Polos ares do pô continuo eſcuros
Faiſca â ſua eſpada penetrante,
Nuno Alures de tal ſorte os deſobriga,
Que hum nouello traz feita a gente imiga.

O que pode fugir, por ſeu mal tarda,
Que aly tinge de ſangue a ſeca area,
Quando ja chega a gente da vanguarda,
Que cortaua do rio a branda vea:
Nenhum dos inimigos tempo aguarda,
Vendo toda a campina de armas chea,
Voltaõ redeas com medo, e ſem ſentidos
Deixaõ graõ parte preſos, e feridos.

Tor-

Tornaõse os nossos ja no seu concerto
Marcham para Alemquer, passaõ o Tejo,
Aly se aloja o Rey por ficar perto
Da guerra, do inimigo, e dõ desejo:
E porque o prazo a ambos era incerto
E o poder do contrario tam sobejo
Ao Condestabre manda em continente
A's Transtaganas terras fazer gente.

Partese do arraial bem concertado
E a Mugem dormir torna aquelle dia,
Aonde dos seus ficou desamparado
Com trinta e cinco sós na companhia:
Que sabendo que os outros tem recado
Da jornada, e caminho que fazia
Temendo a muita gente de Castella,
Naõ quiseraõ prouar a furia della.

Com aquelles bons, e poucos se assegura
Cheos todos de esforço, e de bondade,
E entre elles Antaõ Vaz que a fama escura
Deixara da soberba antiguidade;
Se vencera outro Horacio na ventura,
Como o igualou no esforço, e na vontade,
Que armado toda a noite a ponte guarda
Queixandose do imigo porque tarda.

Sobre a ponte jurou que a naõ deixasse,
Por mais força de imigos que occorresse,
Té que o cauallo em sangue naõ nadasse,
E outra ponte de mortos se fizesse,
Que se o campo contrario se juntasse,
E naquella hora a ponte accometesse
Que no rio que laua os arcos della
Afogaria a fama de Castella.

Dei-

Deixemos a arrogancia valerosa
Deste que em seu grande animo a fundaua,
Que armado passa a noite vagarosa,
Em quanto o Condestabre repousaua:
A manham desejada, e graciosa
Na coroa de hum monte se mostraua,
Quando cõ os seus partio sem dano ou guerra
E ja se aloja alem de Saluaterra.

A Montemór chegou noutra jornada,
E achou Nuno Fernandes de Moraes
Triste com gente só, desbaratada,
Que inda de hum fero encontro traz sinaes;
Que lá na grossa Arronches salteada
Fora dos aduersarios naturaes,
Donde escapou ferido, e com trabalho,
E vasco Gil o brauo de Carualho.

Assaz fica o Pereira descontente
Desta noua tam triste, e deste dano
Por ser a mais daquella a forte gente
Com que elle ja vencèra o Castelhano:
Mas consolando ao capitaõ vallente
Com palauras de amor, com rosto humano
Consigo o leua a Euora, e em breue
As gentes chama, aos capitães escreue.

Ia neste tempo em Portugal entraua
O Castelhano Rey na sua empresa,
E com multidaõ bellica occupaua
Essa antiga prouincia Portùguesa:
Ia dos seus tinha os campos, que pisaua
Sem fazer conta aos gastos da despeza,
Ia faz merces no reyno, ja das Villas,
Que mais custa o ganhalas, que o pedillas.

Ia

Ia do Mondego as praias reluzentes
Bebendo as puras agoas de criſtal
Atraueſſaõ guerreiras, varias gentes,
Que à vam conquiſta vem de Portugal:
Bandeiras deſenrolaõ differentes,
Que a Caſtelhana ſeguem principal,
Galiza vem atraz, Cantabria fria,
Catalunha, Aragaõ, Andaluzia.

Dos lugares a gente pouco experta
Que ve aquelle exercito marchando
Palida a cor do roſto, a boca aberta,
Por entre o mato eſcuro fica olhando:
Nenhum a vida, ou terra tem por certa,
Vendo do imigo o numeroſo bando,
Mas quanto o ſeu temor he mais ſobejo
Lhes vem da liberdade mór deſejo.

Niſto o Rey deſejado Luſitano
Com os ſeus mais verdadeiros, q̃ arrogantes,
E elle mais esforçado do que vfano,
Formando o campo eſtá na freſca Abrantes:
E vendo de tam perto o Caſtelhano,
E os ſeus poucos, e em votos diſcrepantes
Manda Martim Affonſo o Melo ouſado,
Chamar ao Condeſtabre com hum recado.

Com ſós quinhentas lanças que ajuntàra,
E com dous mil peões mui pouco eſpera
De Euora parte, e logo aly chegàra
Se com azas aos ſeus trazer podera:
Duas legoas da freſca Abrantes pàra
E com ſeſſenta lanças, que eſcolhera
Vem ver ao Rey famoſo o bom vaſſallo,
E o Rey do real parte a eſperallo.

Se

Se Ioaõ teue outra hora de mór gosto
Facil fora a saber, quem vira entaõ
O modo das palauras, riso, e rosto,
Em que a Nunalures mostra o coraçaõ.
O Tejo os vio, que as agoas nesse posto,
Só para os contemplar, deteue entaõ
Mouendo as crespas ondas de alegria
Com as doces palauras que lhe ouuia.

Daly á real tenda logo o leua
Conselho, e fauor pede, elle relata
O que em tal tempo, e pressa fazer deua
Ao que o contrario Rey ordena, e trata:
E por Nunalures ver quanto releua
Poupar aquelle tempo, o naõ dilata
Ao seu alojamento volta, e antes
De vir o dia, está na bella Abrantes.

Entra o Rey no conselho duuidoso
Aonde o principal bando logo atalha
O dessenho importante, e valeroso
De ao Castelhano Rey dar a batalha:
Hum considera o campo numeroso
De aço duro vestido, e fina malha,
Outro os nossos, que saõ, inda que ousados
Poucos, pouco seguros, pouco armados.

Iulgaõ o intento seu por temerario,
Cada hum aponta, e segue outro partido,
Que era apartarse á furia do contrario
Por naõ ser preso alem de ser vencido,
Era o conselho igual, nas razões vario
Só de hum mesmo temor bem mal nacido
Ao Rey o coraçaõ pede outra cousa,
Mas vendo-os contra si fallar, naõ ousa.

Quan-

Quando a fallar se moue aquelle ousado,
E claro defensor da patria sua,
Para o Rey entre os outros eclypsado
Como anteposta ao Sol custuma a Lua;
Só da cabeça e elmo desarmado,
E da manopla a maõ direita nua
De sangue as armas tintas, e na espada
A valerosa maõ como apunhada.

Como Senhor? (dizia) e pode tanto
O temor entre os vossos tam valentes?
Que em lugar de despreso, tenha espanto
Da fraca multidaõ de armadas gentes?
Que naõ olhando ao sereno, e santo
Que custuma abater aos mais potentes
E injustos cobiçosos cá da terra,
Temais o risco de huma injusta guerra?

Esse nome que tendes adquerido,
E este reyno que tendes conquistado
Como vos virá a ser restituido,
Se agora (o ceo naõ queira) for tomado?
Se sem batalha em fim fordes vencido
Sendo de bons, e poucos ajudado
Depois sugeito o pouo, o mar em meo
Como conquistareis a hum reyno alheo?

Animo bem senhor, ponde a ventura
No vosso esforço, e em nosso nome antigo
Dai luz a essa vam sombra, fraca, escura,
E naõ creais ao rosto do perigo,
O ceo vos ama, o ceo vos assegura,
O contrario vos busca, e eu me obrigo,
Que veja na batalha o desengano,
Que quem busca o naõ seu, busca seu danno.

E vos

E vos ó Portuguefes valerofos
Só nas palauras curtos, e atalhados
Tanto nefte confelho duuidofos
Como contra elle em armas esforçadoe:
Naõ tira o fer difcretos cautelofos
Serdes como vos fois fortes, e oufados,
Mas tira ao noffo Rey huma alegria
Do defejo, e valor que em vos confia.

Quantos eftais aqui que nefta empreza
Seguindo o mefmo amor que a mi me obriga
Com forte, e pouca gente Portuguefa
Mór numero venceftes da inimiga?
Naõ tendes inda a mefma fortaleza?
Naõ fuftentais a mefma fama antiga?
Se em varias partes ja todos vencemos
Iuntos fem guerra, aqui porque tememos.

Naõ afronteis ao nome que ganharaõ
Os famofos aués donde viefles
Que ao Mauritano Barbaro tomàraõ
As terras que atégora defendeftes:
Suftentaias com a honra que as deixàraõ
E com a que depois por vos lhes deftes
Naõ fe va gloriando hum campo armado
De achar Rey Portugues defamparado.

Naõ deixeis os fepulchros leuantados
De voffos immortais progenitores
Para de imigos pés ferem pifados
De que elles foraõ fempre vencedores;
Ou leuemos os noffos que enterrados
Ouço gritar com vozes, e clamores
Que elles pelejáraõ mais de vontade
Por noffa honra, e fua liberdade.

Pos

Por naõ irmos tam sós vamos com elles,
E achareis os imigos que vem sós,
Porque naõ póde auer mais força nelles,
Que em quanto nos faltar esforço a nós;
Com mais frio temor vem os mais delles
Do que mostrais no rosto alguns de vós,
Nem he tam grande a furia da tormenta
Como o temor, e apressa a representa.

Porém se esta razaõ desamparardes
Seguindo outros conselhos fementidos
Deixando a vosso Rey, naõ por couardes
Mas de vosso valor grande esquecidos;
Ou se elle quiser ir aonde o leuardes
Por caminhos incertos, e perdidos:
Eu só com os meus, com esta, e sem receo
A patria liurarei de jugo alheo.

Quem encontra o seu Rei se lance á parte
Do contrario, por medo, ou por respeito
Mostre seu poder todo, esforço, e arte
Contra o valor dos meus, e o deste peito;
Antes se perca a vida em mãos de Marte,
Que a minha patria, e reyno ver sugeito
Morreo Nunalures ouça o mundo todo
Conte a fama porque, e de que modo.

Seiscentos caualleiros costumados
Tenho a vencer comigo o Castelhano
Com mais dous mil Infantes esforçados
Dos quaes tem recebido o mesmo dano;
Com estes verdadeiros, e arriscados,
E com o valor do nome Lusitano
Prometto á menha patria Portuguesa
De vencer, ou morrer na mesma empreza.

Em

Em quato iſto dizia o que ſem medo
Ao Rey para altas obras animaua,
Eſtaua o clauſtro em timido ſegredo
Nenhum lhe reſpondeo, ninguem fallaua;
Como o ribeiro manſo, alegre, e ledo
A que algum vallo o curſo repreſaua
Tomando outro lugar para á verdura
Corre por entre as pedras, e murmura.

Aſſi como acabou neſtas razões;
Aquelles a que o medo eſcuro, e lento
Tinha contaminado os corações,
Murmuraõ deſte ouſado atreuimento:
Aprouaõ-no ſomente alguns varões
Que tem a tençaõ meſma, e penſamento,
Mas ſaõ tantos os mais, que eſcaſſamente
Ouſa fallar aquelle que iſto ſente.

Para os ſeus ſe tornou Nuno Alures, quando
O Sol por entre as ondas ſe eſcondia
A todos ſe moſtraua amigo, e brando
Como quem delles ja ſe deſpedia;
Primeiro com razões lhe eſtá lembrando
O que á ſeu Reyno, e Rey cada hum deuia
O nome, a liberdade, a honra, a fama
Que tanto aos corações obriga, e chama.

Depois lhe conta tudo o que paſſàra
No conſelho, as palauras que diſſera,
O que ante o Rey, e os ſeus firme juràra
O que por parte delles prometèra;
Que ſe todo o ſeu campo o deſampàra
Que elle comprir por ſua parte eſpera,
E com os que o ſeguirem a eſta ſorte
Quer antes que ter vida, honrar a morte.

Logo

Logo huma voz leuanta a forte gente
Qué enchendo hũ valle os montes reſpondiaõ,
Que querem morrer todos juntamente
Seguindo ao capitaõ que aly traziaõ;
Com impetu, e valor fero, e valente
Com bellico rumor todos feruiaõ
Qual em o mato verde o fogo iſento
A que moue aſſoprando o manſo vẽto.

Naõ era ainda a Aurora aleuantada
Quando para Tomar marcha a bandeira
Da gente a Marte, e Luſo conſagrada
Esforçada, leal, e verdadeira;
E por buſcar aos ſeus mais larga eſtrada
Neſta forma ſeu campo o graõ Pereira
Eſperando que chegue o Rey potente,
Que os campos cobre já de armada gente.

Sabendo o Rey Ioaõ deſta partida
Della enojado aſſaz, bem ponderaua
O valor de hum varaõ, que a propria vida
Tanto por ſeu ſeruiço deſprezaua:
Porem os ſeus com inueja conhecida
Inda que em razões varias ſe embuçaua
O julgaõ por rebelde, e por culpado,
E por deſprezo hum feito tam honrado.

O Rey que bem conhece a tal vaſſallo,
E a tençaõ que eſtes ſeus contra elle tem
A Tomar aonde eſtá manda chamallo
Por Ioaõ Affonſo ó bom de Santarem;
Por ſer homem capaz para obrigallo
Do ſeu conſelho, Nuno o naõ detem
Antes ao Rey por elle pedir manda,
Que o deixe ir acabar neſta demanda.

Tras este outro varaõ de grande conta
Lhe manda o Rey dizendo que voltasse
Que se com elle o seu recado monta
Aquelle só recado o obrigasse:
Elle já enleado nesta afronta
Sem saber em que modo se escusasse
Despede o mesageiro pola posta
Dizendo que elle hirá dar-lhe a reposta.

Outra vez em conselho o Rey famoso
Com os seus sobre a batalha está presente
De se ver já no campo cobiçoso
E só de quem o atalha descontente:
Onde hum varaõ illustre, e animoso
O Doutor Gil Dosem firme, e prudente
Vendo culpar a Nuno que naõ veo.
Assi falou ao Rey de esforço cheo.

Como em tam fortes peitos se consente
De huma vil sem rezaõ tantos estremos?
Temer a guerra , e ir contra hum valente
Que nos obriga aquillo que deuemos,
Que offensa faz ao Rey que está presente
Se nós em o naõ seguir já o offendemos,
Senhor desse a batalha, e quem recusa
Naõ tome a dom Nunalurez pos escusa.

A isto o Rey mostrou tam ledo o rosto
Que os outros mudaõ logo o parecer
Alguns dissimulando o seu desgosto,
E outros mostrando nelle o seu prazer:
Pollo campo á batalha já disposto
Começa a alegre noua a discorrer
Armas, armas, gritaua a gente bella
Viua el Rey dom Ioaõ contra Castella.

Man-

Manda a Nunalures logo hum meſageiro
Que em Tomar o eſpere no outro dia
O quaõ contente fica o caualleiro ,
E aluoroçada a forte companhia :
Naõ cuida que he recado verdadeiro
Polo grande deſejo com que ardia
Inda o ceo das eſtrellas ſe adornaua
Quando para eſperallo já ſe armaua.

Trazendo o dia o lucido planeta
Deſperta o tambor rouco, o Martio bando
Rincha o cauallo á ſalua da trombeta,
Que aos animoſos Martes vai chamando;
A gente aluoraçada ; e inquieta
Para Tomar em tropa vai marchando,
E com esforço igual, e igual deſejo
Por agoas de Nabaõ troca as do Tejo.

No trajo os caualleiros ſignificaõ
De amor ledas diuiſas, e tençóes
Eſpoſas, mãis, e irmãs chorando ficaõ
Nas lagrimas moſtrando os coraçóes :
Ao ceo pola vitoria logo aplicaõ
Romarias , jejuns, e deuaçoens
Com os olhos vaõ ſeguindo aquella empreſa
Que eſtas armas lhe dera a natureza.

Iá via o Condeſtabre as varias cores
Das alegres bandeiras que voauaõ
O marchar compaſſado dos tambores
Que em ecco dentre os montes ſe dobrauaõ
Iá da villa os quietos moradores
Sobidos dos outeiros contemplauaõ
De lugares tam varios gente junta
Hum ſe eſpanta, outro conta, outro pregunta,

Nuno Alures mais alegre aquelle dia
Do que em nenhum ſe tinha aly moſtrado
Hum meſageiro ao Rey contrario enuia
Que dê ouſadamente eſte recado:
Que elle para a batalha o deſafia
E o eſpera vencer em campo armado
Se logo de ſeu Rey naõ deixa a terra
Que injuſtamente occupa com vam guerra.

Diſto o contrario Rey mais indignado,
A quem o esforço em ira enuolto crece,
Diz, que naõ dá repoſta a tal recado,
Nem ao Meſtre de Auis por Rey conhece:
Que o nome que hum, e outro tem tomado
Com que a dar-lhe batalha ſe offerece,
Com armas tirará, e a terra ſua
Fará que a ſeu peſar lhe reſtitua.

Com iſto o meſageiro ſe partio,
Para a repoſta dar ao bom guerreiro,
E caminhando aſſi, gritar ouuio
No mato a hum Caſtelhano caualleiro;
A'quella parte de preſſa acudio,
Quando conhecem dous ao meſſageiro
Que do campo com elle em companhia
Mandará Nuno aquelle meſmo dia.

Eraõ eſtes dos ſeus fortes, e ouſados,
Vinhaõ buſcar eſpia do inimigo,
E naõ foraõ no intento deſcuidados
Que eſta acharaõ ſem riſco, e ſem perigo:
E ainda que com queixumes, e com brados
Inuocaua o fauor do campo amigo
Ficaua eſſe remedio tam diſtante,
Que era eſte gritar ſeu pouco importante.

Tra-

Traziaõ-no entre ſi como eſcondido,
Quaudo o bom companheiro pareceo
Ouuindo o gritar mais por ſer ouuido,
Que polo dano, e mal que recebeo:
Ledos os tres, e triſte o que oprimido
A ſeu deſtino a vida offereceo
Vem de Nabaõ a praia em tempo breue,
Porque outro nouo caſo os naõ deteue.

Apeáraõ-ſe aly numa floreſta,
E em quanto os dous com o preſo ſe detinhaõ
O meſageiro a Nuno manifeſta
O recado que traz, e os dous que vinhaõ:
Nada a repoſta altiua achou moleſta
Só á preſa accudio, que os outros tinhaõ,
Deixa a geute que a rouca caxa incita
Que em ordem de batalha ſe exercita.

Vai ver ao Caſtelhano, e ouue quanto
Poderá pôr receo a qualquer peito,
Mas o ſeu deſconhece todo o eſpanto,
Que he para ſeu valor o mundo eſtreito:
A vida lhe concede aly com tanto,
Que moſtrãdo ante os ſeus que he ſem reſpeito
Diga; do campo imigo preguntado
Que vem de medo, e de armas carregado.

De tal ſorte enſayou, e fez o eſpia
Que ao campo dobra as forças, e eſperança,
Cada hum aluoraçado do que ouuia
Acha o braço mais forte, e leue a lança:
Daly ſe parte o Rey contra Leiria
Aonde tambem o contrario naõ deſcanſa
Bebendo as doces agoas, que naõ nega
O deſejado Lis que os campos rega.

Diante

Diante parte Nuno, e buſca aſſento
Aonde melhor o exercito ſe veja
Iunto da altiua Ourem, cujo apoſento
Deſejou Bacco já com grande inueja:
E diſpondo por obra o penſamento
Forma-ſe o campo em ordem de peleja
O Rey eſtá num alto, aſſaz contente
De ver tam deſtra a bellicoſa gente

D'entre eſta turba armada que occupaua
Matos, charnecas, brenhas, monte, e prado
Hum corſo mui veloz ſe aleuantaua
Do campo a todos partes acoſſado:
A gente toda em bandos ſe abalaua
Com alarido o monte aluorotado,
Té que á tenda del Rey foi tomar porto
E aly (preſagio raro) çahio morto.

O' quanto a popular gente ſe altera
Com os alegres principios deſte agouro
No ſucceſſo que ao Rei ditoſo eſpera
O Tejo, o Guadiana; o Minho, o Douro:
Poſera o pouo aquella incauta fera
Entre o animal de Hele, e branco touro,
Em remuneraçaõ, honra, e memoria
De ſer primeiro indicio da vitoria.

Eis no outro dia parte a leda gente
Para Porto de Mos aonde ja fora
Vencida de dom Fuas ſabiamente
A gente que a Mafoma falſo adora:
Nunalures mais alegre, e mais contente,
Quanto ſua eſperança ſe melhora
Com cem ginetes vai contra Leyria,
O campo deſcobrir que el Rey trazia.

Eſtá

Eſtá a fermoſa terra ſituada
Numa planicie freſca, e deleitoſa,
A huma rocha ingreme encoſtada
Donde o caſtello a moſtra mais fermoſa;
De dous alegres rios rodeada,
E de freſca verdura gracioſa,
Valles ao rededor verdes, ſombrios,
Que cortaõ manſamente os brandos rios.

Naõ podia o Pereira ouſádo, e forte
Ver da montanha a gente que ſe eſpalha
Pollos fundos valles, de tal ſorte
Que qualquer monte eſpeſſo a viſta atalha:
E antes que o Sol dourado as ondas corte
Vê de eſpaſſo o lugar aonde a batalha
Determina de dar ao de Caſtella
No qual durará ſempre o nome della.

Huma charneca igual larga, e comprida
Depois feita dos noſſos plana entrada
Nem de outeiros, e valles oprimida,
Nem de aſperos barrancos atalhada:
Para outro mór exercito eſcolhida
De maior multidaõ de gente armada,
Que pode ter em paſſo, e em campanha,
Quanta tem Portugal, e encerra Heſpanha.

Voltou ao arrayal com viſta vfana,
Que ao Rey, e a ſeus ſoldados alegraua
Como o roſto de Febo, ou de Diana
A quem a noite eſcura amedrentaua:
Entaõ lhe diz da gente Caſtelhana
Que nem dos altos montes ſe enxergaua,
Que por ter já por certo o fim da vida,
Viua eſtaua nas couas eſcondida.

Mas

Mas já he tempo, ó Musa minha amada
Que o estylo deixeis suave, e brando,
Porque com voz sonora, e entoada
Vá meu verso entre as armas retumbando:
Deixai a fonte a Phebo consagrada
Aonde alegre habitais, vamos cantando
Rios de sangue palidos, e escuros
Mortes, encontros varios, golpes duros.

Hum dia antes daquelle que sobio
Da terra a tomar posse do alto ceo
A que o filho de Deos virgem pario;
Que para nos sobir de lá deceo;
Quando do Sol, e estrellas se vestio
Aquella estrella, de que o Sol naceo,
E estampou sobre a Lua as plantas bellas,
A que admirou ao ceo, Anjos, e estrellas.

Parte Ioaõ o Rey forte animoso
Nos poucos seus, e em Deos mais confiado
A buscar o contrario poderoso,
Que á batalha já tem desafiado:
E de Castella o campo numeroso
De Leiria partio quasi afrontado;
Que com disigualdade tam notoria
Tem por afronta a honra da vitoria.

E o Rey que no caminho o posto esteue
Em a batalha naõ dar sanguinolenta
Passar quer a Lisboa em tempo breue,
Que conquistala assi mais lhe contenta;
Mas nenhuma das obras he tam leue
Como o valor, e esforço representa,
Que os poucos corações muito leais
Como cabeças de Hydra crecem mais.

Che-

Chegou ao campo a gente Portuguesa,
Que á morte offerecida, o golpe aguarda:
E armada mais de amor, e fortaleza
Poem a Leiria á vista da vanguarda;
Andaua Nuno aly com tal destreza
Que a todos acudindo a nenhum tarda
Gouernando, e dispondo os esquadrões
E enchendo-lhe de esforço os corações.

Nisto tres caualleiros que assomauaõ
Ao campo Portugues pedem seguro,
Por Nuno Alures Pereira preguntauaõ
Que armado se lhe offerece de aço duro;
Por o Rey Castelhano o conuidauaõ
A promessas muy grandes de futuro
Se deixasse a seu Rey, e a seu perigo
Que estaua claro á vista do inimigo.

Diogo Alures dos tres era o primeiro,
Que da parte delRey ao irmaõ falla,
Marichal de Castella, o companheiro,
Pero Lopes, o outro era de Ayala:
Mas daua tal reposta o caualleiro,
Que lhes naõ dá lugar de replicalla,
E elles voltando as redeas pola posta
Leuaõ mais de receo que reposta.

O nosso campo em armas, e ordem posto,
Esperando batalha, o Castelhano
De hum vento leue, e vaõ que traz no rosto
Como astuto, e sagaz temendo o danno;
Com huma volta muy larga, toma o posto
Que do Sol tem tomado o Lusitano,
Ao qual nada detem, nada acobarda
Que abrindo os esquadrões muda a vãguarda.

Eis

Eis quando os atambores ja ſoauaõ,
E vem marchando as gentes de Caſtella
O' Deos que os corações ſe congelauaõ
Com o pauor que fazia a viſta della;
Os outeiros, e os campos ſe qualhauaõ
Da eſpeſſa multidaõ armada, e bella
O Sol tocando as armas rutilantes,
E rinchando os cauallos eſpumantes.

Os contrarios de longe apercebidos
Tocando os inſtrumentos vem de Marte;
Da gente ſe ouuem vozes, e alaridos
Tremolando os pendões de parte a parte;
O Sol que eſtaua olhando os atreuidos
Feria de huma parte, e doutra parte,
As plumagens dos elmos, e aureas criſtas,
Bandas, tenções, eſcudos, ſobreuiſtas.

Naõ viraõ tam luſtroſa companhia
Os campos de Pharſalia antigamente,
Nem o Simois a vio quando corria
Enuolto em negro ſangue, e fogo ardente;
Qual eſta á viſta humana parecia
De diuerſas, nações de varias gentes
Varios trajos, e cores, e os trombetas
Da que veſtem na guerra os Maſſagetas.

O numero das gentes do inimigo
Parece a alguns contado ſer patranha,
Porém no campo o Rey tinha conſigo
A flor de Portugal com toda Heſpanha:
Das terras que perdera elRey Rodrigo,
E de França, Gaſconha, e de Alemanha
Catalais, Biſcainhos, e Leoneſes,
Galegos, Andaluzes, Montanheſes.

Ti-

Tinhaõ os Portuguefes rebelados
Da foberba vanguarda a deftra maõ,
E deftes contra a Patria leuantados
Dom Pedralures Pereira he capitaõ;
Setecentos dos nobres leua armados,
Contra o menor, e mais valente irmaõ,
E de Alcantra o Meftre outra ala tinha
Que com os mais eftrangeiros d'armas vinha.

Pedro do Marquez filho de Vilhana
Famofo Condeftabre de Caftella,
Traz de luftrofa gente Caftelhana
A dianteira, e grandes copias nella;
Fermofa á vifta, arrogante, e vfana,
E mais que para a ver, para temella
Traz deftas alas logo outras ficauaõ,
Que a dous lados do campo fe efpalhauaõ.

Era fem conto a gente que o feguia,
E a que o Rey tem configo naõ me atreuo
A affirmar liure aqui quanta feria
Que na fé dos melhores della efcreuo,
Mais de fetenta mil de homens auia
No exercito contrario, e no que deuo
A fugir d'afeiçaõ mal informada
Naõ fe diz que era toda gente armada.

Poftos diante, os noffos pareciaõ
Qual ante o mar parece o Tejo brando
Diz hum, que fó feis mil de armas feriaõ
Outro mais de dez mil todos contando;
Ou fe conformaõ nifto, ou defuariaõ
Mas tam defigual era o Martio bando
Que tinha o Rey contrario por injuria
Vfar contra tam poucos tanta furia.

Dos

Dos noſſos verdadeiros, e esforçados
A vanguarda leuaua o graõ Pereira
A ala direita, que he dos namorados,
Verdes as guarnições, verde a bandeira,
Saõ duzentos mancebos conjurados
A terem na batalha a dianteira;
E o capitaõ ſó digno de regelos,
Mem Rodrigues ſe diz de Vaſconcellos.

Antaõ Vaſques d'Almada he na ſegunda
De outros duzentos fortes caualleiros
Com alguns Ingreſes nobres, que a fecunda
Britania entaõ nos deu por companheiros:
Que antes que a cizania baxa, immunda
Profanaſſe ſeus ritos verdadeiros,
Eraõ irmãos em armas para á guerra
De Portugal os Reys com os de Inglaterra.

Regia a retaguarda o Rey famoſo
Com o reſtante da gente Portugueſa,
Tam alegre, e esforçado, e tam ayroſo,
Que aos ſeus eſtá dobrando a fortaleza;
Ia com o ſinal horriſono, eſpantoſo,
Se moue a gente em nouo fogo aceza,
De hum campo, e outro ja ſoa a trombeta
E manda ao Condeſtabre que accometa.

CAN-

CANTO XIIII.

Conta-ſe a batalha real atè o disbarate delRey de Caſtella, que ſe retira a Santarem: Diante delle no caminho morre valeroſamente Vaſco Martinz de Melo. O Condeſtabre ſegue 'o alcance do inimigo: ElRey recolhe as gentes ao lugar da batalha: Conta-ſe a deſaſtrada morte de dom Diegalures Pereira: O Condeſtabre vai a noſſa Senhora de Seiſa em romaria. O Rey vencido ſe embarcà para ſeus reynos.

(raõ
COm o ſom medonho os montes ſe abala-
O Tejo ſe turbou, e o Guadiana
Pauoroſas as ſerras ſe inclinaraõ
Tremeu a terra antiga Luſitana
Os cauallos de Apolo ſe encreſparaõ,
E elle negou o roſto á viſta humana,
E retumbando o ecco no vaõ dos montes
Fez reſponder graõ tempo os Oriſontes.

Tornaſe o ar de ſetas logo eſcuro
Nuuens de negro pó ao ceo ſubindo
As pedras reſoando no aço duro,
E as lanças de arremeſſo vaõ zenindo:
Cerraõ-ſe as alas juntas, fica hum muro
Das lanças campo, e campo diuidindo
Tudo em deſiguaes vozes arrebenta
Eſtrondo, confuſaõ, grita, e tormenta.

Fo-

Foraõ do ſom horriſono eſpantados
Muitos da primeira ala Luſitana
De alguns tiros aos noſſos deſuſados
Que vinhaõ na vanguarda Caſtelhana:
Que até aquelles bons tempos celebrados
Nos naõ moſtraua a vil malicia humana
Que com eſtrondo, e fumo que faziaõ
Aos noſſos forças, e armas ſuſpendiaõ.
Mas ja de Nuno a riguroſa eſpada
Com golpes ſem medida, e ſem defeſa
Fazendo entre os imigos larga eſtrada
Abre caminho á gente Portugueſa:
Vallos fazendo vai de gente armada
Com deſuſada, e eſtranha fortaleſa
Para huma, e outra parte os golpes dobra,
E atras delle a vanguarda esforço cobra.
Dom Ioaõ Affonſo o valeroſo Conde
Que ante todos moueo com furia eſtranha
Na Patria gente a fera lança eſconde
E em gritos vem dizendo; viua Heſpanha:
Da outra parte Nunalures lhe reſponde,
Que faz tremer com golpes a campanha,
Portugal, Portugal, e á voz que lança
Com a furia da eſpada ſe abalança.
O' golpes neſta idade tam mal cridos,
Que os montes de Colippo em Ecco vaõ
Teueraõ grande eſpaço repetidos,
E o Lis que as creſpas agoas teue entaõ,
Huns caem até os ombros diuididos,
Doutros partido o corpo cobre o chaõ,
Partenſe arneſes, greuas, e celadas,
Qual ſe foraõ de maſſa fabricadas.

Voa-

Voauaõ pollo ar confuſamente
Rachas de lanças, malhas, ſetas duras,
Faiſcando das armas reluzentes,
Linguas de fogo palidas e eſcuras,
Qual impelido vai, qual liuremente
Atropellando os corpos, e armaduras
Até parar naquelle eſtrago horrendo,
Que o grande dom Nunalures vai fazendo.

Nadando em ſangue alheo, e carregado
De virotes, de lanças, e farpões
Como o Liaõ de Libia magoado
Bramindo vai cortando os eſquadrões;
Hum ribeiro de ſangue corta o prado
Tingem-ſe nelle as plumas, e pendões
Lanças, braços, e cabeças, pernas corta
Só lhe pára diante a gente morta.

Com hum grande tropel de caualleiros
De Alcantara o Meſtre aly ſoccorre
Rompendo em Nuno as lanças os guerreiros
Como o mar quebra as ondas na alta torre:
De hũ golpe a ſeus pés chama os dous primeros
E entre elles eſtirado o Meſtre morre
Partido o elmo em dous com huma ferida
Donde exalado em ſangue lança a vida.

Deſtes golpes mortaes como atordidos,
E da ſombra luzente do aço fino
Piſando corpos mortos ſem ſentidos
Ia voltaõ os de atras perdendo o tino;
Aly a grita, as vozes, e alaridos
Dos que guiaua á morte o ſeu deſtino
O campo, o Ceo, e os montes atroauaõ
E as eſpadas ardentes ſe encontrauaõ.

Neſte

Neſte tempo dom Pedro o de Vilhana
Com a furia das gentes que trazia
Vai rompendo a vanguarda Luſitana
Para onde o Mem Rodrigues ſe eſtendia:
Aly ſe esforça a gente Caſtelhana
Que em bando ſobre as alas recrecia,
Mas de hum creſpo furor arrebatados
Se enuoluem na batalha os namorados.

Mem Rodrigues enſopa a dura lança
Rui Mendes o irmaõ emprega a ſua
Vaſco martins de Melo naõ deſcanſa,
Que elle ſó faz batalha fera, e crua:
Aonde do braço ſeu o golpe alcança
Deixa o ſangue banhando a carne nua,
E he tanta a gente armada com que entende
Que nenhum golpe em balde ſe deſpende.

De cá moue Antaõ Vaſques que batendo
Qual jauari furioſo os dentes vinha
Sam Iorge aos ſeus, Sam Iorge vem dizendo
E a ſua eſpada ás outras encaminha:
Por lanças, por eſpadas vai rompendo
Nenhum dos ſeus tras elle ſe detinha
Para onde o valeroſo, e bom Pereira
Aruora entre os imigos a bandeira.

Os valentes Ingreſes que deſejaõ
Moſtrar de ſeu valor toda a bondade
Com esforço immortal por nós pelejaõ
Que bem moſtraõ nas obras a vontade,
Os contrarios Franceſes os inuejaõ,
Que ainda que os anima, e perſuade
Numero deſigual de armadas gentes
Deſmayaõ vendo os poucos tam valentes.

Ti-

Tinha de negro ſangue feito hum lago
Que em já defuntos corpos faz repreza
Fazendo áquella parte grai de eſtrago
Na gente amedrentada ſem defeza
Quando o Meſtre feroz de Santiago
Entra com noua força neſta empreza
O' Deos que entaõ ſe via em grande aperto
Nuno que o ceo de lanças vê cuberto.

Andaua o fero, e Luſitano Marte
Entre nuvens de lanças, e farpoens
Correndo a huma parte, e outra parte
Suſtentando na viſta os eſquadroens:
Aqui, e aly ferindo ſe reparte
Iguala os caualleiros, e peões,
Mas na confuſa gente que recrece
Iá nem aos ſeus guerreiros apparece.

Mas o Rey Portugues que nelle atenta
Em quem ſó tinha a Patria ſuſtentada
Ante os ſeus animoſos ſe apreſenta
Com huma facha na maõ dura, e peſada:
E qual o Sol na furia da tormenta
Alegra a gente nautica infiada,
Que ſoruerſe no abiſmo vio mil vezes
Tal o Rey ſe moſtrou aos Portugueſes.

A elles Luſitanos esforçados,
Que eu ſou Rey voſſo, e voſſo companheiro
A elles (vai dizendo em grandes brados)
Vamos deſenganar eſte eſtrangeiro:
Tras elle os Portugueſes animados
Seguindo o ſeu farol taõ verdadeiro
As forças renouando, os braços mouem
Contra as gentes ſem conto que aly chouem.

Leuaraõ com este impetu furioso
Do campo hũ grande espasso os esquadraões
Qual custuma no inuerno rigurofo
Romper vallós o Tejo, e marachoens;
Iá enuoltos no combate perigoso,
Desamparaua o sangue os coraçoens
Vendo aos nossos, e ao Rey, que sem receo
Ferindo ousadamente anda no meo.

Dom Ioaõ Affonso Telo o Conde ousado
Vendo os seus já de volta, e de vencida
Do lugar que esperou desesperado
Honrando a morte certa, certa deixa a vida:
Ante elle corre já desenganado
Outro que á morte ousado se conuida
Por naõ ver triunfar daquella empresa
O defensor da Patria Portuguesa.

Este he dom Pedro o fero capitaõ
Por imigo da Patria menos dino
De ser do grande Nuno caro irmaõ
Que pollo esforço seu tam peregrino
O qual vendo que anima os séus em vaõ
Porque á morte os entrega o seu destino
Tendo por affrontoza a vida chara
Entre os contrarios fere, e naõ repara.

Té que huma grossa lança assaz ligeira
Sem se ver donde fora despedida
Derribá em terra o misero Pereira
Que com o nouo Mestrado perde a vida
Naquella fatal hora derradeira
O vio o irmaõ, porém naõ homicida,
E por segredo occulto, ou suspeitado
Naõ foi seu corpo mais no campo achado.

Aly morre dom Pedro o de Vilhana
De Santiago o Meſtre ſe retira
Depois que ſeu poder o deſengana
Sandoual hum, e outro aly ſolpira;
Deſordenada a gente Caſtelhana
Huma anteposta á outra as costas vira
De volta os noſſos nella vaõ ferindo
Huns Sam Iorge gritando, outros fugindo.

Morre toda a nobreza de Caſtella
Muy valeroſamente pelejando
Marichal, Almirante: e Meſtres della
Condes de Haro, Mayorga, e Vilhalpando
A flor de Heſpanha valeroſa, e bella
Fora termo infinito hir recontando
Os que por conquiſtar a terra eſtranha
Deixaraõ o melhor de toda Heſpanha.

Os contrarios ginetes, que occoriaõ
A' retaguarda já deſamparada
Contra os noſſos com ira arremetiaõ
Que eraõ gente plebea, e deſarmada:
E inda que ouſadamente a defendiaõ
Pedem ſoccorro em voz deſconcertada
O Rey voltando o roſto áquella banda
A ſoccorrer-lhe o Condeſtabre manda.

Nuno mouendo o paſſo vagaroſo
Com o graõ pezo das armas magoadas
Tintas no ſangue alheo cobiçoſo
E de farpoens, e ſetas ſameadas:
Hia guiando ao paſſo perigoſo
Empeçando nas lanças derramadas
Qual o touro feroz agarrochado
No campo aonde correo deſamparado.

E porque vê que á preſſa vai tardando
Esforça a voz, e o paſſo, porém niſto
Paſſou por junto aly galopeando
O Comendador mór da cruz de Chriſto;
Pero Botelho illuſtre, e venerando
Que o perigo dos noſſos tinha viſto
Chama ao Pereira, do cauallo dece,
E pola redea, o leua, e lho offerece.

A corteſam offerta lhe recuſa
O capitaõ famoſo, e o Botelho
Vendo que nem o aceita, nem o eſcuſa
Por força, corteſia, e por conſelho?
O faz encaualgar ſem outra eſcuſa,
E o que he de corteſia claro eſpelho
Parte corrido em ver que aquelle o vença
No em que elle a tantos fez mais differença.

O' famoſa bondade, ó corteſia
Só dina de altos homens valeroſos,
Que em outro peito illuſtre naõ cabia
Aonde ouueſſe deſejos inuejoſos:
A pé fica o Botelho, que podia
Aſſi fazer inueja aos mais famoſos,
Porque outro caualleiro a tempo acuda
Aos que gritando pedem ſua ajuda.

Que he iſto, entra dizendo o deſtemido,
Valeroſos ſoldados Luſitanos?
Voltai que o campo temos já vencido
Demos fim a eſtes poucos Caſtelhanos;
Logo hum junto a ſeus pés deixou partido
E aos outros moſtra eſquiuos deſenganos.
E os que vencidos já voltauaõ coſtas
Cortaõ com golpes feros, e repoſtas.

Qua

Qual o deſtro Sabuio encarniçando
No jauari cruel , que eſtá grunhindo
Os que á viſta atély lhe andaõ ladrando,
E a qualquer fucinhada vaõ fugindo;
Iá de huma parte , e outra vaõ pegando
Os dentes entre as cedas imprimindo,
E por inſtinto proprio o ſangue bebem
Sem ſentir as feridas que recebem.

Deſta maneira os noſſos ſe miſturaõ
Atras do capitaõ que fere, e brada,
Porém muy pouco os golpes duraõ
Que os imigos lhe fazem larga eſtrada;
Feridas dando vai que naõ ſe curaõ,
Nuno que naõ deſcanſa a ſua eſpada,
E com a gente imiga que ſe eſpalha
Se declara a vitoria da batalha.

O Caſtelhano Rey palido, e triſte
Vendo a ſua bandeira eſtar por terra,
E que he jà pouca a gente que reſiſte,
E muita a que fugindo os paſſos erra.
Mortos os capitães em que conſiſte
O reparo da gente, e fim da guerra
Animo, ſangue, falla, e cor perdida
Num ligeiro cauallo ſalua a vida.

Por campinas , por montes , e eſpeſſura
D'alguns dos ſeus ſómente acompanhado
Pola ſombra da noite negra eſcura
Com o roſto baixo, triſte, e deſcorado,
Vai chorando o ſucceſſo ſem ventura
De Heſpanha largos annos lamentado
Conuertendo-ſe em penas, e em receo
O magnanimo esforço com que veo.

Quam

Quam pouco monta a fraca força humana
Se o poder lhe naõ vem da maõ diuina
Como ſe esforça em vaõ, como ſe engana
Quem ſem fauor do ceo ſe determina:
A gente mais ſoberba, e mais vfana
Mais perto eſtá do eſtrago, e da ruyna
Que quãdo Deos contra ella, hũa hora inſpira
Tem o Sol, abre o mar, e as ſetas vira.

Quanto ó poucos, e ouſados Portugueſes
Agora mais ingratos, e eſquecidos
Deueis ao juſto ceo, que tantas vezes
Foſtes delle em batalhas ſoccorridos:
Quantos cetros, pendões, lanças e arnezes
Por elle a voſſos pés viſtes rendidos.
Vencendo a multidaõ barbara eſtranha
Que hoje contada, alguns tem por patranha.

Viraõ de Ourique os campos celebrados
O barbarico numero eſtrangeiro
E depois na vitoria eſtar poſtrados
Cinco Reys infieis ao Rey primeiro
Quando entre o temor vaõ de ſeus ſoldados
Vio o Rey Portugues ao verdadeiro
Rey que as armas lhe deu ſantas diuinas
Que aos trinta dinheiros tem nas quinas.

Vio'naquella idade o Tejo ameno,
Seus campos doutra cor ſanguinea triſte,
E tu que do impio ſan gue Sarraceno
Tingirſe ó Santarem teu muro viſte,
Quando hum poder de gentes tam pequeno,
Com tanta fé no ceo ſe arma, e reſiſte,
Contra numero immenſo de infieis,
Vencendo o Rey cercado a treze Reys.

Vio

Vio o Mondego, o Tejo, o Guadiana,
Ouuiraõ ſerra e montes darredor,
Contra a furia da gente Mahometana,
Dom Gonçalo da Maya o lidador,
Na idade que já a vida deſengana,
De dous Reys tam potentes vencedor,
Moſtrando o ceo que as forças que lhe dera
Ninguem ſeu valor ſe vencer pudera.

Naõ valeraõ ao Rey famoſo Hiſpano
Armas, gentes, e eſquadras deſiguais
Contra o valor do forte Luſitano
Que em Deos, que ſó tem tudo, tinha o mais
Disbâratado foge o menor dano,
E entre humidos ſoſpiros, triſtes ays
Volta os olhos atras para o que deixa
De ſi, dos ſeus, da ſorte em vaõ ſe queixa.

Eis quando á redea ſolta hum caualleiro
Tintas em ſangue as armas abolladas
Sem lança, ſem pendaõ, ſem companheiro
A ſobreuiſta, e plumas derribadas:
Paſſa entre os ſeus qual rayo que ligeiro
Por entre as nuués corta deſcuidadas
Do Rey aferra, e com medonho aballo
Com elle traz á terra o bom cauallo.

Com noua furia a gente amedrentada
Em fauor de ſeu Rey num penſamento
Cercaõ ao que leuando a forte eſpada
Segue ſeu temerario atreuimento:
Porém a multidaõ da gente armada
Golpes, lanças, virotes cento a cento,
Morto o cauallo o trazem viuo á terra
Aonde de nouo intenta fera guerra.

Dando

Dando medonhos golpes naõ deſcanſa
Couraças , malha, e corpos diuidia,
E ſem curar da vida, ou da eſperança
Honrar ſómente a morte pretendia;
A gente encarniçada na vingança
Huma iobre outra em golpes recrecia
Até que o ſangue, alento, e cor perdida
Com temor de tal corpo foge a vida.

Aly morto , eſtirado , e palpitando
Aonde o ſangue em borbulhas ſe derrama
A temor fica os viuos obrigando,
E á eterna lembrança a vaga fama;
Quando a caſo hum peaõ deſenlaçando
O elmo já partido , os outros chama
Manda o Rey (que inda o teme) conhecelo
Vaſco Martins o braùo era de Melo.

Fizera eſte atreuido hum juramento
Digno daquelle eſprito temerario
De prender no combate (fero intento)
Ou pôr ao menos mãos no Rey contrario:
E depois da batalha, e vencimento
Em que hum valor moſtrou transordinario
Naõ encontrando o Rey ouſado, e forte
O vem buſcar , e nelle a propria morte.

Aly eſpanta a fama , quando a vida
Entre inimigas lanças deſpedio
Por couza tam vaimente prometida
Que a preço tam cuſtoſo ſe comprio:
Segue o Rey o caminho, que o conuida
O receo do encontro que aly vio,
E em quanto triſte vai como apreſſado
O campo vamos ver desbaratado.

Can-

Cansado de ferir, e a facha dura
Iá de sanguinea cor, e as armas fortes
Manchadas de mortifera pintura
Com o triumpho immortal de tantas mortes;
O Lusitano Rey sobre a verdura
Descansa, e daly olha as varias sortes
Dos mortos polo campo, e meos viuos:
E dos que entre os soldados vaõ catiuos.

De longe vem para elle o graõ Pereira
Que com o passo quieto, e vagaroso
Ao ceo leuanta as mãos alça a viseira
Grato, humilde, contente, vitorioso:
Eis do contrario Rey mostra a bandeira
Antaõ Vasques de Almada o valeroso
Vestido sobre as armas bem com ella
O Rey, e o Condestabre se ergue a vella.

Ambos com natural contentamento,
E Antaõ Vás dando saltos de alegria
Faziaõ mais fermoso o vencimento
Que assi por todo o campo se estendia;
Mas porque se conuerte em desatento
Mil vezes o prazer na fantasia
Tocar trombeta manda o Condestabre
Quando Thetis ao Sol já as portas abre.

Caualga leuemente, e vai seguindo
Com mui grande tropel de gente armada
As gentes que espalhadas vaõ fugindo
Por charneca, montanha, campo, estrada:
Por toda a parte, terra descobrindo
De vencidos guerreiros sameada
Té o lugar que agora a fama nota
Com o nome da batalha Aljubarrota.

Aonde dos já vencidos Caſtelhanos
Muitos fugindo á morte pereceraõ
Entre paſtores rudos, e ſerranos,
Que antes do Condaſtabre os receberaõ:
Que os que por menos annos, ou mais annos
Lugar para a batalha naõ teueraõ,
E as mulheres, armadas liuremente
Matauaõ nas eſtradas muita gente.

Inda he do volgar pouo engrandecida,
A forneira valente, e celebrada,
Que com a pá tirou a ſete a vida,
Que a deuiaõ trazer muy mal guardada:
Quem naõ acabará gente vencida
Se contra ella a pá ſerue de eſpada
Celebre-ſe a mulher, louue-ſe a terra
Aonde ſe fez com paz tam fina guerra.

A noite vinha os ceos eſcurecendo,
O Sol já ſe eſcondia atras dos montes
Hiaõ-ſe as nuuens brancas desfazendo
Corauaõ-ſe de roxo os orizontes;
Hiaõ-ſe as feras, e aues recolhendo
Soauaõ já ao longe as claras fontes
Quando do largo alcance que ſeguira
Com os ſeus o Condeſtabre ſe retira.

O Luſitano Rey que aſſi tomára
Hum ligeiro cauallo da outra parte
Quando delle o Pereira ſe apartára
No campo repreſenta hum nouo Marte:
Os fugitiuos ſegue, os ſeus repara
Com deſtreza, prudencia, auiſo, e arte,
E entre a gente contraria já ſem guia
Hum caualleiro vio que a pé fugia.

Sem

Sem elmo, e o arnes já destroçado
O escudo em mil partes diuidido,
Que pola cruz com que hia atrauessado
Foy do Rey valeroso conhecido:
Diogo Alures Pereira, em alto brado
Naõ fujas; lhe bradaua, sem sentido,
Que agora amigo em mi tereis melhor
Do que vos já me fostes seruidor.

Voltou atras o rosto o caualleiro
De pó, sangue, e suor, cuberto, e cheo,
E vendo o Rey piadoso, e verdadeiro
Inda que com vergonha, e com receo,
Confessando o seu erro de primeiro
Cruzando os fortes braços se lhe veo,
E com o sangue, e lagrimas nos olhos
Perdaõ lhe está pedindo de giolhos.

Aly o deixa o Rey naquella estancia
Na guarda dos peões feros soldados
Entre presos de menos importancia
Que o mesmo Rey lhes tinha encomẽdados;
E em quanto com destreza, e vigilancia
Recolhe os seus guerreiros espalhados
Os barbaros peões sem mais respeito
Prouaõ a furia vil, contra hum sujeito.

Que em o vendo entre si sem resistencia,
E ausente o Rey tam forte como humano,
Daõ a seu erro antiguo penitencia,
Pollo sinal que tinha Castelhano,
Com huma sem razaõ, fera inclemencia
Foi morto a lanças vis o Lusitano,
Que com espada, lança, e braço forte
A tantos na batalha dera a morte.

O cam-

O campo recolhido ſabiamente
Voltando dom Nunalures com graõ preza
Canſado do trabalho, mas contente
O Sol da Patria terra Portugueſa:
No arraial poem guardas diligente
Fazendo contra a ſorte fortaleza,
Que mil vezes mudauel vira o roſto
Em tragedia trocando o maior goſto.

Aly com os paſſatempos cuſtumados
Tres dias teue o Rey de grande gloria
Diuidindo os deſpojos aos ſoldados,
E gozando os deſcanſos da vitoria:
Naquelles largos campos celebrados
A que hoje inda engrandece eſta memoria
E aonde o caminhante alegre, e ledo
Apontando os lugares vai com o dedo.

Depois que o Condeſtabre aly deſcanſa
De hum trabalho taõ grande, e tam cõprido
Porque a Deos traz na honra, e na lembarnça,
E atribue a elle o ſuccedido:
Comoo que ſó no ceo tinha eſperança
E era delle igualmente ſoccorrido
A Seiſa de Ourem parte em romaria
Ao venerando templo de Maria.

De muitos (mas vãamente) foi julgado
Que hia dar aos irmãos a ſepultura,
Que Deos ſó tinha o fim de ſeu cuidado
Só a elle eſtima, quer, buſca, e procura;
De poucos dos ſeus bons acompanhado
Polo maior rigor da noite eſcura
No deſerto caminho lhe acontece
O de que a minha hiſtoria naõ ſe eſquece.

Mas

Mas figamos tambem ao Rey contrario,
Que com resto do campo era partido
Que por qual vira o Melo temerario
Iá menos estranhaua o ser vencido;
Culpando vai ao fado leue, e vario
Naõ menos cuidadoso que offendido
Soltando mil sospiros vãos ao vento
Cheos de justa pena, e sentimento.

A Santarem chegou, e a noite escura
Passou, qual todo o dia lamentando
De si, dos seus soldados, da ventura
A terra, ao mar, ao ceo se está queixando;
E antes que a bella Aurora alegre, e pura
Fosse as nuués espessas apartando
Para onde a sua armada no mar tinha
Com os seus, como elle, tristes, encaminha.

Iá o vento as brancas velas encopaua,
Que vaõ fazendo sombra no Oceano
A seu repouso antigo se tornaua
Com tempo socegado o Castelhano:
Neptuno contra Marte o amparaua
Que sempre a hũ cruel nace outro humano,
E quando Iuno aos Frigios perseguia
A bella Cytherea os defendia.

Iá das altiuas torres que deixauaõ
Se despedia a vista saudosa
Quė ver outra vez já nunça esperauaõ
Da cidade de Vlysses populosa:
Os olhos mais enxutos se molhauaõ
Com sentimento, e pena cuidadosa,
E o Rey que entre mil ays que despendia
O Tejo o escutou que assi dizia.

Ah

Ah fortuna nos bens ſempre inconſtante
Inimiga de auer firmeza em nada,
Que com hum roſto atras, outro a diante
Es cega, injuſta, vam, deſatentada:
Quem ha que te conheça, e que ſe eſpante
De em tam pequeno eſpaſſo ver mudada
Num Rey a confiança, a vida, o goſto
Se para o deſtruir viraſte o roſto?

Quanto com teu poder me engrandeceſte?
Sobre tam grandes Reys me aleuantaſte?
Nos deſejados reynos que me deſte,
E nas grandezas que lhe acrecentaſte?
Da bella eſpoſa que me offereceſte
No reyno que em promeſſas me moſtraſte
Nos vaſſallos amigos, e obrigados
Por mi, contra ſi proprios leuantados.

Tudo perdi numa hora amargamente,
Ou mo tiraſte tu de arrependida
Pretençaõ, honra, fama, nome, e gente,
E para mal maior deixaſme a vida;
Da minha já naõ poſſo ſer contente,
E fora menor mal tela perdida,
Que perdido entre os meus ſem honra, e glo-
Fazer mór aos contrarios a vitoria. (ria

Naõ me vencera o forte Luſitano
Se o teu fauor injuſto lhe faltára
Que mayor era o campo Caſtelhano
De gente mais luzida illuſtre, e clara;
Nem eu chegára agora a tanto dano
Se tua ſem razaõ naõ me cauſára
Sem ti, ſem teu fauor tudo he perigo;
E inda he muito maior viuer contigo.

O Reys

O' Reys, ó capitães que noutra idade
Dos de menor poder fostes vencidos
Naõ vos faltando esforço, nem bondade
Nem famosos guerreiros, e atreuidos;
Naõ tendes culpa vos na aduersidade
Pois ereis ás estrellas sometidos
O ceo que muda os grandes, e os menores
Faz, leuanta, e sustenta os vencedores.

Vos ó bella cidade tam famosa
Mais que as de toda Europa celebrada
Por fertil, rica, forte, populosa
Das naçoens mais remotas frequentada,
Iá fostes a meus olhos mais fermosa,
Que ao nacer do Sol a madrugada
Quando noutra esperança que entaõ tinha
Vos pintaua melhor como mais minha.

A Deos custosa Troya, que tam cedo
Destes a meu desejo o desengano,
Que já vos naõ verei contente, e ledo
Retratada nas agoas do Oceàno:
Mas cheo de temor, espanto, e medo
De vos irei fogindo, e de meu danno
A Deos Lisboa, a Deos ditosa terra,
Que o ceo que vos defende me desterra.

Campos de meus despojos semeados,
Que estaõ gozando os liures vencedores
Nunca sejais de Ceres cultiuados,
Nem o Sol crie em vos alegres flores:
De meu triste successo magóados
Tudo em vos sejaõ eccos, e temores,
Repita o ar em vos com queixas tristes
O trance desigual em que me vistes.

Ami-

Amigos Portuguefes valerofos,
Que em meu fauor as vidas defprezaftes,
Que contra a Patria feros, e animofos
Nunca minha razaõ defamparaftes;
Neffes campos ingratos rigurofos
Aonde com tal valor mortos ficaftes,
E vos ó Caftelhanos fem ventura
Quem vos ha de dar hoje a fepultura.

Ifto dezia o Rey, que fufpirando
Lagrimas ás razões acrecentaua
Os feus com os olhos baxos vaõ calando;
E efte mudo filencio os declaraua;
O bracejar dos remos no mar brando
Parece que a trifteza lhe ajudaua
Qual intenta falharlhe a que o receo
Entre as razoens lhe tira a voz do meo.

Hum dos feus confolallo determina,
E com rezoens a pena lhe acrecenta,
Que cada hum diz com dor o que imagina
E a tençaõ nas palauras arrebenta;
A caufa diz fenhor de tal ruina
O principio cruel defta tormenta
Foraõ os Portuguefes que tiueftes
A quem tudo entregaftes, tudo deftes.

Elles com vãs rezoens fem fundamento
Vos fizeraõ deixar a Patria noffa
Affegurando fempre o vencimento
Só valia fua, e vifta voffa;
Outrem mandar podereis nefte intento
Com exercito igual, e armada groffa
Sem vos virdes fenhor na companhia,
E o Rey voltando o rofto o reprendia.

Ah,

Ah, que ainda na dor que naõ ſe eſconde
Tem no peito real força a razaõ,
Que ſe mal a fortuna correſponde
Nem por iſſo ſugeita o coraçaõ;
A eſte o Rey famoſo lhe reſponde,
Mais que as palauras leues, á tençaõ
De que moſtreis agora aqui me peza
Tal ſem razaõ, tal erro, e tal fraqueza.

Que mal dos Portugueſes dizer poſſo
Cujo eſtranho valor, e esforço raro
Em minha pretençaõ no campo noſſo
E no do Meſtre ſeu vimos tam claro:
Eſcondei tal tençaõ no peito voſſo,
Que o meu naõ pode ſer-lhes nunca auaro;
Que os que contra nós foraõ, nos venceraõ
E os que foraõ por mi, por mi morreraõ.

Quem pôs primeiro lança no inimigo?
Quem primeiro empunhou luzente eſpada!
Quem buſcou ſempre a força do perigo?
Quem fez nos eſquadroens maior entrada?
Quem primeiro perdeo por vir comigo
A terra, a honra, a vida deſejada?
Se naõ os Portugueſes cujo preço
Hoje delles vencido reconheço.

Eſtas, e outras palauras valeroſas
Dizia o Rey culpando ſua eſtrella
Deixando atras as torres bellicoſas
Que guardaõ a cidade antiga, e bella;
Lá foi parar nas terras deleitoſas
Dos ſeus reynos antigos de Caſtella
Aonde o triſte ſucceſſo naõ cuidado
De nouo foi ſentido, e foi chorado.

CANTO XV.

Conta-ſe o que aconteceo a dom Nunalures Pereira na Romaria até tornar ao arrayal, o qual com o Rey leuanta: Chega com o exercito a Santarem, aonde deu o titulo de Conde o dom Nuno Alures, que daly ſe vai entre o Tejo, e Guadianna, e juntas as gentes da comarca entra por Caſtella com grande liberdade: Deſcreue-ſe o ſeu caminho até a aſſinalada batalha de Valverde.

COm o ſilencio da noite eſcura, e fria
Por deſertas charnecas, e eſpeſſura
Vai Nuno o vencedor em romaria
A quem lhe deu vitoria, e dá ventura:
E ao encruzar de hum valle que fazia
Com o aruoredo a ſombra mais eſcura
Ao longe ouue huma voz fraca, e doente
Feminil quebrantada, e deſcontente.

Entre rotas palauras ſoſpirando
Com o ecco dos montes ſe acabaua
Deixaua de fallar de quando em quando,
E com nouos ſoſpiros ſe esforçaua;
Parou o capitaõ; e os ſeus calando
Cada hum por entre os matos ſe eſpalhaua;
E a voz que eſcaſſamente o ar rompia
Eſtes ſaõ os queixumes que dizia.

Tudo

Tudo me offende, e tudo me falesce
Com quem poderei trifte aconfelhar-me ?
Que dos males que a forte me offerece,
Bem fei que o menor mal fora matarme :
Sem vós meu bem a vida me aborrece
Para vos offender quereis liurarme;
Ah menor danno fora e melhor forte
Triumphar tras da fortuna a fera morte.

Aqui em voffa amada companhia
Em quanto mo permite o duro imigo
Efperarei fenhor que o nouo dia
Me moftre o voffo rofto e meu perigo:
Se a morte ei de fentir por qualquer via
Menos a temerei fe vir comigo
O bem que noutra idade mal perdida
Como me mata agora me deu vida.

Aqui tendo entre os braços amorofos
Efte ferido peito mais humano,
Que meus fofpiros triftes faudofos
Efperarei da forte o menor danno;
Quiçá que effes foldados rigurofos
Do triumphante efquadraõ do Lufitano
Com lagrimas abrande, e que affi poffa
Saluar na minha vida a propria voffa.

Que infamia ei de temer, que crueldade
Nefte mifero eftado que naõ feja
Fugir para outra mór aduerfidade
Donde efcapar naõ poffa, nem vos veja:
Deixai meu doce amor, que efta vontade
Entre tam grande mal gozando efteja,
Porque inda nefte amargo fentimento
Algum aliuio fente o penfamento.

Aqui limita amor nesta só hora
O que eu lhe mereci tempo tam largo
No mal logrado bem que vejo agora
Em trance tam cruel, fero, e amargo;
Ah naõ fora meu bem se assi naõ fora
Nunca a sorte mo deu sem grande encargo,
Mas como chamo bem a hum mal tam fero
Mal no que vejo; e bem polo que quero.

A isto entre gemidos respondia
Huma voz que o alento reforçaua,
Que escassamente o ar a destinguia,
E o silencio da noite a declaraua;
Ah naõ queirais meu bem, minha alegria
(Alegria porém quando a gozaua)
Que nesta hora penosa, e descontente
O que me daua vida me atromente.

Que no trance cruel em que me vejo
De feridas mortais atrauessado
Sómente viua a voz, viuo o desejo,
E o corpo em sangue proprio sepultado:
O perigo maior com que pelejo
O que me dà mor pena, e mór cuidado
He deixaruos meu bem na terra alhea
Nas mãos da sorte, e noite escura, e fea.

Virá com o dia o rigoroso imigo,
Que por me dar mór golpe mo detinha
Se vos achar meu bem aqui comigo
Triumphara juntamente d'alma minha:
Por me euitar tam aspero castigo
Alongai-uos senhora mais asinha
Para onde de meus males mais segura
Vos naõ offenda assi minha ventura.

Que

Que se essa vos persegue, e vos maltrata
Neste misero estado que conheço
He porque vè que em veruos mais me mata
Que nesta pena injusta que padeço:
Em quanto a noite a morte me dilata
E o poder da ventura reconheço
Ideuos minha gloria, que ella ordena,
Que sendo gloria minha me deis pena.

Nesses fermosos olhos que tiueraõ
Em sua bella cor minha esperança
Nesses cabellos douro que prenderaõ
Meu desejo, querer, e confiança:
Nesses robins, e perlas que me deraõ
O thesouro maior que amor alança
A pezar desta falsa, e fementida
Sustentai vida minha, a minha vida.

Ay que o cansado alento vai minguando,
Perdoai doce amor, que já me falta
Esta voz, que meu mal está fallando
E inda desta ferida o sangue salta:
Para que vá na pena dilatando
O que no coraçaõ por vos me falta
Acudi-lhe senhora que parece,
Que neste triste estado vos conhece.

Com baixo som por entre o ar escuro
Estas tristes razoens hiaõ rompendo
Que no peito mais forte, e mais seguro
Fazem ao coraçaõ ficar tremendo:
Té o valle sombrio, aspero, e duro
Estaua as mudas plantas confrangendo
Huns ramos d'ntre os outros se soltauaõ
E com medonho accento sospirauaõ.

O va-

O valeroſo Heroe, cujo peito
De brandura, e valor tinha igualmente
Encubrindo nos olhos claro effeito
Do que na alhea dor conhece, e ſente;
Conſiderando o mal daquelle objecto
Pola voz tam funeſta, e deſcontente
Por ver o que ſeria chega ao perto,
E no aruoredo entrou mais encuberto.

Chegou, ſaltou da ſella elle primeiro
Vio nos braços eſtar de huma donzella
Mortalmente ferido hum caualleiro,
Que inda aſſi ſe esforçaua a defendela:
Naõ fora de julgar muito ligeiro
Qual eſtá mais defunto ſe elle, ou ella,
Porque no ſobreſalto que ſe offrece
Elle ſe anima, e ella desfallece.

E com a voz mortal que deſpedia
Tambem por muitos golpes repartida,
O' tu quem quer que ſejas, lhe dizia,
Que vés tam tarde a ſer nouo homicida:
Eſſa fortuna ingrata que te guia
Naõ te manda aqui ſó tirar-me a vida,
Mas a offender a huma alma della iſenta,
Que fora deſte objecto ſe ſuſtenta.

Que he eſta minha eſpoſa que acompanha
O corpo que já o mal vai conſomindo,
Que donde o Bethis rega a forte Heſpanha
Com animoſo amor me vem ſeguindo:
Pois que nos foi benigna eſta montanha
De ſua dor vencida, e geſto lindo,
Tú ſe es ouſado, forte, e tens nobreza
Naõ moſtres contra os fracos aſpereza.

Por

Por momentos a vida ſe me auſenta
Eſta he huma donzella fraca, e nobre,
Que neſte peito o coraçaõ ſuſtenta,
Que com lagrimas triſtes rega, e cobre:
Vencidos da fortuna, e da tormenta,
Que a cada qual de nos deixou tam pobre
Naõ te podemos dar preço, ou vitoria
De que intereſſes, goſto, nome, e gloria.

Vſa claro ſenhor de piedade
Aſſi te guarde ſempre o ceo ſubido
E ſejas vencedor na tua idade
Sem prouares o mal que he ſer vencido:
A vida lhe concede, e liberdade
Pois naõ podias ſer della offendido,
E a mi ſe o patrio nome te he odioſo
Deſpoja, mata, e nega o ſer piadoſo.

Deſtas palauras tais enternecido
Aquelle illuſtre peito quanto ouſado
Decendo no lugar mais eſcondido
Que tinha o viuo amante ſepultado:
Com o lume da Lua, que eſparzido
Por entre os ramos fere o verde prado
A dama leuantou que neſte enleo
Chora com agoas ſuas ſangue alheo.

E com os canſados olhos renouando
A queixa que já tem por derradeira
Solto o eſpoſo ſeu; eſtaua olhando
O que determinaua o graõ Pereira:
Que com ſuaue voz, amigo, e brando
A fallar começou deſta maneira:
Em extremo me peza ó caualleiro
Naõ vir a ſoccorreruos mais ligeiro.

Mas ſe inda eſſas feridas na bondade
Do experto ſurgiaõ podem ter cura
Sereis mais deuedor deſta vontade
Do que moſtrais deuerdes á ventura:
E em tanto tereis ſempre em liberdade
De offenſa, danno, ou mal liure, e ſegura
Eſta eſpoſa fiel que eſtimais tanto,
Que eu prometo ao ceo ſereno, e ſanto.

Enxugando-lhe as lagrimas primeiro
Com ſe lhe offerecer beninamente
Manda em braços tomar ao caualleiro,
Que já a dor das feridas menos ſente
Em o cauallo o toma hum eſcudeiro,
E a doce eſpoſa menos deſcontente
As ancas leua o capitaõ famoſo
Seguindo ſeu caminho cuidadoſo.

Chegou, fez oraçaõ humilde, e pia
A quem vida, valor, e honra lhe dera
Voltou ao tempo já que amanhecia
Sobio á forte Ourem altiua, e fera;
Tomou poſſe da villa aquelle dia,
Porque já na batalha o Rey lha dera
Aonde fez curar honrando a ella
O caualleiro amante da donzella.

Teue elle vida, e ella liberdade
Sendo-lhe a terra eſtranha natureza
Ambos tinhaõ valor, honra, e bondade
Ella graça, juizo, e gentileza;
Em Portugal viueraõ longa idade
Com grande amor da gente Portugueſa
Dando-lhe aquelle dia a vida chara
O que em tam pouco a tantos a tirara.

Voltou

Voltou o Condeſtabre em tempo breue
Ao campo aonde deixara o Rey triunfante,
Que aos tres dias depois que nelle eſteue
Vai acudir ao que he mais importante:
Em quanto com os deſpojos ſe deteue
Tendo atalaia, e guarda vigilante
Curar manda os chagados, e feridos
Tam igualmente os ſeus como os vencidos.

Que poſto que obrigado da ventura
Officios naõ negou da natureza
Aos mortos mandou dar a ſepultura
Com honra, piedade, e com triſteza;
E dedicando á Virgem ſanta, e pura
As bandeiras, e as armas deſta empreſa
Edificou depois o templo altiuo,
Que morto ó guarda, e na memoria viuo.

Iá marcha o noſſo campo vitorioſo
Tintas de ſangue alheo as reluzentes
Armas da Luſitania, e do famoſo
Nuno, que hia guiando ás fortes gentes:
Tudo ſe moſtra alegre, e gracioſo
Os caminhos tam liures, quam contentes,
Té que de Santarem piſando a praia
Vaõ deſcobrindo as ortas da Açacaia.

Foi na alta villa o Rey mui feſtejado
Com jogos em que o pouo ſe detinha
Liure do jugo alheo carregado
Dos eſtranhos ſoldados que antes tinha;
A Nuno que de Ourem tinha o Condado
Com o aplauſo do exercito que vinha,
E com o amor que o Rey em nada eſconde
Foi-lhe aly dado o titulo de Conde.

Porém

Porém naõ consentio muito ligeiro
Na desejada illustre dignidade
Que entaõ era de Conde que primeiro
Lhe descobre no peito outra vontade:
Que o titulo naõ quer se á algum guerreiro
Outro, ou priuado, o der na sua idade.
Pois nos seruiços com que o merecia
Nunca teue no reyno companhia.

Tudo o Rey lhe offerece, e lhe concede,
E fez-lhe a doaçaõ taõ celebrada
Que a todas as dos Reys da Europa excede
Mais ampla em rẽda, em terras mais hõrada;
E alem do nome, e condiçaõ que pede
Com a villa de Ourem tam desejada
E as heranças, e terras que antes tinha
Aquelle amigo injusto da Raynha.

Deu-lhe Borba, Estremôs, Villaviçosa
A Portel, Montemor, e a Euramonte,
Sacauem desejada, e graciosa,
Que sempre o aureo Tejo vè defronte;
Porto de Mós taõ fertil quaõ fragosa
Rabassal, e Aluaiázere outro monte,
Barroso, Arco de Baulhe, Bouçàs, Pena,
Penafiel, Barcellos, Basto amena.

Dos direitos reais liberalmente
Huma parte em Lisboa, que hoje goza
Seu successor famoso, e juntamente
Os de Loulé, e de Sylues bellicosa;
Se outro naõ fez vassallo tam potente,
Nem doaçaõ a hum só tam grandiosa
Nunca teue outro Rey melhor vassallo,
Nem tam grandes razões de auentajallo.

O que

O que tam pouco as honras estimaua
Quanto com razaõ justa as merecia
Menos da renda, e terras se lembraua,
Que do que a seus criados se deuia;
A todos recebendo acrecentaua,
A todos com prudencia enriquecia,
Que ainda que por si só tudo merece
Dos com que mereceo já mais se esquece.

E se vos lembra acaso do barbeiro,
Que a espada guarneceo, só de vontade
Quando a noua lhe deu do Conde Andeiro
A que fugindo vinha da cidade;
Que insinado de encantos de hum romeiro
Lhe pedisse a futura dignidade,
Nesta razaõ por sua sorte imiga
Perderá a liberdade, e posse antiga.

Confiscada a fazenda, a propria vida
Tinha outro senhor já de que era escraua
Por ser achado em culpa conhecida,
Que contra os Portugueses pelejaua;
A misera mulher pobre, e perdida
Aos pés do Condestabre se lançaua
Que lhe pagou melhor naquelle ensejo
Que a sua petiçaõ, e o seu desejo.

Que peito ha generoso que se esqueça
De seruiços, de amor ainda pequenos,
Que naõ honre, leuante, e engrandeça
A vontade que os homens tem por menos:
O baxo só se altere, e desconheça
O que he maõ liberal, e os olhos serenos
Mas quem pôs a diante a natureza
Tambem lhe naõ faltou nesta grandeza.

Pou-

Poucos dias tras eſte ſe deteue
Gozando os intereſſes deſta gloria,
Lembrando-lhe o que monta, e quanto deue
Suſtentar o louuor de huma vitoria;
Que quem cõ hũ bõ ſucceſſo óu bẽ que teue
Perde logo os cuidados, e a memoria
Dá lugar á fortuna incerta, e varia
Té que de companheira a faz contraria:
Os ſeus arma; do Rey licença alcança
Com as lanças que aly tinha paſſa o rio
Pôr a Fronteira em noua gouernança
Aonde já tem mór mando, e ſenhorio:
Na fermoſa Extremós com os ſeus deſcança
Entre barro cheiroſo, e jáſpe frio
Das veſinhas comarcas chama a gente
Que acode já mais liure, e mais contente.
Mil lanças ajuntou com os que aly tinha
Fora dous mil béſteiros eſcolhidos
Formou delles hum campo qual conuinha
Com os pendões, e lugares repartidos:
Para a reguarda, e alas encaminha
Os mais valentes, deſtros, e atreuidos
Elle a vanguarda tem da primeira ala,
E junto o campo ſeu, deſta arte falla.
Portugueſes amigos valeroſos
Vaſſallos tam leais como eſtimados
Naõ vos quis ver o ceo vitorioſos
Para vós vos moſtrardes deſcuidados:
Temos os inimigos bellicoſos
Inda que em parte já disbaratados
Importa que ſigamos a ventura,
E naõ faltemos nós pois que ella dura.

Que

Que se as armas deixamos, e os tambores
Quando os imigos fortes, e offendidos
De temidos, e ousados vencedores
Viremos a afrontados, e vencidos:
Naõ percais as ventagens, e os louuores,
Que por tantas razões vos saõ diuidos,
Que em quanto ouui contar, e quãto alcãso
Sempre foi a honra imiga do descanso.

Determino que entremos por Castella
Se vos parece ó fortes Lusitanos
Vamos ver essa terra illustre, e bella,
Que dá tantos, e ousados Castelhanos:
Vamos tomar vingança ás casas della
Dos que ás nossas fizeraõ tantos dannos
Tégora defendemos a em que estamos,
Agora quer a sorte que offendamos.

He tempo que cobremos a ousadia,
Que nos tinha catiua o Rey Fernando,
Pois o que vos gouerna, rege, e guia
Vai vosso nome antigo renouando:
Com vosso esforço, em vossa companhia
Bem he que va seu nome leuantando
Vamos sobre elle já que he cousa justa,
Que saibaõ nossa offensa quanto custa.

Isto naõ acabaua o capitaõ
Quando os a que a vitoria persuade
Com differente voz, e hum coraçaõ
Lhe offerecem as vidas, e a vontade;
Poem logo em ordem bella o esquadraõ
Cheo todo de esforço, e lealdade,
Para que no outro dia, com a Aurora
Dos muros de Estremós se estenda fora.

E

E em quanto elle trataua eſte concerto
Tinhaõ de tudo auiſo os aduerſarios,
Que cada hum como aſtuto, e como experto
Trata apercebimentos neceſſarios;
Intentaõ vir buſcallo mais ao perto,
Mas niſto os pareceres ſaõ muy varios
Que por encontro delles ou reſpeito
Nenhum neſte deſejo teue effeito.

Paſſada a noite eſcura, preguiçoſa
Em parecendo a eſtrella de Diana
Marchando os noſſos vem Villaviçoſa
Honra, e valor da terra Tranſtagana:
Ao outro dia a Badajoz famoſa
Aonde a vao paſſaõ todos Guadiana
Alojando-ſe á viſta das areas
De eſcamas reluzentes d'ouro cheas.

Logo neſte primeiro alojamento
Hum jauari muy grande, e temeroſo
Entre os noſſos morreo, que o vencimento
Iá naõ querem julgar por duuidoſo:
O dia gaſta aly neſte apoſento
Nuno mais por aſtuto que ocioſo,
E como o Sol ao outro foi moſtrando
Ao Almendral direitos vaõ marchando.

Chegaõ paſſando a noite aſſás viçoſos
Deſſe licor, que Bacco eſtima e ama
Que a muitos, delle amigos cobiçoſos
Seruio de alegre cea, e branda cama:
Mas depois de dormir pouco ocioſos
Quando o Sol entre as nuuens ſe derrama
O lugar deixaõ já de tanto goſto
Cozendo a noite fria o quente moſto.

Chegou a Parra em ordem de peleja
Por çonuidar ao imigo que lhe tarda
Nas alas leua os bons que elle deſeja
A quem o vil temor nunca acobarda:
Gonçaleanes de Abreu tem na peleja
Com o prior do Hoſpital a retaguarda
Aſſi chegando á villa ſe apouſenta,
E nas coſtas o imigo lhe arrebenta.

Com cautella ardiloſa, e muy ſeſuda,
E ſós trezentas lanças que trazia
O Meſtre Martim Anes de Baruuda
A noſſa carriagem remetia:
Porém de ſi tam pouco ſe deſcuda,
Que ſó a tiro de viſta apparecia
Nuno tras elle os ſeus mouia a guerra,
Mas virando-lhe as coſtas toma a ſerra.

Era o Baruuda hum Portugues ouſado
Dos que a parte ſeguiraõ de Caſtella
Capitaõ, deſtro, aſtuto, e celebrado
Por ouſadia igual, e igual cautella:
De Alcantara lhe dera o graõ Meſtrado
O já vencido Rey que ſe deſuella
Por moſtrar quanto eſtima, e quanto inueja
Aos que vio valeroſos na peleja.

Eſte em huma ſobida muy fragoſa,
Que ao caſtello de Feria eſtá veſinha
Outra mais gente de armas bellicoſa
Para vir contra o Conde junta tinha;
E indo de Parra a gente valeroſa
Noſſa, na propria ordem com que vinha,
Que indireitando a çafra vai marchando
Dece com os ſeus da cerra como em bando.

Nem

Nem Nebri generoſo com mór preſſa
Sobre a garça deceo que armada eſpera
Nem a Aguia tam ligeira ſe arremeſſa
Sobre a incauta, e miſerauel fera;
Qual o Meſtre decendo ſe atraueſſa
Com a mais gente que aly lhe recrecera,
Mas torna o Conde á ſerra tam ligeiro,
Que haõ por melhor cõſelho o de primeiro.

Paſſaõ os noſſos çafra aquelle dia,
Paſſaõ Fonte do Meſtre, e ſem cuidado
Vaõ alcançar daly Villa Garcia,
E achaõ villa, e caſtello deſpejado;
De muitos mantimentos que aly auia
Leua a parte que quer cada ſoldado,
E deſcanſaõ alegre, e liuremente,
Que o lugar ſó, e a preza lho conſente.

Neſte lugar eſtaua o capitaõ,
Quando chega hum trombeta do inimigo
Com hum molho de varinhas vem na maõ
Que outro cartel, nem carta tras conſigo:
Dom Nunalures com termo corteſaõ
Recebe o meſageiro como amigo
Até que huma das varas que trazia
Dizendo eſtas razoens lhe offerecia

O Meſtre meu ſenhor de Santiago
Cujas terras piſais tam liuremente
Fazendo injuſto danno, e grande eſtrago
Na rua, deſcuidada, e fraca gente:
Eſta vara vos manda, que aqui trago
Com que vos deſafia abertamente,
Que ſem faltar a tempo, ou fazer falha
Apercebido eſtais para a batalha.

Tomou

Tomou com mui risonho ledo rosto
O Conde aquella vara, os seus olhando
Que cada hum nelle tinha os olhos posto;
Nos quaes o coraçaõ lhe está saltando:
E por ver já chegado aquelle gosto
Que andara em tantos dias esperando
Com a pressa dos desejos obrigado
Iá daua ao messageiro o seu recado.

Porém inda as palauras naõ soltaua
Quandò elle a sua arenga proseguia,
E outra vara atras esta lhe entregaua
Com que o Conde de Nebla o desafia:
Do mestre outra lhe deu de Calatraua
Do de Alcantara outra lhe offerecia,
E outra atras destas quatro naõ lhe esconde
Que de Medina Celi manda o Conde.

Os Portugueses Sousas rebelalados
Cada hum a sua vara lhe offerece
Dom Affonso Fernandes, e os ousados
Irmãos, que a nobre Cordoua engrandece:
Os vinte e quatro nobres, e afamados
Que Seuilha sustenta, e reconhece
Que o pendaõ famoso da cidade
Trazem lustrosa gente, e de bondade.

Dom Gastaõ de la Cerda illustre, è forte
Dom Pedro Ponce altiuo caualleiro,
E o vltimo que aly lhe coube em sorte
Martim Fernandes he Portocarreiro:
Cada hum dos ameaços he de morte
Segundo he riguroso o mesageiro,
Mas de alegria grande, e gosto cheo
Tudo lhe ouuia alegre, e sem receo.

Deu-lhe em tudo a tençaõ que era deuida;
E antes de reſponder a eſte recado
Aos ſeus contando a noua recebida
Cada hum a feſtejaua aluoroçado
Tanto eſtimo (reſponde) como a vida
Ser de tantos ſenhores conuidado
Noua de tanto goſto, e tanto preço
Ao Meſtre meu ſenhor eu lha mereço.

O goſto de a ſaber eſſe me eſtroua
Dizeruos quanto eſtimo agora tella
Naõ podereis trazerme melhor noua
Senaõ que vinha o ſeu Rey de Caſtella:
Vós ſabereis de mi por outra proua
Se vos fico deuendo o ganho della
Agora aos capitaens cada hum á parte,
E a todos reſpondei da minha parte.

Que de todos acceito o deſafio,
E d'agora á batalha me offereço,
Que eſtimo muito as varas, e confio
Que tenhaõ neſta maõ mais força, e preço:
Que ſe a ſorte naõ der algum deſuio
Para atalhar ao fim deſte começo,
Com eſtas (pois que as mandaõ) determino
De caſtigar ſeu nouo deſatino.

Que ſei que a muitos delles foi penoſo
Naõ ſe acharem com o Rey famoſo, e claro
Na batalha, e ſucceſſo perigoſo
Em que lhe foi a ſorte, e tempo auaro;
Que ſe algum ainda eſtá tam deſejoſo
De moſtrar ſeu valor eſtranho, e raro,
Que aqui tem eſte peito, braço, e lança
Em que bem poderá tomar vingança.

E ſe

E ſe antes de partir com eſte intento
De os mandar auiſar tiue cuidado,
Como terei agora em penſamento
Deſuiarme do prazo deſejado;
Que ſe lhes falia gente, ou baſtimento
Eſtou para eſperar apparelhado
Que ſegundo eſta terra me agaſalha
Nem temerei tardanças, nem batalha.

Tras iſto polas nouas que trouxera
Cem dobras d'ouro deu ao meſageiro,
Que contente voltou aonde viera,
Mas mais que da repoſta, do dinheiro:
Deixa a deſerta villa, nada eſpera
Com os ſeus a Guadalupe vai Romeiro
A caſa milagroſa de Maria
Pois ninguem a jornada lhe impedia.

Mas aduertindo alguns o grande danno,
E deſtroço que os noſſos ſem concerto
Podem fazer ao pouo Caſtelhano,
E as terras da ſenhora que eſtaõ perto:
Deixou a romaria o Luſitano,
E pondo os ſeus em armas, e em concerto
Deu volta a hum porto junto a Magazella,
E chega o de Barbuda á viſta della.

Iá doutros capitaẽs acompanhado
Com nouecentas lanças lhe apparece
A dar nos noſſos vem determinado,
E o Conde a recebello ſe offerece:
Mas elle que de longe exprimentado
O tem deſte cuidado já ſe eſquece,
E á ſerra pouco, e pouco ſe retira
Que nunca chegou mais que a andar á mira.

Fizeraõ ſeu caminho mais ſem pena
Os noſſos que já á paz trazem faſtio
Paſſaõ por Villanoua da Serena
Para Valuerde, e tem já perto o rio;
A' viſta, e com diſtancia naõ pequena
O de Barbuda vem ao deſafio,
E ligeiro, e ſagaz de quando em quando
Com os da reguarda a tempos pelejando.

Alguns feridos ouue neſta enuolta,
Porque os noſſos virauaõ de indinados,
Mas durou tanto o Meſtre na reuolta
Quanto naõ vio Nunalures aos ſoldados:
Dauaõ virando logo redea ſolta,
E alguns ficaõ da volta caſtigados
Até que o arraial tomando aſſento
Ceſſou ſeu perigoſo atreuimento.

E ſendo certo já que o outro dia
Seria o da batalha que eſperando
Andaua aquella gente que o ſeguia
Pollos preſos que os noſſos vem tomando:
Os capitaens chamou que aly trazia
E a cada hum foi ſeu cargo encomendando
Diſpondo a traça em ordem da peleja,
Que muito tarda a quem tanto a deſeja.

Depois com toda a aſtucia que conuinha
A quem na terra alhea ſe alojaua
A toda a parte eſcutas, e armas tinha
A que elle ſempre armado vigiaua:
Iá alta noite ouuio gente que vinha
Que com eſtrondo, e preſſa caminhaua,
Que endireitando vai contra Valuerde
Tanta que a viſta nella o conto perde.

Bem

Bem quiſera a tal tempo dar ſobrelles,
E no caminho o Conde recebellos,
Porém a noite eſcura era por elles,
Que eſcaſſamente os noſſos podem velos:
Depois que o capitaõ andando entre elles
Naõ póde aleuantalos, nem mouelos
Em tanto orando a Deos eſpera o dia,
Que peleja por elle, e mais vigia.

Em tanto os capitaens determinados
De vir tomar vingança riguroſa
Nos que tam valeroſos, e esforçados
Achaõ toda a tardança vagaroſa:
Deſertos deixaõ já aos pouoados
Cobre os campos a gente bellicoſa,
Lanças, armas, diuiſas, e bandeiras
De varias terras vem varias maneiras.

A flor eſtaua aly de Andaluzia
De Cordoua, e de Iáem vinha o pendaõ,
O da rica Seuilha apparecia
E os valentes Manchegos de Aragaõ:
Naquella multidaõ que junta auia
Môr numero de gentes era entaõ;
Que as com que na batalha o Rey viera
Aonde a flor de Heſpanha ſe perdera.

Naõ era eſta porém gente eſcolhida
Muita della biſonha, e deſarmada,
Nem de ſeus capitaens tambem regida
Nem tanto tempo á guerra acuſtumada:
Porém a todo o trance offerecida
Por defençaõ da patria deſejada
Iuntouſe toda aquella noite quando
Nuno Alures vigiaua a Deos orando.

Ap-

Appareceo tras isto á manham bella,
Que era a decima quinta, que os guerreiros
Perigrinando andauaõ por Castella
Roubando terras, gados, prisioneiros:
Queixosos de se auer tam liures nella
E os contrarios tam tardos, e ronceiros
Que no principio já de Estremadura
Prouar vinhaõ as armas, e a ventura.

Com o Sol que sobre os montes parecia
O Conde moue os seus daquelle assento
Para hir passar hum porto só que auia
Legoa e mea daquelle alojameto:
Era sem conto a gente que o seguia
Sem ter de acometelo atreuimento
Té que chegando ao passo mais estreito
Lhe tem por toda a parte hum cerco feito.

Sem ordem de peleja, e sem concerto
Da multidaõ sómente se valiaõ
Lanças, e espadas já ferem ao pertó
Aos lados pouco e pouco se atreuiaõ;
Iá naõ acha a vanguarda o campo aberto
Só gente armada a todas partes viaõ,
Mas com tam fraco intento vem ao meo,
Que o Condestabre entende o seu receo.

E qual custuma o touro que amparando
Contra o faminto lobo o bando amigo
Anda continuo as vaquas rodeando
O rosto sempre, e os cornos no perigo
Andaua de contino resguardando
Aquelles sem temor que traz consigo
De tal sorte que a gente que accomete
Menos sabe offender do que promete.

Entre

Entre a multidaõ grande que o rodea
Numero tam armado, e tam ſobejo
Parece o campo alheo de branca-area
A quem por todas partes cerca o Tejo:
Porém o capitaõ que os naõ recea
Vai igualando os braços ao deſejo
Pelejando com tanto esforço, e brio,
Que vai abrindo o paſſo para o rio.

Aly ſe acende a furia do inimigo
Com maior força, e mais atreuimento
Polos ver tam chegados ao perigo
Atalhados com o humido elemento:
Tambem o gado, e preſos que conſigo
Traz, lhe ſeruem aly de impedimento,
Mas já lhe abre caminho o Guadiana
Por mais que offende a gente Caſtelhana.

Paſſaõ o vao primeiro os da vanguarda,
Poem ao contrario bando firme o roſto
Em quanto dom Nunalures que naõ tarda
Moue toda a bagagem ao ſeu poſto:
Faz paſſar atras della a retaguarda
Ficando na defenſa em armas poſto
Com cujo amparo os noſſos ſem perigo
Vaõ leuando nas coſtas o inimigo.

Mais de dez mil eſtauaõ da outra parte
Que a ſahida das agoas defendiaõ
Tirando com deſtreza, manha, e arte
Setas, e arremeſſoens aos que ſahiaõ:
Té que ſaltou em terra aquelle Marte,
Que era o raio do ceo que elles temiaõ
Ferindo tam ouſado, e tam ſeguro,
Que naõ baſta da gente o forte muro.

Rom-

Rompendo vai aquelle espesso bando
Ajudado dos seus em breue espasso,
E o nosso campo em ordem pelejando
Marcha pot entre as lanças a compasso:
Só pedras, lanças, setas, que lançando
Vem os de cima, a muitos corta o passo,
Mas pouco tempo a furia se dilata,
Que a propria multidaõ se disbarata.

Desordenadamente se misturaõ
Por onde vem que o Conde naõ parece,
E a penas em ser muitos se asseguraõ
Quando em o vendo o medo lhe recrece:
Aos que dos golpes seus fugir procuraõ
A grande multidaõ de tras lhe empece
Té que desesperados da fugida
Vendem aos nossas caramente a vida.

Mas vendo pouco, e pouco o desengano
Os capitaens do intento cauteloso,
Que era disbaratar ao Lusitano
Naquelle passo estreito perigoso:
Vaõ retirando o campo Castelhano
Polo caminho esteril, e fragoso
Soltando das ladeiras mais altiuas
Pedras ao nosso campo vingatiuas.

Ficou a praia em fim dasassombrada
Esmaltada de sangue roxo e frio
De traspassados corpos sameada,
Que faz mouer sem alma o fundo rio.
A alguns tambem dos nossos na passada
Deu sepultura o ceo neste desuio,
Mas naõ foi tanta a perda nesse assento
Como do Condestabre o sentimento.

CAN-

CANTO XVI.

Conta-se a peleja, e venturoso successo da batalha. Entra o Conde vitorioso em Portugal: toma com el Rey a villa de Chaves: juntas as gentes entraõ em Castella: Poem cerco á cidade de Coria; donde se leuanta, e recolhe por as muitas doenças do arraial. O Duque de Alancastre vem a conquistar o Reyno de Castella: Vese com el Rey de Portugal na Estremadura: Faz-se o casamento da Raynha dona Felippa: Entraõ com grande exercito em Castella, el Rey, o Duque, e o Condestabre: Andaõ nella quatro meses, sem nelles terem batalha. El Rey faz Cortes em Braga: Morrreo no Porto a Condessa dona Lianor Daluim: vai o Conde a suas exequias com grande sentimento.

NA praia hũ pouco os nossos repousaraõ
Passando o vao, e as gentes inimigas
Sobindo a serra, o rio desamparaõ,
E em carreiras se vaõ como as formigas:
Num outeiro vesinho se alojaraõ,
Que naõ querem com o Cõde ter mais brigas,
Mas he em vaõ, porque elle a seu respeito
Com a vanguarda ao monte vai direito.

Ante todos sobio tam confiado
Como quem hia atras gente vencida
Buscando a seus guerreiros gasalhado
Com a pesada massa, e bem regida:
Tras elle o seu pendaõ sempre aruorado
Tomaõ tam breuemente esta subida,
Que com menos de hum quarto de peleja
Castelhano naõ ha que nella esteja.

Ou-

Outro outeiro apos eſte apparecia
Com mais gente , e bandeiras doutra ſorte
No qual o bando armado que fugia
Se reforma, ſe anima, e ſe faz forte:
A eſte o valente Conde arremetia
Com os ſeus duros miniſtros de Mauorte ,
E da meſma maneira que o primeiro
Ficou ſenhor tambem daquelle outeiro.

Ao terceiro ſubio mais leuantado
De tam eſpeſſa gente, e numeroſa,
Que naõ ſó tinha o monte pouoado
Mas toda a ſerra aſpera, e fragoſa;
Como os primeiros foi disbaratado
Ainda que a noſſa perda mais cuſtoſa,
Que alguns deraõ as vidas na peleja
Pola morte que he ſó dina de inueja.

Daly voltando o roſto o capitáõ
(Que a toda a preſſa o ſeu cuidado aponta)
Vio padecer aos ſeus grande opreſſaõ
Com as gentes que já naõ tinha em conta:
Paſſando o vao ſobre a reguarda eſtaõ,
E o Prior do Hoſpital em grande afronta
Manda a ſeus capitaens que ali ficaſſem,
E que a ſua bandeira acompanhaſſem.

Deceo por a ladeira tam furioſo
Como a quem pareceo que já tardaua
E nos contrarios dá tam valeroſo ,
Que em pouco eſpaço nelles ſe enxergaua,
Gil Fernandes lhe diz deſtro animoſo ;
Iá ſenhor voſſa ajuda nos tardaua
Se decereis mais tarde eſta ladeira
Sobiramola nós de má maneira.

Paſſan-

Paſſando o capitaõ naõ reſpondeo
Porque leuaua o animo occupado
A retaguarda em ordem recolheo
Sem ficar da Bagajem preſo, ou gado,
Em breue a fez ſobir como deceo
Ao terceiro lugar que tem ganhado
Ao quarto moue entaõ com mór perigo
Aonde eſtá poſto em armas o inimigo.

Aly eſtaua o Meſtre dom Garcia
Com os dous Cŏdes q̃ ouuiſtes taõ guerreiros
E o Meſtre Martim Anes que trazia
Muitos bons capitães por companheiros:
De Cordoua, Iaem, de Andaluzia
Os mais fortes, e armados caualleiros
Para elles guia o Conde valeroſo
Como o rayo que buſca o mais forçoſo.

De huma, e d'outra parte já ſe acende
O bellico furor que os peitos moue
Hum comete ſubir, outro defende
Pedras o ceo, e eſpeſſas ſetas choue;
Moſtrar braço, e valor cada hum pretende
Só naõ ha quem de Nuno o braço proue,
E huma ſeta que ao longe vem perdida
Lhe faz no pé direito huma ferida

Com iſto o noſſo Achiles indinado,
Que em vaõ como o de Grecia foi ferido
Sobindo o monte vai determinado,
E mais determinado que offendido;
Porém dos ſeus miniſtros auiſado,
Que outra vez os de atras tem mao partido
Faz ter o paſſo aos ſeus peſadamente,
E dece a retaguarda diligente.

Achou

Achou já nella as gente diuididas
Para diuersas partes pelejando,
Humas já muito á porta de vencidas,
Outras a que o alento está faltando;
Mas com palauras elle, e com feridas
Os vai recolhendo, e animando,
De maneira se auem, que em tempo breue
Deixando vai ao campo o bando leue.

Fez que fosse marchando a retaguarda
A' custa dos que as costas lhe offendiaõ,
Que bem entende o Conde que já tarda
Aos que nouo o seu fauor pediaõ;
Sentados acha a muitos da vanguarda,
Que sustentarse em pé já naõ podiaõ
Logo os faz leuantar, logo os esforça
Contra as setas, e as pedras tomaõ força.

Mas inda alem da furia dos contrarios,
E a ventagem do sitio tam sobeja,
Que fora de espritos temerarios
Cometer tal subida, e tal peleja;
Galgas de pedra, engenhos, tiros varios
Fazem com que nenhum no posto esteja
O Conde vendo o risco que aly corre
A quem custuma em tudo se soccorre.

Do campo hum pouco espasso se apartou
Entre huns altos penedos se escondeo
Com os giolhos em terra a Deos orou
Como o que tinha o seu valor no ceo;
No mór perigo aos seus desamparou,
E a quem só pode tudo se acolheo,
Que a trabalho tam grande, e tam contino
Naõ montaua poder, senaõ diuino.

Os

Os ſeus já ſem vigor, força, e alento
Da ſobida, e das pedras que lançauaõ
Cançado do trabalho o ſofrimento
Todos ao Condeſtabre em vaõ chamauaõ:
Hum entre elles de mór atreuimento
Foi para onde os penedos ſe juntauaõ,
Ah ſenhor, lhe bradaua orais agora,
E eſta gente perece, e por vós chora.

Mandai ſenhor andar voſſa bandeira,
Que eſtamos como ouelhas perecendo,
E he a voſſa vanguarda huma barreira
Das pedras que do monte vem decendo:
Naõ he tempo reſponde o graõ Pereira,
E torna á oraçaõ que eſtá fazēndo
Gonçaleanes de Abreu com grande aballo
Tambem da retaguarda vem buſcallo.

Pede-lhe por mercê ſe aleuantaſſe,
E ouueſſe compaixaõ da amiga gente
Sem que lhe reſpondeſſe, nem o olhaſſe
Como homem traſportado que naõ ſente:
Mas como que de hum ſonho deſpertaſſe
Se aleuantou ligeiro mui contente
Dando aos ſeus nouo alento, e nouas cores
Como o Sol deſejado ás tenras flores.

Mandou ao ſeu Alferez esforçado
Diogo Gil famoſo, e forte digo,
Que guiaſſe o pendaõ ſempre aruorado
Té o pôr entre as bandeiras do inimigo:
Ao que elle logo foi determinado
Como quem leue achou todo o perigo,
E ant'elle o bom Pereira pelejando
Largo caminho a todos vai deixando.

Ah

Ah Deos que eſtranhos golpes repartia
Por entre aquellas gentes ſem cautella,
Que o paſſo atras tornar já naõ podia
Pola que vem de cima a ſoccorrella:
Cada hum dos da vanguarda que ſobia
Era hum Siſypho entaõ com o pezo della
Que indo tocando o cume já do monte
Vinha ſobre elle a pedra de defronte.

Mas como o que no mar ſe lança a nado
Obrigado da furia da tormenta
Iá mais perto da terra, e mais chegado
O fraco alento, e braço acrecenta:
Da fraqueza cada hum mais obrigado
Na coroa do monte já arrebenta,
E Nuno Alures que nem o Sol que o via
Os golpes que aly deu contar podia.

Foi a ſua bandeira aleuantada
No lugar que antes tinha a Caſtelhana
Que já rota, ſem aſte, e arraſtada
Anda entre os pés da gente Luſitana:
Toda eſta multidaõ disbaratada
Vio com grande vergonha o Guadiana,
E os capitaens de tanto esforço, e brio,
Que as coſtas viraõ já ao deſafio.

Voltaõ todos ſem termo, e ſem guarida
Fazendo o Conde nelles grande eſtrago
Quando entre os ſeus com furia deſmedida
O fero Meſtre vem de Santiago:
A dar em ſacrificio aquella vida,
Que com muitas ſeu dono deixou pago,
E no primeiro encontro da peleja
Se lhe offerece aquillo que deſeja.

En-

Encontra-os dom Nunalures que no meo
Daquella multidaõ ferindo andaua
Cuberto de farpoens, e ſangue alheo
Eſporeando a gente que voltaua:
Com elle enueſte o Meſtre ſem receo
Deſcarregando a furia que leuaua,
Mas recebe-o o Conde de tal ſorte
Que honrou a vida em tam famoſa morte.

O forte capitaõ cahido em terra
Aquella triſtemente os ſeus deixaraõ,
E dando fim á trabalhoſa guerra
O monte os Caſtelhanos deſemparaõ:
Os Condes ficaraõ ſobre a ſerra
Com o peſar deſta morte atras voltaraõ,
E eſpalhando-ſe as já vencidas gentes
Vaõ tomando caminhos differentes.

Sentou-ſe o Condeſtabre já canſado
Sobre hum penedo hum pouco repouſando
Cauallo manda vir muito apreſſado,
E faz que alguns dos ſeus vaõ caualgando;
Huma legoa dos montes alongado
Foi no alcance dos Condes caminhando,
Mas porque o ceo já a cor das nuuens perde
Volta ao campo, aloja-ſe em Valuerde.

Aly offerece as graças da vitoria
Com coraçaõ humilde a quem lha dera
Recordando os perigos na memoria
De que Deos o guardara, e defendera
Quem procura no mundo fama, e gloria,
Quem fazer mortal ſeu nome eſpera
A leuante da terra o leue eſprito,
E faça fundamento no infinito.

O ca-

O caminho porque Ennio pretendeo
Moſtrar que Scipiaõ fora as eſtrellas
Como a Tullio vammente pareceo
Quando de Hercules leo q̃ eſtaua entr'ellas
Era que por batalhas fora aó ceo
Com a gloria de acabalas, e vencelas,
Mas foi caminho errado, e louuor leue,
Que de obras immortaes por premio teue.

Porém o que na furia da mór guerra
Com os contrarios de hum, e d'outro lado
O campo deixa, as armas deſaferra,
E vai buſcar a Deos tam confiado:
Que abrindo ao ceo caminho para a terra
He ſoccorrido delle, e ſuſtentado
Para alcançar tras iſto huma vitoria
Dina de tanta fama, e tanta gloria.

Eſte ouſado, e diuino Scipiaõ
(Para honra, e louuor noſſo Luſitano)
Que ao ceo da eſtrada abrio por oraçaõ
Naõ (como os q̃ elle diz) cõ ſangue humano;
Eſte ſoube o caminho, os outros naõ,
Que hiaõ tras ſeu deſejo, e ſeu engano,
E hoje piſando eſtrellas mais veſinho
A huns moſtra o erro, aos outros o caminho.

Paſſada a noite alegre companhia
Poſtos em cura os ſeus que eſtaõ feridos
Paſſa á viſta de Merida o outro dia
Aonde eſtaõ da batalha alguns fugidos
Sahiraõ vendo as gentes que trazia,
Mas foraõ com mór preſſa recolhidos,
Que o Condeſtabre a viſitallos manda,
E faz voltar-lhe os roſtos da outra banda.

Man-

Mandou-se á retaguarda no caminho
Por ver se alguem ousaua a cometello
Tomou-o a noite a Badajoz vesinho
Donde á gente sahia ao longe a vello:
Fez no outro dia a Eluas seu caminho
Sahio a forte villa a recebello
Parte aly os despojos da jornada
Aonde mereceo tudo, e naõ quis nada.

De Eluas com o campo em ordem se partio
Para Villaviçosa, e sabiamente
As valerosas gentes despedio
Que fossem descansar da guerra ardente:
Cada hum com o que em despojos lhe cahio
Vai rico, e aluoroçado, e vai contente
Para a leda familia elle só fica
Rico com huma vitoria, que he tam rica.

Liure da guerra, e naõ já descuidado
Da paz gozaua o fruito neste ensejo
No gouerno ciuel todo occupado
Das abundosas terras de Alem-Tejo,
Quando com pressa o chama outro recado
A que acode mais presto o seu desejo
Pondo em armas a gente acustumada
Para Chaues que tinha o Rey cercada.

Só com vinte de cotas se adianta
A buscar seu senhor, porque a mais gente
Naõ podia marchar com pressa tanta,
Que o desejo tardanças naõ consente,
Sabe o Rey delle, alegre se aleuanta,
E sae a recebello honradamente
Poucos dias depois que o Conde chega
Combate o muro; a villa se lhe entrega.

Foi com toda a mais gente que escolhera
A Valarica o capitaõ famoso
Aonde polo senhor mui pouco espera,
Que o seu desejo o faz pouco ocioso:
Tambem se ajunta a gente que escolhera
Para o passado cerco venturoso
De huma, e doutra se faz resenha, e lista,
Que intenta o Rey de nouo outra conquista.

Porque em satisfaçaõ da perda, e danno
Que o pouo Portugues tem recebido
As terras vai pisar do Castelhano
Aonde he já polas armas conhecido:
Dando ao reyno contrario desengano
De quaõ mal se aquieta hum offendido
A gente ajunta os capitaens reparte
Iá deixa a Valarica, e já se parte.

Diante manda o naõ vencido Conde,
Que vá com a vanguarda entrando a terra
Até chegar aquelle termo aonde
Leua o desenho, e fim de fazer guerra:
Mas inueja sutil que em quem se esconde
A razaõ generosa as portas serra;
Que a muitos com engano, e sem proueito
Trazia contra o Conde armado o peito.

Vendo que toda a regia confiança
Todo o pezo da guerra, e o cuidado
Sobre seus ombros sós peza, e descansa
Que elle era o mais valido, o mais chamado
Contraminando a tam justa priuança
Quebraõ primeiro as leys de seu mandado
Cada hum ante a vanguarda parte e guia
Com toda a gente armada que trazia.

Hum

Hum he de Chriſto o Meſtre deſejoſo
Mais de excedello em tudo, que de honrallo
Com Martim Vaz da Cunha , e orgulhoſo
Ioaõ Fernandes Pacheco que eu naõ callo:
Cada hum tam forte, illuſtre, e poderoſo,
Que ſó moſtra fraqueza em inuejallo,
E outros que neſta empreſa o acompanhaõ
Em q̃ inueja naõ mouem, nem ſe eſtranhaõ.

Entraõ Caſtella , e tomaõ a Froloſa
Lugar ſem defenſaõ, nem reſiſtencia
Poem cerco a ſam Felix villa animoſa,
Que bem lhe caſtigou ſua inſolencia:
Porque rendida a furia bellicoſa
Vſando os moradores de prudencia
Ao Conde que já marcha aly veſinho
Manda as chaues das portas ao caminho.

Chega de noite ; e abre as portas logo ;
E elles que tem de fora alojamento
Cada hum como ſe fora em ſonho, e jogo,
Enlea a viſta , e proua o ſofrimento ;
Qual polo ſeco mato o manço fogo
A que vai aſſoprando o ſotil vento
Aſſi nelles a inueja hia ſoprando
Crece o fogo da ira , e vai laurando.

Conjuraõ contra o Conde naõ culpado ,
Que eſta tençaõ nas obras lhe entendia
O Meſtre o conuidou mal inclinado
Para jantar com elle no outro dia ;
Elle ſe ouue tambem por conuidado
Por naõ moſtrar que teme, ou deſconfia
Com o roſto alegre , e ledo tudo aceita
Mas tambem de cautella ſe aproueita.

Aos ſeus encomendou ſecretamente,
Que á hora de comer acuſtumada
Guardem do Meſtre a tenda, que outra gẽte
Para acudir aly naõ tenha entrada:
E ouuindo algum rumor impertinente
O aſſegurem do engano, e da cilada
Chega a hora (aſſaz ao Conde peza)
Vai á tenda do Meſtre, poem-ſe á meſa.

Começa aly o Pacheco mal ſofrido
Pendurar-ſe em palauras, de feiçaõ,
Que foi logo de Nuno conhecido,
Que buſcaua lugar para á tençaõ:
E reſpondendo a tudo ſem roido
Se aleuanta da meſa o capitaõ,
E ſem que algum o atalhe, nem offenda
Sahio, e aos ſeus achou cercando a tenda.

Qual cuſtuma ficar frio enleado
O caçador incauto negligente,
Que o paſſaro na rede tem tomado,
E d'entre as mãos lhe foge aſtutamente;
Tal cada hum ficou mudo, e inſiado
Vendo-o delles partir tam liuremente,
Deſprezando as palauras que o Pacheco
Ficou ſoltando em vaõ qual ſoe o Ecco.

O' grande esforço, ó nobre paciencia
De inueja, e de ambiçaõ noua vitoria
Toque de confiança, e de prudencia,
Triunfo da mór fama, e da mór gloria;
Que aonde taõ vaã ficaua a competencia
E a vantagem tam grande, e tam notoria
Lançar maõ de razoens fora fraqueza
Vingar de más tençoens, má natureza.

Dei-

Deixa-os o Conde illuſtre, e caminhando
Paſſa em Fonte Guinaldo a noite fria
Aonde ficou dous dias repouſando
Té vir mais perto o Rey que elle ſeguia;
Daly té Roboreda vai marchando
Inda que o cruel tempo lho impedia
Com frio, chuua, e ventos proceloſos
Grandes trouoens, relampagos furioſos.

Porém ceſſando a fera tempeſtade
Foi ſeguindo o caminho que trazia
Chega a Coria, e á viſta da cidade
Aſſenta o arraial, e no outro dia,
Vindo o Rey valeroſo, que a vontade
Mais breues as jornadas lhe fazia,
Iantou com o Conde, e logo ſem debate
Daõ ferozmente aos muros o combate.

Foi o accometimento fero, e duro
Grande eſpaſſo a cidade combatida
Em muitas partes roto o forte muro,
Que aos de dentro cuſtou mais de huma vida;
Mas vendo o claro Rey naõ ter ſeguro
Leualla neſte aſſalto de vencida
Lhe poem eſtreito cerco, e determina
De com guerra a render larga, e contina.

Mas naõ executou tal penſamento,
Porque mui poucos dias ſe paſſaraõ,
Que naõ deixaſſe aquelle fundamento,
Que logo no arraial ſe leuantaraõ,
Malinas febres, males cento a cento
Com que as vidas aos noſſos deſamparaõ
Perecendo ſem guerra, e ſem o amparo
Porque Chiron a Achiles foi tam charo.

Tor-

Torna-ſe o Rey ao ſeu aſſento antigo
Triſte do mao ſucceſſo naõ cuidado
Deixa por atalhar ao môr perigo
A terra alhea o cerco começado;
Nunalures manda os ſeus ao certo abrigo,
E elle toma o caminho deſuiado
Em romaria á Virgem vai do meio
Donde paſſando a Ourem, a Eſtremós veio.

Suſpendamos com o Rey a antiga guerra
Que em ſaboroſa paz gaſta alguns dias,
E ao famoſo Nunalures, que na terra,
De Alentejo gouerna as frontarias;
Que veio groſſa armada de Inglaterra
Cortar do humido reyno as ondas frias
Soberbas náos, e armadas á conquiſta
Guerreiras ao temor, bellas á viſta.

Proa trazem ao reyno Luſitano
Cheos vem de guerreiros vencedores
Ecco faz entre as ondas do Oceano
O ſom de occas trombetas, e tambores:
A ſombra das bandeiras fere vfano
O Sol que as agoas faz de varias cores
Copando as velas vinha o vento brando
E o mar em creſpa eſcuma ſalpicando.

Dentro vem com magnanima eſperança
O Duque de Alencaſtre dom Ioaõ
Com a ama da mulher dona Conſtança
Filha de Pedro a quem o duro irmaõ
Por dar a Heſpanha aſſi juſta vingança
Em Montiel matou por propria maõ,
E com tal fundamento o Duque, e ella
Vem conquiſtar os reynos de Caſtella.

Caſ-

Castellos, e Leoens tras nas bandeiras,
E entre flores de Lis Leopardos douro
Bellas filhas Iffantes companheiras
Que inuejar pode o Sol fermoso, e louro:
Para serem do-nouo reyno herdeiras,
E de amor entre os Reys nouo thesouro,
E por vos ser a empreza mais notoria
Hum pouco atras direi da nossa historia.

No tempo que de Auis o Mestre ousado
Por sustentar a amada liberdade
A defensaõ tomou do reyno amado
Libertando de Vlysses a cidade:
Dos Britanos, e Ingreses ajudado
Com quem já tinha paz, firme amisade
Para pedir soccorro em tanta guerra
Mandou embaixadores a Inglaterra.

Estes do Rey Richarte eraõ tratados
Com proceder amigo, e termo humano
Do bom Duque admittidos, e ajudados
Em tudo o que pedia o Lusitano:
Porque o mór desejo, e seus cuidados
Aspirauaõ ao reyno Castelhano
Cujo titulo em vaõ tomado tinha,
E a Duquesa Constança o de Raynha.

Cada hum destes legados se desuella
Em incitar o Duque a seu respeito,
Que pois se ousa chamar Rey de Castella
Tempo he que ponha em armas seu direito;
Tendo o Rey Portugues por si contra ella,
E em fauor de seu nome, e de seu feito,
E o contrario oprimido, e quasi alheo
Do cuidado da herança, e do receo.

Depois

Depois ſabendo o Duque a celebrada
Vitoria que alcançara o Rey famoſo,
E que tinha Caſtella amedrentada
De Ourem o Conde illuſtre, e valeroſo:
Vendo a occaſiaõ tam deſejada,
E tam perto hum fauor tam poderoſo
Do Rey licença, e gentes logo teue,
E á conquiſta ſe parte em tempo breue.
Tomou porto no reyno de Galiza
E foi tomando as terras juntamente
De ſua vinda ao Luſitano auiſa,
Que em ſeu fauor tardança naõ conſente;
Iá do Minho os famoſos campos piſa
Aonde faz preſtes, galas, armas, gente,
E ao Conde dom Nunalures chamar manda
Que deixamos no Tejo da outra banda.
Vio-ſe o Duque com o Rey na Eſtremadura
Com aluoroço, e graõ contentamento
Contrataõ ſanta paz, firme, e ſegura
Pede o Rey a Felippa em caſamento;
Cujo valor, virtude, e fermoſura
Iá por fama trazia em penſamento,
Cujas partes reais creceraõ tanto,
Que a nós foraõ louuor, ao mundo eſpanto.
Celebraraõ-ſe as vodas deſejadas
No Porto, deſta vinda a poucos dias
De todo o reyno as gentes ſaõ chamadas,
E apregoadas feſtas, e alegrias:
As armas por entaõ deſamparadas
Se fazem danças, jogos, e folias,
Banquetes, e ſeraõs de varios modos
Com paſſatempo, e com prazer de todos.
Mas

Mas deixa o conjugal amado leito
O Rey em breue eſpaſſo porque ordena
Hir ſuſtentar o ſogro em ſeu direito
Que da tardança eſtá ſentindo a pena:
O Conde ás frontarias vai direito
De ſoldados traz copia naõ pequena
Iuntaõ-ſe as gentes, já o campo aballa
Ao Condeſtabre el Rey deſta arte falla.

Bem ſei famoſo Conde a quanto alcança
Voſſo valor no mundo tam ſabido,
E vos ſabeis de mi qual confiança
Tenho de voſſas obras concebido:
Meu reyno, e meu ſocego em vos deſcanſa
O louuor delle a vos he ſó deuido,
E o que eu rogaruos quero em nada impede
Ao que amor, e razaõ por vos me pede.

E he que neſta occaſiaõ que eſtá preſente
Deis a vanguarda ao Duque illuſtre e claro,
Sogro, e nouo pay meu, pois he decente
Auantajar a hum principe tam raro,
Vos da minha famoſa, e forte gente
Ireis na retaguarda como amparo,
Iſto rogo, e bem ſey que quando o mande
Do que he voſſo darei parte muy grande.

Nunca ſenhor (reſponde) o penſamento
Depois que voſſo ſou tal conſentio,
Que outrem tenha o lugar que oje ſuſtento,
Sem o qual nunca exercito me vio,
Naõ ſó, por deſcuſtume, o ſofrimento,
Mas natureza propria mo impedio,
Porém ſenhor o Reyno, o campo he voſſo,
E eu que nem dar razaõ, nem, queixas poſſo.

Como

Como humilde ſoldado irey ſeguindo
Voſſo nome, que he minha obrigaçaõ
Neſta empreza com todo o amor ſeruindo
Naõ como Condeſtabre, ou capitaõ,
Dai ſenhor o lugar que eſta pedindo
O voſſo goſto, e voſſa obrigaçaõ,
De mim naõ cureis mais neſta jornada,
Que de huma lança ſó muito arriſcada.

O Rey que vio ao Conde perturbado
Com razoens mais confuſas que arrogantes
Deixou logo o conſelho começado,
E mandou que teueſſe o lugar dantes;
De Bretanha, e de Luſo o campo armado,
Toca trombeta e caixas ſibilantes,
E com mor aluoroço que receo
Entraõ ſem ſeu perigo o Reyno alheo.

Caſtellos, e lugares conquiſtaraõ,
Pouos, campos roubaraõ liuremente,
Quatro meſes no largo reyno andaraõ,
Sem auer quem batalha lhe apreſente,
Depois ao reyno armados ſe voltaraõ,
Que ſuſtentar naõ pode tanta gente,
Com fome infame, e peſte trabalhoſa,
Por culpa dos contrarios ocioſa.

Para a freſca Coimbra o Rey ſe parte,
Aonde eſtaua a Rainha, e ſeu deſejo,
E o Duque que por huma e outra parte
Trataua de concertos neſte enſejo,
O Conde valeroſo os ſeus reparte,
E vai-ſe ás ferteis terras de Alemtejo,
Fazendo antes deuota romaria,
A Guimaraens ao templo de Maria.

Entre

Entre o dourado Tejo, e Guadiana
Vſaua o ſeu gouerno celebrado
Exercitando a gente Tranſtagana
No militar concerto acuſtumado:
Mas de huma enfermidade deshumana
Sabendo que o ſeu Rey era auexado
Parte ao Corual a vello aonde eſteue
Té deixallo melhor ſeguro, e leue.

Partido o Conde, o Rey liure do danno
Com que a doença a cor do roſto eſtraga
Paſſada a maior parte daquelle anno
Determinou fazer Cortes em Braga,
Chamar outra vez manda o Luſitano,
Que ſó de ſua fé, e amor ſe paga,
E do reyno os maiores, e os Prelados
Communs procuradores, e letrados.

Tregoas trata, cuſtumes, leys renoua
O Conde, a proteiçaõ dos grandes tinha
O que o Rey com bom termo lhe reproua
Porque a ſeus penſamentos naõ conuinha:
Porém daly o aparta a triſte noua
Com que a ligeira fama mais caminha
Que a Condeſſa Lianor chara conſorte
No vltimo trance eſtaua já da morte.

O quaõ triſte daly parte o Conde,
Quaõ triſte a valeroſa companhia
Polla poſta chegou ao Porto aonde
Triumfa já da Condeſſa a morte fria,
Dos ſeus olhos a luz no ceo ſe eſconde,
E Nuno os ſeus de lagrimas enchia,
O ar de ſuſpiros, a alma de triſteza
Pençaõ que paga a vida á Natureza.

E cu-

E cuberto de dó funesto, e triste,
Em o escuro, e funebre aposento,
Naquella hora penosa em que consiste
Mais o rigor do duro apartamento,
Por mais que com grande animo resiste
A' força do pezar, e sentimento
Estas palauras disse magoadas,
Com lagrimas dos olhos misturadas.

O' morte fea, e mais aborrecida
Aos que na vida ficaõ lamentando,
Que á aquelles que por ti perdendo a vida
A sua pena em gloria vaõ trocando;
Quem te naõ temerá fera homicida,
Todos seus falsos gostos desprezando,
Se vens tam disfarçada, e encuberta,
Que menos esperada estas mais certa.

Que tempo mais seguro, e mais alheo
Podia eu ter de huma hora arrebatada,
Que o que tam sem cuidado, e sem receo
Gozar podia a gloria conquistada,
Quando de altos despojos rico, e cheo,
Quando por mim a patria libertada,
Entaõ sem piedade, e sem respeito,
Mostraste que o meu bem te era sujeito.

Sem elle me deixaste, e claro vejo
Sendo sujeito a ty que naõ podia
Ser bem meu mais que em sombras do desejo
Que tanto em esperanças se estendia,
E se gozar naõ pode neste ensejo
De sua amada, e doce companhia,
Como era bem? quaõ mal se compadece
Ter este nome áquillo que perece.

Para

Para que quero o fruito desejado
De tam largos trabalhos já vencido,
O nome em mil perigos alcançado,
E em tam compridos annos adquerido
As honras, o poder, o grande estado,
Taõ inuejado em mim, quaõ merecido
Se a quem para o gozar me coube em sorte
No melhor me roubaste ó fera morte.

E vós alma ditosa que já agora
Noutros bens differentes occupada,
Aonde tudo na vista se melhora
Vereis como o da terra he sombra, e nada,
Vos já agora immortal clara Leonora
De mim com puro amor sempre estimada,
Ouui desse alto assento as queixas tristes,
Com que só me deixais pois vos partistes.

Sempre fostes meu bem, e gloria minha,
Se se pode achar gloria cá na terra
Se nesta naõ gozei da que em vós tinha,
Foy porque viuí sempre em dura guerra.
Triumphando della já buscar-uos vinha,
E agora de meus olhos vos desterra,
Esta parca inuejosa, e atreuida,
Que por me matar mais me deixa a vida.

Que vos deixei senhora bem conheço,
Quando o naõ consentia a tenra idade
Por dar á minha patria, a vida em preço
E em resgate de sua liberdade,
Porém numa obra tal naõ desmereço,
O verdadeiro fruito da vontade,
Qne tendo-uos por firme e charo objeito
Ia mais me vio da sorte satisfeito.

E pois

E pois eſtais gozando neſſa altura
De bens que nem tem pena nem mudança ;
Aonde cá naõ chegou minha ventura,
Fazei por vos chegar minha eſperança,
Que deixando eſta vida triſte eſcura
Faça para viuer noua mudança,
E goze la do ceo ſereno, e ſanto,
Aquella viſta pura que amei tanto.

E em quanto neſta amarga, e tranſitoria
Paſſar penoſamente o tempo eſquiuo,
Repetirei ao ceo voſſa memoria,
Suſtentando eſte amor inteiro, e viuo,
Gozai alma ditoſa eterna gloria,
Que o que deixais á penas taõ catiuo,
Pois naõ pode na morte acompanhar-uos,
Saberá naõ temella por buſcar-uos.

Mais facil de entender conſiderada
He do que eſcrita, a dor que a cauſa ofrece,
Mulher taõ para amar, e tanto amada,
Nunca he chorada aſſim como merece,
Com tanta pompa, e dor foi ſepultada,
Qual nunca o Douro vio, nẽ lhe inda eſquece
No ceo goza hoje a gloria prometida,
Que do Ceo dina fez na terra a vida.

E porque deſta illuſtre, e generoſa
Senhora alcance a muitos a lembrança,
Nacidos de familia tam ditoſa,
Que com tantas taõ claras tem liança ;
Do nome antiguo, e geraçaõ famoſa,
Que ella engrandeceo com tal mudança,
Naõ ſe deue eſquecer a minha hiſtoria ;
Trazendo os aſcendentes á memoria.

Quan-

Quando o Conde famoſo que primeiro
Teue em dote de Luſo a fertil terra,
Cujo filho magnanimo, e guerreiro,
A coroa adquerio com ſangue e guerra;
Foi deſte conde Henrique companheiro
Entre muitos de França, e de Inglaterra,
Dom Pedro Framaris ouſado e forte,
A quem lugar no reyno coube em ſorte.

Iunto de Guimaraens amena, e bella,
Teue aſſento e ſolar engrandecido,
Que ás do nome de Riba de Viſella,
Deu principio illuſtre, e o apellido,
Dom Payo naceo delle, e quando aquella
Familia o Reyno tinha ennobrecido,
Dom Reimaõ procreou da clara eſpoſa
Do grande Egas Monis neta ditoſa.

Deſte e doutro tambem claro Fernando
A Caſtella os Oſorios começaraõ;
Que de Guimaraẽs ſempre o nome honrãdo
Os dous por toda Heſpanha ſe eſpalharaõ;
Do primeiro ſeu nome eternizando,
Dous filhos valeroſos ſos ficaraõ;
Hum dom Guilhem Reimondo, e dõ Sueiro
Que na ventura em tudo foy primeiro

Delle, e dona Vrraca illuſtre dama,
Filha doutro Egas Gomes de Barroſo
Naceo para illuſtrar ſeu nome, e fama,
Dom Mem Soares de Mello o valeroſo,
E outro que he o primeiro que ſe chama
Do nome agora em tudo tam ditoſo,
Pero Soares de Aluim illuſtre e claro,
A quem naõ foi o ceo em nada auaro.

Delle

Delle e da generoſa companheira,
Que aos Cunhas a materna origem deue
Hum Martinho naceo, que a voz primeira
De Aluim apos o pay contente eſcreue;
Delle, e de Margarida Paes Ribeira,
Ioaõ naceo, que o meſmo nome eſcreua,
Cuja conſorte illuſtre e celebrada
Dona branca Coelha era chamada.

Eſta do ſangue antiguo illuſtre e puro
Dos Coelhos que o Reyno eſtimou tanto,
Irmãa de Pedro, a que outro Pedro duro
O coraçaõ tirou com grande eſpanto;
Deſte para altas glorias de futuro,
Que inda apparelha o ceo ſereno, e ſanto,
Naceo Lianor que agora o mundo deixa,
E o Condeſtabre ſeu com tanta queixa.

CAN.

CANTO XVII.

Acabadas as exequias da Condessa Dona Lianor D'aluim, torna o Condestabre a Braga, donde se vay para entre Tejo e Guadiana, liurando a terra do inimigo. Morto el Rey dom Ioaõ de Castella ha tregoas. Reparte o Condestabre as terras que el Rey lhe tinha dadas, com os quẽ em seu seruiço o acompanharaõ. Trata el Rey de lhas tirar por conselho de alguns priuados, e inuejosos: O Condestabre se vay del Rey agrauado; e em fim satisfeito se reduze a seu seruiço. Quebraõ-se as tregoas toma-se Badajoz, o Condestabre de Castella queima os arredores de Viseu.

AS funeraes exequias acabadas,
Tudo de escuro cheo, e cuberto,
Entre lagrimas tristes magoadas,
Beatris sente o dano de mais perto,
Naõ podem suas queixas ser contadas,
Nem de seu triste pranto o desconcerto,
Mas o famoso pay claro, e prudente
Do Porto a manda logo sabiamente.

De muita e nobre gente acompanhada,
A' cidade de Vlysses foi trazida,
Entregue á sabia velha venerada,
Mãy do graõ Nuno, e delle assas querida,
Com virtudes, e exemplos foi criada.
E do ceo por virtudes escolhida,
Chama tras isto o Rey ao varaõ forte,
Honra, e valor da guerra, e paz da corte.

Tornou a Braga essa cidade antiga,
Foy visitado assas do sentimento
Dos grandes, e do Rey que mais se obriga,
De quem só lhe ganhara o vencimento,
E com vontade pura quanto amiga
Lhe offerecia hum nouo casamento,
Com dama generosa illustre, e clara,
Que o sol em lustre, e graças a inuejara.

E elle com pensamento differente
Do Rey se despedio quasi queixoso,
Que o coraçaõ honrado, que ama, e sente
Até em sombras o gosto lhe he penoso:
Para Euora partio tam descontente,
Que bem mostra fugir ao ser esposo,
E disse que já aly liure se via
De huma escura nuuem que o cobria.

Aly liure de offensas largo espasso
Tratou de paz segura, e da peleja
Sem fazer nouo emprego de seu braço
A que Marte mostrou tam grande inueja,
E quanto já achaua o tempo escasso
Para as occasioens que elle deseja
Alguns dos inimigos já se acendem,
E entrâr em Portugal em vaõ pretendem.

De Santiago o Mestre determina
Hir dar sobre Estremós com furia braua
Queimar-lhe os arrabaldes, e a campina,
Porque o Conde em Euora ficaua:
Mas como até das traças que imagina
Com prudencia, e valor se acautelaua
Parte para Estremós, e a gente chama,
E logo disso o Mestre teue a fama.

Tor-

Tornou atras da furia deste intento,
Logo os seus despedindo liberalmente,
O Conde o soube em seu alojamento
Donde o hia a buscar, ledo, e contente,
Tambem despede os seus com pensamento
De os juntar noutra empreza differente,
Mas nesta occasiaõ campo de Ourique
Manda a pedir soccorro muito a pique.

Porque o Conde de Niebla se apparelha
Com setecentas lanças escolhidas,
Hir ver de sangue a terra já vermelha,
Que sepultou aos Mouros tantas vidas,
Nuno que em vaõ consigo se aconselha,
Porque tinha já as gentes despedidas,
Com só oitenta lanças que ficaraõ
Pollo Redondo a Monsaras chegaraõ.

Estando hum dia ali dormindo a sesta,
Sem elmo, e sem arnes, posto á ligeira,
O acorda huma noua assas molesta,
Que ficaua roubada a Vidigueira
Que naquella manham sem mais requesta
Trezentas lanças sós de huma bandeira
Saquearaõ a villa, e leuaõ della
Gado, e gentes catiuas a Castella.

Que para Villa noua hiaõ marchando,
Que eraõ de Monsarás só quatro legoas,
Arma-se Nuno, e os seus já vaõ celando
Corredores rocins, veloces egoas,
E inda que poucos naquelle bando,
Nenhum he inclinado a pedir tregoas,
Partem já noite, chegaõ quando a Aurora
Nos descobre do dia a melhor hora.

Naõ tinha o lugar muro, cerca, ou caua,
Saluo hũa torre grande, e bem fornida,
Em cuja roda aquella gente eſtaua
Emtrincheirada junto de huma hermida
Com pouca guarda, e medo repouſaua,
Que tarde a de Nunalures foi ſentida,
E pollas ruas já trepando acima,
Com a preſſa os deſcuidados deſanima.

Dos ſeus hia diante o Capitaõ,
E huma barreira entrou na companhia
De quatro caualleiros, que o pendaõ
Por outra rua á torre arremetia,
Dez Gaſcoens de atteuido coraçaõ,
E das melhores armas que aly auia
Todos ào Conde vem para encontrallo,
E elle ſe lança a todos do cauallo.

Duraraõ pouco os dez neſte combate,
Que ás mãos como os de mais foraõ tomados
Os mais ſe daõ catiuos ſem debate
Outros ficaõ feridos, deſtroçados:
Muitos que á vida deraõ ſeu remate
Ficaõ no campo aly deſamparados
Nuno que dos Gaſcoens naõ quer vingança
Liures manda ſe vaõ a el Rey de França.

Vencida eſta batalha em pouco eſpaſſo
Mortos, feridos, preſos quantos eraõ
Tomada a preſa á força de ſeu braço
De que elles pouco tempo ſe valeraõ;
Iá ſaqueada a villa paſſo a paſſo
Com tudo á Vidigueira ſe vieraõ
Aonde deraõ aos preſos com a emmenda
A liberdade, as vidas, e a fazenda.

Foi

Foi esta noua ao Rey, que assas contente
De ditoso successo a recebeo,
Porque tinha outra em tudo differente
Qual a inueja de muitos a escolheo:
Ao Condestabre escreue em continente
Os parabens do que lhe aconteceo
Depois o chama atras desta jornada
Para Campo maior contra elle armada.

Chegando o Conde em sua companhia
Se entregou por partido a fortaleza,
Que Gil Vaz de Barbuda defendia
Contra o valor da gente Portuguesa,
Para Euora Nunalures se partia,
E o Rey com pensamentos noutra empreza;
Que depois acabou com honra, e gloria,
Como ainda ouuireis na nossa historia.

Agora ó Musa he bem que descansemos
Do trabalho da guerra tam contino,
As bandeiras, e as armas penduremos,
Que inda entre ferro, e sangue me imagino
Do nosso Heroa hum pouco celebremos,
Aquelle espirito, e coraçaõ diuino,
Na guerra vencedor com nouo espanto
Na paz justo, e para o ceo tam santo,

A's armas trabalhosas deu de maõ,
Porque em tregoas estaua o Lusitano,
Que era morto em Castella o Rey Ioaõ,
Que fez aos dous imperios tanto dano,
E os grandes tendo á vista esta razaõ
Com o tenro Rey Henrique Castelhano
Iuntos legados de huma, e doutra parte,
Mandaõ que cesse o graõ furor de Marte.

Deixa

Deixa a Euora fertil, que habitaua
Nuno por defensaõ do Reyno amado
Vaise a Porto de Mós antigua, e braua,
E a Ourem bellicoso, e leuantado,
E por mostrar ao ceo que se lembraua,
Que fora vencedor delle ajudado,
No lugar da batalha que vencèra,
Quis dar louuor, e honra a quem lha dera.

Donde a sua bandeira vencedora
O nome de saõ Iorge appellidou,
Ao mesmo Santo outra bandeira aruora,
E á Virgem santa hum templo edificou,
Ali no mesmo dia inda ategora
Os Lusitanos seus que elle ajudou
As graças lhe vaõ dar desta vitoria,
Pregando em seu louor della a memoria.

Começou nesta idade já madura
De taõ grandes despezas pouco auaro,
A' Senhora do Carmo santa e pura,
Aquelle templo altiuo, illustre e raro,
Que na firmeza, na obra e fermosura
Naõ tinha Lusitania outro taõ claro,
Nem o excede nenhum da nossa idade,
No lugar, fortaleza, e magestade.

E como, o que do mundo naõ queria
Mais que a morada só que hia fazendo
Com as terras que o Rey dado lhe auia,
Os seus começou de hir enriquecendo
Dos que na sua antigua companhia
Foi ajudado os riscos naõ temendo,
Seus lugares lhe deu em tença e juro,
Te resgatallo em rendas de futuro.

Os pa-

Os parentes, e amigos esforçados,
Que ao ſinal da trombeta lhe accudiaõ,
Quando dos eſquadroens fortes e armados
A ſoberba arrogancia naõ temiaõ
Os fieis eſcudeiros, e os criados
Que com vontades, e armas o ſeruiaõ,
Quer que gozem com elle igual bonança
Do deſcanſo, das rendas, da eſperança.

Martim Gonçalues tem do Carualhal
Seu tio delle a renda de Euoramonte
E o famoſo cunhado do Caſal
Porto de Mós com Rio maior de fronte,
A terra de Baltar, e o Rabaſſal,
Hum de eſpaçoſo campo, outro de monte,
A Mem Rodrigues deu de Vaſconcellos,
E a Gilvaz parte ás rendas de Barcellos.

Deu a Gonçaleanes o esforçado,
De Abreu Alter do chaõ, e o ſeu Caſtello,
Martim Gonçalues tem Alcoforado,
Arco de Boulhe em renda mais ſingelo,
De Sacauem o barco dezejado
Ioaõ Affonſo por elle ha de colhelo,
Com o reguengo de Aluiela ſe aquieta,
Outro que he Eſteueanes Borboreta.

De Borba a Ioaõ Gonçalues da Ramada,
E a Affonſo Eſteues deu da Vidigueira
A renda hoje tam grande, e tam honrada,
E a de Aluajazere a Aluaro Pereira,
A Pedreanes Lobato deu de Almada,
E ao que ſempre regeo firme a bandeira,
Que he Diogo Gil de Alirco o valeroſo
Deu Montalegre e terra de Barroſo.

A renda

A renda de Eſtremós naõ ficou ſalua,
Para Lopo Gonçalues que honra, e ama,
Villa Ruiua tambem junta e Villa Alua,
Rodrigo Affonſo, o poſſeſſor ſe chama,
Para Fernaõ Domingues lhe reſalua,
A renda que hoje tem nome e fama,
Que he Vilar de Frades, e Portel,
Monſarás Rodrigalures Pimentel.

A Ioaõ Gonçalues ſeu meirinho mór
Quatro quintãs na terra mais amena
E deu a Affonſo Pires ſeu vèdor
Tudo o que o Rey lhe dera em Baſto, e Pena
E outra renda que tinha em Montemór
Que goze Rodrigo Anes logo ordena
De Chaues deu as rendas a hum criado,
Leal, e antigo ſeu Vaſco Machado.

O' liberalidade nunca ouuida
Largueza em noſſos tempos pouco vſada
Renda em tantos perigos adquerida
Com tam poucos receos alheada:
Gloria nunca tocada, ou offendida
Da cobiça commum, cega, enganada;
O' nouo caſo, ó nouo homem no mundo
Sem igual, ſem primeiro, e ſem ſegundo.

Em qual encontro, ó Conde valeroſo
Naõ foſtes o primeiro, e mais ouſado?
Em qual deſpojo, e preza cobiçoſo
Vos vio na larga guerra algum ſoldado?
Qual foi mais juſto? ou qual mais piadoſo?
Qual foi mais liberal? qual mais ouſado?
Ao Rey déſtes o reyno, e defendeſtes,
E o com que vos pagou aos outros deſtes.

Nem

Nem Cimon aos ſoldados foi de Athenas,
Nem tal aos doutos foi entre os Romanos
O'celebrado entre elles bom Mecenas
Qual vos aos voſſos firmes Luſitanos:
E deixando as hiſtorias de que apénas
Nos ficou teſtemunho em tantos annos
Nem hum biſauo voſſo dom Gonçalo
Do qual injuſtamente os feitos callo.

Que de baxo da ſombra amena, e fria
De hum carualho huma tarde repouſando
Aos bons fidalgos ſeus que aly trazia
A herança em cauallos lhes foi dando:
Seſenta e quatro deu naquelle dia,
Que logo os trinta e dous deſempenhando
Aos outros os paſſou comprando iſento,
E dando os ſeus caſaes em pagamento.

Naõ foi ſenhor achardes que era injuſto
Poſſuir tanta renda, e ſenhorio
Ganhado em tanto tempo, a tanto cuſto
Em tal guerra, com tanto esforço, e brio:
Nem foi querer moſtrar que ereis mais juſto
Pará premiar os ſeus do que o Rey pio
Foi pretenderdes fama mais ſegura
Sem ſombra de cobiça, e ſem miſtura.

Principes poderoſos e inuejados
Magnificos, illuſtres, e excellentes
Nos mais altos lugares leuantados
Para gloria do mundo e luz das gentes:
Se quereis ſer entre ellas celebrados,
E de voſſas riquezas mais contentes
Dai com ordem, com tempo, e com juſtiça,
De muito para dar tereis cobiça.

Prouai

Prouai hum meo altiuo, inda que humano
De ſer quaſi diuinos, e immortais
Goſtai do Nectar doce, e ſoberano
Com que ſe adquire o nome, a que aſpirais
Vereis tudo o de mais que he claro engano
Que naõ ha outro bem, que alcançar mais
Que ſaber dar, e para dar ter muito
Sem querer mais de dar, que o dar por fruito.

Olhai de Nuno o valeroſo peito
Que alegre, e rico ſó ſe imaginaua
De ver que tinha a todos ſatisfeito
Os de quem ſe ſeruira, e os que amaua:
E inda que dera aſſas pouco, em reſpeito
Do que ſó para dar-lhes deſejaua
Ficou alegre em ver que deſpendera
Quanto tinha que dar, e o Rey lhe dera.

Eis quando noua inueja ſe aleuanta
(Quem vio grande valor, ſem muita inueja)
Hum priuado murmura, outro ſe eſpanta
Hum tacha, hũ ſe entremete, outro pragueja,
Hum ao Rey nos conſelhos ſe adianta
Enfeitando-lhe aquillo que deſeja
Ah conſelhos no mundo naõ pedidos
Quam poucas vezes foſtes bem nacidos.

Hum poem diante o Rey que naõ conuinha
Ter vaſſallo que os poucos ſenhorea,
Outro lhe lembra os filhos que já tinha
Sem poder dar-lhes mais que a terra alhea:
Outro lhe mete em queixas a Raynha,
Que hora moue, hora obriga, hora grangea,
Dalhe el Rey os ouuidos, e a vontade
Que o intereſſe he brando, e perſuade.

A al-

A alguns do reyno chamar manda
A que já fez mercê, de herdade, e juro
Terras, e renda, e a dom Nunalures que anda
Disto bem descuidado, e bem seguro:
Veyo; o Rey lhe descobre esta demanda
E este conselho assas pouco maduro
De resgatar-lhe as terras que pretende
Mas desta sorte o Conde se defende.

Bem sei alto senhor que isto que vejo
Obra vossa naõ foi, nem vosso intento,
Outrem que tinha ha muito este desejo
Achou agora em vos consentimento;
Se o que me tendes dado he tam sobejo
Como ante vos seu grande atreuimento
He razaõ que o corteis ao vosso modo,
Mas para mim conuem cortallo todo.

Terras, fazenda, e bẽs me tendes dado
Por cuidardes que o tinha merecido
Seruiuos muitos annos como honrado
Pagastes-me melhor que o prometido:
Se agora sois melhor aconselhado
Do que naquelle tempo ereis seruido
Pagai aos conselheiros noutro preço
Sem offender ao muito que mereço.

Do que me destes, liure, e largamente
Parti com os meus as rendas que alcançaraõ
Que em tempo e de conselho differente
Para vos seruir melhor me acompanharaõ:
Naõ me deixaraõ rico; estou contente
Com as terras, e os bẽs que me ficaraõ
Se destas tendes gosto, e outro inueja
Pouco me basta; e nada me sobeja.

Exe-

Executai em mim voſſa vontade,
Mas lembrouos ſenhor, que he couſa indina
De voſſo nome, e de voſſa humanidade
Naõ na moſtrar aos voſſos mais benina:
Seruiraõ-uos com braço, e com verdade
Em guerra deſigual, grande, e contina
De mi, dos meus, dos mais a quẽ chamaſtes
Tambem ſeruido eſtais como pagaſtes.

A eſtas razoẽs que o Conde emuolue em ira
Dizia moderando o ſentimento
Outras o Rey offerece, ordena, e vira,
Que amparauaõ o fim daquelle intento,
E como o Conde nelle, e no que vira
Receou que perdeſſe o ſofrimento
Para lhe reſponder licença pede
A maõ lhe beja, e delle ſe deſpede.

Parte deixando o Rey que entaõ na ſerra
A ſeu ſabor viuia, e ſem cuidados,
E vai-ſe de Alem Tejo á fertil terra
Para Eſtremós dos muros jaſpeados:
Daly chamando a muitos que na guerra
Conſigo teue amigos, e ſoldados
Iuntos num largo campo, o ſeu Pereira
Lhe começa a fallar deſta maneira.

Esforçados, e amigos Portugueſes
Em cuja companhia valeroſa
Me deu o ceo vitoria tantas vezes
Contra Caſtella grande, e bellicoſa:
Cujas lanças, pendoens, cujos arnezes
Inda tintos de ſangue, e cor de roſa
Teſtemunhando eſtaõ voſſas feridas.
E vitorias mais claras do que cridas.

Se

Se aquelle antigo amor que me moſtraſtes,
E o que de perto em minhas obras viſtes
Quando em voſſos perigos ſempre achaſtes
Por companheiro aquelle a quem ſeguiſtes:
Se com a fama, e louuor cõ que me hõraſtes,
E que a voſſas progenies adquiriſtes
Naõ perdeſtes lembrança tam deuida
De quem por vós em pouco teue a vida.

Hoje me he de mais preço o valor voſſo
Do que já foi na guerra, e na peleja
Pois ſem voſſo fauor liurar naõ poſſo
Minha honra de contrarios, e de inueja:
El Rey de Portugal que he ſenhor noſſo
Determina com quem me iſto deſeja
Aos meus todos, e a mim tirar-me as terras
Que adquiri com voſco em tantas guerras.

Forçado me he que viua em reyno eſtranho
Sem ſua offenſa, e cõ minha honra inteira
Por naõ ſofrer deſprezo, e mal tamanho,
E afrontado viuer de tal maneira:
Se niſto em que (a meu ver) ficais de ganho
Que he habitar tambem terra eſtrangeira
Me quiſerdes ſeguir, agora o peço
Se por tam grande amor tanto mereço.

Ou ſeja em paz amada, ou varia guerra
Ou pollo mar ſalgado, ou terra dura
Pois Portugal me offende, e me deſterra
Vamos prouar aos braços a ventura:
Se nos naõ der o ceo mais juſta terra
Acharemos honrada ſepultura
Se me ſois companheiros neſta empreza
Anteporei a ſorte á natureza.

Fora

Fóra do Patrio reyno Luſitano,
Quiçais que algum nos dê larga morada
Ou neſſas ferteis terras do Africano
Por noſſa força, e braço conquiſtada;
Ou nas deſertas ilhas do Oceano
Por nós de nouo alguma pouoada
Aonde ſem enuejoſo, e ſem terceiro
Cada hum de vós ſerá meu companheiro.

Atras deſtas razoens, que ſe acabaraõ,
Mais com triſteza, e dor, que brando eſtilo
Todos huma voz junta aleuantaraõ,
Que a viuer, e a morrer querem ſeguillo,
Que pois na larga guerra o naõ deixaraõ,
Onde elle os defendeo, que haõ de ſeruillo:
E de naõ ſe apartarem deſte intento,
Fizeraõ logo pacto e juramento.

Lançando os braços logo o caualleiro
A cada qual entre elles obrigaua,
Cada hum em ſe humilhar quer ſer primeiro
Que toda a chara gente o rodeaua,
Deulhes ſoldo de trigo, e de dinheiro,
E a todos a partida encomendaua
Com moſtras, e razoens agradecidas,
Catiuando as vontades oferecidas

Em breue tempo aſſas queixoſamente
Se deſterra da patria doce e chara,
Aquelle cujo braço tam valente
Contra o poder de Heſpanha a libertara,
Offendido de hum Rey juſto, e prudente,
Que elle com tanto riſco coroára,
Naõ te eſpantes Ariſtides famoſo,
Que outro Oſtraciſmo ha já mais riguroſo.

Foi

Foi dito o Rey Ioaõ logo auiſado,
E hum varaõ de graõ fama, e de bom zelo,
Adaiaõ de Coimbra, e bom letrado,
Mandou logo a buſcallo, e a detello,
Eſte tratou com o Conde o ſeu recado,
E em breue ſe tornou ſem demouello,
Depois de Auis o meſtre ali lhe manda,
Que o meſmo effeito fez neſta demanda.

A todos como humilde reſpondia,
Que pois a fé del Rey já lhe faltaua,
Viuer em Luſitania naõ podia,
Pois ſem fazenda, e honra ali ficaua,
Que em qualquer Reyno eſtranho o ſeruiria
Com a lealdade, e fé, que tanto amaua;
O Rey que vê que já ſe alcança em vaõ
Lhe manda o Biſpo de Euora dom Ioaõ.

Por elle lhe offerece outro concerto,
Mas deſpedido aſſim como os paſſados;
Manda o Conde ſeu tio o velho experto,
Que ao Rey réſpondeſſe a ſeus recados,
Como Ioaõ o tratou, e o vio de perto
Sem curar de inuejoſos e priuados;
Só trata de fazer amigo o Conde,
E o Carualhal o eſcuta, e lhe reſponde.

Chamar o manda, e vai ao Porto vello
Dos ſeus acompanhado honradamente
Sahio el Rey contente a recebello
Com termo, e penſamento differente,
E naõ tratando em nada de offendello
Antes de o ver quieto, e ver contente
Com a mor igualdade, e com direito
Eſte contrato entre ambos ficou feito.

Que

Que quantas terras tinha o Conde dadas,
Tornaſſe a poſſuir, e aos que as dera,
El Rey deu tença, e rendas ordenadas
Como cada hum daquelles merecera,
As que tinha do Rey como empenhadas,
E os vaſſallos lhe deu que antes tiuera,
Nas que de herdade já tinha e de juro,
Ficou quieto o Conde el Rey ſeguro.

Quanto pode a razaõ? quanto a verdade?
Que inda de ſombras vans eſcurecida
Com hum rayo de ſeu lume e claridade
A inueja que a acanhou deixa vencida
He confuſaõ aos maos ſua maldade,
Hum inuejoſo he vibora parida,
A virtude tem ſempre o premio dino,
Se a terra injuſta, o ceo ſempre he benino.

Eſtá de nouo o Rey mais obrigado
Ao valeroſo Conde que offendera,
E elle mais ſatisfeito, e mais honrado,
Sem ſe lembrar d'algum que iſto mouera,
Que como ingrato eſtaua mal lembrado
De quem já noutro eſtado lhe valera,
O Prior do Hoſpital digo o Camello,
A quem o elle fez ſer ſem merecello.

E em breue ſe moſtrou logo adiante
Quanto montaua ao Rey, e á patria terra,
Hum varaõ taõ famoſo e importante,
Offendido da inueja que o deſterra:
Neſta quieta paz num meſmo inſtante
Se leuantaõ incendios d'outra guerra
Que baſtara abrazar ao Reyno todo
Se ſe partira o Conde de tal modo.

Que

Que como nunca a paz he bem ſegura
Em dous; ſe hum delles tem deſconfiança,
E hum a quer aceitar, outro a procura,
Porque a força faltou para a vingança,
Sempre a hum offendido a dor lhe dura,
E ſe naõ a dor, dura a lembrança;
Que a vontade que ás forças naõ reſponde
He como a braza a qual a cinza eſconde.

Os dous Reys como ouuiſtes tem tratado
Tregoa por alguns annos, e amiſade
Com condiçoens que a hum, e outro eſtado
Importauaõ ſocego, e liberdade:
Mas como Henrique as fez mais obrigado
De continua opreſſaõ que de vontade,
Contra o teor das tregoas alguns annos
Foi detendo os catiuos Luſitanos.

Determinou Ioaõ como offendido
Num lugar de Caſtella fazer preza,
Que aſſi era nos tratos concedido
Contra o que lhes mudaſſe a natureza:
Por hum eſtranho ardil, bem ſuccedido
Tomou a Badajoz para eſta empreza
Martim Affonſo o valeroſo Melo,
E ſe fez forte logo no caſtello.

Del Rey o Condeſtabre teue auiſo,
Que com armas, e gente o ſoccorreſſe
Para que ſem receo, e perjuizo
Fortificaſſe a terra, e defendeſſe,
Ao que elle foi a Eluas de improuiſo
Mandando ao capitaõ que aly vieſſe
Deu-lhe a ordem de tudo o que conuinha
Para a força, e lugar que em penhor tinha.

E porque neſta entrada preſo fora
O alcaide de Albuquerque ſem concerto
O ſoltou logo o Conde naquella hora
Com proceder honrado, e termo experto,
O Marichal contrario ſó melhora
A quem o Melo prendera em grande aperto
Deu o preſo ao alcaide de Oliuença
E a el Rey para o ſoltar pedio licença.

E junto o auiſou que ſe deſuelle,
Que já o tenro Rey ſe aparelhaua
Para ou mandar o Meſtre, ou vir contra elle
Com muita gente armada que ajuntaua:
Naõ fez o Rey famoſo conta delle,
Mas bem depreſſa vio que aconta erraua,
Porque no ſeu deſcuido achou ſeu danno
Com o cuidado que teue o Caſtelhano,

Que o Condeſtabre, e gentes de Caſtella
Com Martim Vaz da Cunha o Conde ouſado
Correm ſobre Viſeu, poem fogo nella
Deixando o que alcançou tudo aſſolado;
Teue eſta nouá o Rey, que ſem cautella
Eſtaua em Santarem mui deſcuidado
O quaõ êm vaõ ſe queixa, e quanto o ſente
O conſelho paſſado, o mal preſente.

Manda tocar trombetas, e tambores
As gentes comarcans ajunta, e chama
Partem logo os ligeiros portadores
Iá a noua em todo o reyno ſe derrama:
Dom Nunalures com os fortes vencedores
A que eſta noua logo leua a fama
Em Euora deixa a gente já diſpoſta,
E a viſitar a el Rey vem pola poſta.

Que

Que ouuindo como a vello era chegado
Com os ſeus o eſpera já junto ao Tejo
Aonde o teue entre os braços apertado
Com hum amoroſo , alegre , e ſaõ deſejo:
E achando-o , como ſempre vinha armado
Graças , diz , dou ao ceo que agora vejo
O primeiro homem d'armas para á guerra
Que achei em meus vaſſallos neſta terra.

Mas qual outro tiue eu que me emparaſſe
Deſte continuo imigo porfioſo,
Qua ſeu deſſenho , e forças quebrantaſſe
Senaõ vos leal Conde , e valeroſo:
Bem era , que hoje aqui me naõ faltaſſe
Voſſo braço valente , e poderoſo
Com o qual eſtou taõ forte , e taõ contente
Como ſe o igualára , em força , e gente.

Bem he de crer que o Rey naõ faltaria
Tambem neſta ceſaõ com huma lembrança
Do que antes a Nunalures pretendia
Com agrauos injuſtos , e eſquiuança,
Que arrependido entaõ conheceria
Que lhe fora danoſa tal mudança,
Mas ſe elle iſto paſſou no penſamento
Nunca do bom Conde teue aſſento.

Antes com humildade ſe lhe inclina
A hum louuor taõ bem dado , e taõ deuido
Tras iſto ſe lhe offerece , e determina
De auer ſatisfaçaõ ao ſuccedido,
E em quanto cada hum niſto imagina
V em noua que o contrario era partido,
E tornado com os ſeus para Caſtella,
E aſſi naõ tratou delle , e tratou della.

Cinco dias sómente em Corte esteue,
E muito pouco em Euora descansa
Parte para Coimbra em tempo breue
Aonde o espera o Rey para á vingança
Aly hum campo, e outro se deteue
Para o fim, que por fim tam mal alcança,
Que a huma parte, e outra a sorte varia
Vai espalhando a gente que he contraria.

Começando a marchar chega hum recado
Para atalhar a empreza que deseja
Que era por Guadiana o Mestre entrado
Com muita gente armada de peleja;
Que leuaõ de catiuos, presos, gado,
Todo o campo D'ourique, e o de Beja,
E que faz grande estrago, e grande danno
No desarmado pouo Transtagano.

Volta indinado o Rey com furia estranha
Sem que nenhum conselho o aquiete
Como o touro ferido, que com sanha
A's cerradas tranqueiras arremete;
Por se vingar melhor na terra estranha
O Tejo vai passar junto a Punhete
A deleitosa deixa alegre terra
Passa de Monte Argil a infertil serra.

E ao atrauessar chega hum correo
Que a noua tras aos nossos mal sofrida,
Que o Mestre era tornado com receo
Do Rey de quem já sabe esta partida,
Deixando liuremente o reyno alheo
Por saluar em Castella a honra, e vida;
E a preza deste assalto, que a ventura
Das armas lhe faz crer que he mal segura.

Ficou

Ficou o Rey tam trifte, e perturbado,
Que a cor mudou ao rofto differente
Palauras folta de homem magoado
Que a ira, e dor forçofa lhe confente:
Mas do bom Conde aly foi confolado
Que com igual exceffo o dano fente
Em Arrayolos paffa a noite fria
Com mil affaltos vãos na fantefia.

Na hora mais quieta, eis o defuella
Hum recado del Rey: parte-fe a vello;
Que manda entaõ prender com graõ cautella
O Prior do Hofpital, que era o Camello:
Que com recado, e cartas de Caftella
Tratou de deferuillo, e de offendello
A prifaõ pede o Conde que dilate,
E primeiro que a pena a culpa trate.

O' confelho fem fombra, e fem refpeito
Rogo tam jufto, e pouço merecido
Tençaõ de hum generofo, e forte peito
De ira, nem de paixaõ nunca mouido:
Que a efte de quem fem tẽpo, e fem direito
Foi mil vezes nas obras offendido
Bufca tempo, e lugar para a difculpa,
Que a tardança mil vezes cobre a culpa.

Porém durou tam pouco efta valia
Como em fer defcuberta a tençaõ fua
Que em Euora foi prefo no outro dia
Quando o Sol feus poderes deixa á Lua:
Aly defcanfa o Rey da incerta via
Efperando que o tempo o reftitua
Com vingança, e caftigo noutro enfejo
Deixa o Pereira, volta, paffa o Tejo.

CAN-

CANTO XVIII.

Entra dom Nunalures Pereira por Castella: Queima e rouba os arrabaldes de Carceres, e os gados, e presos de toda a comarca: Saquea Arroio del Puerco, e volta com grande preza a Portugal. Adoece em Villaviçosa, e conualecendo ajunta assi os capitaens das fronteiras. Escreue ao Mestre de Santiago que vai ao buscar: Iuntaõ-se á vista do castello de Feria: Nega o Mestre a batalha: Volta-se o Condestabre, roubando termos, e lugares por onde passa: Vai a buscar o Iffante dom Dinis, que entra por Castello Branco. Acode ao cerco de Tuy; Vê el Rey no Porto: Assenta tregoa com os Embaxadores Castelhanos.

ANdaua o Condestabre cobiçoso
De se entregar melhor nesta demanda
Por ver timido o pouo, o Rey queixoso,
E a fortuna inclinada da outra banda;
Ao Mestre de Auis nobre, e valeroso
Por hum fronteiro seu conuidar manda,
Que a mais gente que tem traga consigo
Para entrarem no reyno do inimigo.

O Mestre escrupuloso se offerece,
O Conde chama os que antes o seguiaõ,
Mas tanto o mal passado os enfraquece
E o socego da paz em que viuiaõ,
Que hũ tarda, outro se escusa, outro se esquece
Da antiga fé, e amor que lhe deuiaõ
Mas nem por esta causa o fim dilata,
Espera o Mestre; e de partir se trata.

Na

Na celebrada já Villaviçoſa
Poucas gentes ajunta, e encaminha
Eſquadraõ forma em ordem bellicoſa
Os lugares diſpoem como conuinha;
Vai adeſtrando a gente que ocioſa
A deſcuidada paz inhabil tinha
Tras iſto o campo chega, o Meſtre parte
Ardendo em fogo, e ira o noſſo Marte.

Iunto de Eluas ſe aloja aquelle dia,
E antes que ao outro a noite venha
De toda a gente de armas que trazia
Fez alardo com o Meſtre, e fez reſenha
Setecentos de lanças diz que auia
Poucos peões, e poſto que os naõ tenha
Toma a vanguarda o Cõde, e mais naõ tarda,
E o valeroſo Meſtre a retaguarda.

Reparte os corredores mais ligeiros,
Que as terras vaõ ao longe deuaſſando
Té Carceres enuia os caualleiros
Para onde vai o exercito marchando;
Todos quiſeraõ niſto ſer primeiros
Naõ lhe ſofre o deſejo hir eſperando
Paſſa com o campo Ougela, e daly fica
A viſta de Albuquerque illuſtre, e rica.

Paſſada a fria noite, e bem cuſtoſa
A quem ſó teue o ceo por cubertura,
E a ribeira em Abril tam gracioſa
Como em Dezembro fria, e ſem brandura
Liure no reyno alheo a bellicoſa
Gente em ſeu capitaõ liure, e ſegura
De Carceres eſtá já legoa e mea,
E a ſeu ſabor jantando ſe recrea.

Armou-

Armou-ſe ſobre meſa o Conde ouſado
Paſſa, e á viſta da villa o campo eſpalha
Quando de hum lugar chaõ, bem aſſentado
Sem defenſaõ, ſem força, e ſem muralha:
O pouo vem fugindo amotinado
Leuando fato, gado, e vitualha
Chama-ſe eſte lugar Roio del puerco
Mais natural d' hũ roubo, que de hũ cerco.

Qual por Agoſto as prouidas formigas,
Que carregadas vaõ ao ſeu ſelleiro
Com os deſpojos das palidas eſpigas
A's quaes o laurador corta o carreiro;
Que humas enuoltas noutras mais antigas
Deixaõ ſeu doce roubo tam ligeiro
Humas fugindo ao campo derramadas,
E outras ficando viuas, e enterradas.

Tal foge a gente, e toda aly foi preſa,
Que mui poucos ligeiros eſcaparaõ
O' quanto aos de Carceres lhes peza,
Que logo alguns aos ſoccorrer ſe armaraõ;
Quarenta ſaem delles com preſteza,
Porém trinta dos noſſos os voltaraõ
Trauando eſcaramuça tam renhida,
Que já da villa a gente ſe conuida.

Tanta naquelle aſſalto recreceo
Que deixou ſó Nunalures a bandeira,
E com poucos aos noſſos ſoccorreo
Tomando dos da briga a dianteira:
Mas como a maça entre elles reuolueo
Pouco durou a gente auentureira
Que no arrabalde á preſſa ſe retira,
E aos noſſos da trincheira o roſto vira.

É com

E com huma furia grande, e magoada
Nuno madruga em vozes repetindo
Naõ vos valeo agora a madrugada
Huns voltauaõ gritando , outros fugindo,
Aly aſſenta o campo a gente ouſada,
Que da leue vingança ſe eſtá rindo
Chegaõ de noite alguns do corredores
Aly com gado , e preſos vencedores.

Entraraõ o arrabalde no outro dia
Sem valer aos de dentro reſiſtencia
Roubaraõ tudo quanto nelle auia
Tras iſto lhe poem fogo com violencia;
Em labareda grande a terra ardia
Que com iſto pagou ſua imprudencia
O noſſo campo á viſta , aly chegaraõ
Os de mais corredorres que tardaraõ.

Naõ lhes daua ao caminho mais licença
A copia do graõ roubo com que vinhaõ,
Que ſem eſtoruo algum, ſem differença
Paſſa já de tres dias que caminhaõ :
Naõ fez ali Nunalures mais detença
Que eſtes ſós que eſpereraua já detinhaõ
Ianta , e dorme a ſabor , e á noite parte
Para Arroyo del puerco os ſeus reparte.

Num ſoueral eſpeſſo a noite eſpera
Quando dez Caſtelhanos caualleiros
Sem ſeguro, ou ſinal que alguem lhes dera
Se miſturaõ aos noſſos mui ligeiros :
Pollo Conde preguntaõ, que naõ era
Deſuiado mui longe dos primeiros,
O qual chamar os manda á propria tenda
Sem que os algum ſoldado incauto offenda.

Ven-

Vendo que no ſeu termo, e compoſtura
Dauaõ ſinais de amigos, e de honrados
Com corteſia alegre, e com brandura
Delle, e doces razoèns foraõ tratados:
E preguntando a todos que ventura
Os trouxe ao campo ſeu tam mal guiados
Que buſcauaõ? quem eraõ? que queriaõ?
Por hum mais velho, os outros reſpondiaõ.

Tudo o que a fama em longes engrandece
Moue mais o deſejo affeiçoado,
E o que por fama ao mundo mais merece
Sois vós ſenhor famoſo, e inuejado
A quem naõ ſó ſe humilha, e reconhece
O natural amigo de obrigado,
Mas ainda entre inimigos buſca a fama
Quem para veruos buſca, e quem vos ama.

Entre todos he tal voſſa bondade,
Que nos fez leue o riſco deſta empreza
A vos buſcar nos traz propria vontade,
Na qual vence o temor voſſa grandeza:
Se entre contrarios ha juſta amiſade
Eſtá ſe deue á voſſa natureza
Viemos ſó por veruos, e o que vemos
Nos pagou do caminho que trouxemos.

Amigamente o Conde agradecia
O deſejo dos dez auentureiros
Com palauras de amor, e coteſiá
Agaſalhar mandaua os caualleiros;
Mas deſta offerta, e outras ſe deſuia
O que ſe offereceo, e os companheiros
Naõ querem mais que vello, e ſem demora.
Deſpeden-ſe do Conde, e vaõ-ſe embora.

Na

Na propria noite os corredores manda
Correr té Garromilhas espalhados,
E Alcantara da barca da outra banda
Do campo cinco legoas alongados,
Trouxeraõ do caminho, e sem demanda
Graõ numero de presos, e de gados
Elle acha á casa liure, e o mantimento
Em Arroio del puerco aquelle assento.

Os liures corredores que passaraõ
Do pio Condestabre o mantimento
Huma deuota hermida aonde alojaraõ
Roubaraõ com largueza, e desatento:
Que como assi do Conde se alongaraõ
Facilîtados neste atreuimento
Que elle castigou sempre com mais furia
Fizeraõ a seu nome aquella injuria.

Mas vingado ficou disto o Pereira
Com o successo que a estes logo via
Que roubando entre o mais huma caldeira
Daquella mesma casa, e confraria:
Porque era desigual em graõ maneira
Aquella gente incauta que corria
Prendendo os seus cauallos se accomoda
Que lhe ficauaõ postos como em roda.

E no meo da noite mais escura
Tal desauença entre elles se aleuanta,
Que hum ao outro com couces se mistura
Outro arranca, outro foge, outro se espantà
Arrastrando a caldeira na verdura,
Que em barrancos, e pedras se quebranta;
Tanto do campo em fim se lhe alongaraõ
Que apé seus caualleiros se tornaraõ.

Cor-

Corridos ſe ajuntaraõ no outro dia
Com o graõ roubo que o campo ſenhorea
E vendo o Condeſtabre quanto auia,
Que era hoſpede cruel na terra alhea;
A aſpereza do inuerno que corria
O ar de nuuens, a terra d'agoa chea
Torna-ſe a Portugal ſem mais detença,
Fazendo roſto á viſta de Oliuença.

As catiuas mulheres que traziaõ
Mandou ſoltar do campo liuremente
Pollo agrauo, e mal que recebiaõ
De arrogantes ſoldados fera gente:
Que poſto que o rigor tanto temiaõ
Naõ ha quem contra hum ódio ſe ſuſtente
Entrou em Portugal aonde deſcanſa
Tendo por muito humilde eſta vingança.

Detem-ſe hum breue eſpaſſo em Aramenha
Aonde recolhe os fruitos deſta entrada
De toda a gente em ordem faz reſenha
Repartindo-lhe a preza deſejada;
Elle ſó naõ quer parte que lhe venha
Como era a ordem ſua acuſtumada
Volta o Meſtre de Auis ao outro dia
Contente da jornada, e companhia.

Vai-ſe a Villaviçoſa aonde a lembrança
Do que lhe prometera aquelle encanto,
Que tanto engrandeceo ſua eſperança
Lhe fazia o lugar mais pio, e ſanto;
Aonde a velha mãy viue e deſcanſa,
E a deſejada filha a que ama tanto,
Que nella, e nos ſeus olhos tinha poſto,
Das armas o trofeo, da vida o goſto.

Mas

Mas como a noſſa humana natureza
Cada hora faz lembrança, e dá gemidos;
Que he ſugeita a miſerias, e fraqueza,
E a deſſenſoens de humores, e ſentidos:
Vencida aquella eſtranha fortaleza
Dos continuos trabalhos padecidos
Adoeceo o Conde, e de tal ſorte,
Que tinha já na vida a cor da morte.

Hum mortal malenconico accidente
Com tam terribel força o combatia,
Que ſuſpendendo hum vſo tam prudente
A vida, os ſeus, e a terra aborrecia:
Hora com hum deſprazer impertinente,
Hora dom deſigual neſcia alegria
Se alteraua de modo o coraçaõ,
Que atalhaua os effeitos á razaõ.

Ao bom Rey no principio logo eſcreue,
Que o gouerno da terra encomendaſſe,
Porque ſe o duro mal naõ foſſe breue
Ouueſſe quem de imigos a amparaſſe:
O pezar teue o Rey que ao Conde deue
Como ſe nelle o mal ſe executaſſe
Logo lhe manda os Medicos da Corte
Por ver ſe a tanto mal podem dar corte.

De outra mudança alguma lhe naõ trata
Senaõ ſó de atalhar ao que padece
O mal crecendo em horas ſe dilata,
Elle ſó ſe atenua, e enfraquece:
Muda o lugar, mas como a dor que o mata
Em qualquer lugar outro o buſca, e crece
Iá no fim de tres meſes bem compridos
Foi reformando as forças, e os ſentidos.

Depois

Depois que ao rosto as cores foi trocando
Deu graças da saude a quem lha dera,
E para Euora torna imaginando
No tempo que das armas se esquecera
Ajuntar quer dos seus o armado bando,
Que entrar no Castelhano reyno espera
Para conualecer do tempo injusto,
Que lhe atalhara a fama a tanto custo.

A Alcacere por mar vai neste intento,
Mas de tal sorte as ondas se alteráraõ,
E se embrauece, e desconcerta o vento,
Que todos com o senhor desembarcaraõ,
E elle que naõ tiraua o pensamento
Da força, e ser que os males lhe tiraraõ
Com hũ só moço dos seus, dos mais se aparta,
Que de ser só na terra naõ se farta.

Entrou num mato espesso, e selua escura,
E arrancando a vencedora espada
Começou a dar golpes na espessura,
Que a terra está tremendo de assombrada;
A aruore mais alta, e mais segura
De hum fero golpe aly se vê cortada,
E as feras da montanha o ecco ouuindo
Desamparando as couas vaõ fugindo.

E como vio que tinha aquella antiga
Força tam celebrada, e desigual
Para qualquer assalto, e qualquer briga
Que exprimente o contrario por seu mal:
A Euora chegando a gente obriga,
Escreue aos capitaens de Portugal
Cartas cheas de amor; e cortesia
Pedindo-lhes ajuda, e companhia.

Ao

Ao Vaſconcellos nobre, e valeroſo
Meſtre de Santiago onde habitaua
A dom Lourenço Eſteues animoſo
Tenente dos de Rhodes, que elle amaua;
Ao Almirante, ao Melo tam famoſo
Polo que em ſeu esforço confiaua,
Os quaes da empreza alegres, e contentes
Mandaõ tocar tambor, e apreſtar gentes.

Eis chega hum meſſageiro, que inſiado
Conta ao Condeſtabre hum grande danno,
Que vem entrar por todo o reyno, armado
Com poder grande o Meſtre Caſtelhano:
Duas mil lanças tem, fero, esforçado
E oito centos ginetes ſem engano,
Os peoens ſaõ ſem numero, e ſem conta,
Que a terra querem pôr em grande afronta.

Depois que teue a noua por verdade,
Que inda elle menos crê do que a deſeja
Por quanto o obrigaua eſta vontade
Ao Meſtre Caſtelhano teue inueja:
Ao qual com diligente breuidade
Pede que em ſeu aſſento firme eſteja
Aonde elle irá buſcallo, e naõ ſe parta,
E era o ſeguinte o que dizia a carta.

Senhor, e amigo Meſtre, a quem reſpõde
Todo o louuor das armas muito bem,
Nuno Alures Pereira o nouo Conde
De Arrayolos, Barcellos, e de Ourem,
Condeſtabre del Rey que naõ ſe eſconde,
E ſeu Mordomo mór; como conuem,
Que a ſeu deſejo, e nome ſatisfaça
Se enuia encomendar em voſſa graça.

Neſta

Neſta terra aonde ha dias que ocioſo
Me teue huma doença aſſas pezada
Me foi dito que eſtaueis cobiçoſo
De entrar em Portugal com gente armada:
Que tinheis grande exercito, e luſtroſo
Como propria a effeito da jornada
Com tençaõ de aſſolar feroz, e vfano
Eſta parte do reyno Luſitano.

E porque ha muito tempo que eu deſejo
Hir veruos, e buſcaruos igualmente,
E me atalhou mil vezes ao deſejo
Eſtar debilitado, e mui doente:
E eſtes ares, e a terra de Alem Tejo
Para o tempo d'agora he muito quente,
Que vos naõ abaleis vos peço, e rogo,
Porque eu ſerei ſenhor com uoſco logo.

Sofrei eſte trabalho de eſperar
Pois o de vir agora he tam pezado,
Que por força nos emos de encontrar,
Que eu fico já com os meus no cãpo armado:
Se algum concerto, ou gente vos faltar
Podeis aperceberuos com cuidado,
Que agora vos auiſo, e vos faltaſtes
Pois vindo a Pottugal naõ me auiſaſtes.

Concerto entre nós foi tratado, e feito;
Que nenhum na fronteira d'outro entraſſe
Sem que em particular recado eſtreito
Da tençaõ hum ao outro ſe auiſaſſe:
Vos eſquecido em fim deſte reſpeito
Como aos meus hum tempo lhes faltaſſe
Fizeſtes voſſa preza; eu cheguei tarde
Agora irei mais cedo, e Deos vos guarde.

Rece-

Recebeo o Meſtre a carta, e naõ reſponde,
Mas diz ao cauteloſo meſſageiro,
Que foſſe a qualquer tempo o fero Conde,
Que elle iria eſperallo bem ligeiro;
Mas mais o portador o foi, que aonde
Achou já poſto em campo o cavalleiro
Na fermoſa Eſtremós lhe dá repoſta
A marchar tocaõ, partem pola poſta.

Na praia alojar vaõ do Guadiana
Na qual o Condeſtabre gaſta o dia
Pondo em alardo a gente Luſitana
Por ſaber della a copia que tazia,
Se o autor deſta hiſtoria naõ ſe engana
Mil e oitocentas lanças diz que auia
Só duzentos ginetes bons ligeiros,
Cinco mil de peoens, e de beſteiros.

O Conde da vanguarda ſempre auaro
Leua nella conſigo o bom Tenente
Mem Rodrigues o Meſtre ouſado, e claro
A retaguarda rege ouſadamente:
Huma ala o Almirante illuſtre, e raro,
Outra o Meſtre tam nobre, quaõ valente,
E outros varões famoſos ſingulares,
Que occupaõ dinamente os ſeus lugares.

Neſte concerto, e ordem repartida
Entre já por Caſtella a gente braua
Animoſa, contente, e bem regida
Para onde o Caſtelhano meſtre eſtaua:
Que deſde hum alto outeiro ſe conuida
A ver ao Condeſtabre que paſſaua
Diante os ſeus ginetes campeando
Por junto donde os noſſos vaõ marchando.

Porém Martim Affonſo o valeroſo
Que os vio vir tam veſinhos da ſua ala,
Com hum tropel de cauallos furioſo
Atras dos Caſtelhanos rijo abala:
Qual dece o Nebri leue, e generoſo
Sobre a garça no ar para empolgala;
E os paſſaros menores vaõ com medo
Eſconderſe nas ramas do aruoredo.

Tal o Melo inueſtio com furia noua,
E elles viraõ as redeas á montanha,
Que naõ querem das lanças fazer proua,
E os ginetes lha daõ, que ſaõ de Heſpanha:
Nem por iſſo o exercito ſe eſtroua,
Que marcha bem ſeguro na campanha
Iunto a Villa Alua janta aquelle dia
Aonde eſtá muita gente, e de valia.

Aſſentado o arraial numa campina
Derramados alguns do Martio bando
Com eſtrago ſem modo, e com ruyna
As córadas ſearas vaõ cegando:
Niſto a gente da villa ſe amotina,
Que com grande pezar o eſtaua olhando,
E dando ſobre os noſſos de indinada
Se ordena eſcaramuça muy trauada.

Mas como deſiguais competidores
Retirando-ſe honrados, ſe voltaraõ
Feridos os primeiros, e os melhores
Que mais ao perto as lanças empregaraõ;
Chegaraõ neſte tempo os corredores
Que pola terra alhea ſe eſpalharaõ,
E da fonte do Meſtre a viſta propria
Trazem de gente, e gados grande copia.

O Con-

O Conde ſe aſſentou qual vinha armado
Entre os ſeus almofreixes deſcanſando
Em quanto os bons miniſtros com cuidado
As tendas, e o jantar lhe eſtaõ guiſando,
Quando huma trombeta chega com recado,
Que vem por elle a todos preguntando,
Recebeo alegremente o graõ Pereira,
E elle entaõ lhe fallou deſta maneira.

O Meſtre meu ſenhor de San Tiago,
E o de Calatraua aſſas valente,
Dõ Pedro, Ponce, aos quais cõ tanto eſtrago
Neſta terra offendeis injuſtamente,
E os de mais capitaens de quem vos trago
Eſte recado, pedem juntamente,
Que vos apercebais, que elles ſaõ logo
Conuoſco na batalha a ſangue, e fogo.

O' quanto o Cond-ſtabre ficou ledo,
Que do meſmo deſejo viue, e arde
Naõ pode vir o Meſtre aqui tam cedo,
Que a meu deſejo (diz) naõ ſeja tarde,
Bem ſabe elle de mim eſte ſegredo,
Que naõ ha goſto, ou bem, q̃ eu mais aguarde
Que vello em campo, e ver a quanto alcança
O ſeu temido braço, e forte lança.

Hoſpedar manda logo o meſſageiro
De outros trombetas ſeus mui bem ſeruido
Mandou-lhe dar de aluiçaras dinheiro,
E para o mais honrar deu-lhe hum veſtido;
Chama a conſelho os capitaens primeiro
Que lhe reſponda, e conta o ſuccedido
Que com animo igual iſto feſtejaõ,
Que ſe elle os vem buſcar, vello deſejaõ.

Eſtá daly o Meſtre legoa e mea
Aonde o Condeſtabre já lhe enuia
Hum que Ioane Eſteuens, ſe diz, Correa
Eſcudeiro de quem ſe elle ſeruia,
E como ha de tratar com gente alhea
Auiſado de tudo o que cumpria
Com a trombeta ſe parte, e chegaõ quando
O Sol mais alto as horas vai moſtrando.

Poſto ante o Meſtre liure, e diligente
A elle, e aos capitaens deu ſeu recado,
Que ſeu ſenhor o Meſtre eſtranhamente
Para os ir ver eſtaua aluoraçado:
Que era mui obrigado, e mui contente
Ser delles á batalha conuidado,
E que logo a buſcalos naõ partia
Por ſer domingo, e feſta no outro dia.

Que elle paſſado, aly naõ ſe detinha;
E na alameda, hum valle, os eſperaua
Lugar que para os campos mais conuinha,
E ao pé da ſerra, aonde o Meſtre eſtaua;
Mas como elle fingia o que naõ tinha
Na vontade, e deſejo que moſtraua
Quando eſta noua ouuio, moſtrou no roſto
Verdadeiro receo, e falſo goſto.

Que a eſtimaua em muito lhe reſponde
Que para o ir buſcar ſe apercebia,
Mas deſigual tençaõ no peito eſconde,
E apartando o Correo a deſcobria:
Que moueſſe lhe pede o forte Conde
A deixar a batalha que empiendia
Diſculpando, que quando em Beja entrara:
Expreſſamente o Rey niſſo o mandara.

O ſagaz

O sagaz messageiro, e aduertido
A tudo dá razaõ viua, e inteira
Mostrando quaõ iroso, e quaõ sentido
Delle está juntamente o graõ Pereira:
Mandou-lhe dar o Mestre hum seu vestido
Dourada tem no peito huma vieira,
E com mil gasalhados o despede
Nos olhos repetindo o que lhe pede.

Nunalures que esperaua aluoroçado
Este recado seu, e esta licença
Com o secreto ficou quasi atalhado
Se entaõ lhe naõ lembrara a sua offensa:
Partio no dia já determinado
Porque outro rogo humilde naõ no vença
Tomou ao Mestre entaõ de sobresalto
Que via a sua injuria de mais alto.

Ouue esse dia á vista do castello,
Escaramuça assas bem pelejada,
Na qual o valeroso illustre Mello
As proezas mostrou da sua espada;
Naõ ousaõ de esperallo, ou cometello,
Que tem a maõ nos golpes mui pezada
O Conde com os seus trata entaõ de perto
Da ordem da batalha, e do concerto.

E á terçafeira ainda o Sol naõ tinha
O rosto descuberto no Oriente,
Quando já ao castello se auesinha
Apé, e em esquadroens a ousada gente;
Tanto mais o contrario se detinha
Quanto na pressa o vio mais diligente
E aos capitaens que tinha em companhia
Desta maneira o Mestre lhes dizia.

Bem

Bem ſei que he vergonhoſa a noſſa afronta
Grande a honra do imigo que a eſpera ,
Que de noſſo poder faz tanta conta
Como ſe hum grande exercito trouxera ;
Mas naõ ſei que me moue , ou que me apõta
O leal coraçaõ que o conſidera
Que a morte antecipada me apparece
Na batalha que o Conde me offerece.

Eſte rayo fatal da noſſa idade
Caſtigo contra Heſpanha vencedora ,
Cuja força , e valor, cuja bondade
Sempre preualeceo inda atégora :
Contra quem nunca pode aduerſidade
Como ſe contra nós fadado fora
Quem o naõ temerá ſe he de tal ſorte ,
Que nem a vida quer , nem teme a morte.

Quantos meſtres tam claros, tam famoſos
(O' lembrança inimiga , e mal naſcida)
Em ſeus braços armados riguroſos
Deixaraõ triſtemente a honra , e vida :
Quantos varoens illuſtres , e animoſos
Com que era a noſſa Heſpanha emnobrecida
Eſpiraraõ aos pés deſte inimigo
A cujo exemplo eu temo o meu caſtigo.

Moueraõ tanto os outros a receo
Alem do que já tinhaõ concebido
Eſtas palauras com que o Meſtre veyo
Reçucitando tudo o ſuccedido,
Que cada hum deſcuidado, e quaſi alheo
Do combate aprazado, e prometido
Se coze com o caſtello, e nada o moue
Para que a ſua gente arriſque, e proue.

Sobir

Sobir quiſera ao cume da montanha
De Feria o Condeſtabre a combatello
Mas a ſobida he ingreme, e tamanha,
Que impoſſiuel parece accometello;
Cada hum dos capitaens iſto lhe eſtranha
O Goios valeroſo, e forte Melo
Entaõ daly lhe manda outro recado,
Que inda que corteſaõ foi mais pezado.

Que pois elle a batalha lhe offerece
Venha aceitalla, e deça da ſubida
Aonde nenhum dos ſeus (ſe elle naõ dece)
Mal podera ſem azas ter guarida,
Elle que bem entende, e bem conhece
Sua afronta tam clara, e conhecida
Pedir manda que o deixe, e que parta
Se já de ſua afronta, e mal ſe farta.

Nuno que via o Meſtre antes tam fero
Arrependido humilde, e com caſtigo
Diſſe entre ſi, que mór vingança eſpero,
Que hũa afronta tam grande do inimigo:
Correr a terra á ſua viſta quero
Veja com minha honra o ſeu perigo,
Leuanta o arraial, e a Çafra chega,
Que mantimento, e vinhos lhe naõ nega.

Foy daly a Burguilhos no outro dia,
E do Corpo de Deos teue em campanha
Aonde com deuaçaõ ſincera, e pia
Solennizou a feſta em terra eſtranha:
Toda a gente com ordem, e alegria
Em prociſſaõ, e em feſtas acompanha
O venerando, e puro Sacramento
Com todo o acuſtumado acatamento.

No

No lugar de Burguilhos a esta conta
Bem setecentas lanças estariaõ,
Que tinhaõ por desprezo, e por afronta
A elles feita a deuaçaõ que viaõ;
E porque da outra parte o Melo aponta
Com a preza deigual que os seus traziaõ,
Que vinhaõ de correr com grande furia
Decem por vingar nelle aquella injuria.

A toda a pressa o Conde o soccorreo
E durou a peleja hum grande espasso
Té que o contrario enfim se recolheo
Magoado da furia do seu braço,
E como ao outro dia amanheceo
Por junto de Xerés alarga o passo
Aonde já o Mestre, e toda a gente estaua
Olhando a de Nunalures que passaua.

Daly fazendo igual sempre a derrota
Correndo a terra os seus com mór licença;
Villa noua passou de Barca Rota,
E ao outro dia á vista de Oliuença:
E porque ao longe fama o Mestre bota
Que vai buscallo aly; fez mór detença
Tres dias o aguardou, e em vaõ o aguarda
Que quem recea o mal, ou foge, ou tarda.

Despede os seus com o termo acustumado,
E de Euora logo entaõ sem descansar
Em todas as fronteiras poem recado,
E vai-se a Montemór desenfadar;
Mas pouco tempo aly tem descansado,
Que o Rey o tira á pressa do lugar.
Quatro recados teue aly diante
Caba hum mais perigoso, e importante.

El Rey

El Rey que a Tuy cidade tem cercada
Lhe manda que com os ſeus vá contra ella,
Que vem com graõ poder de gente armada
O Caſtelhano Henrique a ſoccorrella;
Lisboa nouamente aluoraçada
Com huma frota mui grande de Caſtella,
Com diſſemſoens dos grandes, e embaraço
Manda pedir a ajuda de ſeu braço.

Gonçalo Vaz Coutinho neſte inſtante
Da Beira o auiſou, que defendia,
Que com copia de gente mui poſſante
O Iffante dom Dinis o accometia,
Filho de Ines, e Pedro que arrogante
O reyno por herança pretendia
Conquiſtar ſugeitando a patria terra
Com opreſſoens, batalhas, cerco, e guerra.

Em lugar de Ioaõ, que era o primeiro
Iffante a que eſta empreza mais conuinha
Que habitara tambem reyno eſtrangeiro
Pollo que já na patria feito tinha,
Matando como ingrato companheiro
A bella irmam da perfida Raynha,
Que a lugar tam altiuo aleuantara
Para depois tirar-lhe a vida chara.

Deſte, hum natural filho fez ditoſa
A patria, que o ſeu ſangue illuſtra tanto,
Que com progenia clara, e generoſa
Deu o principio á caſa de Monſanto:
Porém depois que a Parca riguroſa
Eſta eſpoſa roubou que honraua tanto,
Aos Vaſconcellos fortes, e animoſos
Fez mais illuſtres, claros, e famoſos.

Que

Que delle, e de Maria illuſtre, e bella
Herdeira do ſolar, e do appellido
Teue principio a caſa de Penella
Nome na voz da fama engrandecido:
Mas a mudança, e tempo triunfou della
Deixando o claro ſangue recolhido
Nos ſenhores de Mafra, villa antiga
Mais pouoada já da gente imiga.

Vinha pois Dinis Principe atreuido
Com Martim Vaz d'Acunha o Conde ouſado
E o Pimentel famoſo tam temido
A aſſolar Portugal determinado:
O Coutinho que via o ſeu partido
Da parte dos contrarios melhorádo
Ainda que o ſeu valor he forte, e muro,
Se valeo do remedio mais ſeguro.

Era o Coutinho o Marichal famoſo
A quem Portugal deue eſta memoria
Vencedor na da batalha de Trancoſo
Dos Coutinhos, e Freires honra, e gloria:
Pai daquelle Magriço, valeroſo,
Que em Inglaterra fez ditoſa hiſtoria,
E com ſer tam famoſo, e tam guerreiro
Ao Condeſtabre quer por companheiro.

Do Guadiana o Melo faz lembrança,
Que o Meſtre eſtá com gente aparelhado
Para vir procurar delle a vingança
Como homem offendido, e afrontado:
Ficou o Conde em deſigual balança
A tam diuerſas partes inclinado
Sem ſaber aonde acuda, ou como acerte
Tudo remete ao ceo que elle o concerte.

E jul-

E julgando quanto era neceſſario
Do Iffante atalhar ao nouo intento
A que o pouo incoſtante, leue, e vario
Podia ir dando algum conſentimento;
Menos temendo entaõ qualquer contrario
Que eſte precipitado atreuimento
Para Caſtello Branco as gentes moue
Poſto que algum ſeu bom conſelho eſtroue.

Ao Iffante eſcreue como o buſcaua,
E a Couilham lhe manda eſte recado,
Mas já o meſſageiro naõ no achaua,
Que naõ quis eſperar ao Conde ouſado:
Entaõ partindo as gentes que leuaua
Com o valeroſo Melo, e ſeu cuidado
A defenſaõ, e o cargo lhe confia
Das terras aonde o Meſtre entrar queria.

Para Tuy com os outros encaminha
A ſoccorrer ao Rey com mais preſteza,
E chegando a Viſeu ſoube que tinha
Tomada já a cidade, e fortaleza,
E depois da vitoria ao Porto vinha
Deſcanſar entre a gente Portugueſa,
O' quanto iſto alegrou ao bom vaſſallo,
Que aforrado ſe parte a viſitallo.

Cincoenta ſós dos ſeus leua conſigo
De cotas, e braçaes que a de mais gente
Deixa em Viſeu ſem medo, e ſem perigo
Por Capitaõ ſeu tio, e por Regente:
Como a vaſſallo naõ, mas como a amigo
Sahe el Rey a buſcallo honroſamente,
E entre os braços lhe moſtra o ſeu deſejo.
Que o merecido amor nunca he ſobejo.

E por-

E porque indo a tal tempo o capitaõ
O Prior do hoſpital achou no Crato,
Que a el Rey tinha fugido da priſaõ,
E andaua homiſiado, e com recato:
E elle o trouxera em ſua defenſaõ
Com termo amigo, e com benino trato
Faz com que o Rey de nouo o reſtitua
Perdoando o paſſado, á graça ſua.

Aly teue alguns dias, nos quais trata
Do gouerno do reyno, e do cuidado;
Porém mui pouco a volta lhe dilata
Outra noua occaſiaõ, outro recado,
Que Moura ao Rey por cartas já relata,
Que eſtá o Alcaide della aleuantado
Por parte de Caſtella, e por tal arte
Que a ir pór cerco á villa o Conde parte.

A gente que em Viſeu ficar mandara
Auiſa, e em Coimbra eſpera hum dia;
Daly paſſa a Ourem que ſempre amara,
E faz a Ceiça humilde Rómaria:
E entrando na terra antiga, e clara
Patria daquella armada companhia
Ao capitaõ de Moura, e da demanda
Com ſeguro, e com rogos chamar manda.

O meſe com tal termo, e tal cautella
Com Aluaro Gonçalues, no appellido
De Moura, e juntamente Alcaide della,
Que elle ficou honrado, o Rey ſeruido:
Daly a Euora vai antiga, e nella
Repouſa hum tempo, a elle aſſas comprido
Té que a tratar de tregoas foi chamado,
Que por terceiro os Reys tinhaõ tratado.

Porque

Porque cansados já da desauença
Que a seus proprios estados custou tanto
A sanguinosa guerra, e differença
Querem trocar por paz (conselho santo)
Para isto dom Nunalures a Oliuença
Com o Bispo de Coimbra parte; em quanto
Pola parte de Henrique vem fazella
Com outro grande, o Mestre de Castella.

Aly deixa o Pereira a forte gente,
E só com tres Baroens acompanhado
Vai; o Bispo tam nobre, e tam prudente,
De Abreu Gonçaleanes, o esforçado:
Pedreanes Lobato juntamente,
Que era o concerto assi determinado
De cotas, e braçaes leuaõ cincoenta
Que em nenhuma das partes se acrecenta.

Da de Castella o Mestre tam validó,
E da mesma ordem sua hum caualleiro,
O Marichal valente, e atreuido,
E Ruy Lopes de Aualos guerreiro,
Outros cincoenta vaõ, de que escolhido
Podera ser cada hum para primeiro,
E contra Villa Noua duas legoas
De Oliuença tambem se trataõ tregoas.

Em huma ilha alegre se trataraõ
Que hum rio doce, e brando rodeaua
Neste lugar os oito se ajuntaraõ
E nas ribeiras a mais gente estaua;
Cortesmente os guerreiros se fallaraõ
Cada hum a dom Nunalures fito olhaua
O Mestre delle os olhos nunca tira
Que se naõ foi de longe, nunca o vira.

Aos ſeus o Condeſtabre dera auiſo,
Que naõ perdeſſem delle nunca o tento,
E vendo que arrancaua, de improuiſo
Foſſem todos aly num penſamento:
E no meyo das tregoas muy de ſiſo
Viraõ que com ayroſo mouimento
Pos no pomo da eſpada á maõ direita
Por uer ſe a ſua gente a tudo eſpreita.

Toda ſe reuolueo no meſmo inſtante,
E á paſſada do rio ſe arremeſſa;
Elle voltando o roſto vigilante
Com hum açeno ſómente a furia ceſſa;
Algum dos quatro bõs que eſtaõ diante
Mudou a cor ao roſto bem depreſſa,
E ainda o penſamento lhe affigura,
Que era mais riguroſa a traueſſura.

Acordaraõ, que em tregoas deſcanſaſſem
Os dous reynos com guerras auexados
Té que de todo as pazes ſe firmaſſem
Com condiçoens, e eſtilos cuſtumados;
E que por noue meſes ſós duraſſem,
E ſem contradiçaõ (ſendo acabados)
Podeſſem guerrear; que os Portugueſes
Naõ quiſeraõ a tregoa mais que a meſes.

A Euora, e ao Rey ſe volta o Conde
Que ſahio duas legoas a eſperallo,
Moſtrando quanto eſtima, e correſponde
Bem ás obrigaçoens de hum tal vaſſallo:
Para Lisboa vai contente aonde
Tambem foi o Pereira acompanhallo,
Mas tam de eſpaſſo as pazes ſe concertaõ,
Que de nouo os tambores as deſpertaõ.

CAN-

CANTO XIX.

Acabada a tregoa, entra el Rey dom Ioaõ em Castella: Poem cerco a Alcantara. Alongaõ-se as tregoas, té que com a morte del Rey Henrique se firmaõ pazes: Iuraõ em Leiria o Principe dom Duarte: Trata-se o casamento de dona Beatriz Pereira filha do Condestabre, com dom Affonso filho del Rey dom Ioaõ: Acontece ao Condestabre huma auentura no castello de Leiria, aonde por hum fingimento se lhe mostra, que haõ de descender desta sua filha, e genro os Reys, e Raynhas da Christandade.

CHegado o fim dos limitados meses
Para tratar de paz tempo apressado,
Porque o contrario Rey que tantas vezes
As pretendera estaua já mudado;
Por melhorar na guerra os Portugueses,
Iá manda o Rey Ioaõ ao Conde ousado,
Que em armas ponha a gente Lusitana
Dos Algarues, do Tejo, e Guadiana.

E reformando a mais que armada tinha
Para ir cercar a Alcantara se altera
Com a força que para isso lhe conuinha
Ao Conde que chamou no Crato espera:
Elle que o querer seu nunca o detinha
Se o a gente que traz naõ detiuera
Com el Rey se ajunta logo em Cafragella;
E com grande esquadraõ entra em Castella.

Cercou

Cercou Alcantara , e teue a combatida
Com esforço magnanimo , e valente ,
Porém foi dos contrarios defendida
Com esforço , e valor conueniente ;
Porque continuamente ſoccorrida
Por onde a cerca o Tejo alegremente
Faziaõ vaõ trabalho , e vam porfia
De quem com tanto esforço a combatia.

E porque já faltaua o mantimento
Aos do noſſo arraial, e o pouo vario
Com muita furia , e pouco ſofrimento
Arremetia ás terras do contrario,
Sem auer ao redor daquelle aſſento
Donde podeſſe vir-lhe o neceſſario
Correr a terra o Rey ao longe manda ,
Mas naõ ſe offrece algum neſta demanda.

Que como aquella terra andaua chea
De gente armada , e capitaẽns potentes,
E cada hum dos do campo ſe arrecea
Do riſco, e dos ſucceſſos differentes:
Nenhum pertende o cargo, nem grangea ;
Só Ioaõ Affonſo dos que eſtaõ preſentes
No Conde falla el Rey , e o forte Conde
Com valeroſo effeito lhe reſponde.

Entrou deſaſeis legoas por Caſtella
Apartado do campo onde ficaua
Roubou, prendeo mui liure, e trouxe della
Tudo o que o Rey, e o campo deſejaua :
Dos grandes capitaens que eſtaõ por ella
Nenhum a vello, ou cometello ouſaua,
Tornou-ſe ao árraial muy feſtejado
Com muita gente preſa, e muito gado.

Con-

Continuando o Rey por alguns dias
O cerco ſem proueito trabalhoſo,
Depois que quis tentar por varias vias
Fazer pontes ao Tejo furioſo;
Vendo que as diligencias ſaõ baldias,
E o contrario encerrado, e poderoſo
Tornaſſe á terra amada que ſuſtenta.
Que quanto lhe cuſtou, tanto o contenta.

Eis que de nouo a paz ſerena, e branda
Mouem com graõ deſejo os defenſores
Iá num reyno, e no outro, em tal demanda
Entraõ de ambos os Reys embaixadores,
E apos duuidas de huma e de outra banda
Aſſentaõ entre os Reys, e os vencedores,
Que a tregoa por dez annos ſe confirme.
Té ſe tratar da paz ſegura, e firme.

As condiçoens compridas do concerto
Quietos no ſeu reyno os Caſtelhanos
Vendo o fim dos trabalhos de tam perto
Ceſſando tanto ſangue, e tantos dannos;
Tratando ſó do bem ſeguro, e certo
Que era fazer eternos aos dez annos
Com amiſades largas, e a liança,
Que requeria a eſtreita veſinhança.

E porque ainda os poucos junto á terra
Dos extremos, indoceis, e imprudentes.
A paz tratar queriaõ como a guerra
Sendo da guerra as leis muy differentes;
E Aſtrea pia, e juſta que deſterra
Do mundo os ritos duros, e inſolentes
Suſpendera os caſtigos, e a balança
Em quanto o Rey trataua outra vingança.

Pedio ao Condeſtabre o Rey benino
Cuja prudencia em tudo o deſengána,
Que gouernaua os pouos de contino
Do Algarue, e Prouincia Tranſtagana:
Por ſi deſſe caſtigo, e premio dino
A toda aquella terra Luſitana
Elle pezadamente o cargo aceita,
Que quem ſabe o que teme, ſabe o q̃ engeita.

Ouueſe no gouerno de maneira,
Que aos ſeus ſe fez contrario, e odioſo
Por querer conſeruar juſtiça inteira,
Que he o officio entre os homens perigoſo:
Té que mandou hum dia o bom Pereira
Iuſtiçar por hum caſo criminoſo
Hum eſcudeiro; a morte o Rey lhe impede;
E deſte cargo o Conde ſe deſpede.

Alto ſenhor (lhe eſcreue) a culpa he minha
Das faltas deſte encargo que tomei,
Que pois ſer juſtiçoſo a Rey conuinha
Por vos ſer bom criado, em ſello errei,
Obedeci ao goſto que naõ tinha
Agora ao voſſo nome obedeci,
Sois Rey ſem perjuizo, e ſem perigo
Podeis a todos dar premio, e caſtigo.

O' homens, ſé inda o ſois da noſſa idade
Alchimiſtas da honra, e da juſtiça,
Miniſtros do direito, e da verdade,
Eſcrauos da priuança, e da cobiça,
Naõ conuertais a honra em vaidade,
Que a honra he mais pezada, e mais maciſſa
Cargos que naõ ſabeis mais que afrontalos
Aprendei do Pereira a deſprezalos.

Deixou

Deixou aquelle á vida tam pezado,
Gasta a que fica em santos exercicios,
Hora em aleuantar ao Ceo sagrado
Sumptuosos altares, e edificios,
Hora acodindo ao mais necessitado
Com esmolas, merces, e beneficios
Ordenando na terra onde viueo
Outra morada eterna lá no Ceo.

Nestes annos que a vida assi naõ sente
Té descobrir a morte o desengano
De hum desastrado caso amargamente
Perece el Rey Henrique o Castelhano;
Deixando tenro Iffante florecente
O segundo Ioaõ ao reyno Hispano
A Raynha os estados gouernando
Com o generoso Iffante dom Fernando.

As pazes aos dous reynos confirmadas
Descansaraõ trombetas, e atambores
As armas para ornato penduradas
Tem por doce lembrança os vencedores:
As curuas bestas, as setas amoladas
Nos montes seruem já aos caçadores
O laurador no campo o trigo espalha,
Que antes cobria o sangue da batalha.

O reluzente ferro os campos ara,
E os ossos sem vigor mal sepultados
Que aguerra rigurosa aly deixara
Vai descobrindo em margens leuantados;
Ceres nos louros campos pouco auara,
Porque de humano sangue estaõ regados,
O laurador contenta; o Sol, e as flores,
Tem na paz outra luz, belleza, e cores.

O Conde dando a Deos ſempre á vontade,
E á vida hum paſſatempo honeſto, e leue
Em Montemór de larga infirmidade
Hum muy comprido tempo preſo eſteue:
E indo já dando ás forças liberdade
Hum recado penoſo, e triſte teue;
Que era o Principe Affonſo fallecido
Del Rey primeiro filho, e mais querido.

Cóm o pezar deſtas nouas riguroſas
Sentio a infirmidade mais pezada
Mandou fazer-lhe exequias ſumptuoſas
Com a pompa deuida, e cuſtumada:
Depois cobrando as cores gracioſas
Que da ſaude daõ doce embaixada
De dó cobrio aos ſeus, e a terra, e neſte
Por moſtrar ſeu pezar tambem ſe veſte.

Mas pouco tempo em tais obras reparte,
Que apreſſado del Rey chega hum correo
Que quer jurar por Principe a Duarte
Que tem de alta eſperança o reyno cheo:
Para Leiria alegre o Conde parte
Donde o Rey fica, e lhe eſta carta veo
A villa chega, e pondo os olhos nella
Vio que nunca virá outra mais bella.

Vio aquelle edificio leuantado
Sobre o profundo vaõ altos rochedos
De dous tam claros rios rodeado
Pouoados de Soutos, e aruoredos,
De flores naturaés veſtido o prado,
Que aos deſcuidados olhos fazem ledos
Deſcubertas campinas, claras fontes,
Engraçados outeiros, freſcos montes.

O do-

O' doce patria minha deseja
Nunca esquecida em meu verso amoroso,
Que quanto sois mais bella; e celebrada
Tanto sempre de vos sou mais queixoso:
Se amor que he natural respeita a nada
Mais que a seu fim, que he ser mais generoso
Bem pago estou do muito que vos quero
Pois nem temo a ventura, nem na espero.

Naõ me queixo já agora, nem confio
Do que tu sorte a tantos naõ declaras,
Que deuo ao Lena, e Lis meu brando rio
Sem enganoso pego as aguas claras;
Seja tyranno o tempo, ou seja pio
Estrellas liberaes, ou sempre auaras,
Que em tuas aguas vejo ó Lis mais bellas
Os bens do tempo, e o rosto das estrellas.

Aqui depois das festas, e alegria
A tal acto, e a tal Rey conueniente
Com o Condestabre el Rey se aparta hum dia
Desuiando de si toda a mais gente:
Por huma vega alegre que aly auia
Tam fermosa, tam verde, e tam contente
Que a qualquer parte, aonde a vista alcança
Tudo he de flores cheo, e de esperança.

Aonde por huma parte o vagaroso
Leua entre os auoredos escondido,
Tocando a rama o vento cobiçoso
Por entre os sexos faz doce roido:
Por outra o Lis mais claro, e mais fermoso
Polo prado em regatos repartido
Com flores a verdura alegre esmalta,
E em cobras de cristal correndo salta.

Aly

Aly com o roſto ledo, e deſejoſo
De nos olhos deſentranharlhe o peito
Começou a falarlhe o Rey famoſo
De ſeu deſejo, e óbras ſatisfeito:
Bem ſei Nunalures claro, e valeroſo
A quem Portugal ficà hum termo eſtreito
Quanto vos deuo, e que me tendes dado
Com o nome de Rey o meſmo eſtado.

Deiuos tal dinidade, e tais penhores,
Que mui pouco de vos me auentajei,
E ſe num reino ouuera dous ſenhores
Iuntamente comigo foreis Rey,
Mas como os meus deſejos ſaõ maiores,
Que tudo o que me fica; e que vos dei
Pois do meu reyno, e terras mais naõ poſſo
Quero que o ſangue meu que ſeja o voſſo.

Tendes de voſſos bens vnica herdeira
Beatris fermoſa filha, e deſejada,
Que com affeiçaõ pura, e verdadeira
Eu atalhei tégora o ſer caſada:
O ramo quis guardar deſta Pereirà,
Que em meu tronco real foſſe enxertada
Para que o fruto della a que o ceo ama
Se moſtraſſe melhor na voſſa rama.

O Principe meu filho vos offreço
Para ſeu companheiro, e ſeu marido,
Que para o alto fim deſte começo
Com outras eſperanças foi nacido:
Por minha nora a amo, a quero, a peço,
E a vos por mais parente, e mais vnido
Eſmalte deſta liança huma amiſade
Chea de tanto amor, tanta verdade.

O Con-

O Conde a tais palauras humilhado
Lhe toma a maõ, e o Principe o leuanta
Alto senhor (responde) esse cuidado
Quanto me obriga mais, menos me espanta:
Para mi só ser vosso he ser honrado
Se por vosso mereço gloria tanta
Comò ver minha filha em tanta gloria
Mais foi darme esté ser, que essa vitoria.

Bem sei que os meus seruiços tam menores
Tam pagos d'ante maõ já com o desejo
Que nunca podem ser merecedores
Deste tam grande bem que agora vejo:
Mas se estes braços meus, que vencedores
Vio já o Guadiana, o Douro, o Tejo
O que no peito està mostrar poderaõ
Pagaraõ-uos melhor do que venceraõ.

Porém claro senhor, se o meu dessenho
Pode em parte atalhar vossa grandeza
Menos do que me dais a pedir venho,
Porque isto só me pede a natureza:
E he que essa vnica filha, e bem que tenho
A quem vos quereis pôr em tanta alteza
Antes fique na terra por ser minha,
Que o meu nome acabar com o de Raynha.

Hum filho natural famoso, e claro
Tendes senhor que vos naceo primeiro,
Que eu de meus bens, e terras pouco auaro
Desejaua fazer em vida herdeiro:
Para isto a vosso amor vnico, e raro
Tomo por valedor, e por terceiro
Concedei-me esta gloria, e vereis cedo
O que ha de resultar de meu segredo.

Goza-

Gosaraõ vossos claros descendentes
Naõ só dos que atéqui me tendes dados,
Mas de amigos, vassallos, e parentes
De que seráõ seruidos, e ajudados:
Naceraõ varoens fortes, e valentes,
Que occupem os lugares mais honrados
De vosso, e de outros reynos conuesinhos
Abrindo a isto o ceo varios caminhos.

Senaõ fazei de mi qual vosso gosto
Por vos servir melhor quiser que eu seja
Que em vossas mãos pus sẽpre, e tenho gosto
O q̃ hũs poem na ventura, outros na inueja:
Se a fazerme tam grande estais disposta,
Porque a vossa grandeza em mi se veja
Como ei de negar eu consentimento
A bem tam grande, a tal contentamento.

Muitas razoens tras estas despendidas
No segundo concerto se assentaraõ
Por algum tempo as vodas differidas
Que (como inda ouuireis) se affeituaraõ;
As graças deste bem ao ceo deuidas;
Que em pios coraçoens nunca faltaraõ
Foi dar o Condestabre a mesma hora
A Virgem de Deos mãy, de Anjos senhora.

Està ao pè dos paços do castello
Sobre aquella alta rocha aleuantado
Hum sumptuoso templo altiuo, e bello
Que a Senhora da pena he nomeado;
Nos pilares, columnas, e modelo
Naquelle tempo illustre, e celebrado
Com os antigos despojos que ficaraõ
Das pedras que a Colipo hum tẽpo honraraõ.

Aly

Aly depoi que orou, mais ſatisfeito
De ſeu deſejo andando ſe detinha
A paſſada de hum muro já desfeito
Que com huma torre antiga ajuntar vinha;
Por hum portal eſcuro muito eſtreito,
Que ao fundo de huns penedos encaminha
Hum vulto vio que entraua; e por ſeu nome
Chamando a dom Nunalures ſe lhe ſome.

Por ſer o paſſo eſcuro, e deſuſado
Entre enredadas eras eſcondido
Foi tras delle ſeguindo o Conde ouſado
Com a eſpada apunhada, e ſem ruido:
Num corredor ſe achou mui bem laurado
Sobre columnas Goticas erguido
Aonde huma eſtreita eſcada lhe apparece,
Que mal pode julgar para onde dece.

Mas vendo aquella entrada tam ſegura
Deceo por ella ao eſcondido centro
Por ver que gente eſtranha, ou que auentura
Podia auer naquella coua dentro:
Quero ver ſe iſto he caſa, ou ſepultura
Razoaua entre ſi por onde eu entro,
Quem della me chamou, ſe he gente humana
Se he ſombra que me buſca, ou q̃ me engana.

Deceo a eſcada em voltas rodeada
Até parar num quadro onde cahia,
E aly achou huma porta aleuantada,
Que em elle aly chegando ſe lhe abria;
Patente, e liure moſtra a larga entrada,
E tal o interior lhe apparecia,
Que bem daua aos olhos claro indicio
Que era de encantamentos o edificio.

E dei-

E deixando o ſeu preço tam viſtoſo,
Que aos ſentidos mais liures aſſombraraõ
Entrou na ſala o Conde valeroſo,
Que inuiſiueis miniſtros fabricaraõ:
E qual ſe a vira o Sol claro, e fermoſo,
Os ſeus rayos continuo nella entraraõ
Eſtaua tam fermoſa, alegre, e clara,
Que o meſmo Sol a luz della inuejára.

Atraueſſando a caſa huma donzella
Para elle veyo alegre, e comedida
Do roſto tam modeſta, humilde, e bella
Como ayroſa, galante, e bem veſtida
Do meſmo trajo algumas vem com ella,
Mas por ſenhora he logo conhecida
Saũdando cortes ao bom Pereira
Lhe começa a fallar deſta maneira.

Naõ vos altere a eſtranha nouidade
Alto ſenhor, que a quem a eſte apoſento
Vos traz, deueis ha muito huma vontade,
Que ante vós deue ter merecimento.
Outrem a ha de pagar, e em outra idade.
Terá fim deſta obra o fundamento
Com o ſoberano fim de huma auentura
Que o tempo eſconde em eſta ſepultura.

Neta ſou de hum muy nobre caualleiro
Cuja hiſtoria he muy larga, eu ſerei breue,
Que no tempo de Affonſo o Rey primeiro
Eſte caſtello em guarda hum tempo teue;
Ainda do ſangue antigo, e verdadeiro
A que eſſe nome voſſo origem deue,
Que agora ſem primeiro, e ſem ſegundo
Mais claro inda hade ſer, que o Sol no mũdo.

Pollo

Pollo roubo que fez de huma donzella,
Que escondida a seu Rey trouxe consigo
Para poder gozala, e defendella,
E atalhar sua morte, e seu castigo:
Guiado da ventura, ou da cautella
De hum Mouro se valeo guande amigo
Que de mortal afronta elle saluara
Quando a bella Leyria o Rey tomara.

Erá este Mouro astuto, e poderoso
Sobre espritos immundos, e profanos
Magico encantador marauilhoso
Famoso entre os Numidas Africanos:
De dar a troco a vida cobiçoso
A quem guardara a sua em iguais dannos
Em esta coua occulta, e naõ pisada
Fabricou nouamente outra morada.

Com elle aqui viveo sempre encerrado
Té que chegando a vltima partida
Tendo hum filho do amigó doutrinado
Na arte de espritos varios aprendida
Deixando este lugar todo encantado
E a sepultura aos olhos escondida
De ambos se despedio, e em tempo breue
Traz elle o charo amigo a morte teue.

Viueo depois Arminio, que este era
O nome de meu pai, que a força, e rogo
Tambem por outro engano aqui trouxera
A que dando-me a vida a perdeo logo;
Tam sabedor na arte que aprendera,
Que escurecia o Sol, qualhaua o fogo,
E formaua no ar confusamente
Machinas, edificios, guerra, e gente.

Deu

Deu por fruito de ſua larga idade,
E da arte que ſabia fea, e eſcura
Hum liuro de alto preço, e de bondade
Onde eſcrita ficou minha ventura;
Onde já deſde grande antiguidade
Té a idade preſente, e a futura
Retratados eſtaõ por varios annos
Os varoens ſigulares Luſitanos.

Encantadas as folhas por tal arte,
Que o Heroa que entraſſe eſta morada
Só podeſſe chegar té aquella parte,
Que dos fados aqui lhe eſtá guardada,
E porque vós inuicto, e nouo Marte
Em quem a fama eſtá ſempre occupada
Ereis fim principal, e o melhor meio
Deſta priſaõ que eu paſſo, e deſte enleo.

Tempos muito compridos, differentes
Té veruos eſperou com graõ deſejo
Deixando-me eſtas horas tam contentes
Eu que o principio a meu remedio vejo:
Elle vos dera as armas excellentes
Que na terra aonde mais ſe eſpalha o Tejo
Por vos armar, nouel ſe hiaõ buſcando,
Reynando com Leonora o Rey Fernando.

Elle em habito humilde, e perigrino
Vos temperou a eſpada luminoſa
Que o barbeiro ſagaz, da paga indino
Vos deu com a noua entaõ bem duuidoſa
A cujo aço luzente, e còrte fino
Nenhuma alhea força he poderoſa,
E pollo que eſta vinda me importaua
A voſſo pai fallou quando caçaua.

Tratou

Tratou de vosso illustre casamento
De cujo fruto Europa toda espera
Eterna fama, eterno vencimento,
E o desterro da ley barbara, e fera,
E porque neste meu raro aposento
Vos naõ podeis estar quanto eu quisera
Vamos vereis a estranha marauilha
Do varaõ singular de que sou filha.

A isto o Conde está como espantado
Lembrando-lhe os sinais do que dizia,
E á donzella cortes, brando, inclinado,
Com mui brandas razoens se offerecia:
Mostrando-se queixoso, e magoado
Do tempo que inda o fado differia
Do seu antigo, e injusto catiueiro
Desejando ser elle o caualleiro.

Depois da noua offerta cobiçoso
A outro apousento o leua de cristal
Em cuja porta hum drago riguroso
Preso hum escudo tém de Portugal;
E por cima de hum globo luminoso
Doutro mais claro, e lucido metal
Estaua o liuro estranho, e graõ thesouro
Com brochas de diamante, e pastas d'ouro.

Com respeito mui grande, e cortesia
Qual mostrou a donzella com que veyo
Sobindo alguns degraos que ante auia,
O liuro abrio de marauilhas cheo;
Abrindo o proprio seu retrato via
Tam natural que era hum viuo enleo,
E a filha desejada illustre, e bella,
E o que hum letreiro diz, lia a donzella:

Dom

Dom Nunalures Pereira , em ſua idade
A de ouro a Portugal reſtituida,
Dará ao reyno alem da liberdade
Eſta filha famoſa , e bem nacida :
Da qual ha de ſer toda a Chriſtandade
Sameada de Heroas cuja vida
Com mór gloria do ſexo feminino
Occuparaõ o aſſento criſtalino.

Deſta Beatris Condeſſa venturoſa
Iſabel nacera muy deſejada
Do Iffante dom Ioaõ illuſtre eſpoſa,
E ſobrinha tam nobre, quanto amada:
De cuja géraçaõ alta , e famoſa
Ficará toda Europa mais honrada
Dando primeiro ao mundo hum dom Diogo,
Que a morte em tenros annos vença logo.

Deſta nace Beatris clara , e diſcreta
Tras de Felippa morta em tenros annos
Da primeira Beatris ditoſa neta,
E mãi dos Reys mais claros Luſitanos:
A quem fauorecendo o bom planeta,
E ſeus merecimentos mais que humanos
Caſará com Fernando Iffante claro
Del Rey Duarte filho , e noſſo amparo.

Delles haõ de nacer ao reyno amado
Ioaõ , Duarte , Diogo , e dom Simaõ,
Que por razaõ ſecreta ordem do fado,
Todos haõ de acabar ſem géraçaõ,
Iſabel de Fernando Duque ouſado
Triſte conſorte em grande confuſaõ,
E Lianor Raynha rara ao mundo
Companheira do Rey Ioaõ ſegundo.

Mano-

Manoel Rey catholico, e prudente
Conquistador magnanimo, e guerreiro
Descobridor das terras do Oriente
Pai do sereno Rey Ioaõ o terceiro:
De quem nacendo o Principe excellente
De seu cetro, e virtudes claro herdeiro
Sebastiaõ promete a que a ventura
Iá faz na ardente Libia a sepultura.

Isabel, e Ioaõ daraõ ao mundo
Do seu nome outra filha soberana
De valor grande, e de saber profundo
Bella Raynha á terra Castelhana:
Casará com Ioaõ della o segundo,
Dos quais outra Isabel procede, e mana,
Que morto o pai, e irmaõ que o Tejo chora
De reynos mais que o seu será senhora.

Casará com o catolico Fernando
De Aragaõ, de Nauarra, e Catalunha
Principe, a quem Roma está guardando
As Aguias que no escudo a Cesar punha;
Os catolicos Reys se iraõ chamando
Appelido do ceo, ditosa alcunha,
Que haõ de honrar tãtos Reys seus descẽdẽtes
Conquistar terras, e armas differentes.

Naceraõ cinco filhas venturosas (to
Destes dous Reyes q̃ a Hespanha hõraraõ tan-
Tam illustres na terra, e tam famosas
Quam aceitas ao ceo sereno, e santo:
Isabel naõ será das mais ditosas,
Que morto o charo esposo que ama tanto
Affonso a Portugal Principe amado
Casa com o successor do mesmo estado.

A, esta-

A esta a parca misera, e cruel
Mata de parto em terra estranha, e dura
Deixando viuo o Principe Miguel,
Que assi inuejará logo a ventura:
Tornando o Rey inuicto Manoel
Para lhe dar na patria sepultura
Deixando sepultada a companheira
Dos reynos de Aragaõ Princesa herdeira.

A segunda he Ioana altiua, e bella
A quem Felippe de Austria he doce esposo;
E naceraõ ao mundo delle, e della
Carlos o quinto Emperador famoso;
Deste, e d'outra tambem nossa Isabela
Filha de Manoel Rey venturoso
Nace Fellipe inuicto, e delle o grande
Filho, que he bẽ que o mundo reja, e mandẽ.

Nace ao mundo tambem outro Fernando
Rey de Romanos logo, e Rey de Vngria,
Que morto Carlos, logo o sacro bando
Emperador elege, ordena, e cria,
Do qual em toda Europa sustentando
As columnas da fé sagrada, e pia
Nace o grande Maximiliano,
E outro Fernando, e Carlo sobre humano.

Nace Anna, que o Duque de Bauiera
Alberto por esposa estima, e ama,
Dos quais o Archiduque Carlo espera
Consorte de igual sangue e de igual fama:
E Arcebispo Colonia considera,
Que com nome immortal Hernesto chama,
E de Carlos nacendo está ao mundo
A mulher do terçeiro Segismundo.

De

De Polonia, e Suecia Rey famoso,
E será Anna o nome da Raynha,
E nacerá de Carlos venturoso
Outra filha daquella illustre linha,
Que o herdeiro sublime, e poderoso
Do Duque Ferdinando mui asinha
Fará senhora da Toscana terra
Pollo sangue, e valor que a dama encerra.

Nace a Fernando logo outra Duqueza
Maria que he de Cleues estimada,
E a filha que mais ama, estima, e preza
Com o Duque de Noiburg he desposada:
Ludouico do sangue, e da nobreza
Da casa Eleitoral tam celebrada
Dos Condes Palatinos que o Rhin gosa
Com géraçaõ illustre, e venturosa.

Nace mais de Maria outra senhora
De Ioane estimada companheira
Duque de Duipont que o Rhin namora
Da mesma casa illustre, que a primeira,
E outra da de Prusia vencedora
Faz o Duque ditoso noua herdeira
Géraçaõ, que orna, illustra, e acompanha
A sagrada coroa de Alemanha.

Nace mais de Fernando a Segismundo
Rey de Polonia a bella Catherina,
Que Duqueza primeira foi no mundo
De Francisco de Mantua mulher dina:
Nace Ioana a outra que eu me fundo
Que naõ será no estado perigrina
Mulher de outro Francisco soberana
Duque do grande estado de Toscana.

Deſte Franciſco, e della vem Maria
Mulher de Henrique o IIII. Rey de França
Senhora de grandeza, e de valia,
E elle de ſingular nome, e de lembrança:
Da caſa de Borbon cabeça pia
Depois que com o eſtado faz mudança
No tempo que os veſinhos potentados,
Andaõ de immundos ritos ſameados.

De Fernando tambem nace Leonora
Que outro Duque de Mantua engrandece
E Iſabel, que com cauſa ſente, e chora
O que com a bella irmã deſta ſe eſquece:
Nace outra valeroſa, e graõ ſenhora
Barbora que Ferrara reconhece
Pollo ſeu Duque Affonſo pouco auara,
E a bella Margarita, Ilena, e Clara.

De Maximiliano nace o claro
Rodulfo Emperador pio, e ſagrado
Mathias, Vencisláo, Herneſto, e o raro
Alberto á Luſitania hum tempo dado,
Que lhe ha de tirar logo o fado auaro
Para lhe dar de Flandes o Condado
Com Iſabel ſenhora em terra eſtranha
Filha do graõ Monarca, e Rey de Eſpanha.

Do meſmo Emperador nace Iſabela
Mulher do nouo Carlos Rey de França,
E Anna naõ menos grande, ou menos bella,
Que encherá a toda Eſpanha de eſperança,
Mulher do Rey famoſo ſenhor della
De quem a fama faz doce lembrança
Felippe o ſegundo; claro herdeiro
Que ao reyno Portugues ſerá primeiro.

Do

Do Carlo valeroſo, e Principe excellente,
De Maximiliano irmaõ ſegundo
Nace de Heſpanha á bellicoſa gente
A Raynha que mais celebra o mundo:
Margarita catholica, e prudente,
Cujo peito magnimo, e fecundo
A Felippe de Heſpanha Rey terceiro
Dará caſa immortal, e altiuo herdeiro.

De Ioana, e Felipe inda procede
Leanor de Manoel alta conſorte,
Que el Rey Franciſco a Luſitania pede
Depois que o eſpoſo ſeu lhe eclypſa a morte
E Maria que ao Sol fermoſo excede,
Que a Vngria, e Ludouico coube em ſorte,
E outra Raynha a Dinamarca dada,
Que Iſabella tambem ſerá chamada.

A Portugal o ceo dá Catherina
Raynha altiua, grande, e valeroſa
Do terceiro Ioaõ conſorte dina
Na géraçaõ mui pouco venturoſa:
Mãy de Ioaõ, e auô do que a ruyna
A' patria ordenarà tam laſtimoſa,
E de Maria, a qual morrendo deixa
Carlos por quem a terra ao ceo ſe queixa.

Dos catholicos Reys ſe moſtra agora
De Dinamarca, e Dacia a graõ Raynha
Filha, que de Criſtierno ſe namora,
Eſpoſa ſua illuſtre neſta linha:
Delles nace Chriſtierna graõ ſenhora,
Que Duqueza a Milaõ guardada tinha
O fado, mas cortou-lhe de inuejoſo
Franciſco Esforcia o Duque tam famoſo.

E atras deste Francisco mal lograđo
Goza outro, que do estado de Lorena
Será famoso Duque celebrado
A quem a fama hum nouo templo ordena:
Delles nacerá Carlos Duque amado,
Que casará com gloria naõ piquena
Com a filha de Henrique Rey de França,
Que o nome de segundo nella alcança.

Deste nace Christierna generosa
Esposa de Fernando o Florentino,
E delles outro Principe que goza
Aquelle imperio grande, e perigrino;
Da primeira Christierna venturosa,
E de Francisco o Duque tam benino
Concede a venturosa sua estrella
Ao Duque de Barzuich esposa bella.

Dos catholicos Reys naçe Maria,
Que a Portugal virá segunda em sorte,
Que apos a morta irmã deuota, e pia
He do Rey Manoel chara consorte,
Cuja fama, e valor de dia em dia
Irà acanhando a escura ley da morte,
E cuja géraçaõ famosa, e santa
Ao ceo da terra humilde se aleuanta.

Destes virá Ioane o Rey terceiro
Tam amado do Pouo seu leal
Luis o claro Iffante, e verdadeiro,
E outro que corta a Parca desigual:
Duarte o excellente, e claro herdeiro
Do ser, honra, e valor de Portugal
O qual dará ao mundo outro Duarte,
Que inuejaraõ Mineruа, Apolo, e Marte.

E á

E á caſa de Bargança peregrina
Por Iſabel, que Duarte alcança della
Dará a alta ſenhora Catherina
Prudente, ſabia, pia, honeſta, e bella,
Que na tormenta eſcura, e repentina
Sempre moſtrará luz de firme eſtrella,
A qual porá entre elles a ventura
Na ſua larga idade inda ſutura.

Della, e Ioaõ o Duque engrandecido
Virá Theodoſio aquelle que em grandeza
Fará ſó ſer no mundo conhecido
O preço, e fé da gente Portugueſa:
Que de Anna, cujo celebre appelido
Heſpanha tanto eſtima, illuſtra, e preza
Tem o Duque Ioaõ proſapia dina,
E a Duarte, Alexandre, e Catherina.

Dará Duarte outra gentil Princeſa
Maria dos Farneſeos honra, e gloria
Que Parma tanto eſtima; e q̃ ama, e preza
Alexandre varaõ de alta memoria
Dos quaes nace Rainucio em cuja empreſa
O tempo tecerá comprida hiſtoria,
E Duarte que a cor trará veſtida,
Que o coral tem nas agoas eſcondida.

Dará mais Manoel á terra eſtranha
De ſeu tronco real famoſas flores
Iſabel ao imperio de Alemanha
A Saboia Beatris com mil louuores:
De hũa os Reys naceraõ da noſſa Heſpanha
Da outra de Piamonte os ſucceſſores,
Que tãbẽ cõ os de Heſpanha, e cõ os de Frãça
Faraõ para altos bens noua liança.

De

De Beatris, e Carlos o terceiro
Duque a Saboia nace ao meſmo eſtado
Manoel Feliſberto illuſtre herdeiro
Com Margarita altiua deſpoſado
Filha do bom Franciſco Rey primeiro
De França tam famoſo, e celebrado,
E delles nacerá com grande gloria
Carlos, e Manoel de alta memoria.

Deſte, e de Catherina generoſa
Filha do graõ Felippe Rey de Heſpanha
Nace Vitorio, e géraçaõ famoſa,
Que ha de dar honra, e luz à terra eſtranha
Que a Luſitania já mais venturoſa
Com o nome Portugues inda acompanha
Gozando a renda liure, larga, e franca,
Que ao Prior do Hoſpital deixa a cruz branca;

De Manoel, Affonſo hum Cardeal,
E Henrique que na idade tam madura
O cetro inda terá de Portugal
Quando delle ſe eſqueça já a ventura
Quando o fero ſobrinho deſigual,
Que dilatar o imperio ſeu procura
Leuando a flor do reyno a tal perigo
O fará perecer com o ſeu caſtigo.

Dos catholicos Reys a derradeira
Filha, que eſte felis numero encerra
He Catherina clara, e verdadeira
Duas vezes Raynha de Inglaterra:
Com Artur deſpoſada a vez primeira,
Com Henrique a ſegunda que a deſterra;
Em o numero octauo em cujos annos
Começaraõ ao reyno grandes dannos.

Deſtes

Destes nace Maria, que consorte
De Felippe será segundo Hispano
A quem rouba primeiro a dura morte
Outra do mesmo nome em nosso dano;
Outra Raynha nace altiua, e forte.
A quem seu pertinaz, e falso engano
Faz borrar deste liuro, è desta historia
E outros idinos já de honra, e memoria.

Aqui fazia fim esta escritura,
E o Conde ir a diante pretendia
A outra folha voltando, em sombra escurã
O liuro, a casa, e tudo se encobria;
O Drago que na porta em grande altura
Com o escudo luzente apparecia
Para elle vem voando, e a donzella
Nem a vio mais, nem soube o Conde della.

Leuou a maõ ligeiro á forte espada,
E em tocãdo o Dragaõ com hum golpe duro
Desaparece a machina encantada,
E acha esperando os seus junto do muro;
Do que lhe aconteceo naõ contou nada
Ficando-lhe na mente o caso escuro,
E no proprio lugar grande auentura
Que alguma hora vereis noutra escritura.

CAN-

CANTO XX.

Celebraõ-ſe as vodas do Conde dom Affonſo em Lisboa: Morre a Condeſſa dona Beatris em Chaves: Conta-ſe o ſentimento do Condeſtabre ſeu pai, e a vida que fez antes, e depois que a perdeo: Vai com el Rey dom Ioaõ na tomada de Ceita, e vindo reparte tudo o que tinha a ſeus netos, e criados, e ſe faz religioſo no moſteiro que edificou a noſſa Senhora do vencimento do monte do Carmo: Contaſe ſua obſeruante vida, e religioſa morte.

HE tempo ó Muſa minha tam querida
De ir amainando a vella agora em tãto
Deſcanſar de jornada tam comprida
Tomar porto, e dar fim ao noſſo canto:
Moſtrando que tam forte foi na vida
Como na vida, e morte foi tam ſanto
Contar como paſſou da vida á gloria
Ditoſo fim de tam ditoſa hiſtoria.

Paſſada já a fantaſtica viſaõ
Como ſonho apraſiuel aos dormidos.
Aquelle que em Deos tinha o coraçaõ,
A vida, os penſamentos, e os ſentidos,
Com o Rey cheo de goſto, e de affeiçaõ
Já de Leiria amada deſpedidos,
Vai celebrar as vodas, e o Rey forte
Chama os grandes do reyno para à Corte.

Na

Na cidade de Vlyſſes glorioſa
Com real pompa, e igual contentamento
Recebe Affonſo a deſejada eſpoſa,
E o ceo feſteja o nouo ajuntamento,
Em conjunçaõ de eſtrellas venturoſa,
Em claro dia, celebre apouſento
Tudo moſtrando aos homens alegria
Eſtrellas, ceo, e terra, a caſa, o dia.

Os principais do reyno, e dos alheos
Os mais claros, illuſtres, e os melhores
Ordenaõ varias juſtas, e torneos
Com letras, e tençoens de varias cores,
Hum pinta ſeu deſejo, ou ſeus receos
Outro o cuidado, e fé de ſeus amores
Na lança, outro no eſcudo, ou no veſtido
Procura ſer louuado, ou entendido.

Dotou dom Nuno o Conde valeroſo
De Barcellos a Affonſo o graõ Condado
Pena fiel, com Baſto, e com Barroſo,
Monte alegre orgulhoſo, e leuantado
A Piconha, e Portello pedregoſo
Baltar, Arco de Boulhe aſſi chamado,
Chaues com toda a terra que aveſinha,
E algumas quintas que entre o Douro tinha.

E porque o Rey lhe tinha prometido
Que o titulo de Conde, e dignidade
Pois por tantas razoens lhe era deuido
A nenhum outro o deſſe em ſua idade,
Pedio que foſſe a Affonſo concedido,
E el Rey que o naõ eſtroua outra vontade,
Que em ſi illuſtra, o que no filho emprega
De quanto o Conde pede, nada nega.

Dom

Dom Nunalures com o fim defte defejo
Deixou a Corte a tantos cobiçofa
Efcolhendo das terras de Alem Tejo
A villa mais amena e venturofa;
Aonde em cefaõ madura, e doce enfejo
Efquecido da guerra trabalhofa
Os defcuidados annos que viuia
Ao mundo exemplo daua, a Deos feruia.

Deu Beatris Condeffa venturofa
Primeiro fruto á terra Lufitana
Ifabel clara Iffante generofa
Gloria, e valor de toda a terra Hifpana;
E Affonfo alto Marques, que com famofa
Memoria a dos paffados defengana,
E o Duque claro, e pio dom Fernando
Cuja alta geraçaõ foftes contando.

Nunca de galardaõ fica queixofo
Quem offerece a Deos propria vontade
Que o defejo mais liure, e cobiçofo
Se acanha logo em fua immenfidade:
O noffo Conde illuftre, e valerofo
Progenitor dos Reys da Chriftandade
Se defprezou na terra bens menores
Vede que herança deixa, e fucceffores.

Qual Rey de toda Europa, ou qual Raynha,
Qual Principe famofo, ou potentado
Defte ramo naõ prende, e defta linha,
Que o ceo tocando vai com tal cuidado:
Se pouco cafo fez dos bens que tinha
Pollos que jă na gloria tem cobrado
Daquelle pouco feu que a Deos foi muito
Quantos Principes vaõ colhendo o fruito.

Como

Como esta vida vam, caduca, e leue
Tenha tantos perigos, e o salario,
E direito fatal que á Parca deue
Em modo, e condiçoens seja tam vario:
Depois que á patria terra dado teue
Este thesouro à morte tam contrario
Morre de parto em Chaues breuemente:
O' quanto a grande perda o reyno sente.

O Pay que como á vida lhe queria,
Porque na vida, e partes o imitaua,
E quantos bens da terra pretendia
Para ella só queria, e desejaua:
Que entaõ do Carmo o templo de Maria
Com grande deuaçaõ fazer mandaua
Da triste noua imiga, e mal sofrida
Quisera de paixaõ perder a vida.

Do seu grande juizo quasi alheo
Partir quis para Chaues, e acabara
O caminho de dor, e espanto cheo
Se a força dos seus bons naõ no atalhara:
Logo em profundo pranto o pouo veo
A ajudar-lhe a chorar perda tam rara,
E depois nas exequias sumptuosas
Celebradas com lagrimas queixosas.

Ficou viuendo o Conde os largos annos
Tristes (que a vida triste he mais comprida)
Naquelles seus custumes soberanos
Seruindo a hum só senhor da morte, e vida:
Fora dos gostos falsos, vãos, profanos
Com que o mundo nos ceua, e nos conuida
Seguindo os bens eternos verdadeiros
Empreza dos mais altos caualleiros.

As canonicas horas cada dia
Rezaua o pio Conde venerando
A's matinas na noite escura, e fria
Como em Religiaõ se aleuantando:
O corpo com silicios oprimia,
Asperas disciplinas custumando
Iejuaua tres dias na semana
Fora os que ordena a santa Fé Romana.

Duas missas ouuia agiolhado
Nas ferias custumadas santamente
Tres ao Domingo, e Sabado sagrado
A' Virgem pura, clara, e excelente:
Em cada mes contrito, e confessado
De leues culpas humilde, e penitente
Cada anno comungaua quatro vezes
Nas Festas principaes cada tres meses.

De todas quantas rendas possuia
Das terras, e merces que o Rey lhe daua
O dizimo com os pobres despendia,
Que a seu poder chegando se apartaua:
Todos cada dous annos os vestia
Nas terras, e Comarcas que mandaua
Com ordem singular, e humanidade,
Que a ordem faz mais bella a Charidade.

O fruto dos seus campos que contentes
Lhe dauaõ sempre a parte que lhe vinha
Se guardaua em celeiros differentes
E em couoens que a tal tempo o reyno tinha:
Té que de Mayo as fomes insolentes
Apertauaõ aos pobres o detinha,
E entaõ com prouidencia estranha, e nobre
A sua parte daua a cada pobre.

Com a esterilidade deshumana,
Que teue hum anno o reyno de Castella
Veo para entre o Tejo, e Guadiana
Com grande apêrto a pobre gente della:
Exercitando aquella soberana
Celeste inclinaçaõ de sua estrella
Dos que á aquella comarca se acolheraõ
Nenhuns nas mãos da fome pereceraõ.

Quatrocentos em numero se acharaõ
Nas terras que mandaua o varaõ claro
Todos por sua ordem se alistáraõ,
Que a nenhum delles quis mostrar-se auaro:
Abertos os celeiros lhes mostraraõ
Que nunca já nos seus fora o paõ caro
Que destes quatrocentos quatro meses
Cada hum tẽ quatro alqueires quatro vezes.

A caualleiros pobres que apartados
Viuiaõ com miseria, e com pobreza,
Que a vil necessidade aos honrados
He noite que os accanha, e que os despreza,
E a outros que eraõ do Rey desamparados,
Que o seruiraõ na sua antiga empreza,
Mandaua, inda que lonje, em cada hum anno
Esmolas de dinheiro, trigo, e pano.

A honestas donas pobres, e a donzellas,
Que outro tempo a ventura teue em conta
Naõ se esquecia o Condestabre dellas,
Liurando-as do perigo, e vil afronta,
Mandaua com cuidado soccorrellas,
Vestidos, e o que mais ao viuer monta,
O' varaõ do mór ser que o mundo teue,
Quanto vos ama o Ceo, e o mundo deue.

O' Con-

O' Condes, Duques, grandes potentados,
Que tanto a vaidade aleuantais,
Aos pobres miſeraueis, e acanhados,
E aos voſſos appetites liberais,
Que podendo atalhar tantos peccados
A tantos, e tam grandes redeas dais,
Olhai que exemplo a todos vos conuida,
Para empregar em gloria os bens da vida.

Com voſſos bens na terra ide criando
Aues como outro Pſafon, muy mais bellas,
Que leuem voſſo nome ao Ceo voando
Ouuindo-ſe na terra o canto dellas,
Ide degraos da terra aleuantando,
Até pizar os arctos, e as eſtrellas,
Sereis no mundo grandes de tal ſorte,
Que venceruos naõ poſſa a propria morte.

Paſſaraõ leues annos larga idade,
E o Conde neſta vida a Deos aceita,
Empregando em ſeus netos a vontade
Que antes tiuera a filha ſatisfeita,
O Rey que em doce paz, ſanta amiſade,
Que com tantas vittorias tinha feita,
Via os Reynos vezinhos, e o ſeu pouo,
Trata no peito altiuo, intento nouo.

Faltaua ao noſſo Alcides Luſitano,
Hir ver os altos montes que ajuntou,
Como huma porta eſtreita do Oceano,
O que as colunas nelle aleuantou,
E ao Rey cobrar do infido Mauritano,
O que Rodrigo incauto diſſipou,
Com os amores da Caua, em cuja pena
Deu a Heſpanha, o que a Troya Elena.

Qual

Qual Iuno ao Thebano rigurosa,
Que a fama entre os perigos lhe procura
Qual ardua empreza, e sorte duuidosa,
Qual monstro, qual gigante, ou auentura?
Qual hidra fera, ou serpe venenosa,
Qual Cerbero infernal da Coua escura,
Qual perigo mortal, e occulto engano
Naõ teue o nosso Heroa Lusitano?

Faltou-lhe huma Lianor, que injusta morte
Com tantas sem razoens lhe pretendeo,
Hum Rey justo animoso, e muy mais forte
Em buscar-lhe os perigos que Euristeo,
Mil monstros desiguais de varia sorte,
Que com prudencia, e força combateo
Inuejas infernais, traiçoens, perigos,
Capitaens valerosos, Reys imigos.

Monstros que contra a patria leuantados
A tinhaõ posta à ferro amargamente,
Mais ferozes, ingratos, e indinados,
Que quantos deu a fera Libia ardente;
Mas porque estes perigos acabados
Se fizesse immortal deuidamente,
Foy passar as columnas que primeiro
Pos por limite o menos verdadeiro.

Os descuidados pouos que viuiaõ
Da opressaõ militar de todo izentos,
Nouos tambores já na terra ouuiaõ,
Tornando a conuersar duros Sargentos,
Os antigos arnezes que pendiaõ
Iá gastados do tempo, e ferrugentos,
Acicalaõ de nouo os moradores,
Tingindo o ferro azul de varias cores.

As

As resenhas, e alardos se renouaõ,
Os noueis se exercitaõ com cuidado,
Ginetes Hespanhois o campo estrouaõ,
Que cortar custumaua o curuo arado,
As adargas, escudos, lanças prouaõ,
Que o tempo, e o descuido tem gastado;
Arman-se fortes náos, galés ligeiras,
E outras embarcaçoens de mil maneiras.

Faz-se em Lisboa huma soberba armada,
Qual nunca até seu tempo vira Hespanha,
Sem se entender o fim de huma jornada,
Em que a despeza mostra o Rey tamanha,
A Christandade toda aluoraçada,
E temerosa toda a terra estranha,
De Aragaõ, de Castella, e de Inglaterra
Embaixadores vem, ao som da guerra.

Mas o Rey que no fundo peito esconde
O seu desenho altiuo, e soberano
A todos satisfaz, manda, e responde
Dando a seu vaõ receo o desengano,
E descobrindo ao valeroso Conde
Aquelle coraçaõ maior que humano
Contra o barbaro imigo da fé santa
Por timbre desta empreza a cruz leuanta.

A gente ajunta, os Capitaens reparte,
As náos de verga em alto as ondas tocaõ,
A toda a parte se ouue o som de Marte,
Que as trombetas belligeras prouocaõ
As Lusitanas quinas no estandarte,
Voltando para o ceo fauor inuocaõ,
El Rey se embarca, o Conde com seu genro;
Duarte, Pedro, Henrique Iffante tenro.

Cor-

Cortam a branca eſcuma creſpa e fria,
As proas entre as ondas inconſtantes,
O vento as vellas concauas fazia,
E os toſtados remeyros vaõ bogantes:
O mar cheyo de eſpanto, e de alegria
Dos vencedores fortes navegantes,
O fundo move a ſombra ás brancas vellas
E a Neptuno eſcurece o temor dellas.

Neſta via que a tantos era incerta,
Tomou a frota o porto dezejado,
Na ardente Libia plana, e deſcuberta,
Do monte Athlante antigo, e levantado:
Aonde com o vento o mar ſe deſconcerta
Da nova gente, e guerra alvoroçado
De tal ſorte que a furia da tormenta
A viva morte a todos reprezenta.

O Rey neſte conflicto ſe apartou
Para a Angra com a gente acoſtumada
E o valeroſo Conde ſó ficou
Com o encargo de toda aquella armada:
A noite e o outro dia o mar bramou
De Maura gente a terra eſtá qualhada
Os capitaens ao Conde eſtam rogando
Que vam morrer em terra pelejando.

Té que daquelle porto, e do perigo
O chama com mór preſſa o Rey famoſo;
Na terra dezembarcam, do inimigo,
Que eſperando o eſtá pouco ocioſo:
Mas quem diante a Deos leua conſigo
Em todo o riſco, e trance perigoſo
Tem certo o fauor ſeu, e o vencimento
Que nelle he mais ſeguro o fundamento.

Foy Ceuta entrada, a forte e bellicosa
Inexpugnauel, e aspera cidade
Com perda ao vil Mafoma assas custosa
E interesse de toda a Christandade:
Empreza santa, empreza venturoza
Digna d'um Rey de tanta humanidade
Acabada com a gloria de hum successo
Que por Deos teue o fim, nelle o começo.

Mas porque em outra historia differente
Tem lugar grande os feytos desta empreza
De tanta inveja aos grandes do Occidente
De quanta gloria á gente Portugueza:
Na qual com tanto esforço, e tam prudente
Se ouve o graõ Condestabre, e tal destreza
Deyxo os feytos da entrada, e da vitoria
Aos outros escritores desta historia.

Com o dezejado fim desta conquista
Voltar-se o Rey quer já ao reyno amado,
E naquelle perigo grande á vista
E mayor que na vista exprimentado,
Deyxar quer capitam que assim resista
Ao barbaro potente, e afrontado
Nenhum aceita o perigoso encargo
Que pede o bom Menesses por seu cargo.

Dom Pedro digo exemplo de Valentes
De villa Real Conde, e de Viana
Cujos claros, e illustres descendentes
Saõ rayos contra a furia Mauritana
Dos quaes os feitos raros e excellentes
Dam nova gloria á terra Lusitana
Inveja aos Estrangeyros vencedores
Materia a muy sobidos escritores.

Iá outra vez os leua o manſo vento
'A' terra que de Vlyſſes foi fundada,
Que com deuido, e graõ contentamento
Feſteja a vinda já da bella armada,
Saluaõ da terra o deſejado aſſento,
Com aluoroço e grita acuſtumada,
Lançaõ amarra logo, amainaõ vellas;
Tocaõ caxas, trombetas, charamellas.

O Rey na populoſa e graõ cidade,
Em quieto ſoſſego ſe aſſegura,
E a ſua antiga, e veneranda idade,
Qual foi o curſo, á vida o fim procura:
Fazendo com graõ pompa, e mageſtade;
Aquella tam famoſa ſepultura,
E templo dino de immortal memoria,
Da Virgem ſoberana da Vitoria.

E porque a deuaçaõ tam ſanta, e pia;
Naõ paraua na Igreja que fizera,
Ao nome duro, e ſanto de Maria,
Em cujo dia e honra elle vencera,
Das monaſticas ordens eſcolhia
A que mais dedicada á Virgem era,
Por razaõ do Roſario milagroſo;
Que o Patriarcha fez ſanto, e famoſo.

Aos ſeus religioſos eſcolhidos
De exemplo ſanto, e fama perigrina;
Aos quais todos louuores ſaõ deuidos
Por ſingular virtude, e por doutrina;
Entrega os edificios tam crecidos
Em perfeiçaõ, em renda larga, e dina;
Aos ſacrificios ſeus, que acreſcentaraõ
Os Reys que aly depois ſe ſepultaraõ.

O Condeſtabre a quem ſeu penſamento
Sobre as eſtrellas poem mais firme a planta
Noutro edificio lança o fundamento
Que á cidade diuina ſe aleuanta,
O alto templo acabou do Vencimento
A virgem dedicado clara, e ſanta,
Cuja capella de obra eſtranha, e rara,
Tres vezes da ruyna aleuantara.

E porque o ſeu intento verdadeiro,
E o fim do mor cuidado que trazia
Era eſte templo ſeu fazer moſteiro
De frades ſó do nome de Maria,
A Moura manda o pio caualleiro,
Aonde huma caſa ſó no reyno auia,
Da ordem que elle tem determinado,
Chamar religioſos, e prelado.

Eraõ os leuantados ſucceſſores,
Que tem do ſanto Elias a morada,
Que he a religiaõ mais aos louuores
E nome da Senhora intitulada,
Eſcolhendo os humildes, e os melhores
De virtude mais clara, e mais louuada
O templo lhe entregou ſagrado, e ſanto,
Que á ditoſa cidade hoje honra tanto.

Fez-lhe altas doaçoens como conuinha
Para a ſuſtentaçaõ dos que eſcolhera
Como o que naõ quis mais dos bẽs q̃ tinha,
Que o premio de os deixar por quẽ lhos dera
E como tudo péza a quem caminha,
E a quem ſubir a tam gram monte eſpera
He conſelho mais ſanto, e mais ſeſudo
Aleuantar-ſe pondo os pés em tudo.

Dei-

Deixando eſtados, terras, ſenhorio,
E a pompa honroſa, vãa do trato humano
E tudo o que cuſtuma a ſer deſuio
De hum ſanto penſamento ſoberano:
Das armas ſe deſpede o Conde pio,
Veſtindo humilde trajo, humilde pano,
E feito frade humilde aly ſe encerra,
O que tam grande em tudo foi na terra.

O' nouo vencimento deſuſado
Sem igual, ſem ſegundo, e ſem primeiro
Que quem tudo venceo na guerra armado
Sem armas vença o Ceo por derradeiro
O' Xerxes, Cyro, ó Ceſar enganado,
O Macedonio grande tam guerreiro,
Chorai continuo quanto atras ficaſtes,
No que com tantas glorias conquiſtaſtes.

Rico deſprezador da pompa humana,
Grande no coraçaõ; vil no veſtido,
Cuja memoria abate, e deſengana
O que na terra mais deixou vencido,
Sempre engrandeça a patria Luſitana
Voſſo nome immortal claro e ſubido,
E a caſa leuantada de Bragança
Tenha em theſouro ſeu, voſſa lembrança.

Venceſtes ao contrario poderoſo
O receo do Rey deſamparado
A inueja natural do cobiçoſo
O barbaro infiel naõ ſubjugado,
E por em tudo entrardes vitorioſo
No Ceo por ſantas obras conquiſtado,
Venceſte-uos á vós, que deſta ſorte
Venceis o que na terra era o mais forte.

Antes

Antes do Conde entrar naquella eſtreita
Via de altos varoens ſempre eſcolhida,
Que ao ceo vay tam ſegura, e tam direita,
Como a noſſa arriſcada, e mais comprida,
Com o que para viuer na terra engeita,
A muitos terras deu, deſcanſo, e vida,
Rendas, eſtados, bẽs, terras reparte,
Deixando aos claros netos igual parte.

Tendaes, terra de Paiua, e de Louſada
Maritima Loule ſempre importante,
A deſejada e bellicoſa Almada
Deu á neta Iſabel ditoſa Iffante,
Que já com o claro tio deſpoſada
Antecipaua as glorias de adiante,
Para encher de venturas toda Heſpanha;
E de trofeos toda a terra eſtranha.

A Dom Affonſo neto ſeu primeiro,
Deu de Ourem o Condado, que a ventura
Com a vida tirou ao Conde Andeiro,
E as rendas que alcançou na Eſtremadura;
Das de Lisboa o deixa por herdeiro,
E os ſeus paſſos famoſos de miſtura;
Onde ao titulo ſeu fez differença,
Sendo o Marques primeiro de Valença.

Ao menor neto illuſtre dom Fernando
De Arrayolos lhe deixa o ſeu Condado
Com os mais lugares ſeus que vaõ cercando,
O Guadiana, o Tejo celebrado,
E com o tempo ſeu nome aleuantando,
Tres vezes Conde foy de todo o eſtado,
Marques da meſma terra onde deſcança,
Duque famoſo, e claro de Bragança.

Os

Os lugares que a alguns tinha obrigados,
Mandou que em ſuas vidas lhes ficaſſem
A almoxarifes pobres, e auixados
Da diuida abſolueo que naõ pagaſſem,
A rendeiros, a eſtranhos, e a criados
Naõ quis que delles nada arrecadaſſem,
Ricos deixou na terra os ſucceſſores,
Os pobres naturaes, e os deuedores.

A recamara, as joyas, e os arreos,
O dinheiro, os cauallos, e os jaezes,
As armas, os eſcudos, os trofeos,
As adargas, os elmos, os arneſes,
Adegas, almazens, celeiros cheos,
De que abaſtara aos pobres tantas vezes,
Por pobres diuidio baixos, e honrados,
Dando o que mais conuinha a ſeus eſtados.

Naõ quis mais para ſi, q̃ hum deſprezado
Habito de groſſeiro humilde pano,
Com o qual no mundo, e carne disfraçado
Fugio ſua vaidade, e ſeu engano,
Qual Vlyſſes o aſtuto, que entre o gado
Do Ciclopa cruel, fero, inhumano,
Na pelle enuolto euita a dura morte,
Que eſcapar naõ podera de outra ſorte.

Deixou o que na terra ſubjugaua,
Poſto que qual a palma contra o pezo,
Ao Ceo ſempre o deſejo leuantaua,
Como ſubir cuſtuma o fogo acezo,
As azas empenou com que voaua,
Por naõ viuer ao mundo o corpo prezo,
Como Dedalo em Creta a Minois foge,
Voou ao monte ſanto onde viue hoje.

Para

Para extremo maior desta humildade,
E verdadeiro exemplo de pobreza,
Determinou pedir pella cidade
De esmola o que pedia a Natureza:
Mas o principe o manda, e persuade,
Que mude os pensamentos desta empreza,
E doutra, que o desejo lhe acompanha,
Que era hirse peregrino a terra estranha.

Quis ser chamado Nuno simplesmente,
Em desprezo dos titulos maiores,
Escolheo cella humilde, e mais decente,
Aos meos frades pobres seruidores,
Viuia humilde, pobre, e castamente,
Cantando á pura Virgem seus louuores,
De annos sesenta e dous ao mundo deixa,
E dos que gastou nelle ao Ceo se queixa.

Fora já delle hum anno, e outro anno
A pressa chega ao Rey hum messageiro,
Que vem pór cerco a Ceita o Tingitano,
Rey de Tunes possante, e caualleiro
Soccorro pede o Conde Lusitano,
E o Rey claro, famoso, e verdadeiro,
Com os Iffantes se apressa na jornada,
E em breue tempo ajunta grossa armada.

Nuno já pollo Principe aduertido,
O repouso deixou da humilde cella,
Dos Iffantes, do Rey, de amor mouido,
A huma empreza tam santa como aquella
Do seu habito humilde vai vestido,
Determina embarcarse, e seruir nella,
Armas ao claro principe demanda,
Que com desejo igual, e amor lhas manda.

Naquelle

Naquelle trajo pobre, e penitente,
Foi ver a nào que tinha aparelhada;
Mandoua a perceber perfeitamente
De tudo o que compria a tal jornada,
Porém com nouo auiſo differente
Deixou o Rey a empreza começada,
Que de Numidia o barbaro naõ veo
Que era a cauſa da armada, e do receo.

Continuou o Conde a eſtreiteza
De frade humilde puro, e verdadeiro,
Accomodando a vida e Natureza
A' humildade, e trato do moſteiro,
Na oraçaõ, abſtinencia, e aſpereza,
So quis ſer o melhor, ſempre, e primeiro
Oito annos contra ſi viuendo em guerra
Venceo a batalha vltima da terra.

Neſta mais valeroſo, armado, e forte,
Com o nome de Ieſus, e o de Maria,
Que aſſim lhe appareceo na alegre morte,
Como na humilde vida apparecia
Aos miniſtros do Ceo, e eterna Corte,
Entregou aquella alma humilde, e pia,
E foy gozar com as venturoſas almas,
Triumfos immortaes, e eternas palmas.

Ficou o corpo puro á patria terra,
Teſtimunhando a gloria da alma ſanta,
Que no ſacro lugar aonde ſe encerra
Com milagres eſtranhos ſe aleuanta,
Com grande deuaçaõ a elle ſe afferra,
A gente a quem da cruz o imigo eſpanta,
Tendo por arma contra o mal ſegura
A terra deſta propria ſepultura.

Ditoſo

Ditoſo fim de vida tam famoſa ,
Principio illuſtre a tam ditoſo eſtado ,
Religiaõ ao ceo chara , e mimoſa ,
Templo por tam bom ſeruo fabricado ;
Cidade hoje mais rica , e poderoſa ;
Com o corpo que em ſi tem depoſitado ,
Reyno ditoſo inſigne , illuſtre , e claro ,
Que deu da terra ao ceo varaõ taõ raro.

O' Virgem pura , clara ſoberana ,
De eſtrellas coroada e ſol veſtida ,
Honra de géraçaõ catiua humana ,
Vencedora da morte , e mãy da vida ,
Eſtrella que alumia , e deſengana
Na tormenta confuſa , e mais crecida ,
Moſtrai-me o porto já , e a doce praya ,
Em que o meu barco humilde á terra ſaya.

E ao voſſo Nuno illuſtre , valeroſo ,
Seja vltimo louuor na minha hiſtoria ,
Que a voſſo nome ſanto , e glorioſo ,
Seis templos fabricou de igual memoria
Tem Lisboa famoſa , o mais famoſo
Do Vencimento , aonde alcançou vittoria ,
Outro Eſtremós , Souſel , Villa viçoſa
Monſarás , e Saõ Iorge hermida honroſa.

Na pureza moſtrou tal perfeiçaõ ,
Qual na tençaõ ao Ceo tinha moſtrada ,
Que depois que ouue illuſtre géraçaõ ,
Naõ foi delle a mulher já mais tocada ,
Taõ voſſo foy no humilde coraçaõ ,
Que até á morte ſeruio voſſa morada ,
E as miſſas que deixou perpetuas nella ,
Voſſas mandou que foſſem , e a capella.

Voſſa

Voſſa he Senhora a caſa de Bragança,
Voſſa a obrigacaõ deſta memoria,
Vos o Mecenas ſois deſta lembrança,
E o defenſor das faltas deſta hiſtoria,
Por vos em quem eſtá noſſa eſperança,
Vejamos inda os bens da eterna gloria,
Que goza o Conde ſanto, cujo exemplo
Suſtenta em virtude o voſſo templo.

Catholico ſenhor, principe amado
Dos homens, da ventura, e natureza,
Do Ceo para altos bens predeſtinado,
Honra da terrá, e gente Portugueza,
Neſte aliceſſe illuſtre, e leuantado.
Fundou na terra o Ceo voſſá grandeza,
Que por durar no mundo, e crecer tanto
Quis que o principio della foſſe hum ſanto.

Deſte ſois ſenhor claro o deſcendente,
A eſte ſeguis na vida, e no cuſtume,
Qual rayo deſte ſol reſplandecente,
Qual braza viua, ardente, e de tal lume,
Tal voſſo nome ira de gente, em gente,
Até o pôr a fama no alto cume;
Da gloria humana, de ſorte que a inueja
Os olhos proprios quebre quando o veja.

O' vós illuſtres claros deſcendentes,
Do ſangue de hum varaõ tam grande e raro,
Que aqui viſtes ſeus feitos tam preſentes,
Quanto os hia alongando o tempo auaro,
Naõ ſó nos peitos firmes, e valentes,
Que ſaõ da noſſa fé muro, e reparo,
Mas na vida exemplar pia e conſtante,
Tende ſempre eſte eſpelho por diante.

Vós

Vós ó religiaõ antigua, e nobre,
Iá pollo grande Elias obſeruada,
Em que muita riqueza o ceo deſcobre,
Que a Portugal eſtaua enthefourada
A eſte capitaõ pio, e rico pobre,
Que tanto engrandeceo voſſa morada,
Suſtentai com louuores na memoria
Dos filhos que his criando para á gloria.

Vós cidade Real cuja grandeza
Todas as mais do mundo faz menores;
Inſigne em templos, armas, e riqueza,
Em agoa, terra, e ceo, e em ſeus fauores
Neſta voſſa admirauel fortaleza,
Dina de inuejas tais como louuores,
Tende por defenſaõ, por caua, e muro,
Deſte varaõ ſagrado, o corpo puro.

LAVS DEO.

N O T I C I A

Dos Livros antigos, e modernos, que tem feito imprimir o Professor Regio de Filozofia Bento Joze de Souza Farinha.

JEronymo Cortereal, Poema, do segundo Cerco de Diu. 1. tom. 8. 480

Luiz Pereira. Elegiada Poema da Jornada de Africa. 1. tom. 8. 480

Jeronymo de Mendonça, Historia da Jornada de Africa. 1. tom. 8. 400

André de Rezende, Historia da antiguidade de Evora, com varias antiguidades mais, escriptas por Gaspar Estaço, Fr. Bernardo de Brito, e Gaspar Severim de Faria, e Diogo Mendes de Vasconcellos. 1. tom. 8. 400

Antonio Ribeiro Chiado, Colleçam de algumas obras em Verso. 1. Vol. 8. 60

D. Antonio Pinheiro, Colleçam de suas Obras Portuguezas. 2. tom. 8. 800

Francisco Rodrigues Lobo, Poema o Condestabre. 1. tom. 8. 480

Martim Affonso de Miranda, Tempo de Agora em Dialogos. 2. tom. 8. 800

Filozofia de Principes, extraida das obras de nossos Authores em proza, e verso. 3. tom. 8. 128

Summario da Bibliotheca Lusitana. 4. tom. 8. 1920

Hei-

Heineccii Elementa Philoſophiæ Moralis. 1. tom. 8. 240
O meſmo em Portuguez. 1. tom. 8. 240
Antonii Genuenſis Inſtitutiones Logicæ. 1. tom. 8. 240
O meſmo em Portuguez com ſuas notas. 300
Antonii Genuenſis Inſtitutiones Metaphiſicæ. 1. tom.. 8. 240

Vendem-ſe na Logea da Viuva Bertrand e filhos junto á Igreja de Noſſa Senhora dos Martyres.

55
33
165
165
1815

55
23
165
110
1265
1815
3.070